

**O ROL DOS PERVERSOS:
HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E PSIQUIATRIA
NA BAHIA DO SÉCULO XIX (1880-1900)**

TESE DE DOUTORADO

DANIEL VITAL SILVA DUARTE
DOUTORADO EM HISTÓRIA



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Salvador | 2023



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

DANIEL VITAL SILVA DUARTE

**O ROL DOS PERVERSOS:
HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E PSIQUIATRIA NA BAHIA DO
SÉCULO XIX
(1880-1900)**

Salvador
2023

DANIEL VITAL SILVA DUARTE

**O ROL DOS PERVERSOS:
HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E PSIQUIATRIA NA BAHIA DO
SÉCULO XIX (1880-1900)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientadora: Dr^a Lígia Bellini

Coorientadora: Dr^a Magali Gouveia Engel

Salvador
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D812 Duarte, Daniel Vital Silva
O rol dos perversos: homossexualidade masculina e psiquiatria na Bahia do século XIX (1880-1900) / Daniel Vital Silva Duarte, 2023.
276 f.: il.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Lígia Bellini
Coorientadora: Prof^a Dr^a. Magali Gouveia Engel
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2023.

1. História – Sexo. 2. História – Psiquiatria. 3. Homossexualidade. 4. Masculinidade.
5. Identidade de gênero – História. I. Bellini, Lígia. II. Engel, Magali Gouveia.
III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 908



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



Estrada de São Lázaro, 197, Federação, Salvador - Bahia
CEP: 40210-630. Tel: 71 3283 7904/ 3283 7903

ATA E PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO		MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
DANIEL VITAL SILVA DUARTE		217121469	Doutorado
TÍTULO DO TRABALHO			
O ROL DOS PERVERSOS: HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E PSIQUIATRIA NA BAHIA DO SÉCULO XIX (1880-1900)			
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF	
Lígia Bellini (Orientadora – UFBA)		210023120-00	
Magali Gouveia Engel (Coorientadora – UERJ/UFBA)		572245287-49	
Cristiana Bastos (ICS/ULisboa)		CA562121	
James Naylor Green (Brown University)		531023771	
Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)		01369820690	

ATA

Aos vinte e três dias do mês de janeiro do ano de 2023, foi instalada a sessão pública on-line para julgamento do trabalho final elaborado por DANIEL VITAL SILVA DUARTE, do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, a professora Lígia

Bellini, orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu APROVAR o aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

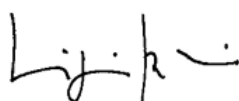
PARECER GERAL

A banca ressaltou a qualidade e originalidade da tese em avaliação, com destaque para o rigor na construção do objeto e na escrita, e a vinculação dos discursos acerca das práticas erótico-afetivas entre homens, presentes em obras médicas escritas na Bahia nas décadas de 1880 a 1900, com outros fenômenos sociais no contexto brasileiro e baiano, no século XIX. O trabalho sem dúvida representa contribuição relevante para os estudos de gênero e homossexualidade, história do saber médico e história social no período estudado. Recomenda-se a publicação da tese em forma de livro.

SSA, 23/01/2023: Assinatura do aluno:



SSA, 23/01/2023: Assinatura do orientador:



Em memória de Wendell, Cléber, e de outras e outros tantos.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o produto de um longo processo de descoberta e aprendizado, com dores e de delícias. Ao final, é chegado o momento de agradecer e abraçar uma quantidade de pessoas que fizeram este trabalho algo possível.

Para Paulo. Obrigado, meu amor, pela paciência, carinho e constância. Que nossos próximos dias sejam mais felizes, depois de tanto esforço e luta. Para minha amada família: minha mãe, Cláudia, meu pai Milton, meus irmãos, Bianca, Gabriel e Cesinha, meu afilhado, meu orgulho. Tia Lídia, Dona Mary, e tia Mara, Tio Douglas, Rê, Martin, Van. Caio e Wal. Rosa/Dedé, sempre. Para Alice, Lety e Sofi, seu primo de papel e tinta. Para todos os demais, e que o tio/ irmão/ filho possa ser mais presente, de agora em diante, sem falar 'estou com a tese'. Para Lene e meu avô, Antônio, para Marília e Gildete. Bruninho. E Lívia, Lia, Marília, Gabriel, Taísa, Rafa, a família que Paulo me brindou. E para os presentes na lembrança: vó Lurdes e vó Carmem. Um abraço e uma saudade que não passa.

Para os amigos, irmãos que a vida me deu: Lucas, Itan, Emily, Tamy, André, Pierre e os queridos Cláudio, Flávia. Me animaram muito, ouvindo minhas queixas com palavras de incentivo. Entre taças e cafés, na mesa de jogo, na do memorial, ou na do bar, sentindo as angústias e me incentivando a prosseguir. Eu não poderia ser mais grato. Para a companhia 'Se for 20 Deixa', estarei mais presente nas mesas de RPG: Carol, Brisa, Pedro, Ana, Psi. Para as pessoas integrantes do Tardes de Cinema, Gésner, Silval, Diogo, Wagner, Mário, Aline e Denise. Wendell, presente. Para Igor, pela sabedoria.

Agradeço muito à minha orientadora querida, Lígia Bellini, que desde a iniciação científica está comigo, sempre acreditando, me desafiando a cada passo do caminho a pensar melhor, mais densamente, nunca aceitado menos do que o melhor que eu podia oferecer. Obrigado, Lígia. E aproveito para prestar a minha gratidão a coorientadora, professora Magali Engel, cujas sugestões, indicações bibliográficas e comentários apurados tornaram este trabalho possível. Obrigado, Magali.

Numa posição especial, agradeço a Luiz Mott, pesquisador brilhante e de uma generosidade imensa, que me recebeu na casa dele e me facultou acesso ao raro *O Androphilismo*, de Domingos Firmino Pinheiro. Não é exagero dizer que, sem ele, a pesquisa não teria ocorrido. Obrigado, Luiz.

Aproveito o espaço para agradecer também a outro brilhante pesquisador, sem o qual meu trabalho não seria possível: James Green. Obrigado, Jim. Que possamos colaborar ainda mais no futuro.

No curso de História, devo muito ao corpo docente como um todo, que me formou como profissional. Sou grato especialmente a Evergton, ao queridíssimo Gino, a Wlamyra, a Gabriela, a Fátima, a Ari, e a Marcelo. As aulas, sugestões, questionamentos, auxílios e indicações destes professores me fizeram chegar aonde cheguei. Um abraço agradecido para Felipe Fernandes, cuja disciplina de Gênero e Sexualidade me levou a paragens que nunca teria imaginado. Aos meus colegas de doutorado da turma de 2017, com um destaque especial para Geórgia, Thasio, Rafael, Michelle, Napoleana, Telma, Vanessa, Caio, Alex. E para Cléber, que se foi tão precocemente, com seu talento sem igual. Um abraço, meu amigo.

Em Lisboa, sou muito grato pela maravilhosa acolhida no Instituto de Ciências Sociais por Cristiana Bastos, cujas indicações e provocações, entre leite-creme e café, apontaram potencialidades para esta pesquisa que mal comecei a explorar. Também agradeço aos meus colegas de doutorado sanduíche, Ana e Rafael, pelas discussões entre café (de novo), vinho e política. Agradeço, igualmente, à equipe do ICS e da Biblioteca Nacional de Portugal, bem como a Manuela Marques, do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. Sou grato, também, Paulo Silveira e Souza, António Ramalho, João Vasconcelos, Felipa Vicente, David Bailey, Sílvio Correa, Anna Klobucka. E, muito especialmente, para Miguel Vale de Almeida, do ISTCE, pelo incentivo e disposição para ouvir as muitas questões que eu tinha sobre seus escritos. Agradeço à CAPES pela bolsa de doutorado-sanduíche entre novembro/2018 e abril/2019.

Agradeço aos integrantes da Rede de Historiadoras e Historiadores LGBTQI+, muito especialmente a Elias Veras, Rita Colaço, Benito Schmidt, Ronald Canabarro, Suane, Cássio, João. Aos meus amigos do GT de Gênero e História, Kleber, Cida, Ediane, Adriana, Tânia, Vânia, e todas as outras. Que nossas trocas sejam ainda mais férteis, de agora em diante.

Quero agradecer, ainda, a equipe da Biblioteca Gonçalo Moniz. Ana Lúcia Albano, Irlane, Paulino e Solange me acolheram com carinho e disposição. E, também, a Rosana, na Santa Casa de Misericórdia, me deu orientações preciosas sobre o fluxo da documentação do Asylo de S. João de Deos, além de ter indicado documentos que foram essenciais para que eu entendesse o papel desta instituição na Bahia. Agradeço a ela e a Diana e Adriana, com a pista das caixas de documentos avulsos.

Para os amigos e colegas da Assembleia Legislativa da Bahia. Evely, Juliana, Carlinha, pessoas de uma bondade imensa; Milena, as duas Déboras, Gisele, Ana Paula, Renata Inah, com sua correção da tradução; todes colegas do concurso de 2014; e no Departamento de Pesquisa, Ana Angélica, Mirtes, com suas mãos de fada e riso contagiante, Amilton, Angela, a querida Arlete, Pia, Joanete, Zé. E nada pedi, só agradei, diria o poeta.

Enquanto os homens exercem

Seus podres poderes

*Índios e padres e **bichas***

Negros e mulheres

E adolescentes

Fazem o carnaval

Caetano Veloso – Podres Poderes (1984)

DUARTE, Daniel Vital Silva. **O rol dos perversos: homossexualidade masculina e psiquiatria no século XIX (1880-1900)**. 2023. 273 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2023.

RESUMO

A presente tese pretende responder a duas questões, e seus desdobramentos. Em primeiro lugar, investiga-se de que maneira discursos acerca das práticas erótico-afetivas entre homens, presentes em obras médicas escritas na Bahia na década de 1890, passaram a tratar esses comportamentos como o produto de determinados corpos, caracterizados como intrinsecamente anômalos; em segundo lugar, como a Psiquiatria propiciou instrumentos e vocabulário para pensar distinções entre seres humanos com base num erotismo não-heterocentrado, ao longo do processo de estabelecimento e consolidação deste campo do saber médico na Faculdade de Medicina da Bahia. Mais que elaborações abstratas, conceitos como ‘homo-sexual’, ‘homo-sexualismo’, ‘inversão sexual’ e ‘androphilismo’, permitiram tematizar tensões sociais do Brasil urbano em fim dos oitocentos. Derivado das questões anteriores, pretende-se entender de que maneira os discursos de inspiração psiquiátrica acerca de sujeitos que se dedicavam a práticas erótico-afetivas não-heterocentradas se articulavam com outros, envolvendo as distinções entre os gêneros, e as pretensas hierarquias naturais entre raças humanas. Tal conexão permitiria discorrer sobre práticas erótico-afetivas individuais consideradas dissidentes destacando suas repercussões no plano social. Para levar a cabo este estudo, foi realizada uma pesquisa nas teses sustentadas pelos finalistas do curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia entre 1880 e 1900, que trataram do tema quer direta, quer tangencialmente, valendo-se de conceitos e noções elaborados pela Psiquiatria. Este *corpus* documental foi suplementado por periódicos especializados, textos literários e/ou de outros campos do saber que possuem partilhas, inclusive temáticas e conceituais, com os assuntos das teses. A análise está ancorada sobretudo num diálogo com a historiografia no campo de História da Medicina e da Psiquiatria no século XIX, bem como com estudos sobre História da Homossexualidade masculina nos oitocentos, em particular na Bahia. Também se realizou, quando pertinente, o diálogo com a historiografia referente à produção da raça como uma questão científica no Brasil do período.

Palavras-chave: História da Sexualidade; História da Psiquiatria; Homossexualidade; Masculinidade; História e Gênero

DUARTE, Daniel Vital Silva. **The roll of the perverse: male homosexuality and psychiatry in the nineteenth century (1880-1900)**. 2023. 273 p. Doctoral dissertation (Doctorate in Social History) - Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, 2023.

ABSTRACT

The present doctoral dissertation intends to answer two questions and their unfoldings. First, it investigates how discourses about same-sex eroticism among men, present in medical works written in Bahia in the 1890s, began to treat these behaviors as the product of certain bodies, characterized as intrinsically anomalous; second, how Psychiatry provided instruments and vocabulary to think distinctions between beings based on a non-heterocentered eroticism, during the process of establishment and consolidation of this field of medical knowledge in the Bahia Medical College. More than abstract elaborations, concepts such as “homo-sexual”, “homo-sexuality”, “sexual inversion”, and “androphilism”, allowed the thematization of social tensions in urban Brazil in the late 1880s and 1890s. Derived from the previous questions, it is intended to understand how discourses inspired by Psychiatry about subjects who engaged in same sex eroticism were articulated with others, involving the distinctions between genders, and the alleged natural hierarchies between human races. Such a connection would allow us to discuss individual erotic-affective practices considered dissident by highlighting their repercussions at the social level. To carry out this study, research was made on the doctoral dissertations sustained by the finalists of the medical course at the Bahia Medical College between 1880 and 1900, who dealt with the theme either directly or tangentially, making use of concepts and notions elaborated by Psychiatry. This documental *corpus* was supplemented by specialized periodicals, literature, and texts from other fields of knowledge that share common themes with the subjects of these works. The analysis is anchored mainly in a dialogue with historiography in the field of History of Medicine and Psychiatry in the 19th century, as well as with studies on the History of Homosexuality in the 1800s, particularly in Bahia. When pertinent was dialogue with historiography concerning the production of race as a scientific issue in Brazil of the period was also established.

Keyworlds: History of Sexuality; History of Psychiatry; Homosexuality; Masculinity; History and Gender

DUARTE, Daniel Vital Silva. **El rollo de los perversos: homosexualidad masculina y psiquiatría en el siglo XIX (1880-1900)**. 2023. 273 p. Tesis (Doctorado en Historia Social) - Facultad de Filosofía y Ciências Humanas, Universidad Federal de Bahia, 2023.

RESUMEN

La presente tesis pretende responder a dos preguntas, y a sus desdoblamientos. En primer lugar, investigamos de qué manera los discursos sobre las prácticas erótico-afectivas entre los hombres, presentes en las obras médicas escritas en Bahía en la década de 1890, pasaron a tratar estos comportamientos como producto de determinados cuerpos, caracterizados como intrínsecamente anómalos; en segundo lugar, cómo la Psiquiatría proporcionó instrumentos y vocabulario para pensar distinciones entre los seres humanos a partir de un erotismo no heterocentrado, a lo largo del proceso de establecimiento y consolidación de este campo del saber médico en la Facultad de Medicina de Bahía. Más que elaboraciones abstractas, conceptos como “homo-sexual”, “homo-sexualidad”, “inversión sexual” y “androfilismo”, permitieron tematizar las tensiones sociales en el Brasil urbano de finales del siglo XVIII. Derivado de las preguntas anteriores, se pretende comprender cómo se articulaban los discursos de inspiración psiquiátrica sobre sujetos que realizaban prácticas erótico-afectivas no heterocéntricas con otros, que implicaban las distinciones entre géneros, y las supuestas jerarquías naturales entre razas humanas. Tal conexión nos permitiría discutir prácticas erótico-afectivas individuales consideradas disidentes, destacando sus repercusiones a nivel social. Para llevar a cabo este estudio, se realizó una investigación sobre las tesis sustentadas por estudiantes de último año de Medicina de la Facultad de Medicina de Bahía entre 1880 y 1900, que trataron el tema directa o tangencialmente, haciendo uso de conceptos y nociones elaborados por la Psiquiatría. Este *corpus* documental se completó con publicaciones periódicas especializadas, textos literarios y/o de otros campos del saber que comparten temas y conceptos comunes con las tesis. El análisis se ancla principalmente en un diálogo con la historiografía en el campo de la Historia de la Medicina y de la Psiquiatría en el siglo XIX, así como con los estudios sobre la Historia de la Homosexualidad Masculina en el siglo XVIII, particularmente en Bahía. Cuando fue pertinente, también se dialogó con la historiografía sobre la producción de la raza como cuestión científica en el Brasil de la época.

Palavras-clave: Historia de la sexualidad; Historia de la Psiquiatría; Homosexualidad; Masculinidad; Historia y Género.

LISTA DE ABREVIATURAS

FAMEB	Faculdade de Medicina da Bahia
FLDB	Faculdade Livre de Direito da Bahia
FAMERJ	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
SCMBA	Santa Casa de Misericórdia da Bahia
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 NA CIDADE DA BAHIA, A MEDICINA E AS ‘CLASSES PERIGOSAS’ EM FINS DO SÉCULO XIX	17
1.1.1 REVISITANDO NINA RODRIGUES	25
1.2 MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E DESEJOS DE NAÇÃO	35
1.3 UMA HISTORIOGRAFIA INQUIETA: SEXUALIDADES REBELDES EM PERSPECTIVA HISTÓRICA	43
1.4 EXPLORANDO A DOCUMENTAÇÃO	52
QUADRO 1 – Lista de teses	53
CAPÍTULO 1: UMA CIÊNCIA – PSIQUIATRIA, MASCULINIDADE E HOMOSSEXUALIDADE NO SÉCULO XIX	57
1. A PSIQUIATRIA NO BRASIL: ALGUNS MARCOS INSTITUCIONAIS E EDUCACIONAIS	57
2. PSIQUIATRIA NA BAHIA: MARCAS URBANAS, MARCOS TEMPORAIS E AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS A PRÁTICAS SEXUAIS:	63
3. PSIQUIATRIA E REBELDIAS DE GÊNERO NA CIDADE DA BAHIA: MONOMANIA E AS PRIMEIRAS ELABORAÇÕES SOBRE A HISTERIA	74
4. ANALISANDO O CORPUS DOCUMENTAL	82
QUADRO 2 – Lista de teses, destacando as que tratam da homossexualidade	83
4.1. GRÁFICO 1 - Referências diretas à homossexualidade	84
4.2. GRÁFICO 2 - Temas, conceitos e noções abordados nas teses	85
4.3. GRÁFICO 3 – Autores mais significativos:	89
4.4. GRÁFICO 4 – Autores mais significativos que citam a homossexualidade	91
CAPÍTULO 2: O ATELIÊ DE PIGMALEÃO: UMA TRAMA DE CONCEITOS, NOÇÕES E CATEGORIAS	94
1. HEREDITARIEDADE E ETAPAS DA EVOLUÇÃO: DARWIN, HAECKEL E SPENCER	96
2. A OUTRA FACE DA HEREDITARIEDADE: AS DEGENERESCÊNCIAS, A DEGENERACÃO, IMPULSÃO, OBSESSÃO	114
3. DEGENERACÃO E ATAVISMO: APROXIMAÇÕES E DESCONTINUIDADES	127
CAPÍTULO 3: NOMEANDO O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME	135
1. O AMOR ENTRE HOMENS COMO TEMA EM SETORES LETRADOS	139

2.	O URANISMO DE ULRICHS E A HOMOSSEXUALIDADE DE KERTNEBY	147
3.	WESTPHAL E A INVERSÃO DO INSTINTO SEXUAL	156
4.	MAGNAN E A INVERSÃO DO INSTINTO GENÉSICO	160
5.	KRAFFT-EBING & DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO: HOMOSSEXUALIDADE, MAL CONGÊNITO E ANDROPHILISMO	171
	QUADRO 3 – Esquema da homossexualidade de Krafft-Ebing	178
	5.1. DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO LEITOR DE KRAFFT-EBING	181
	QUADRO 4 – Variedades do androphilismo	183
	QUADRO 5 – Causas físicas do androphilismo	185
	QUADRO 6 – Causas morais do androphilismo	190
	5.2. DIAGNÓSTICOS, PROFILAXIAS, TERAPÊUTICAS	198
CAPÍTULO 4 – OS DESERDADOS DA NATUREZA MADRASTA: CORPOS REBELDES, PARADOXOS DA NORMA E VISLUMBRES DE RESISTÊNCIA		204
1.	AFRÂNIO PEIXOTO E MANOEL BERNARDO CALMON DU PIN E ALMEIDA: O CONTEXTO PRISIONAL	205
	QUADRO 7 – Observações empíricas de Peixoto e Almeida	207
	GRÁFICO 5 – Prevalência do conceito de degeneração hereditária	208
	1.1. UM PERFIL RACIALIZADO	208
	GRÁFICO 6 – Prevalência de cor/raça em Almeida e Pinheiro	209
	1.2. EFEMINAÇÃO, PASSIVIDADE E PLASTICIDADE LIBIDINOSA	212
	GRÁFICO 7 – presença da efeminação nas observações de Peixoto e Almeida	215
	GRÁFICO 8 – Posições sexuais	216
2.	DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO E OS ANDROPHILISTAS BAIANOS	219
	QUADRO 8 – Observações empíricas de Domingos Firmino Pinheiro	220
	2.1. A NATUREZA DOS CORPOS ANÔMALOS	221
	GRÁFICO 9 – Prevalência da hereditariedade mórbida	221
	GRÁFICO 10 – prevalência dos temperamentos em Pinheiro	223
	GRÁFICO 11 – Prevalência de cor/raça	226
	2.2. EFEMINAÇÃO, ATIVIDADE, PASSIVIDADE	226
	GRÁFICO 12 – Prevalência do comportamento feminino nas observações citadas por Pinheiro	227
	QUADRO 8 – Prevalência do androphilismo passivo	229
	2.3. PROFISSÕES, CARTAS, BRIGAS, AFETOS: VISLUMBRANDO TRAÇOS DO QUOTIDIANO DOS ANDROPHILISTAS	232
	QUADRO 9 – Prevalência da ocupação dos androphilistas	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS		251
LISTA DE FONTES		259

Dicionários:	259
Doutrina Psiquiátrica e Médico Legal:	259
Documentação do Arquivo Público do Estado da Bahia:	260
Documentação do Asylo São João de Deos – Centro de Memória Jorge Calmon da Santa Casa de Misericórdia da Bahia:	260
Legislação:	260
Literatura:	260
Faculdade de Medicina da Bahia – Bibliotheca Gonçalo Moniz. Memorial da Medicina Brasileira:	261
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	262
Periódicos:	262
Bibliografia:	263
ANEXO	274

1 INTRODUÇÃO

Esta tese pretende tratar de duas questões correlatas, bem como de seus desdobramentos. A primeira delas é de que maneira o discurso acerca das práticas erótico-afetivas entre homens, em obras médicas, passou a tratar estes comportamentos como o produto de corpos degenerados, corrompidos, perversos. Em lugar de apenas um vício libertino, de uma prática erótica dentre outras, em fins do século XIX o erotismo e afeto entre pessoas do mesmo sexo passou a ser visto – e temido – como condição patológica característica de determinados corpos. Neste sentido, a tese é uma continuação dos estudos de mestrado¹ por mim desenvolvidos. Se, em minha dissertação, ficou evidenciado de que maneira o erotismo e afeto entre homens progressivamente tornou-se objeto de atenção médica pela higiene e pela Medicina Legal, até se converter em uma patologia própria, neste trabalho a questão se desloca para outro campo – para os corpos que tinham este tipo de comportamento, para as condições de legibilidade que possibilitavam suas representações como doentes.

Para elucidar, segue um exemplo que ilustra a mudança entre concepções de meados e do final do século XIX. Em 1869, Fruchoso Pinto da Silva, na tese inaugural *Hygiene nos Colégios*, teceu considerações sobre as condições mórbidas de instituições de ensino e seu impacto negativo para a saúde dos estudantes, inclusive do ponto de vista sexual:

A pederastia parece ir com passos surruteiros fazendo suas perniciosas conquistas no meio da mocidade dos collegios, por isso a maior atenção e perspicacia deve haver por parte dos diretores em pesquisar se ja algum individuo, que a ella se habitue, e n'esse caso empregar os meios capazes para extinguir este pernicioso vicio, que degrada e avulta ao ultimo ponto a infeliz creatura, que se deixa vencer pelos indignos pretextos de amisade e conveniencia, e no caso de não o pode, não tem consideração á fortuna nem á familia, e expellir de seu seio o monstro perverso e falto de sentimentos que reduz seus semelhantes á triste condições de uma sordida prostituição, e o torna incapaz de entrar na sociedade, que, em seu juizo inexoravel abomina-o assim como ao que o traz em sua prejudicial companhia.²

Cumprido apontar que, para o autor, qualquer estudante poderia ser vítima deste tipo de ambiente, ou perpetrador destes vícios infames e anti-higiênicos. Não há considerações acerca da qualidade dos indivíduos envolvidos neste tipo de relação. A solução, na esteira das

¹ SILVA, Daniel Vital dos Santos **A captura do prazer: homossexualidade masculina e saber médico na Bahia do século XIX (1850-1900)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

² SILVA, Fruchoso Pinto. **Hygiene dos Colégios**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1869, p. 17.

propostas do controle de certos espaços escolares, passaria pela presença de um censor moral, que vigiaria os alunos, impedindo a disseminação de práticas erótico-afetivas dissidentes – sobretudo a masturbação e a pederastia. Acerca destes dois comportamentos, Fruchoso Silva não teceu maiores considerações; não teorizou sua origem, nem a existência de uma causa física. Sequer fez considerações de ordem literária sobre a pederastia greco-romana e a sodomia no relato bíblico, como outros finalistas (formandos) o fizeram.

Diversa foi a atitude adotada pelo jovem finalista Felipe Nery Gonçalves. Em sua tese de conclusão de curso médico, *A degeneração psychica*, bem mais extensa do que a de Silva, o autor estudou mais detidamente variados tipos de comportamentos que poderiam indicar uma condição mental distinta da que era considerada normal. Dentre o que denominou como feridas na esfera afetiva, figuram as práticas erótico-afetivas dissidentes. O que interessa aqui são as considerações do autor acerca da origem e da causa desses comportamentos, não obstante. Gonçalves comparou tais práticas a uma espécie de ‘cegueira moral’³, justapondo-as à noção de vício:

Os individuos assim feridos em sua esphera affectiva são verdadeiros idiotas moraes, daltonicos, seres accomettidos de cegueira moral, excentricos, paradoxaes, systematicamente hostis a toda a tendencia moralisadora. Elles não participão daquella comunhão de affectos altruisticos que liga entre si os homens civilisados e que é a garantia mais segura do tranquilo desenvolvimento da sociedade. E a consequencia dessa permanente insensibilidade moral é que a representação do bem ou do mal de outrem, não despertando nelles sentimento algum de prazer ou de dor, não pode tambem exercer a menor influencia como motivo ou contra motivo à acção; o unico estimulo affectivo dos loucos moraes é a satisfação egoistica e brutal.⁴

As diferenças entre os dois fragmentos são significativas. Para Fruchoso Silva, em 1869, o fulcro da questão estava no contexto imediato do indivíduo, com destaque para as relações próximas desenvolvidas com seus colegas e sua família. Havia medidas que poderiam ser tomadas para deter o vício: era anti-higiênico, mas tratável. Para Gonçalves, no entanto, a escala era social. Era a coletividade, o tranquilo desenvolvimento em direção à civilização que sofria com a presença desses cegos morais, incorrigíveis. Na presente tese pretende-se estudar o processo de passagem de uma dessas duas perspectivas para outra, de vício anti-higiênico para degeneração físico-psíquica.

³ A opção por utilizar aspas simples para destacar certa terminologia oitocentista foi feita para informar o leitor que determinada palavra ou expressão está sendo reproduzida como no original. O uso de aspas duplas poderia ensejar a percepção equivocada de um anacrônico juízo de valor aplicado ao objeto.

⁴ GONÇALVES, Felipe Nery. *A degeneração psychica*. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890, p. 42.

A segunda questão trata de como a Psiquiatria propiciou instrumentos e um vocabulário para pensar distinções entre seres com base num erotismo não-heterocentrado. Valendo-se de conceitos retirados de autores europeus e da crença firme na existência de corpos, mentes e desejos intrinsecamente anômalos, os médicos apontaram e tentaram explicar a periculosidade inata de certos corpos. Assim, termos como ‘homo-sexual’ e ‘homossexualismo’ passaram a ser utilizados em fins do século XIX como forma de categorizar certos sujeitos. Longe de meras repetições, estes termos e conceitos foram operacionalizados para refletir acerca dos dilemas e problemas nacionais. Além do mais, ainda que raramente, eram propostas formas de emendar o que era visto como problema.

Essas questões, contudo, possuem desdobramentos, no que seria uma terceira questão neste trabalho. Os discursos acerca do erotismo e do afeto entre homens como consequência natural de corpos e mentes doentes estavam articulados a outros dois: o que versava sobre as distinções naturais entre os gêneros e a importância da existência de uma fronteira sólida entre tais categorias; e o que dizia respeito a diferenças raciais, fornecendo munição para a defesa das hierarquias herdadas da escravidão por meio de sua reelaboração como um problema de natureza distinta. Portanto, a visão deletéria do amor e afeto entre os do mesmo sexo estavam calcados na observação e constatação da existência de diferenças biológicas com repercussões para a ordem social.

Para demonstrar o quão imbricados estavam os aspectos elencados, é preciso analisar mais detidamente o contexto e a forma como a Medicina brasileira tratou aqueles que eram considerados, por variadas razões, como ‘perigosos’, traduzindo em termos de ciência as moralidades e as diferenças de posição sociais daquele período. Feito isso, será analisado detidamente um dos livros de Raymundo Nina Rodrigues, *As raças humanas, e a responsabilidade penal no Brasil* (1894)⁵. Pretende-se, com isto, apontar as correlações entre raça, gênero e sexualidade na construção da periculosidade de certos sujeitos, destacando a conexão entre as experiências de subalternidade. Também será o momento de apresentar os operadores conceituais que serão utilizados nesta tese, bem como a historiografia pertinente, que vão subsidiar esta análise.

⁵ GAZETA MEDICA DA BAHIA: necrológio, ano 38, n. 2, p. 57-87, ago. 1906. Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico maranhense. Teve a maior parte de sua formação na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), mas sustentou a tese em 1887 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ).

1.1 NA CIDADE DA BAHIA, A MEDICINA E AS ‘CLASSES PERIGOSAS’ EM FINS DO SÉCULO XIX

Cidade da Bahia, década de 1890. No largo do Terreiro de Jesus, centro antigo da capital, se ergue o prédio da Faculdade de Medicina da Bahia. Margeada, de um lado, pela Capela dos Jesuítas – futura Catedral da Sé baiana – e do outro pela praça arborizada do Terreiro, representava um dos centros de produção do saber desde o começo do século XIX; fundada em 1808, como *Eschola de Cirurgia da Bahia*, reformada em 1816, tornando-se *Academia Medico-Cirurgica da Bahia* e, a partir de 1832, passando a ser chamada de *Faculdade de Medicina e Cirurgia da Bahia*, manteve o título até 1891, quando passou à denominação de *Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia*⁶.

A localização e a aparência exterior do prédio poderiam fazer aparentar uma função primordial e ampla capacidade de intervenção social. Roberto Machado e outros (1978) dão a entender esse papel em *Danação da norma: a Medicina Social e constituição da Psiquiatria no Brasil*, um dos primeiros estudos acerca da Medicina do Brasil, calcado nas reflexões de Michel Foucault. Questionando uma narrativa em linha evolutiva, com heróis e marcos muito salientes, Machado e colaboradores insinuam a capilaridade das instituições médicas brasileiras, a partir da fundação das instituições de ensino superior médico no Brasil, como parte de um projeto de gestão e controle das populações por meio da disciplina e da medicalização da sociedade⁷. Há excessos nessas leituras, que sugeriam uma disseminação de concepções e até a presença dos médicos que a Medicina, quer como instituição, quer até como profissão, não tinha. Décadas depois de sua fundação, as condições do ensino médico eram bastante precárias, como assinalou Venétia Durando Braga Rios⁸, ao defender um uso crítico do conceito de medicalização para o caso da Medicina na Bahia. As condições efetivas de trabalho e de imposição de políticas públicas por parte da comunidade médica baiana variavam, mas estavam muito longe daquilo que poderia ser considerado como o mais adequado, mesmo em comparação com a congênera Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

⁶ ESCOLA DE CIRURGIA DA BAHIA. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Disponível em:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm>. Acesso em: 11 jun. 2021.

⁷ VENANCIO, Ana Teresa A.; CASSILIA, Janis Alessandra P. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. *Espaço Plural*, [S. l.], v. XI, n. 22, p. 24-34, jan./jun. 2010, p. 29. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/4831>. Acesso em: 6 jun. 2021.

⁸ RIOS, Venétia Durando Braga. **Entre a vida e a morte: médicos, Medicina e medicalização na cidade do Salvador, 1860-1880**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001, p. 8-14, 48.

Ainda que distando de condições de atuação ideais, a Faculdade de Medicina desempenhou um papel de destaque na sociedade baiana, sobretudo na segunda metade do século XIX: se não podia impor suas perspectivas, foi, entretanto, um dos espaços nos quais se propôs uma série de procedimentos, estratégias e atitudes para tratar a população brasileira, em busca de garantir um lugar no concerto dos países civilizados. Seus professores e estudantes se consideravam parte da vanguarda de um processo, contestado e descontínuo, mas constante, do que entendiam como progresso social, defendendo a remoção de tudo quanto fosse considerado doente, anormal, perigoso ou dotado do potencial de infectar e comprometer o futuro e o desenvolvimento do país. Neste sentido, outras reflexões de Venéti Rios, em seu estudo sobre a loucura, oferecem uma chave útil para pensar tal processo no último quartel dos oitocentos:

A velha cidade da Bahia necessitava ‘modernizar-se’. Era preciso trilhar os caminhos que outras já haviam feito. Salvador precisava perder o seu ar de cidade colonial. Seu modo oitocentista de ser e de viver os problemas não combinava com a aceleração que os novos tempos anunciavam para o mundo. Era preciso ‘civilizar-se’. Esse era o discurso corriqueiro apregoado nos jornais, nas falas dos homens ilustre da terra; certeza dos vanguardistas de plantão, convicção de higienistas, razão da nostalgia de muitos pelo retorno a uma posição influente da Bahia na vida política e cultural do país⁹.

Ainda que faça uma crítica da noção de medicalização, Rios defende que a Medicina teve um papel, marcado por idas e vindas, nas empreitadas civilizadoras dos últimos anos do século XIX. Os ares, a aparência ainda colonial que a cidade de Salvador possuía, seu fluxo de pessoas, sua população de origem africana e mestiça – considerada frequentemente como inquieta e turbulenta pelas elites locais – causava, lembra Walter Fraga Filho, “[...] desalento dos baianos, comprometidos com a ‘civilização’ dos costumes [...]”¹⁰. Eram parte, em suma, do lugar-comum do legado deletério do passado colonial (e, depois, monárquico) considerado como atrasado, que era preciso abandonar em nome dos preceitos da sã razão e da ciência. Em busca, como diz Rinaldo Leite¹¹, de viver uma experiência de modernidade – que não era, de forma alguma, aquela da Europa, nem sequer a da Corte e depois Capital Federal, mas, sim, a que era possível dentro da conjuntura baiana daquele período. Portanto, era modernidade,

⁹ RIOS, Venéti Durando Braga. **O Asylo de São João de Deos: as faces da loucura**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 62.

¹⁰ FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, p. 216.

¹¹ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. ... **E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916**. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, p. 14.

civilização possível, com suas contradições e problemas próprios; mas, ainda assim, com certos traços, práticas e discursos de exclusão compartilhados:

Civilizar, progredir, modernizar eram as palavras de ordem adotadas por certos segmentos sociais mais ilustrados e elitizados, entre os quais podem ser citados os dirigentes políticos, médicos sanitaristas e higienistas, educadores e jornalistas. Toda uma preocupação civilizadora, progressista, modernizadora ganhou força neste momento, passando a orientar as intervenções, transformações, reordenações que deveriam ser realizadas na cidade. [...] Falava-se, também, a partir de meados do século XIX, em impedir o alastramento da mendicância e a contenção da sua presença pelas ruas da cidade como uma exigência civilizadora: os mendigos contrariavam ao “impulso modernizador”. Ocorreu, entretanto, uma intensificação desse discurso no contexto seguinte, visto as premências que se colocavam¹².

No contexto da profunda reconfiguração social de fins do século XIX, a partir da desagregação e do fim do sistema escravista, a questão parecia ser: como manter estáveis as formas já bem estabelecidas de exclusão social e controle de grandes setores da população brasileira? Era preciso constituir aquilo que Marcos Napolitano denominou de *variáveis de exclusão*¹³: como conservar estabelecidas e firmes as demarcações de separação hierárquica da sociedade, inclusive em termos de gênero, num contexto em que havia uma população de ex-escravizados e suas e seus descendentes, agora livres e lutando vigorosamente, quer no plano individual quer no plano coletivo, por direitos e participação na cidadania?

A esta questão houve respostas variadas, elaboradas por distintos atores sociais. Para intelectuais negros da geração da abolição, os caminhos e projetos eram diversos, mas convergiam no sentido de reafirmar o pertencimento pleno à nação brasileira. Para grupos conservadores, por outro lado, a negociação dos termos do acesso à nacionalidade passava por outras bases. A principal delas era a manutenção das relações de produção marcadas pela disponibilização e controle de mão de obra ampla e barata, como observa Antonio Guimarães, ao falar do processo de atualização “[...] em novas linguagens [d]as formas de subordinação e inferiorização da massa trabalhadora de origem mestiça e escrava.”¹⁴. Wlamyra Albuquerque¹⁵, tratando da mesma conjuntura, indicou que tais ideias, se não tinham uma unidade, eram objeto de discussão generalizada, e traziam embutidas tensões sociais. É o que

¹² LEITE, ... **E a Bahia civiliza-se**, 1996, p. 36.

¹³ VARIÁVEIS da dupla exclusão: mulheres e negros: aula 5, parte 1. Apresentado por Marcos Napolitano. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo Canal USP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=onPCcUA0bsQ&ab_channel=CanalUSP. Acesso em: 10 jun. 2021.

¹⁴ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça). **Contemporânea**, São Carlos, SP, n. 2., p. 17-36, jul./dez. 2011. Dossiê relações raciais e ação afirmativa, p. 23. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/34/17>. Acesso em: 7 jun. 2021.

¹⁵ ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro. **O jogo da dissimulação: abolição, raça e cidadania no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 32.

se pode concluir pela trajetória de Joana, mulher liberta e pobre, que foi levada à autoridade policial em 1873 a pedido do comerciante Idelfonso, que se queixava de ela não ter correspondido a suas atenções e gentilezas, ou melhor, por ter correspondido – mas com insultos e pedradas, comportamento típico de quem, não mais na condição de escravizada, não “conhecia seu lugar”. Alexandrina, por outro lado, foi uma escravizada cuja fuga comoveu o chefe de polícia da Bahia em 1880, Virgílio Silvestre de Faria, e o levou a procurar pela sua alforria. Ele próprio justificou para o professor Rodrigo Montalvão, senhor de Alexandrina, aqueles cuidados, ao instar que cobrasse um valor razoável para a alforria e que não alimentasse contra ela qualquer capricho: tratava-se, afinal, de uma “parda clara, quase branca”, a quem não seria possível deixar sem cuidado. Por certo, uma subscrição pública conseguiria reunir o montante para garantir a alforria, graças aos “sentimentos humanitários” da sociedade baiana¹⁶.

Enquanto país, o Brasil se constituiu tendo em seu cerne um pacto excludente de manutenção de privilégios, corporificados na noção de ordem senhorial, elemento que pode ser percebido em expressões como “conhecer seu lugar”, e na branquitude como valor, como pode-se ver no caso de Alexandrina. Esta discussão importa a esta tese porque, no campo dos debates sobre raça e mestiçagem, o papel da ciência é nítido, e a partir dele se podem divisar alguns marcos e estratégias comuns quando entram em cena sexualidades e formas de masculinidade e feminilidade fora da norma.

A partir da década de 1870, tal arranjo começou a ser esgarçado em várias direções. Por um lado, o marco da lei do ventre livre, em 1871, começou a indicar o final iminente do sistema escravista; por outro lado, os dilemas de inraelite, como lembra Angela Alonso em sua obra sobre a geração de 1870, passam a não ser resolvidos por meio de conciliações de interesses dentro deste próprio grupo dirigente imperial¹⁷. Era como se a elite brasileira estivesse às voltas com o lema do aristocrata Tancredi Falconieri, no romance *O Leopardo*, de Lampedusa. Era o exemplo de aristocrata que aderiu às mudanças trazidas pela monarquia unificada no sul da Itália para manter privilégios: o controle sobre a terra, o acesso a bem remuneradas sinecuras, um papel saliente na política, antes que outros atores surgissem – “Se nós não estivermos lá, eles fazem uma república. Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude. Expliquei-me bem?¹⁸”.

¹⁶ ALBUQUERQUE, **O jogo da dissimulação**, 2009, p. 32-33.

¹⁷ ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 42.

¹⁸ LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. **O leopardo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 40.

Neste processo de mudança e de clamor pela modernidade, as questões da raça e da mestiçagem foram plasmadas como problemas definidores da futura viabilidade nacional. Lília Schwarcz¹⁹, em seu livro *O espetáculo das raças*, traçou um panorama da questão racial no Brasil a partir de certos centros de produção e difusão do saber entre os anos 1870 e 1930: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e suas mais significativas equivalentes provinciais; o Museu Nacional e, da mesma forma, os museus provinciais mais ativos; e as Faculdades de Direito e de Medicina do Império²⁰. A autora lembra que, ao longo da segunda metade do século XIX, mas, sobretudo, a partir dos anos 1870, a questão racial se converteu num tema de reflexão constante para intelectuais brasileiros. Era um debate construído a partir de uma ciência que em muitos casos via na raça e na mestiçagem componentes que tornavam difícil – para alguns até impossível – o estabelecimento do Brasil como um país civilizado.

Aos olhos de certos viajantes estrangeiros, especialmente os que eram tidos como 'homens de ciencia', o Brasil era um grande laboratório da miscigenação, e provaria, pela sua falta de dinamismo e apagamento das melhores características dos tipos puros, os males das misturas entre as raças. Responder ao dilema de criar um país a partir de um diagnóstico tão negativo suscitou um conjunto de formulações, colagens e respostas originais feitas a partir de teorias europeias, mas para alcançar sentidos e objetivos diversos²¹.

A Medicina apresentou, em fins do século XIX, um adensamento das discussões sobre raça. É preciso tomar este termo como um conceito dotado de história – e vivido em articulação com gênero, classe e sexualidade – que, naquele momento, foi descrito em tratados de Medicina como um dado biológico, natural, ao qual não cabia reconhecer sua relevância e papel determinante. Assim, a partir dos anos 1880, escritos de médicos baianos começam a correlacionar, dentro de campos como o da epidemiologia, as raças e as patologias:

É só a partir de meados dos anos 80 que uma produção mais propriamente baiana tenderá a surgir. Com relação à epidemiologia, por exemplo, podem-se encontrar algumas especificidades, sobretudo uma especial atenção à questão racial. Sem deixar de publicar as teorias mais consagradas sobre o tema, esses médicos estabelecerão, no entanto, vínculos inusitados entre as doenças e as raças, entendidas enquanto fatores condicionantes para diferentes moléstias. A sífilis, por exemplo, era definida, em artigo datado de 1894, como “mal degenerativo, digno de atenção

¹⁹ SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 14-15.

²⁰ Os cursos jurídicos estiveram situados, no norte do país, em Olinda (1827) e, depois, Recife (1854); ao sul, em São Paulo (1827). A Bahia passou a ter um curso jurídico em 1891, com a criação da Faculdade Livre de Direito da Bahia, situada à Ladeira da Praça, n. 19, em um sobrado, o mesmo no qual foi assinada a abertura dos portos em 1808. Ver: ROCHA, Julio César de Sá. *Faculdade de Direito da Bahia: Processo histórico, agentes de criação da Faculdade Livre no final do século XIX*. Bahia: Fundação Faculdade de Direito da Bahia, 2015, p. 48.

²¹ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 24-25.

dos que estudam tudo que se refere aos factores de desenvolvimento physico e intellectual das raças”. A doença era apontada enquanto sinal da degenerescência mestiça, chegando-se à conclusão de que “a syphilis precisaria ser analisada no indivíduo e na raça” (GMB, 1894:114)²².

Albuquerque endossou esta reflexão de Schwarcz, ao lembrar o quão profundamente raça e mestiçagem eram debatidas nos laboratórios – ainda que precários – que eram as Faculdades de Medicina do período. E argumentou que, mesmo autores que propunham uma leitura fundada no papel positivo da população brasileira de origem africana e mestiça, como Manuel Querino, operavam dentro de um esquema no qual o conceito de raça era um princípio de análise importante²³. Ora, há aqui um ponto: raça não era um conceito pensado e operacionalizado em abstrato. Se possuía uma dimensão teórica, surgia como uma ferramenta útil para estudar, compreender, analisar e intervir sobre a população brasileira. O fim do trabalho escravo era sinal de um processo mais amplo de mudança e resultado da luta por direitos e por participação, inclusive política, na sociedade brasileira. A manutenção de privilégios passava, pois, por manter o nexos entre garantir o “conhecer o seu lugar” a partir dos saberes da ciência, com valores e padrões de moralidade que desqualificavam e viabilizam punições daqueles que infringiam normas.

Neste contexto se disseminou a noção de classes perigosas, como apontou Sidney Chalhoub, por meio da qual se operava uma homologia entre corrupção moral, pobreza, e risco de contágio, que serviram de instrumentos eficientes para buscar a manutenção dos laços senhoriais de subalternidade, porém com base em outra lógica, ancorada no reconhecimento de distinções biológicas como algo dado:

Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de seus pais. [...] Por outro lado, os pobres passaram a representar perigo de contágio no sentido literal mesmo. Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a “realidade”, faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos²⁴.

²² SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 271-272.

²³ ALBUQUERQUE, **O jogo da dissimulação**, 2009, p. 223-224.

²⁴ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 29.

Nessas classes perigosas, das quais se tinha risco de contágio, estavam os pessoas escravizadas e ex-escravizadas, como aponta o próprio Chalhoub, bem como se pode concluir a partir da leitura de Fraga Filho e de Wlamyra Albuquerque. Portanto, dentro dessas classes perigosas havia variadas experiências. Havia gênero, mulheres que experimentavam a relação estreita entre a ordem senhorial e a misoginia. Joana, citada há pouco²⁵, pode servir de exemplo para evidenciar o quanto estas classes ditas perigosas eram marcadas por pessoas com uma multiplicidade de atravessamentos na teimosia em não ‘conhecer o seu lugar’. Da mesma maneira, é indispensável tornar visíveis, nesta multidão, as formas de vivência da sexualidade que eram consideradas dissidentes, e até rebeldes, em relação aos padrões de comportamento sexual atribuídos e considerados como socialmente adequados para homens e mulheres.

Talvez seja útil recorrer, aqui, a uma personagem da literatura que exemplifica tanto a diversidade como a aproximação entre as representações dos membros das ditas classes perigosas: o romance de Aluizio Azevedo, *O cortiço* (1890). Obra típica do naturalismo, partilha da ambição de expor, ainda que de maneira ficcional, uma realidade passível de ser apreendida de forma imediata. O uso de um vocabulário próximo da linguagem científica que parece dissolver a experiência humana num fenômeno dado pela natureza é indicador de uma partilha com textos científicos, ainda que, em alguns momentos, mais de vocabulário e de metáforas úteis do que propriamente de rigor ou método²⁶.

O romance é ambientado na estalagem São Romão, que servia de moradia e local de trabalho para populares, especialmente lavadeiras que ali poderiam alugar tinas para a lida diária. A obra investe numa estreita associação entre o meio e seus habitantes, apontando que a convivência num ambiente pouco salubre, onde viviam pessoas de qualidade duvidosa – como a lavadeira Rita Baiana, a ex-escravizada Bertoleza, e Firmo, oficial de torneiro e vadio – tendia a ter um efeito deletério, chegando mesmo a corromper os que para lá se mudavam em busca de uma habitação módica²⁷. É o caso de D. Isabel e sua filha, Pombinha, a “Flor do Cortiço”. A prostituta Leonie se apaixona pela jovem e as duas desenvolvem um caso de

²⁵ ALBUQUERQUE, **O jogo da dissimulação**, 2009.

²⁶ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 30, v. 2, p. 111-129, jul. 1991. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/produto/edicao-30/>. Acesso em: 22 maio 2021; BAILEY, David James. **Naturalism against nature: kinship and degeneracy in fin-de-siècle Portugal and Brazil**. 2018. Tese (Doctor Degree in Modern and Medieval Languages: Spanish and Portuguese) – University of Cambridge, Cambridge, 2018. Disponível em: <https://www.repository.cam.ac.uk/handle/1810/270315>. Acesso em: 23 jul. 2021.

²⁷ AZEVEDO, Aluizio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Garnier, 1890, p. 9-27.

amor, em que pese D. Isabel tente impedir o contato entre as duas e com outras habitantes do São Romão. Ao final do livro, a mãe encontra a filha vivendo num hotel com Leonie²⁸.

Já Jeronymo, português que se apaixonou por Rita Baiana, a amante de Firmo, paulatinamente abandonou os modos de trabalhador perseverante e observador, que gozava a “paz feliz dos simples” com a esposa Piedade de Jesus²⁹, para se aclimatar ao Brasil, onde passa a sofrer a influência negativa do cortiço e de seus moradores:

A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brazil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e seductores que o commoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealisar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adqueria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, ás imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espirito eternamente revoltado do ultimo tamoyo entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros³⁰.

Mas, para esta tese, a personagem mais importante é Albino, sujeito “afeminado, fraco, cor de aspargo cozido”, que trabalhava com as lavadeiras, que o tratavam como um igual: “Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que ellas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença d'elle faltavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem.³¹”. No passado, ele havia recolhido o pagamento das colegas de profissão na cidade do Rio de Janeiro. Mas havia deixado de fazer isso por ter sido agredido ao visitar uma república de estudantes: “[...] mas uma vez, indo a uma republica de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia porque, uma dúzia de bolos, e o pobre diabo jurou então, entre lagrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os rões.³²”. Com efeito, o lavador não havia mais tirado os pés do São Romão, exceto nos dias de carnaval: “[...] nos dias de carnaval, em que ia, vestido de dansarina, passear á tarde pelas ruas e á noite dansar nos bailes dos theatros. Tinha verdadeira paixão por esse divertimento; ajuntava dinheiro durante o anno para gastar todo com a mascarada.”³³. O afeminado Albino, que se sentia seguro quando estava no cortiço ou travestido nos dias de carnaval, evidencia a relação existente entre contradições de gênero e a ideia do perigo de contágio por setores populares. Era parte daquele microcosmo que insinuava os espaços que propiciavam o surgimento de homens desvirilizados.

²⁸ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 50-51, 193-198, 340-342.

²⁹ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 77-79.

³⁰ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 133.

³¹ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 52.

³² AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 52.

³³ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 52.

Assim, o uso da noção de classes perigosas poderia, pois, ser elástico, para compreender um conjunto mais amplo de experiências dissidentes. Trata-se de admitir que, junto com ex-escravizados, havia também outras e outros que não eram considerados civilizáveis ou dignos de figurar naquilo que se tinha como projeto para a nação brasileira e que seriam objeto de atenção da ciência do período, ainda que não na mesma proporção.

Por este prisma, seria viável considerar essas classes perigosas nos termos propostos por Anne McClintock, no artigo ‘Couro imperial’, para caracterizar a multidão, na esteira de compreensão proposta por Baudelaire e retomada por Walter Benjamin. A autora defende que, em paralelo a um espaço privado organizado em torno do culto da domesticidade burguesa, haveria a multidão, sempre situada à beira da confusão social, e na qual as classes se misturam. Ali teriam lugar encontros fortuitos, fora das normas, quiçá até promíscuos³⁴, raciocínio que poderia ser bem aplicado aos fragmentos da obra de Aluizio Azevedo analisados acima – sobretudo no que diz respeito a Pombinha, Leonie e Albino.

Mas haveria, além de obras literárias e breves menções em textos médicos que ficaram do século XIX, material suficiente para observar a relação existente entre corpo, lugar social, dissidências de gênero e ciência? É o caso de recorrer a um destes documentos para refletir a respeito.

1.1.1 REVISITANDO NINA RODRIGUES

Em 1894, o professor Raymundo Nina Rodrigues publicou seu primeiro livro, intitulado *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Era, desde 1891, lente substituto de Medicina Pública, cadeira que tinha como catedrático o médico e político Virgílio Clímaco Damásio³⁵, então às voltas com a política republicana. A Nina Rodrigues caberia ministrar as aulas referentes a Medicina Legal.

³⁴ MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 20, p. 7-85, 2003. Dossiê erotismo, p. 7-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/xdgGY6KWGkHfknFvkqYhygc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

³⁵ Não é de escopo desta tese realizar um estudo de trajetória detalhado sobre os médicos baianos. Ainda assim, cumpre apontar que Damásio era um quadro republicano antigo, tendo participado ativamente das articulações locais contra um eventual terceiro reinado – chegou a tomar parte no dito massacre do Tabão, episódio em que populares identificados com a monarquia perseguiram republicanos que pretendiam realizar um protesto durante a passagem do Conde d’Eu pela capital. Damásio foi governador da Bahia em 1889 e, de novo, em 1890, além de Senador Constituinte pelo Estado em 1891. Permaneceu no Senado até 1908, o que o manteve afastado de suas atividades docentes na FAMEB. Ver: DAMÁSIO, VIRGÍLIO. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico da Primeira República. Rio de Janeiro; São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAM%C3%81SIO,%20Virg%C3%ADlio.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

O livro trazia a lume um conjunto de conferências que havia ministrado no curso de Medicina Legal ao longo dos anos anteriores e já haviam sido publicadas seriadamente, em parte, desde abril de 1894 no importante periódico carioca *Brazil-Médico*³⁶, fundado em 1887 e vinculado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro³⁷. A obra foi pensada como um conjunto de críticas ao Direito Penal Brasileiro a partir da perspectiva da Medicina Legal e da Psiquiatria, especialmente no que diz respeito a duas concepções importantes: a de liberdade de escolha e a de igualdade de toda a população brasileira do ponto de vista criminal, por força do Direito Natural. Este último aspecto era um dos pressupostos da escola clássica de Direito Penal, que tinha por base as releituras iluministas sobre crime e justiça e as formulações de Beccaria contra os suplícios, comuns à aplicação da justiça em Estados modernos.

A tese de Nina Rodrigues na obra é de que não faria o menor sentido, do ponto de vista dos avanços recentes da Medicina, da Antropologia, da Sociologia e da Psiquiatria pensar o problema da responsabilidade sob tal viés, ou acolher conceitos como o da vontade livre. Responsabilidades equivalentes caberiam, apenas, em países nos quais a constituição racial homogênea da população, a cultura mental média e o clima comum permitissem uma unidade também do ponto de vista da legislação, de modo que

[...] perante as conclusões tanto da sociologia, como da psychologia moderna, o postulado da vontade livre como base da responsabilidade penal, só se pode discutir sem flagrante absurdo, quando fôr applicavel a uma agremiação social muito homogenea, chegada a um mesmo gráo de cultura mental média³⁸.

Neste debate, Nina Rodrigues se contrapunha ao pensamento do jurista Tobias Barreto, para quem a consciência do Direito – o obrar com discernimento – era central para a determinação do crime: “[...] [A] consciência do direito é momento capital, elemento constitutivo da qualificação de criminalidade (Berner, Tobias Barreto)”³⁹. Neste sentido, pode--se pensar esse elemento como uma espécie de índice de evolução cultural de indivíduos e coletividades. Para o médico maranhense, uma ação livre absolutamente volitiva não existia.

³⁶ NINA RODRIGUES, Raymundo. As raças humanas e a responsabilidade penal: a criminalidade e a imputabilidade á luz da evolução mental: aplicações ao direito criminal brasileiro (Medicina Legal). **O Brazil-Médico**: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, ano 8, n. 16, p. 121-122, abr. 1894.

³⁷ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 286.

³⁸ NINA RODRIGUES, Raymundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil**. Dirigida por Afrânio Peixoto. Brasília: BDJur, 2007. Versão digital do original de 1934. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/handle/2011/9989>. Acesso em: 5 fev. 2021.

³⁹ NINA RODRIGUES, **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil**, 2007, p. 68.

O que havia era uma ilusão de liberdade, a qual se poderia melhor explicar recorrendo a elementos dados pela Biologia.

A escolha era, portanto, expressão da *natureza* de determinado indivíduo, num momento e em circunstâncias particulares, dentro de certo grau de evolução. Era, sobretudo, fruto das condições físico-psicológicas dadas pela hereditariedade e pela acumulação gradual do aperfeiçoamento psíquico, ao longo de muitas gerações. Eram elas que permitiriam analisar objetivamente determinada conduta em termos de responsabilidade penal, porque delimitariam o grau volitivo e a dita consciência do Direito que seria expressa pela vontade livre; daí que, para o autor, uma das causas do crime seria o que chama de ‘impulsividade primitiva’ das raças que considerava inferiores:

Se, de fato, a evolução mental na espécie humana é uma verdade, à medida que descermos a escala evolutiva, a mais e mais nós deveremos aproximar das ações automáticas e reflexas iniciais. Deste jeito, nas raças inferiores, a impulsividade primitiva, fonte e origem de atos violentos e antissociais, por muito predominarão sobre as ações refletidas e adaptadas, que só se tornaram possíveis, nas raças cultas e nos povos civilizados, com o aparecimento de motivos psíquicos de uma ordem moral mais elevada⁴⁰.

Nina Rodrigues reconhece provas desta tão propalada inferioridade ao levar a cabo seus estudos sobre a população brasileira, tema que, lembra Mariza Corrêa, lhe interessava desde 1888, com a publicação de seu artigo sobre a lepra no Maranhão⁴¹. Em 1890, quando publicou na Gazeta Médica da Bahia o artigo “Os mestiços brasileiros”, o autor pretendia classificar racialmente a população nacional e indicar quais as repercussões negativas da presença e do cruzamento entre raças. Fez uso generalizado de um instrumental de conceitos europeus – como o de atavismo⁴², retirado de Lombroso – junto com o desejo de medir os corpos dos desviantes, observações que dariam sinais físicos da inferioridade e do potencial para atos antissociais. Os atávicos mostrariam potencial para retornar à prática de atos e comportamentos de um ancestral primitivo na escala da evolução, este um dos avultados problemas da mestiçagem⁴³.

Nem sempre as medidas físicas davam os resultados esperados; a análise do crânio de Antônio Conselheiro, por exemplo, não mostrou os estigmas do criminoso nato que buscava

⁴⁰ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 30.

⁴¹ CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013, p. 370-371.

⁴² NINA RODRIGUES, Raymundo. Os Mestiços Brasileiros (Anthropologia Patologica). *Gazeta Medica da Bahia*, Cidade da Bahia, ano 21, n. 9, sér. 3, v. 7, p. 401-407, mar. 1890, p. 407.

⁴³ CORRÊA, *As ilusões da liberdade*, 2013, p. 129.

Nina Rodrigues⁴⁴. Havia que buscar, portanto, outros substratos teóricos nos quais se apoiar. Daí que tenha recorrido a conceitos como o de *degenerescência*, formulado nos anos 1850 e utilizado desde então pela Psiquiatria, e que pode ser resumido como a existência de desvios doentios, hereditariamente causados por um afastamento do tipo normal da humanidade, denunciados pela existência de sinais físicos e, sobretudo, psíquicos.

Não foi o único conceito do campo das moléstias mentais citado no trabalho de Nina Rodrigues, porém; de fato, a Medicina Legal estava em estreito diálogo com obras psiquiátricas, para refletir sobre o problema da criminalidade e dos desvios de comportamento, por vezes sugerindo que era difícil estabelecer, fora de casos concretos, uma distinção firme entre patologias mentais e conduta criminosa.

De qualquer forma, a noção de que existiria uma hereditariedade doentia era central no pensamento de Nina Rodrigues sobre a mestiçagem, bem como sobre as hierarquias e os potenciais conflitos entre as raças no Brasil:

A civilização aryana está representada no Brasil por uma fraca minoria da raça branca a quem ficou o encargo de defende-la, não só contra os actos anti-sociaes — os crimes — dos seus proprios representantes, como ainda contra os actos anti-sociaes das raças inferiores, sejam estes verdadeiros crimes no conceito dessas raças, sejam ao contrario manifestações do conflicto, da lucta pela existencia entre a civilização superior da raça branca e os esboços de civilização das raças conquistadas, ou submetidas. Era, portanto, natural que o legislador brasileiro confundisse todos esses atos sob a rubrica geral de crimes, e os submetesse aos meios de repressão, que, a seu juízo, deviam garantir a ordem social sobre que repousava a civilização que ele tinha em vista defender⁴⁵.

A disciplina que Nina Rodrigues ensinava, e da qual se tornou catedrático em 1895, foi central no processo de formulação de uma espécie de gramática das desigualdades; por isso, a preocupação com propor uma detalhada tipologia de mestiços brasileiros. Tal objetivo se coadunava com o desenvolvimento da Medicina Legal em fins do século XIX, que teria passado a se preocupar muito mais com o doente, em lugar de com a doença. Interessava-se pelo louco, não tanto pela loucura, e pelos criminosos, para, a partir deles, se chegar ao crime⁴⁶. Em comum, a perspectiva clínica sobre os dois últimos grupos trazia a tendência a enxergar seus comportamentos antissociais como produtos inatos de certos corpos.

Analisar mais de perto essa tipologia pode ajudar a compreender melhor as implicações dessa arquitetura conceitual. Nina Rodrigues separou o tipo de responsabilidade penal que deveria caber a cada um: aos mestiços superiores, a responsabilidade total; aos

⁴⁴ RIOS, *O Asylo de São João de Deos*, 2006, p. 115.

⁴⁵ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, 2007, p. 73.

⁴⁶ SCHWARCZ, *O espetáculo das raças*, 1993, p. 274.

mestiços evidentemente degenerados, irresponsabilidade total ou parcial; e, finalmente, ao grupo maior dos mestiços comuns, sempre na iminência do cometimento de atos antissociais em função de qualidades herdadas, a responsabilidade atenuada⁴⁷. Haveria pouco a fazer, senão incorporar ao processo legal o reconhecimento das diferenças naturais entre os seres e as coletividades, especialmente num contexto ainda marcado pelo passado escravocrata brasileiro.

Essa questão foi retomada numa escala mais ampla no capítulo seguinte da obra, em que Nina Rodrigues se propõe a apontar possíveis caminhos de reforma da legislação a partir de outra perspectiva: a da defesa da sociedade. Nesta empreitada, ele não sugeriu exatamente a adoção de uma reforma do Código Penal, contudo. Enxertar conceitos e propostas da escola positivista penal apenas faria tardar mais, faria apenas ‘entibiar’, dificultar o combate do crime no país enquanto se aguardava a lenta evolução psicológica da população – das classes perigosas, leia-se – para só então se aplicarem suas orientações⁴⁸. Era preciso, de alguma maneira, defender a sociedade.

Esse último aspecto, embora possa por vezes passar despercebido, é um elemento importante que organiza a análise da legislação penal e a crítica às instituições punitivas. A questão pode ser mais bem ilustrada com um exemplo. Ao comentar o Código Criminal do Império, de 1830, Nina Rodrigues elogiou o artigo que agravava as penas de crimes cometidos contra ofendido de qualidade superior ao infrator. Caso fosse um ascendente (pai ou mãe), superior ou mestre do criminoso, a pena era mais severa:

Capitulo III - Das circunstancias aggravantes, e attenuante dos crimes

[...]

Art. 16. São circunstancias agravantes:

[...]

7º Haver no offendido a qualidade de ascendente, mestre, ou superior do delinquente, ou qualquer outra, que o constitua á respeito deste em razão de pai⁴⁹.

A recuperação extemporânea deste artigo revela a preocupação com a defesa de uma ordem social calcada na hierarquia entre diferentes sujeitos, mais de sessenta anos depois da promulgação da lei e já sob outro diploma jurídico – o Código Penal de 1890.

Essa dupla preocupação – de um lado, a necessidade de se reconhecer a existência de realidades biológicas, e, do outro, a importância da defesa da sociedade – se concretizaria

⁴⁷ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 111.

⁴⁸ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 114.

⁴⁹ BRAZIL. *Lei de 16 de dezembro de 1830*. Manda executar o Código Criminal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 12 jun. de 2021.

numa proposta radical para a legislação: a adoção de códigos penais conforme o clima e a composição étnica de cada uma das quatro principais regiões climáticas brasileiras; a reforma da instituição do júri; e, o que nos interessa aqui, a adoção de uma perícia individual, em lugar de critérios abstratos de responsabilidade penal. Eram estas medidas que poderiam fazer frente ao contexto brasileiro:

Em tal paiz, o germen da criminalidade, – fecundado pela tendencia degenerativa do mestiçamento, pela impulsividade dominante das raças inferiores, ainda marcadas do estygma infamante da escravidão recentemente extinta, pela consciencia geral, prestes a formar-se, da inconsistencia das doutrinas penes fundadas no livre arbitrio –; semeado em solo tão fertil e cuidadosamente amanhado, ha de por força vir a produzir o crime em vegetação luxuriante, tropical verdadeiramente⁵⁰.

Como observado no fragmento, o crime, entre os membros das raças consideradas como inferiores e nos mestiços, poderia ser fruto de um impulso, isso é, inerente a um elemento que se situava além da vontade livre. Também a sexualidade era uma característica sujeita a impulsões de cunho hereditário: “O negro crioulo conservou vivaz os instintos brutais do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de caráter imprime o seu cunho na criminalidade atual”⁵¹. Para este estudo, é importante notar que a impulsão para o crime ou para excessos sexuais *partilhavam de um mesmo locus*: corpos dissidentes, o que novamente indica a necessidade de pensar as classes perigosas abarcando nelas as sexualidades não normativas, a raça, a criminalidade e a degeneração, bem como as correlações entre estes elementos – ainda que, por vezes, apareçam de forma implícita.

As observações empíricas ao fim de *As raças humanas e a reponsabilidade penal no Brazil* explicitam tal associação. Trata-se de três apontamentos sobre criminosos recolhidos à casa de prisão da Bahia que Nina Rodrigues utilizou para demonstrar a pertinência de seus conceitos e abordagens, bem como para justificar uma leitura pessimista das instituições penais e da sociedade brasileira como um todo. Também presentes nos trabalhos finais do curso médico, as observações empíricas de casos concretos, clínicos ou não, eram o que permitia aos autores realizarem extrapolações do individual para o coletivo, a partir de comportamentos e patologias dos grupos sociais que se pretendia estudar.

A primeira, muito extensa, é a de José D'Araújo, pardo com características de mulato e mameluco, natural de Santo Antônio de Queimadas, centro norte baiano. A causa da prisão

⁵⁰ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, 2007, p. 115.

⁵¹ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, 2007, p. 48.

era ter matado o pai, na idade de nove para dez anos⁵², ‘obrando com discernimento’. O autor, no momento da publicação da obra, o conhecia já há quatro anos. Em primeiro lugar, descreveu detalhadamente como se deu a morte do pai – José teria recebido uma moeda de quarenta réis de um desafeto do genitor. Voltou, então, para a choupana onde vivia com os irmãos e, com um tição, disparou uma espingarda velha, matando-o. Dois meses depois do julgamento, foi enviado preso para a capital, onde deveria aprender o ofício de sapateiro na casa de prisão com trabalho. Não foi, contudo, o que ocorreu:

Transferido para esta cidade, foi collocado na penitenciaria para aprender o officio de sapateiro. O tratamento moral que devia receber naquelle meio já produziu todos os seus effeitos naturaes e logicos, e a obra está completa. O criminoso tem dezoito annos, é ladrão, pederasta passivo, jogador, bebado, um ser completamente desmoralizado, emfim, um incorrigivel temivel. Ha pouco tempo servindo-se de chaves falsas, roubou matéria prima de arrecadação, a mandado de terceiro protesta elle. A administração está informada de que esteve amaziado com um companheiro como pederasta passivo durante dous mezes. Por infracções disciplinares de toda a sorte, jogo, embriaguez vive constantemente em castigo. O administrador affirma que não sabe mais o que ha de fazer elle. Resolvi-me a completar o estudo deste criminoso. E’ um pardo em que os caracteres do mulato e do mameluco estão bem combinados. Ainda completamente imberbe, apenas ligeiro buço. Não apresenta deformação ou estigma physico, não é canhoto, nem ambidextro⁵³.

Ao fazer a crítica do espaço prisional baiano, Nina Rodrigues revelou o amplo setor no qual práticas de toda a ordem poderiam ser alocadas e interpretadas como fatores negativos e deletérios. em função de uma proximidade quer do crime, quer de patologias. Era o caso da associação entre condutas criminosas e o uso de bebidas alcoólicas. Como lembra Anderson Vaz, o consumo tido como abusivo de álcool podia ser sinal de rebeldia, e era frequentemente associado a vadiagem e a um comportamento turbulento⁵⁴: típico, portanto, dos mais pobres. Um dos sinais deletérios associados aos habitantes do cortiço São Romão era, justamente, o consumo excessivo de álcool, em festas e na própria hospedaria⁵⁵.

Da mesma forma, as relações erótico-afetivas que pudesse ter com companheiros de cela entram na conta dos sinais – estigmas da degenerescência, não de ordem física, mas sim *psíquica* – que José D’Araújo mostrava. Era, mais ainda, um pederasta *passivo*. A condição de ser penetrado por outro homem não era, de maneira alguma, um fator positivo. Ao contrário: a passividade sexual era, para a Medicina da época, indicativo de maiores perturbações do ponto de vista psíquico-moral. As categorias rebeldes em termos de gênero e

⁵² José D’Araújo teria dezessete ou dezoito anos no momento do relato de Nina Rodrigues.

⁵³ NINA RODRIGUES, **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil**, 2007, p. 132.

⁵⁴ VAZ, Anderson Rodrigues. **Adoradores de Dionísio: usos e restrições ao consumo de álcool na Bahia (1870-1930)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017, p. 44.

⁵⁵ AZEVEDO, **O cortiço**, 1890, p. 57, 94-97.

sexualidade tinham, como veremos mais à frente, seu próprio gradiente de negatividade. Os intermédios eram piores, pelo condão de pôr a nu em demasia as fronteiras porosas entre os gêneros, especialmente quando conjugados e/ou evidenciados como comportamentos associados tipicamente ao outro gênero – no caso de homens, a efeminação, como visto com Albino, na seção anterior.

Mas a questão não se encerrou aí. Nina Rodrigues, afirmou não ter ficado convencido com o relato de D’Araújo acerca do desenrolar da morte do pai. O mandante seria algo que o jovem teria acrescentado à história apenas posteriormente, mais de dois meses depois de ter cometido o parricídio. Para alcançar a verdade, o médico, então, buscou hipnotizá-lo. Não é explicado se, nisso, obrou com consentimento da vítima, embora seja razoável supor que não o fez, pela dificuldade encontrada no ato:

Embora com dificuldade, consegui hypnotisar o criminoso e desde então procurei indagar que influencia podiam ter exercido no seu espirito a supposta ordem do inimigo do pai e a do companheiro quem imputa a suggestão do roubo. Hypnotisado, revelou o criminoso que tal ordem nunca havia existido e que o verdadeiro movel do crime havia sido a circumstancia de ter elle, na ausencia do pai, cortado um pé de mandioca e promettido um tio que assim que o pai chegasse lhe havia de communicar o factio para que elle castigasse o filho. Foi, pois, para evitar o castigo que este commetteu o parricidio.

Dahi em deante, mesmo em vigilia, o menor passou a contar-me o factio por este modo, confessando que tinha sido falsa a invenção de um mandante. Tambem por este meio consegui a confissão completa dos seus habitos pederastas que até então elle teimava em negar⁵⁶.

A partir deste fragmento, outro aspecto fica evidente. O comportamento de José D’Araújo não pôde ser atribuído apenas ao cárcere. Houve encontro entre fatores de ordem ambiental e hereditariedade, com ênfase maior neste segundo aspecto. Suas práticas ilícitas na prisão frutificaram como reflexos de uma mácula anterior, o que se confirmaria pela confissão do motivo da morte do próprio pai.

Foi a partir deles que o autor poderia alocar José D’Araújo na classe de criminoso de ocasião aperfeiçoado pelo meio (a penitenciária) ou na de criminoso nato – esta, mais grave que a primeira. Trata-se de uma categoria retirada das obras de Cesare Lombroso, a qual designaria, segundo Iraneidson Costa, uma espécie diferente dentro do gênero humano, para quem o delito estava ligado a um substrato orgânico. Assim, desde o nascimento, o indivíduo possuiria uma tendência ao crime, e haveria elementos anatômicos, psicológicos, enfim, uma

⁵⁶ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, 2007, p. 133-134.

biologia e uma vida sexual mórbida que o distinguiriam do resto da humanidade⁵⁷. Se, na obra, a mestiçagem era, em si, um fator problemático, a pederastia passiva era um elemento de agravamento bastante sério, que dava maior ‘temebildade’ a José D’Araújo. Neste sentido, Nina Rodrigues seguiu estreitamente as reflexões intentadas por Lombroso e por Raffaele Garofalo na Itália, os quais destacavam a importância de pensar o homem delinquente pelo viés do risco que poderia trazer ao convívio social⁵⁸.

A confissão completa, fruto da hipnose, também revelou outra coisa: os hábitos sexuais do preso – conhecidos, mas negados. Foucault teceu considerações importantes sobre o uso da confissão para falar da sexualidade, que ajudam a compreender melhor este quadro. Do confessionário, locus da penitência religiosa até o século XVIII, passou a outros espaços – a família, a clínica, a consulta, e, acrescentar-se-ia, a prisão – e a outras relações, com os pais, com os psiquiatras, com os peritos. As aflições e moléstias confessadas foram consignadas e transcritas, e posteriormente publicadas e comentadas pelos autorizados a discursar a respeito das periculosidades eróticas de outrem. É necessário destacar, contudo, que não se trata apenas de dizer o que se fez, isso é, do ato sexual desviante – no caso de José D’Araújo, ser penetrado por um companheiro de cela. Neste ato, e ao redor do ato, há que reconstituir os pensamentos e obsessões constituintes – o segredo, os valores sociais embutidos, o sentido dado ao ato pelo médico – bem como a qualidade e as modulações do prazer ilícito⁵⁹ e, ousar-se-ia dizer, de sua captura.

A segunda observação de Rodrigues que consta na obra tratada aqui, mais curta, versa sobre Ignacio José da Silva, que foi preso em 1889 por ter matado um menino. O júri o considerou maior de 14 anos – portanto, plenamente responsável – apesar de não contar, segundo relatos dos carcereiros, com mais de doze anos no momento do ato. Vivía com a avó materna e cinco irmãos. A mãe teria deixado o pai e este se casara com outra mulher. Nina Rodrigues destacou que, embora houvesse uma escola na localidade, Inácio não possuía instrução.

O rapaz – que, na altura em que conheceu Nina Rodrigues, tinha dezessete anos – dizia que o que o havia motivado era uma luta entre um de seus irmãos e a vítima. O autor,

⁵⁷ COSTA, Iraneidson. **A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940**. 1997. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

⁵⁸ BRAGA-PINTO, César. Othello's pathologies: reading Adolfo Caminha with Lombroso. **Comparative Literature**, Durham, v. 66, n. 2, p. 149-172, primavera 2014. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/comparative-literature/article/66/2/149/7793/Othello-s-Pathologies-Reading-Adolfo-Caminha-with>. Acesso em: 2 jul. 2021.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 71.

porém, desconsiderou absolutamente o relato do jovem acerca do que havia se passado e organizou seu entendimento acerca da articulação entre alguns elementos:

É mulato claro, com uma conformação craneana facial asymetrica, hyperbrachycephalo com um indice cephalico de 88,13, as orelhas muito destacadas do craneo e mal conformadas, a abobada palatina profundamente escavada, gago em extremo. E' de um cynismo a toda prova; falla dos seus crimes rindo-se e commentando-os com pretenções a espirituoso. Tambem é pederasta passivo, ladrão, jogador e bebado⁶⁰.

Tal como visto acima, observa-se uma associação entre comportamento sexual considerado dissidente, o uso de bebidas alcoólicas e o diagnóstico de Nina Rodrigues: apesar de muito claro, o índice cefálico baixo e seu comportamento são reveladores de caracteres inferiores muito acentuados⁶¹.

A terceira observação servirá como contraponto às anteriores: a de José Joaquim Caetano, de dezoito anos, filho natural de escravizados. Tratava-se de um homem que aprendeu a arte de sapateiro, reputado como bem-comportado. Era, como os outros, um jogador e costumava se embriagar. Mas o autor nada comenta sobre a vida sexual deste jovem, revelando que não tinha o hábito de furtar e seria sensível aos castigos que lhe eram aplicados na Penitenciária, o que, inclusive, motivava elogios da administração. Não se tratava, como José D'Araujo, de um criminoso nato, mas sim de um criminoso de ocasião, influenciado pela condição de escravizados dos pais e mais resistente aos efeitos deletérios do meio. Foi o que concluiu o autor, a partir do relato de que seria “melhor que os outros”⁶², segundo os dirigentes da prisão e os diretores da oficina de sapateiro.

Esta qualidade precisa ser analisada mais de perto. Com efeito, José Joaquim Caetano era filho de negros e a sua proximidade com tipos puros o faria, para essa concepção, herdar menos características consideradas como negativas; o próprio autor, em outro ponto do trabalho, considera superiores os mestiços do negro, quando comparados com outros mestiços. Este não era o caso de seu homônimo, José D'Araújo: Nina Rodrigues o classificou como pardo, expressão que designava, na sua classificação dos mestiços brasileiros, aqueles que tinham ascendentes negros, brancos e indígenas e/ou outros mestiços. Por tal razão, diz o autor, mais suscetíveis à apatia e a comportamentos negativos. José Ignácio, por outro lado, estaria entre os mulatos claros, aqueles com um retorno próximo à raça branca⁶³. Eram outros os elementos indicativos de caracteres inferiores: o índice cefálico, por um lado, mas não seria

⁶⁰ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 135.

⁶¹ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 136.

⁶² NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 136-137.

⁶³ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 59-61.

desarrazoado alocar aqui, também, os roubos, o abuso de álcool e a as relações sexuais com outros homens. Em suma, comportamentos antissociais.

Em certa medida, revela-se mais explicitamente, nestes fragmentos, que a defesa da ordem social extrapolava a condição de ex-escravizado. Posto de outra forma, quaisquer que fossem os comportamentos das ditas classes perigosas, eram sempre passíveis da conversão em risco social, como lembra Mariza Corrêa:

São, em suma, as categorias intermediárias ou ambíguas (mestiços, velhos, adolescentes, homossexuais) tanto em termos raciais, como etários ou sexuais, as mais perigosas para a ordem social. Tendo caído as barreiras visíveis entre a civilização e a barbárie, era necessário estabelecer novos limites onde se pudessem encerrar as diferenças entre os seres humanos, diferenças tanto mais ameaçadoras quanto menos fossem perceptíveis à primeira vista⁶⁴.

Mariza Corrêa e outros citados até agora apontam caminhos utilíssimos para refletir sobre esta questão em termos de lugar social e de raça. Todavia, a documentação sugeriu que este processo também tinha em vista comportamentos sexuais dissidentes, inclusive homossexuais. Lá onde a raça encontra sexo e gênero, outros instrumentos precisam ser utilizados para pensar dar conta destas camadas estreitamente conectadas pelo mesmo lócus – os corpos rebeldes.

1.2 MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E DESEJOS DE NAÇÃO

Richard Miskolci, em sua obra *O desejo da nação*, propõe pensar a articulação existente em fins do século XIX entre masculinidade e branquitude, tendo como espaço privilegiado de pesquisa o Rio de Janeiro. Para o autor, este desejo conduziria a projetos que encaravam a sociedade como realidade biológica, racialmente classificável e tendo como saída possível de seus dilemas o branqueamento da população. Nesse quadro, pessoas negras, mulheres e homossexuais passaram a ser lidos como ameaças à ordem quando não se limitavam às condições de comportamento que lhes eram impostas⁶⁵. Assim, em que pese uma diversidade de projetos de nação, havia alguns denominadores comuns: “O ideal nacional branqueador tinha como um de seus pilares a reprodução sob o controle masculino, pois o

⁶⁴ CORRÊA, *As ilusões da liberdade*, 2013, p. 144.

⁶⁵ MISKOLCI, Richard: *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2013, p. 24.

homem – e apenas ele – era visto como o verdadeiro portador da branquitude e do progresso”⁶⁶.

Tanto quanto raça e gênero, masculinidade e sexualidade – quer sob a rubrica de vício, quer de sodomia, quer de pederastia, quer, ainda, de homossexualidade – precisam ser analisadas, cada uma, não como dado natural ou como realidades ontológicas, mas sim como categorias historicamente construídas, sujeitas a negociações e passíveis de apontar mediações de toda ordem, sobretudo sociais. À guisa de esclarecimento, segue um exemplo. Nas observações de Nina Rodrigues, José D’Araújo e Ignácio José da Silva são descritos como pederastas passivos. Representariam, como dito por Corrêa, o intermédio e o perigo social advindo daí. Mas há mais: Michel Misse, em seu livro *O estigma do passivo sexual*, argumentou que a passividade também estaria baseada numa noção de comportamento inadequado por sugerir uma aproximação com a feminilidade – esta, também estereotipada e ancorada no mito socialmente disseminado de que mulheres seriam inferiores a homens⁶⁷. Quem possui o estigma, apenas por existir, exhibe-o ao olhar de outros. Assim, nas duas observações acima referidas, a experiência destes sujeitos deve ser lida como algo mais que práticas ou preferências íntimas. Ela revelaria também posições e expectativas de comportamentos cuja frustração apontaria e auxiliaria na construção de uma fronteira entre normais e anormais:

Os atributos de um indivíduo em particular podem convertê-lo em um estereótipo; terá que desempenhar o papel estigmatizado, em quase todas as situações sociais que viver, e é natural referir-se a ele, como fiz, como um estigmatizado cuja situação vital o separa em contraste com os normais⁶⁸.

Assim, é possível reler, com as lentes propostas por Miskolci e Misse, o argumento apresentado por Nina Rodrigues, que, propositadamente, construiu e organizou hierarquias polarizadas: branco, por oposição a mestiço ou negro; civilizado, por oposição a antissocial ou criminoso; contenção e controle, por oposição a bebedeira e a jogos; e viril, é lícito supor, por oposição ao pederasta passivo, desvirilizado, perigosamente próximo da feminilidade.

Este elemento é parte integrante do argumento d’*As raças humanas e da responsabilidade penal no Brasil*, patente no fragmento acima, quando fala da impulsão, inclusive sexual, de pessoas negras. Mais à frente, o médico maranhense retomou este raciocínio, citando como exemplo de supostos excessos genésicos, nas raias da perversão, a

⁶⁶ MISKOLCI, *O desejo da nação*, 2013, p. 32.

⁶⁷ MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Booklink NEVCU; LeMetro, 2007, p. 23.

⁶⁸ MISSE, *O estigma do passivo sexual*, 2007, p. 32.

figura da mulata brasileira: “A sensualidade do negro pode atingir então ás raias quasi das perversões sexuaes morbidas. A excitação genesica da **classica mulata** brasileira não póde deixar de ser considerada um typo anormal”⁶⁹. O conceito de gênero pode, aqui, ser utilizado para dar a ver e desconstruir, como propõe Joan Scott, as formas de significar relações de poder que tenham por base a crença nas diferenças percebidas entre os sexos, bem como na existência de uma relação rígida entre caracteres físicos e comportamentos socialmente chancelados impostos sobre determinados corpos⁷⁰. A efeminação e a passividade seriam fugas a esta organização das relações sociais.

A associação dos excessos sexuais a pessoas negras e mestiças também se fez presente numa obra posterior, de cunho literário. Ao analisar o romance *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha (publicado pela primeira vez em 1895), Miskolci lembra que, apesar da polêmica de retratar o relacionamento entre dois homens – ou talvez por isso – foi muito lido e comentado⁷¹. O livro versa sobre o relacionamento erótico/afetivo de dois marinheiros: Amaro, o mais velho, era um homem negro descrito de forma hiperviril, enquanto o grumete Aleixo, loiro e de constituição frágil, cedia aos desejos e abusos dos demais. Amaro também foi apresentado como uma personagem perigosa, que seria presa dos seus instintos biológicos:

A novidade do livro de Caminha é a de sintonizar-se com a interpretação da pederastia como homossexualismo nas obras sexológicas desse período, ou seja, sua patologização e progressiva transformação em uma identidade sexual, o que se consolidaria apenas no século XX. Na obra, a pederastia é atribuída a Amaro, o “degenerado nato”, cuja origem racial explica seu aprisionamento aos instintos, ao desejo, o que o leva ao desvio sexual e, por fim, ao crime⁷².

Reatualizando o tema do excesso venéreo, *Bom crioulo* possui uma partilha de receios com *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*. De fato, as duas obras apresentam certas críticas a instituições – à Marinha e seus castigos bárbaros para Caminha, às condições deletérias da penitenciária da Bahia para Nina Rodrigues. Mas a questão de fundo central, para os dois autores, era a importância de uma barreira de contenção entre o que entendiam e descreviam como civilização e barbárie. Esta barreira, porém, dá a ver também outros limites, na ordem do gênero e da sexualidade, e das formas possíveis de se ser

⁶⁹ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, 2007, p. 102, grifo do autor.

⁷⁰ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁷¹ MISKOLCI, *O desejo da nação*, 2013, p. 66. Durante a pesquisa, o doutorando localizou comentários e resenhas desta obra em periódicos de todo o Brasil durante os anos 1890, quer antes, quer depois da publicação da obra.

⁷² MISKOLCI, *O desejo da nação*, 2013, p. 73.

homem no século XIX. Não é desarrazoado sugerir certa contiguidade entre os discursos acerca dos pederastas passivos em Nina Rodrigues e o casal de marinheiros descritos por Caminha.

Os estudos de gênero, pontuou Durval Muniz Albuquerque Júnior, por um tempo ocuparam-se mais detidamente em reflexões acerca das mulheres – produzindo não só um amplo conjunto de reflexões críticas a propósito das feminilidades, como também gerando um sólido conjunto de reflexões e análises pertinentes para outros campos da historiografia. Posteriormente, esses estudos passaram a complexificar as análises, pensando, por exemplo, a diversidade de atravessamentos articulados com gênero, como classe, raça, geração e sexualidade. Esse movimento também repensou o lugar das masculinidades, propondo seu entendimento como ferramenta de uma ordem de gênero passível de gerar opressões também sofridas por indivíduos masculinos⁷³.

O *Dicionário da crítica feminista*, ao trazer o verbete masculinidade, apresenta alguns fundamentos que permitem enriquecer a discussão. Ele define a masculinidade como o conjunto dos atributos culturalmente específicos, baseados numa identidade social relacionada à separação dos seres humanos em metades, dadas pelo dimorfismo sexual, ilidindo situações ambíguas e intermediárias. Nesse nível é que se constitui, culturalmente, aquilo que é socialmente lido como a essência dos homens, a qual poderia ser acessada e aplicada como valorativa dos corpos sexuados, quer pelos sujeitos enquanto elementos identitários, quer pelas instituições enquanto elementos de fiscalização do comportamento socialmente aceito⁷⁴. Cabe pontuar, aqui, novamente a necessidade de se atentar para o tema da ambiguidade, que Corrêa identificou na obra de Nina Rodrigues⁷⁵. A masculinidade, como forma de dar sentido a relações de poder, busca eliminar tudo que possa ser situado no intermédio entre homens e mulheres.

Miriam Pilar Grossi aponta a existência de um atributo que costuma ser associado ao homem, ao menos desde o século XIX: a atividade. Socialmente, ela é vivida – incorporada e demonstrada – por meio de ações enérgicas, vigorosas, bravas. Sexualmente, o princípio é consumado pela penetração, associada à defesa e vigilância das próprias nádegas, ao abrigo da feminização implicada em se deixar ser penetrado⁷⁶. Em suma: a natureza do homem seria

⁷³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Catavento, 2003, p. 21-22.

⁷⁴ MASCULINIDADE. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.); AMARAL, Ana Luísa (org.). **DICIONÁRIO da crítica feminista**. Lisboa: Afrontamento, 2005. p. 122-123.

⁷⁵ CORRÊA, **As ilusões da liberdade**, 2013.

⁷⁶ GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 1, p. 4-37, 1995. Disponível em:

ativa, por oposição à da mulher, passiva. Quando um homem se torna passivo ou se identifica com tal aspecto – isso é, colocando-se contra a natureza, efeminando-se – surgem problemas que é preciso resolver. Eram anômalos, nos oitocentos, os homens passivos, submissos, assim como eram perigosos os efeminados, ou os que aceitavam desempenhar tarefas e/ou se congratulavam com símbolos e elementos do repertório feminino⁷⁷.

A masculinidade, pois, como categoria relacional, se construía em tensão com mulheres, mas também com homens que não adotassem o conjunto de práticas socialmente associadas ao gênero atribuído, ou que as transgredissem. Neste sentido, as reflexões do campo da Antropologia apresentadas até aqui se coadunam com o ideal de uma nação viril, delineado por Miskolci:

Portanto, em um movimento ambíguo e articulado, a consolidação do regime republicano é marcada por uma associação entre Estado e masculinidade que coloca à prova a capacidade de autodomínio de nossos homens de elite. Apenas aqueles que provassem seu autocontrole – uma vida regrada pelo casamento e a criação de uma família – poderiam ter reconhecido seu *status* de verdadeiro cidadão nacional⁷⁸.

O autodomínio se expressou, nas duas observações citadas acima, como régua que viabilizou a crítica da sexualidade de José D’Araújo e Ignácio José da Silva, que pode ser percebida de maneira mais ou menos implícita nas observações. Afinal, os dois são castigados na penitenciária em razão de bebedeiras e de jogos – em suma, por comportamentos excessivos.

Além do conceito mais amplo de masculinidade, uma noção que também é útil quando se reflete sobre padrões de comportamento e papéis atribuídos a determinados homens é a de masculinidade hegemônica. A referência, nesse caso, são os estudos de Raewyn Connell e James Messerschmidt e deve ser entendida como aquela que pode se impor a outras, legitimando posições dominantes e garantindo dividendos aos sujeitos masculinos derivados deste *status quo*⁷⁹. A masculinidade hegemônica se estabeleceria quer em contraste com as feminilidades, quer com outras configurações possíveis, mas pouco visíveis ou pouco valorizadas, de masculino. É por isso que se propõe entender que o processo de criação de uma masculinidade hegemônica no século XIX foi realizado em detrimento de outros atos considerados menos valorizados e, até mesmo, deletérios. Isto posto, considera-se útil a chave

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 1 jun. 2015.

⁷⁷ SILVA, Daniel, **A captura do prazer**, 2015, passim.

⁷⁸ MISKOLCI, **O desejo da nação**, 2013, p. 31.

⁷⁹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.

analítica de Michael Kimmel, para quem a produção de masculinidades hegemônicas e subalternas é simultânea, já que um grupo delimita, por oposição, o papel do outro⁸⁰. Ora, o contraste existente entre civilização – que, pontuou Miskolci, era um ideal tido por certos setores intelectuais naquela conjuntura como masculino – e os atributos negativos que ressaltam nas observações sobre José D’Araújo e Ignácio José da Silva, pode ser pensado dentro desta chave. Mas, também, o elemento positivo da terceira observação, afinal, não ser pederasta era dos elementos que formavam a percepção geral de bom comportamento de José Joaquim Caetano.

Como se articulam o sexo e, em menor grau, as posições sexuais (penetrador *versus* penetrado) em termos de masculinidade hegemônica e subalterna? Acredito que a resposta está no conceito de estratificação sexual. Há um sistema hierárquico de valor que começa a se desenhar no século XIX, como lembra Gayle Rubin em *Pensando o sexo*, e que é relevante para refletir sobre o processo de abjeção de formas de sexualidade não reprodutivas⁸¹. Embora, no seu ensaio, a autora tenha se referido à sociedade americana, em um recorte de longa duração (1870-1970), verifica-se que, no Brasil as formas de sexualidade não reprodutivas também não gozavam de valorização positiva, como pude observar nas considerações médicas acerca do celibato masculino entre os anos de 1850 e 1880:

O celibato é o continuado goso dos praseres sem limites, e o que é sempre perigoso, não so aos que a elle se entregão como á paz e tranquilidade das famílias. nos celibatarios encontrão-se os mais das vezes enraizados os hediondos vícios do Onanismo e da pederastia⁸².

Outra noção importante para refletir acerca destes corpos e sujeitos é a de abjeção. Ela se forma por um processo de circunscrever os espaços específicos para os sujeitos divergentes, estabelecendo margens daquilo que era considerado normal ou anormal. Segundo Camilo Braz, o abjeto, na perspectiva de Butler, designa zonas invisíveis e invivíveis, num esforço de circunscrever a esfera de quem era sujeito:

⁸⁰ KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

⁸¹ RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017, p. 94-100.

⁸² SILVA, Fruchoso, **Hygiene dos Collegios**, 1869, p. 23. Para maior detalhamento, ver: SILVA, Daniel, **A captura do prazer**, 2015, p. 79-103. Neste sentido, também se pode divisar atravessamentos de classe e, posteriormente, de raça. Enquanto instância produtiva da sociedade, pensou-se que casamentos eram legítimos e ilegítimos, e de que forma a diferença de estratos sociais gerariam consórcios indesejáveis. Por outro lado, o celibato, ainda que clerical, foi posto sob duplo viés negativo: era anti-higiênico e moralmente reprovável, por dar azo a excessos sexuais.

Abjeto designa, para Butler, aquelas “zonas invisíveis”, “inabitáveis” da vida social “que, sem dúvida, estão densamente povoadas pelos que gozam na hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do 'invivível' é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos” (BUTLER, 2002, p. 19-20). [...] Os corpos que “não são” tornam-se importantes para se entender as normas que constituem as subjetividades possíveis ou inteligíveis (os corpos que “são”)⁸³.

Assim, construído o abjeto como aquilo que não pode ser, em última análise ocorre a demarcação daquilo que é, do que pode ser, do que se deseja ser ou se aspira ser, inclusive em termos de lícito e ilícito. No estudo das observações de José D’Araújo e Ignácio José da Silva, seus traços individuais foram analisados, é preciso insistir, como sinais de uma incapacidade para o pleno exercício da cidadania, potencialmente extensíveis para uma coletividade. Afinal, em meados do século XIX, a ampliação do uso de categorias como degenerados ou degeneração no campo das moléstias mentais e de ramos correlatos da Medicina contribuiu para o elasticamento dos limites entre normalidade e anormalidade, usando como estratégias a identificação dos considerados desviantes e, também, a sua classificação, como lembrou Engel⁸⁴.

Quando se fala de normas, pode-se fazer parecer que se trata de uma realidade imóvel, que apenas subsiste na interpretação superficial da documentação, pairando acima do cotidiano dos sujeitos, mas com ligações pouco estreitas com o contexto. Ou que, ao contrário, as fontes refletem exatamente o mundo tal qual ele é, sem mediações e atravessamentos dados pelo gênero e pela sexualidade. É talvez mais produtivo perceber que essas normas não antecedem os atos, não preexistem à vivência enquanto práticas. Elas são construídas e disputadas no teatro das relações coletivas, por meio de atos, condutas e jeitos de corpo socialmente valorados e não fora destas práticas sociais. Daí a importância de utilizar o conceito de performatividade de gênero, proposto por Butler para destacar os aspectos mais comportamentais do gênero:

Esses atos, gestos, e atuações entendidos em termos gerais são *performativos* no sentido de que a essência ou identidade que por um lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade⁸⁵.

⁸³ BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, Natal, n. 3, p. 75-95, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art04_braz.pdf. Acesso em: 4 jun. 2015.

⁸⁴ ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 139.

⁸⁵ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 21. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018, p. 236, grifos da autora.

Com isso, pode-se apontar o sentido em que o termo masculinidade será empregado. Pretende-se salientar os atributos negativos e positivos do que era considerado, na Cidade da Bahia das últimas décadas do século XIX, como próprio do homem, destacando a maneira pela qual esses atributos terminaram funcionando como normas de inculcação de modelos de conduta que tentavam inviabilizar o erotismo e afeto entre homens. Nas fontes, esse processo foi evidenciado mais claramente por meio de injunção e repressão a determinados comportamentos. Daí os médicos oitocentistas, que queriam curar uma sociedade que viam como doente por meio da adoção de hábitos higiênicos. Daí os juristas defendendo algum tipo de punição para uma conduta antissocial que era tida como antessala do crime. Daí a tensão, presente nos jornais e literatura, entre atributos masculinos e femininos/feminizados/contra a natureza, tomados como marca negativa para determinados sujeitos e evidência de que não deviam ter lugar no corpo da nação⁸⁶.

É necessário ressaltar que essas regras de comportamento não funcionam por meio de proibições em todos os momentos. Em verdade, elas também criam condições para nomear o que é visto, para tornar o que é um conjunto disperso de condutas em um objeto nomeável e, em seguida, propor a sua valoração negativa. Gênero e sexualidade, masculinidade e feminilidade estavam assim imbricados no estabelecimento de papéis hierarquicamente situados para corpos fixos:

A visão dominante desde o século XVIII, embora de forma alguma universal, era que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero são, de certa forma, baseados nesses "fatos". A biologia – o corpo estável, não histórico e sexuado – é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social⁸⁷.

Tais elementos enfatizam a construção social e moral de uma masculinidade modelar, num sentido que aliava cultura e biologia, rejeitando para isto configurações alternativas, que passaram a figurar mais e mais como excrescências advindas de excessos sexuais ou de uma eventual falta de direcionamento dos instintos biológicos de sujeitos dotados de uma moral vista como duvidosa. Para estes e seus descendentes o destino era a morte, e daí a pluralidade de libertinos, efeminados, maricas – bem como, mais discretamente, pederastas, homossexuais e androphilistas que são referidos de maneira negativa e condenatória, ainda que jocosa e dissimulada, ao longo do século XIX, em variados suportes. Impulsão sexual,

⁸⁶ SILVA, **A captura do prazer**, 2015, passim.

⁸⁷ LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 18.

defesa da sociedade, consequências para a coletividade, o agravante da pederastia passiva. Todos estes elementos concorrem para o entendimento da observação de José D'Araújo e de Ignácio José da Silva, e trazem embutidos dilemas sociais, conflitos e aspirações daquele período, sob um olhar distinto do campo da Medicina, especialmente nos ramos interligados da Psiquiatria e da Medicina Legal. As ferramentas conceituais eram, com efeito, derivadas da obra de autores europeus, mas os problemas que se pretendia resolver eram os do Brasil de finais do século XIX.

1.3 UMA HISTORIOGRAFIA INQUIETA: SEXUALIDADES REBELDES EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

O diálogo com os estudos de gênero, bem como com obras da Antropologia e da Sociologia que trabalham com gênero e sexualidades, é bastante enriquecedor e ajuda a refletir acerca de um período que ainda é pouco estudado na crescente historiografia brasileira acerca de pessoas LGBTQIA+. Como assevera Engel, nesse campo a contribuição dos estudos de Michel Foucault, a partir da publicação de sua obra *História da sexualidade*, foi notável⁸⁸, especialmente quando se trata de refletir sobre a relação entre pessoas do mesmo gênero. *Homosexuality*, *homossexual* e *homosexuality* são termos que figuram na história europeia desde 1869, quando foram propostos numa carta aberta por Karl Maria Benkert⁸⁹. O autor mostrava-se temeroso das consequências da aplicação geral, em todo o Império alemão, do parágrafo 143 do Código Criminal Prussiano, que punia a relação sexual entre homens, equiparada ao crime de bestialismo para fins médicos e legais⁹⁰.

Foucault também indicou a existência de um procedimento médico de nomear a “vegetação de sexualidade sem propósito”, embora tenha apontado que foi um processo que visava menos reprimir do que controlar e produzir discursos sobre o sexo por meio da construção e classificação de corpos como doentes/sãos e anormais/normais. Sendo assim, o século XIX teria assistido a uma mudança no tratamento do antigo sodomita, alocado dentro

⁸⁸ ENGEL, Magali Gouveia. História e sexualidade. In: FLAMARION, Ciro (org.); VAINFAS, Ronaldo(org.). **Domínios da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-311, p. 303.

⁸⁹ Benkert, também chamado Károly Maria Kertbeny (1824-1882), jornalista, escritor, advogado e tradutor. Numa carta de 1869, propõe pela primeira vez os termos homossexual e heterossexual. Ver KERTBENY, Károly Maria (Karl Maria Benkert). In: DYNES, Wayne R. (ed.). **Encyclopedia of homosexuality**. Nova York: Garland, 1990. Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopediaofho01onar/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 12 maio 2021.

⁹⁰ LAURITSEN, John; THORSTAD, David. **The early homosexual rights movement (1864-1935)**. Nova York: Tume Change Press, 1970. p. 6-7. A discussão sobre este ponto será adensada mais à frente nesta tese. Por ora, cabe salientar outro ponto: em que pese tenha sido amplamente utilizado por médicos e seu uso remeta quase que de forma imediata a processos de medicalização, esta relação foi disputada.

de um novo dispositivo da sexualidade: de um delito que poderia ser cometido por qualquer um, o erotismo entre dois homens se tornou o estigma de uma doença grave, com pouca perspectiva de cura, parte do processo de criação/perseguição das sexualidades periféricas que teria sido encetado pela Medicina na época. De figura meramente jurídica, o sodomita se tornou um personagem dotado de um passado e de estigmas morais e corpóreos que o denunciavam⁹¹. A partir da publicação da primeira edição da *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, de Foucault, em 1976, multiplicaram-se estudos, quer seguindo suas orientações metodológicas e analíticas, quer bastante críticos às formulações e propostas deste autor que, por vezes com algum exagero, extrapola suas análises sobre a França e partes da Europa para todo o Ocidente.

Neste sentido, pelo duplo caráter – tanto de ferramenta heurística para pensar formas de subjetivação, de normatização e de controle, quanto de termo de época presente nas fontes – o termo homossexualidade será utilizado ao longo da tese para designar as relações erótico-afetivas entre homens presentes na documentação médica oitocentista – destacando, porém, seu uso correlato com outras expressões, a exemplo de pederastia, androfilismo, inversão sexual, efeminação, dentre outras. Na vegetação de expressões que designavam e capturavam em patologia estes sujeitos e seus amores, práticas e desejos, parece ser uma forma útil de organizar a análise e compreensão deste estudo.

Quanto à historiografia sobre sexualidades dissidentes no Brasil, sobretudo envolvendo pessoas LGBTQI+, talvez seja pertinente retomar a provocadora pergunta de Maria Odila Leite da Silva Dias sobre as dificuldades de pesquisa expressa em *Nova história das mulheres no Brasil*⁹²: fruto de ausência, ou de invisibilidade? Formulada nos anos 1980, foi recuperada por Elias Veras e Joana Maria Pedro ao apontarem e problematizarem o silêncio de Clío a respeito da história de e sobre as homossexualidades – e, acrescentar-se-ia, também acerca de pessoas LGBTQIA+ no Brasil⁹³. Não se trata, de maneira alguma, de afirmar que não havia estudos pioneiros – a produção de pesquisadoras e pesquisadores como

⁹¹ FOUCAULT, *História da sexualidade 1*, 2017, p. 47-48. O trabalho de Foucault não era, certamente, a única influência. A obra do medievalista americano John Boswell *Christianism, social tolerance and homosexuality* apresenta o conceito de homossexualidade mobilizado, por exemplo, nas obras de Luiz Mott. Para uma análise desta genealogia conceitual e de suas críticas coetâneas e atuais ver: ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Masculinidade e inquisição: gênero e sexualidade na América portuguesa**. Jundiaí, SP: Paco: 2016, p. 42-43.

⁹² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Escravas: resistir e sobreviver*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 360-379.

⁹³ PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014, p. 93-95. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em 20 jan. 2021.

Luiz Mott, Ronaldo Vainfas e Lígia Bellini⁹⁴, por exemplo, foi extremamente importante para pensar criticamente acerca de moralidades sexuais na Colônia, como também indicar novos sujeitos que deixavam de ser invisíveis na história. Clio até poderia estar silente, para retomar a metáfora de Pedro e Veras; não estava, contudo, quieta.

Não se pode deixar de anotar a ampliação de trabalhos desde os anos 2000, do número de estudos sobre homossexualidades, lesbianidades e travestilidades/transsexualidades, a partir de trajetórias individuais, movimentos sociais, formas de resistências, estratégias de repressão, dentre muitos outros registros⁹⁵. Há, no entanto, períodos que se tornaram objeto de um maior número de pesquisas: o século XX, sobretudo a partir dos anos 1950 e com maior produção a partir dos marcos da imprensa LGBT e do surgimento dos movimentos sociais organizados⁹⁶; e o período colonial, no qual a historiografia sobre a Inquisição na América portuguesa abriu uma senda fertilíssima de estudos sobre sexualidades dissidentes em geral, e, mais especificamente, de práticas erótico-afetivas entre homens e mulheres⁹⁷.

Entre esses dois momentos, o século XIX, abarcando o Império e o começo da República, segue como um período que ainda é menos visitado por essa historiografia inquieta. Green e Polito oferecem uma possível explicação para essa quantidade relativamente pequena de trabalhos. Ao justificarem as balizas temporais da obra *Frescos trópicos*, apontaram, por um lado, o marco dos anos 1980, com o surgimento de uma conjuntura distinta da anterior; por outro lado, e isso interessa mais estreitamente aqui, apontam como raríssimas as menções – explícitas, se é possível dizer – sobre a homossexualidade masculina antes de 1870: “[...] Antes de 1870 são raríssimas as fontes a respeito dos homossexuais; após 1980, com a consolidação dos movimentos políticos e das publicações dos homossexuais, esboça-se uma conjuntura social e cultural muito distinta da época

⁹⁴ MOTT, Luiz Roberto de Barros. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988; VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989; BELLINI, Lígia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁹⁵ Um bom ponto de partida para o leitor, além do artigo citado acima de Joana Maria Pedro e Elias Veras, é a bibliografia parcial anotada, feita por James Green, Lance Arney e Marisa Fernandes. Ver: ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James Naylor. **Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. Cadernos AEL**, Campinas, SP, v. 10, n. 18/19, p. 316-349, 2003.

⁹⁶ GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

⁹⁷ ROCHA, Cássio, **Masculinidade e inquisição**, 2016, p. 24-26, 35-36. Tomando por base os dados presente no site 'História Transviada', coligido, rabulados e organizados por Ronald Canabarro, há um universo de 217 teses e dissertações defendidas entre 1994 e 2022. Destas, 16 tratam do século XIX, e 11 discutem o tema no século XIX no Brasil, numa proporção de aproximadamente 5% do total. Ver: CANABARRO, Ronald. **História Transviada**. *Historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero no Brasil (1994 – 2022)*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://historiatransviada.net.br/>. Acesso em 03 de mar 2023. Agradeço profundamente a Ronald ter me facultado acesso aos dados tabulados, facilitando a análise.

anterior”⁹⁸. Isto indicaria, com efeito, outro elemento que tem um papel na pesquisa sobre o século XIX. Com o fim da punição direta, após a promulgação do Código Criminal do Império, em 1830⁹⁹, tornou-se mais desafiador encontrar fontes tratando de pessoas que tinham relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero.

Não se trata, é prudente insistir, de apontar uma total ausência: o filósofo, ativista e romancista João Silvério Trevisan tratou do século XIX no seu ensaio de longuíssima duração *Devassos no paraíso*. Para este autor, o século XIX teria assistido ao surgimento do que denominou de “Estado higiênico”¹⁰⁰, quando, já nos anos 1830 e por meio da figura do médico--higienista, o Estado brasileiro teria assumido a responsabilidade de regular e regulamentar as condutas sexuais de seus cidadãos. Aos padres-inquisidores sucediam os doutores. Embora com ênfase excessiva, e conferindo ao médico um papel e uma unidade de pensamento que, efetivamente, não condiz com a documentação, continua sendo uma referência importante, inclusive pelos *insights* brilhantes de sua obra.

Outro esforço de historiografia feito por um não-historiador que abarca o século XIX é a obra de fôlego de Carlos Figari, *@s outr@s cariocas*. Fortemente ancorado nas reflexões e identidades formuladas pelo movimento LGBTQI+ contemporâneo, Figari faz uma leitura bastante ligada ao cotidiano e aos espaços de convivência social nos quais relacionamentos eróticos e afetivos entre pessoas do mesmo gênero poderiam ter lugar. É dele, por exemplo, uma reflexão sobre o dandismo tropical como uma das formas de identidade urbana que

⁹⁸ GREEN; POLITO, **Frescos trópicos**, 2006, p. 17.

⁹⁹ É importante apontar a inadequação de assumir uma equivalência entre sodomitas, homossexuais, pederastas, gays, lésbicas, sáficas, transexuais, dentre outros. Cada um destes termos carrega história, e, se podem ser vislumbradas semelhanças, existem diferenças e descontinuidades. Seus usos como categorias analíticas são dotados de vantagens e de limitações. Tratando apenas do termo sodomia, há uma concepção religiosa e jurídica que lhe dá sentido – era um pecado, um delito inquisitorial e um crime citado nas ordenações Filipinas e passível de punição de qualquer um que derramasse a semente em vaso impróprio. Portanto, eram passíveis de punição relações quer entre homens, quer, por um período, e segundo certas analogias, entre mulheres. Isto não implica dizer que não houve punição ou perseguição a homens que se relacionavam com outros homens por meio de sua designação como sodomitas, mas sim que havia lógicas e padrões próprios daquele contexto, não necessariamente equivalentes aos de outras conjunturas e tempos. Ver: ROCHA, **Masculinidade e inquisição**, 2016, p. 42. Neste sentido, é muito instigante a reflexão de Mott sobre o estudo da Devassa feita em vilas e freguesias do sul da Bahia em 1813 – portando, depois do marco de 1808: “Na Bahia do século XIX os pecados são outros: não há sequer uma referência a práticas judaizantes, as heresias são mínimas e apenas um negro é acusado da prática do homossexualismo, ‘forçando ao pecado nefando outros homens’”. Parece evidente a descontinuidade entre estas duas conjunturas, e a justaposições de mediações sociais de outras ordens que dão sentido ao discurso sobre determinadas práticas. Ver: MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos (1813)**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1982 (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 98), p. 9.

¹⁰⁰ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 171-180.

forçavam os limites de certos padrões de comportamento, na mesma medida em que também surgiriam uma moralidade flexível e, mesmo, experiências homoeróticas¹⁰¹.

O período também foi objeto de estudos de James Naylor Green, na sua extensa pesquisa *Além do Carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Apesar de se concentrar em sua maior parte no século descrito em seu título, a obra de Green realizou uma pesquisa sistemática e muito detalhada tanto em periódicos quanto na documentação médica e policial no Rio de Janeiro, a partir dos anos 1870. Por conta disso, o autor propõe pensar a experiência de homossexuais masculinos dentro do quadro de uma sociedade fortemente ancorada num processo de urbanização e de renegociação de espaços e sociabilidades novos dentro do campo das cidades, em particular, das duas grandes cidades do Sudeste brasileiro, Rio de Janeiro e São Paulo¹⁰².

Green também apontou para a necessidade de pensar articuladamente a adoção de um comportamento visto como afetado e/ou afeminado como tática eficiente para mostrar disponibilidade para certos tipos de relacionamento. Haveria, portanto, uma zona da vida social na qual boemia, efeminação e amores rebeldes poderiam ter lugar, como indicam, por exemplo, as constantes queixas da presença de pederastas ou de dândis ‘à lá *flaneur*’ nas imediações do Largo do Rossio, mais tarde rebatizado como Praça Tiradentes¹⁰³.

Mais recentemente, os estudos de João Gomes Júnior adensaram esse campo, situando nos quadros da História do Trabalho a prostituição masculina, que denominou a indústria bagaxa, objeto de controvérsias e pedidos reiterados de intervenção policial na então capital do país, dentre outros trabalhos. A partir da vida de algumas figuras famosas da noite Carioca, como Zazá da Lapa, que foram perseguidas pela polícia, Gomes Júnior aprofundou e completou o quadro delineado por Green, indicando, inclusive, a presença de fatores de classe e raça como elementos centrais na constituição de uma experiência dos homoeróticos. Se havia dândis e flandores elegantes e perfumados, a andar de braços dados pela Capital Federal, havia também outras experiências atravessadas por formas outras de opressão e é indispensável pensar estas questões de maneira articulada¹⁰⁴.

¹⁰¹ FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências, e identidade homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Rio de Janeiro: Ipuerj; Belo Horizonte: EDUFMG, 2007, p. 197-202.

¹⁰² Isto aponta para um dos maiores problemas das pesquisas acerca de experiências não heterocentradas e/ou associadas a transgressões de padrões de gênero. Quase sempre o foco se dá nas cidades. D’Emilio define que tal processo se justificaria, no caso do Estado Unidos, pela migração destas pessoas para as cidades, situando tal processo na segunda metade do século XIX para os Estados Unidos. Ver: RUBIN, **Políticas do sexo**, 2017, passim.

¹⁰³ GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000, p. 54-67, grifo do autor.

¹⁰⁴ MOTT, Luiz Roberto de Barros. Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome. **Inquice**: Revista de Cultura, n. 0, 1999; MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Homossexuais da Bahia**: dicionário biográfico (séculos

Fora do eixo do sudeste do Brasil, na Bahia, Luiz Mott também tratou do período, a exemplo da parte do seu *Dicionário biográfico dos homossexuais da Bahia* dedicada ao século XIX, bem como de artigos nos quais reflete acerca de uma cidade da Bahia que, mesmo sem a presença do Santo Ofício, ainda rimava com sodomia. Mott utilizou como fontes certos periódicos, bem como parte da documentação da Faculdade de Medicina da Bahia. Na mesma direção, Jocélio Telles dos Santos fez uso dos jornais baianos para discutir episódios envolvendo indumentárias e o ato de travestir-se na Bahia oitocentista, apontando, neles, a existência de um nexó entre sexualidades dissidentes e padrões socialmente compartilhados de masculinidade e de feminilidade. Estes dois autores indicam alguns elementos que permitem fazer legíveis os códigos que regulam atos performativos de gênero, e experiências eróticas no período estudado nesta tese.

Mais recentemente, há o trabalho de conclusão de curso de graduação de Iuri Sacerdote, tratando do processo da invenção da figura do pederasta em três teses da FAMEB, entre 1885 e 1899. Além disso, na dissertação de mestrado, intitulada *A captura do prazer*, foi constatada a existência de uma miríade de referências, nem sempre explícitas ou com termos facilmente reconhecíveis, ao erotismo e afeto entre homens, na imprensa e na documentação médica¹⁰⁵. Era, frequentemente, a associação de termos vagos como vício ou libertinagem

XVI-XIX). Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1999; MOTT, MOTT, Luiz. “Teses acadêmicas sobre a homossexualidade no Brasil”; SANTOS, Jocélio Teles dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados”: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 40, n. 2, p. 145-182, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2021; GOMES JUNIOR, João. **Sobre frescos e bagaxas**: uma história social do homoerotismo e da prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1890 e 1938. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2346.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021. Magali Engel, em que pese não tenha estudado o tema em sua tese de doutoramento, retomou na análise certos episódios presentes na documentação do Hospício Nacional de Alienados envolvendo a forma como determinados comportamentos sexuais e afetivos dissidentes passaram a ser utilizados na formulação de perfis psiquiátricos considerados como patológicos. ENGEL, Magali Gouveia. Sexualidades interditas: loucura e gênero masculino. **História Ciências, Saúde**, Manguinhos, RJ, v. 15, p. 173-190, jun. 2008. Suplemento, p. 176-178. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XZfqzSPCKzNFtqnDghn46qs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.

¹⁰⁵ SACERDOTE, Iuri. **A criação do pederasta** através do saber médico apresentado nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia, 1885-1899. 2010. Trabalho de Conclusão (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2010; SILVA, Daniel, **A captura do prazer**, 2015, passim. Cumpre notar aos leitores e leitoras que esta listagem sumária possui diversos recortes – trata do que se poderia chamar de Brasil urbano, na época, e de discursos e/ou experiências envolvendo o erotismo e afeto entre homens, com a notável exceção do artigo de Jocélio Telles dos Santos, no qual se apresentam casos de travestimento e, é lícito supor, de possível homoerotismo feminino – como no caso de duas mulheres vivendo em “íntima camaradagem” na rua do Colégio, em 1870, reportadas pelo periódico “O Alabama”. SANTOS, “Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados”, 1997, p. 160. Existe produção também contemplando outras regiões do Brasil. Jandiro Koch vem estudando as escritas de autores gaúchos que, por meio de artigos em periódicos narrando o cotidiano da noite carioca de fins do século XIX, ou de cartas pessoais trocadas, permitem entrever os discursos sobre o erotismo e afeto entre homens no período, assim como suas intersecções com classe e raça. Ver: KOCH, Jandiro. **Babá**: esse depravado negro que amou. Porto Alegre: Librestos, 2019; KOCH, Jandiro. **O crush de Álvares de Azevedo**. Porto Alegre: Librestos, 2019.

com certas personagens retiradas da História e de obras literárias que viabilizava pensar um campo de possibilidades erótico-afetivas não heterocentradas¹⁰⁶.

Seria interessante, talvez, reposicionar a pergunta exposta no fragmento de Green e Polito, enfatizando elementos como a diversidade terminológica e a documentação de outras regiões do Brasil. Com efeito, houve um crescimento de referências ao erotismo e afeto entre homens de forma constante na segunda metade do século XIX e, inclusive, depois de 1870. É fundamental entender que a ausência de título penal não implicou a ausência de perseguição policial. No período colonial, o termo *sodomia*, embora não se referisse necessariamente apenas a relacionamentos entre homens – era o derramamento do sêmen em vaso impróprio, e envolveu discussões acerca da possibilidade de mulheres cometerem o delito¹⁰⁷ – enquanto rubrica delituosa auxiliava na mobilização dos arquivos, bibliotecas e fundos documentais. No momento em que as formas de penalização foram operacionalizadas de maneira menos direta, em concorrência com formas outras de tratar do tema, delineou-se uma diversidade terminológica que era quiçá menos presente em fontes inquisitoriais. Dessa forma, a perseguição se dava pelos vários títulos do Código Criminal do Império (1830) que tratavam das ofensas à moral e aos bons costumes; mais tarde, na República, quatro artigos do Código Penal de 1890 serão responsáveis por apenar estas práticas sexuais consideradas como imorais¹⁰⁸. Nem sempre, porém, descrevendo de maneira detalhada o ato que era considerado ilegal.

O texto de Santos, de modo coerente, indicou alguns itinerários possíveis para nuançar a observação fundamental feita por Green e Polito. Ao questionar se transgressão no vestir poderia se relacionar de alguma maneira com formas de sexualidade dissidentes, o autor aponta vários casos, como, por exemplo, o de um homem, preso nas matas do Barbalho em “saias de mulher”, incorrigível – e, portanto, reincidente naquele comportamento. Da mesma maneira, não é pequeno o número de efeminados, travestidos e pederastas, quase sempre pobres, aos quais jornalistas baianos do século XIX pedem a atenção do Chefe de Polícia¹⁰⁹. Há alguma correspondência referente a denúncia de homens vestidos de mulher na região do

¹⁰⁶ SILVA, Daniel, **A captura do prazer**, 2015.

¹⁰⁷ ROCHA, **Masculinidade e inquisição**, 2016, p. 89, notas 130 e 131. Para uma análise da sodomia feminina e das discussões sobre se os atos eróticos entre mulheres seriam sodomia ou molície, ver: BELLINI, **A coisa obscura**, 1989, p. 48-50.

¹⁰⁸ GREEN, **Além do carnaval**, 2000, p. 58, 77-78.

¹⁰⁹ SANTOS, "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados", 1997, p. 158-159.

Bonfim em 1885, mas sem que a autoridade policial daquela freguesia tenha conseguido encontrá-los e levá-los a julgamento¹¹⁰.

Conforme se avizinhava o novo século e o tratamento dos ditos indesejáveis na capital baiana passou a contar com – precárias – novas instituições, como o Asylo de São João de Deos (1874) e o Asylo da Medicidade (1876)¹¹¹, os amantes do mesmo gênero também passaram a ser alvo de maior atenção dos médicos. Tornam-se objetos de saber, temas de pesquisa e das teses de doutoramento no final do curso. Higiene e Medicina Legal tiveram muito a dizer sobre as formas de proteger a sociedade evitando vícios e punindo os rebeldes, sobretudo quando mais pobres. Especialmente no caso da segunda especialidade, da obra de psiquiatras europeus foram pinçados e reformatados conceitos para pensar a população brasileira finissecular. As classes perigosas, além de problema moral, se convertiam em preocupação de saúde pública. Mas foi a Psiquiatria que se ocupou destes corpos de forma mais detalhada, oferecendo uma terminologia alternativa e outras bases para caracterizar os desviantes.

Este nexos teve repercussões profundas ao longo do século seguinte. Gomes Júnior lembrou que, apesar da ausência de instituições que se ocupassem exclusivamente de indivíduos homossexuais, a partir dos anos 1920 houve um recrudescimento da perseguição policial no Rio de Janeiro:

Embora no Brasil nunca tenham sido criadas instituições psiquiátricas e médicas específicas para o tratamento do que consideravam “desvios sexuais”, o homoerotismo não deixou em nenhum momento de ser elaborado enquanto um problema de sanidade ou um mal de saúde pública, o que a partir da década de 1920 levou a um recrudescimento das investidas e da perseguição médica e policial sobre aquela população. A pauta era defender a sociedade e mantê-la sadia¹¹².

Da mesma maneira, a documentação do Conselho Penitenciário da Bahia, organizado em 1925, sugere o uso da homossexualidade como um fator de desvio de caráter que impediria o acesso a benefícios legais pelos presos, conforme assinalou Faria ao estudar algumas dos pareceres médicos daquela instituição, quando de sua organização¹¹³.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu estudo *Nordestino: uma invenção do “falo”*, ao abordar o mesmo período no Nordeste brasileiro em processo de formação, traz

¹¹⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Homens presos no Bonfim por estarem travestidos de mulher. **Seção Colonial/Provincial (1885)**. Salvador, [19--]. Maço 2974.

¹¹¹ RIOS, **O Asylo de São João de Deos**, 2006, p. 59.

¹¹² GOMES JÚNIOR, **Sobre frescos e bagaxas**, 2019, p. 177.

¹¹³ FARIA, Thais. Dumêt. **A festa das cadernetas: o conselho penitenciário da Bahia e as teorias criminológicas brasileiras no início do século XX**. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2007, p. 66. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3359/1/2007_ThaisDumetFaria.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

uma reflexão pertinente para esta tese. Para o autor, no começo da República, se consolidou um quadro de decadência de certos setores das elites locais, o qual teria se iniciado com o fim da escravidão e a ascensão de outros atores sociais, mais identificados com o espaço urbano, quer política quer economicamente. Ora, essas rachaduras no edifício hierárquico brasileiro, percebidas como perigosas para a ordem social, foram frequentemente apresentadas em termos de dois temores: do nivelamento, conforme mulheres e pessoas egressas da escravidão, que contestariam os lugares a elas atribuídos, apareciam como ameaças às (necessárias) distinções sociais; e o temor da efeminação e da desvirilização da própria classe senhorial, na medida em que via seu papel ‘de direito’ sendo disputado e desafiado¹¹⁴.

Nessas condições, intensificaram-se os enunciados contrários a tudo que era percebido como parte das desordens trazidas pelas mudanças, frutos da modernidade e da nova vida urbana, ao longo das primeiras décadas do século XX. Recorria-se a oposições, tais como modernidade e tradição, urbano e rural, engenho e usina, família patriarcal e sociedade burguesa, num discurso de reação que se articula nas páginas dos jornais e em várias obras ensaísticas e literárias.

A ordem patriarcal era, também, uma ordem de gênero, que impunha papéis prescritos para homens e para mulheres, e castigava, com maior ou menor dureza, eventuais saídas do *script*. Se havia espaço para astúcias e até configurações alternativas de performatividade de gênero, de desejo e de prazer, isso não era realizado sem algum tipo de sanção. Essa sociedade, continua Albuquerque Júnior, defendia uma percepção do corpo como estável:

O corpo, que na dita sociedade patriarcal era visto e dito como natural, quando não era sagrado, começava perigosamente a ser fabricado, moldado por novas tecnologias, novas atividades físicas e intelectuais, novos hábitos e costumes no vestir, no se comportar, nos gestos. Um corpo começava a se desnudar, a ser moldado por novos códigos de beleza, de higiene, de saúde. O corpo, de referente natural e fixo, parecia estranhamente se tornar mutável, artificial, seguindo o tempo veloz do mundo moderno¹¹⁵.

Tratando do começo do século XX, Albuquerque Júnior identifica que a percepção do corpo como referencial fixo passava por concepções religiosas e de natureza, em tensão com outras formas de interpretar os corpos. A ciência, desde fins do século XIX (a Psiquiatria inclusive) ofereceria um repertório útil para tematizar estas diferenças. Entre os anos 1890 e as décadas de 1910 e 1920, que o autor estudou pormenorizadamente, parece existir uma aproximação: em termos coletivos, era melhor que os corpos figurassem como referente fixo.

¹¹⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, passim. Cumpre notar que, quando o autor fala em nivelamento, não se deve compreender este termo como sinônimo de igualdade.

¹¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Nordestino**, 2013, p. 44.

Ora, o objeto desta tese são justamente esses corpos que, ainda que situados no seio de uma sociedade que os descrevia detalhadamente como uma realidade estática e segura, davam a ver perigosamente fraturas dentro desta ordem, certa qualidade fluida da aparente fixidez. Corpos, em suma, rebeldes, que se deixavam moldar por configurações alternativas também em termos de desejo. Na expressão feliz de Bellini, o corpo pode ser compreendido como “plethora de significados”, resultado de concepções de linguagem em dada cultura e de práticas culturais tornadas código – fruto de um processo histórico¹¹⁶. É esta história que se pretende contar aqui.

1.4 EXPLORANDO A DOCUMENTAÇÃO

Feita a apresentação do contexto e dos principais operadores conceituais, é o momento de apresentar ao leitor a lista de teses que serão estudadas ao longo deste trabalho. O foco deste trabalho são as teses, ditas inaugurais, que os finalistas no curso médico eram obrigados a sustentar para obter o prestigioso título de Doutor.

Preliminarmente, é importante salientar que uma das preocupações da Psiquiatria no século XIX era a fuga de comportamentos sancionados em termos de gênero e de sexualidade. Num primeiro momento, inscrevendo determinadas condutas que fugiam aos padrões de moralidade no campo impreciso dos sinais de moléstias mentais, e, mais tarde, tematizando e constituindo determinados corpos como doentes¹¹⁷.

Apenas tardiamente, em 1898, o erotismo e afeto entre homens será descrito numa tese da FAMEB como uma doença autônoma, com quadro de causas e sintomas que lhe seriam próprios. A busca deste tema e destas referências antes deste marco, portanto, demandou atenção tanto a comportamentos dissidentes em termos de gênero e de sexualidade, como a articulação de saberes que davam a ver este tipo referência, mesmo quando tratando de outra questão correlata.

Cumpre apontar que a análise pormenorizada, indicando os principais temas, os principais conceitos e autores mobilizados, será objeto do próximo capítulo. Mas é importante elencar este conjunto de maneira a dar maior relevância a apresentação dos capítulos da tese. Senão vejamos a lista de teses.

¹¹⁶ BELLINI, Lígia. **O grande fulcro**: representações do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista. São Paulo: Unifesp, 2016, p. 12.

¹¹⁷ SILVA, A **captura do prazer**, 2015 passim.

QUADRO 1 – Lista de teses

	Ano	Autor	Título
1	1882	Aloisio Mário Santos	Herança Pathologica e Molestias Hereditarias
2	1885	Tristão Cunha	Herança Physiologica
3	1888	Antonio Cavalcanti Pina	Herança Physiologica e Pathologica
4	1888	Fábio Lopes dos Santos Luz	Hypnotismo e livre arbítrio
5	1889	Bento Augusto D'Andrade	Estudo sobre a pathologia das doenças constitucionais hereditárias
6	1889	Virgilio Martins Lopes de Mendonça	Do Hypnotismo e de seu valor terapêutico
7	1890	Eduardo Jansen Vieira de Mello	Hysteria no homem
8	1890	Manuel Sampaio Marques	Hysteria no homem
9	1891	Bonifacio Ponce de Leão Castro	A Neurasthenia
10	1891	Felipe Nery Gonçalves	A Degeneração Psychica
11	1891	Alfredo de Magalhães	Hypnotismo e Sugestão
12	1893	Elias Rocha Barros	Estygmias da Degeneração Psychica
13	1897	Afrânio Peixoto	Epilepsia e Crime
14	1898	Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida	Degenerados Criminosos
15	1898	Domingos Firmino Pinheiro	O Androphilismo
16	1899	A. Ferreira Guimarães	Deve ser regulamentada a prostituição?
17	1900	Augusto Ribeiro Silva	Hypnose do ponto de vista médico legal

Fonte: SANTOS, **Herança Pathologica e Moléstias Hereditárias**, 1882; CUNHA, **Herança Physiologica**, 1885; PINA, **Herança Physiologica e Pathologica**, 1885; LUZ, **Hypnotismo e livre arbítrio**, 1888; D'Andrade, **Do hypnotismo e seu valor terapêutico**, 1889; MELLO, **Hysteria no homem**, 1890; MARQUES, **Hysteria no homem**, 1890; CASTRO, **A neurasthenia**, 1891; GOÇALVES, **A degeneração psychica**, 1891; MAGALHÃES, **Hypnotismo e sugestão**, 1891; BARROS, **Estygmias da degeneração psychica**, 1893; PEIXOTO, **Epilepsia e Crime**, 1897; ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898; GUIMARÃES, **Deve ser regulamentada a prostituição?**, 1899; SILVA, **hypnose do ponto de vista médico legal**, 1900.

O critério de escolha das teses foi vertical, isso é, das teses que tratam explicitamente da homossexualidade para as demais. A partir dos termos e conceitos mobilizados naquelas que faziam menções explícitas ao tema do erotismo e afeto entre homens, localizei outros

trabalhos nos quais certas noções também estavam presentes, e pude eliminar outros. É o caso, por exemplo, da hipnose, a qual foi utilizada como mecanismo para se obter a confissão e a verdade acerca dos prazeres e desejos de determinados sujeitos, como visto acima. Ela também aparece relacionada como método terapêutico na obra *O Androfilismo*. Daí a presença, no corpus documental, de outras teses tratando do assunto, como *Hypnotismo e livre arbítrio* ou *Do Hypnotismo e de seu valor terapêutico*. Na mesma lógica, aspectos hereditários, sob o prisma da degeneração, tiveram também papel significativo na argumentação desses médicos (*Degenerados Criminosos, Estygmata da Degeneração Psychica*), o que justifica a presença de outros trabalhos com esta temática (*Herança Pathologica e Molestias Hereditarias, Herança Physiologica*). Já temas como infanticídio, eletroterapia, hidroterapia, espiritismo, epilepsia, tabagismo e alcoolismo foram visitados, mas não listados, porquanto autores falam apenas vagamente em imoralidades, sem detalhamento, nas teses de final de curso. O foco está na interlocução de saberes, não no arrolamento numérico destes trabalhos.

Estes escritos permitem delimitar os projetos e estratégias de normatização, acompanhados por discontinuidades e disputas no processo de estabelecer a verdade sobre os corpos desses homossexuais. Configurada sua condição, ora como doença dotada de especificidade, ora como estigma físico de degeneração, ora ainda como estigma psíquico, cumpre destrinchar as tentativas – resistidas, como vimos no caso de José D’Araújo – de impor a determinados corpos uma verdade.

O capítulo 1, intitulado “Uma Ciência – Psiquiatria, masculinidade e homossexualidade no século XIX”, faz uma contextualização geral da Psiquiatria no Brasil e na Bahia, destacando especialmente os marcos temporais e institucionais. Privilegiar-se-á, neste momento, um diálogo com a riquíssima bibliografia sobre História da Saúde, ressaltando, quando pertinente, discussões acerca de sexualidade e transgressões de gênero realizadas antes das balizas temporais desta tese – a última década do século XIX. Será também exposto o *corpus* documental, realizando-se uma análise das teses de final do curso médico que a serem estudadas, indicando-se os autores mais significativos e os temas mais comuns, especialmente quando propiciam discussões sobre dissidências gênero-sexuais. As fontes deste capítulo são as teses que dialogaram com a Psiquiatria, as *Memórias Históricas* e a *Gazeta Médica da Bahia*, bem como outros periódicos médicos importantes.

O capítulo 2 e o capítulo 3 devem ser compreendidos como formando um conjunto, no qual se pretende analisar a arquitetura conceitual desenvolvida e apropriada para refletir acerca do erotismo e afeto entre homens em fins do século XIX, a partir das produções dos

médicos formados pela FAMEB. Percebia-se a existência de corpos rebeldes, que padeciam de uma moléstia no plano da sexualidade. Era preciso explicar este fenômeno, a partir dos conceitos e autores que pretendiam explicar a origem e as implicações da existência de sujeitos desviantes.

O capítulo 2, intitulado “O ateliê de Pigmaleão: uma trama de conceitos, noções e categorias”, versa sobre concepções e contextos. Nele, serão apresentados e discutidos os autores mais citados, bem como os principais conceitos utilizados pelos estudantes em suas teses. Noções como atavismo, evolução, degeneração e degenerescência foram aplicadas em obras de cunho psiquiátrico para tentar explicar as origens e as implicações de moléstias mentais e de tipos mentalmente doentes. A proposta, entretanto, é pensar estes textos tendo em vista as concepções médicas e seu conteúdo subjacente – visões de mundo, implicações simbólicas associadas, dentre outros – como forma de tematizar e nomear angústias e temores sociais em termos de moléstias mentais nas quais figurariam corpos considerados como anômalos e perigosos em razão de gênero e sexualidade. As fontes deste capítulo são as obras das quais estas noções foram retiradas, ao lado de artigos da imprensa especializada e teses que fizeram uso destas noções.

O capítulo 3, denominado, “Nomeando o amor que não ousa dizer o seu nome” por sua vez, aprofunda o debate iniciado no capítulo anterior, focando apenas o erotismo e afeto entre homens, pela centralidade que esta discussão possui para o trabalho. Nele, a investigação se volta à forma como o tema foi apropriado pelos estudantes que se debruçaram sobre o estudo das doenças mentais, dentro do quadro mais geral das ciências do período, preocupada com a produção de diferenças que mantivessem as hierarquias sociais tal como até então se haviam estruturado no Brasil. Explora-se aqui, de maneira mais detalhada, a passagem de uma ideia de corpo flexível/perfectível para outra, marcada pela noção de diferença incomensurável entre os seres. A discussão sobre estratégias nominativas, iniciada no item anterior, é retomada – mas discutida, aqui, exclusivamente do ponto de vista da homossexualidade. Tal como no capítulo anterior, obras e autores dos quais se retiraram noções como ‘inversão sexual’, ‘uranismo’, ‘homos-sexual’ e ‘homo-sexualidade’ serão analisados, bem como o processo de seleção e apropriação intentado pelos finalistas do curso médico, constituindo uma correlação muito rígida entre corpos dissidentes, moralidade e sexualidade, por vezes até mais saliente do que em seu contexto original de publicação.

Por fim, no capítulo 4, intitulado “Os deserdados da natureza madrasta: corpos rebeldes, paradoxos da norma e vislumbres de resistência” se explora a discussão sobre os paradoxos da aplicação do pensamento destes médicos, a partir das observações empíricas dos

estudantes da FAMEB envolvendo indivíduos homossexuais. A aparentemente rígida correlação teórica entre sexualidade, moralidade e corpo, adquiriu, na prática, contornos bem menos definidos, ganhando destaque aspectos como comportamento efeminado, lugar social etc. Assim, buscou--se apontar as descontinuidades existentes entre estas observações e as articulações com outras experiências destes sujeitos, manifestadamente com os marcadores de classe e raça. Mais do que dissidências, a intenção aqui é demonstrar a (r)ex(s)istência de corpos rebeldes.

A documentação mais explorada neste capítulo também são as teses de final de curso, mas privilegiando a análise que estes autores fazem do contexto brasileiro, especialmente no que diz respeito às observações empíricas de sujeitos descritos como pederastas, invertidos sexuais, ou androfilistas. Obras literárias, periódicos médicos e de circulação geral foram também consultados, na medida em que foram citados e/ou se apropriaram de conceitos que apareceram nas teses, permitindo divisar continuidades e descontinuidades de apropriação e do uso de determinados conceitos/autores.

CAPÍTULO 1: UMA CIÊNCIA – PSIQUIATRIA, MASCULINIDADE E HOMOSSEXUALIDADE NO SÉCULO XIX.

Neste capítulo, irei me deter brevemente sobre marcos temporais e institucionais da Psiquiatria ao longo do século XIX. Pretendo apontar, de um lado, o surgimento de espaços visíveis de atuação, tomando como referências a instalação do Hospício Pedro II e a criação do Asylo de São João de Deus, no Rio e na Bahia. Da mesma maneira, tenciono examinar alguns textos nos quais práticas erótico-afetivas consideradas dissidentes foram objeto de reflexão no campo psiquiátrico, antes e depois do marco de 1886, quando a cadeira de moléstias mentais foi finalmente preenchida na FAMEB.

Feito isso, será o momento de explorar de forma panorâmica a documentação desta tese, indicando a prevalência dos principais conceitos e autores abordados e indicando de que maneira eles foram mobilizados nas discussões sobre dissidências gênero-sexuais. Pretende-se, assim, apontar a ancoragem social que as teses de medicina possuíam, enquanto trabalhos que deixam ver, em suas representações, valores implícitos acerca destes temas.

1. A PSIQUIATRIA NO BRASIL: ALGUNS MARCOS INSTITUCIONAIS E EDUCACIONAIS

Enquanto campo do saber, um dos marcos iniciais reconhecidos no campo da psiquiatria seria a formação de Asilos, sob os auspícios de Phillippe Pinel¹¹⁸. Ele teria, em acordo com o espírito de reformas desencadeado com a Revolução Francesa, proposto esses novos espaços, distintos das prisões, mais adequados para os tratamentos dos doentes, para tratar a loucura.

Cabe apontar, contudo, que a relação da atuação do médico com o cenário da loucura é algo que antecede esta personagem, mesmo no contexto das sociedades de Antigo Regime:

¹¹⁸ Phillippe Pinel 1745-1826, médico, formado em Montpellier. Considerado como pai da moderna psiquiatria. Ver: WEINER, Dora B. Phillippe Pinel's "Memoir on Madness" of December 11, 1794: A fundamental text of Modern Psychiatry. *The American Journal of Psychiatry*, Philadelphia, v 149, n. 6, p. 725-32, jun. 1992, p. 725.

A presença do médico no cenário da loucura não era uma novidade quando, em fins do século XVIII, por meio de um gesto provavelmente legendário, Philippe Pinel libertaria das correntes os loucos internados nos hospitais de Bicêtre e de Salpêtrière. Conforme observou Robert Castel, as formas de se lidar com os insanos durante o Antigo Regime não eram incompatíveis com uma certa medicalização, embora não repousassem exclusiva ou prioritariamente sobre ela¹¹⁹.

Castel, com efeito, recorda que Pinel não construiu sua produção sobre um vazio¹²⁰. Ao contrário: tomando como marco os meados do século XVIII, multiplicaram-se os tratados médicos acerca deste tema. O ponto estaria, apontou Magali Engel, no papel que o pensamento pineliano teve na constituição de um pensamento alienista articulado em três dimensões, quais sejam: uma relação específica de saber e poder entre doente e médico; um arranjo das doenças mentais preocupado com sua descrição; e a classificação do espaço institucional, cabendo ao louco um novo estatuto de ordem jurídica¹²¹. Pedro Henrique Danese Oliveira lembrou, ainda, que havia outro elemento que poderia ser considerado como uma inovação trazida por Pinel: a concepção da loucura como sinônimo da perda da razão¹²².

No Brasil, contudo, a relação da medicina com as moléstias mentais passou por outros marcos. Os primeiros artigos sobre este tema foram traduzidos em 1827 no periódico *O Propagador das Sciencias Médicas* e, de acordo com Oliveira, eram intitulados “Sobre as Allucinações dos Sentidos”, e “Nova Doutrina das Molestias Mentaes”¹²³. Em que pese este aparecimento relativamente precoce no periodismo médico pátrio, o debate só veio a se consolidar na década seguinte, quando alguns médicos passaram a defender a criação de uma instituição asilar na cidade do Rio de Janeiro.

Engel tomou como referência dois documentos dos anos 1830, que associavam a necessidade de asilo e doença mental: uma memória, da Comissão de Salubridade Geral em 1830, sugerindo a construção de um asilo; e um texto do dr. Sigaud, em 1835. Para a autora, estes dois textos apresentam certa imprecisão ao definir doença mental¹²⁴. O

¹¹⁹ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001, p. 117

¹²⁰ CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**. A idade de ouro do alienismo. 2ª Edição. São Paulo: Graal, 1991, p. 41

¹²¹ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001, p. 118

¹²² OLIVEIRA, Pedro Henrique Ferreira Danese. **A institucionalização do alienismo nos periódicos médicos (Rio de Janeiro, 1832-1852)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - FIOCRUZ, 2016 p. 13

¹²³ OLIVEIRA, **A institucionalização do alienismo...**, 2016, p. 88-90

¹²⁴ ENGEL **Os delírios da razão**, 2001, p. 119

texto de 1835, no entanto, apresentava alguns elementos importantes para o debate acerca da loucura no período. Não só era criticada a presença de loucos nas ruas da Corte e as condições em que dava o seu internamento no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, como também o seu aprisionamento nas cadeias do império¹²⁵.

As teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no final dos anos 1830, apresentam uma diferença em relação à abordagem dos dois documentos anteriores. Se ainda pesavam algumas dúvidas sobre a natureza da moléstia mental, ela possui um traço comum – era um mal que atingia a inteligência:

Somente nos textos dos Drs. Peixoto (1837) e Luiz Vicente De-Simoni (1839), a qualificação da loucura como doença específica ganharia caráter mais nítido e inequívoco, aparecendo explicitamente identificada como moléstia mental ou como alienação mental. [...] Apesar de todas as dúvidas e controvérsias e do desconhecimento quanto à natureza da loucura, o Dr. Silva Peixoto revelaria uma certeza importante: a loucura era uma doença que atingia a inteligência¹²⁶.

Neste sentido, além da cesura espacial – ao louco não caberia estar nas ruas sem controle – havia outra, na forma de uma retirada da condição de humano completo por um dano na própria qualidade distintiva da espécie. Objeto múltiplo, a sua detecção, ao menos em teoria, não deveria estar a cargo de leigos, mas sim daqueles que tivessem acesso ao saber científico produzido a respeito deste tema¹²⁷. Também interessa destacar a interface da loucura com aquilo que era socialmente percebido como perigoso ou arriscado.

Ainda no campo dos marcos institucionais, foi apenas em 1852, com a fundação do Hospício Pedro II, que as orientações dos médicos sugeridas desde a década de 1830 começaram a ser atendidas – e, ainda assim, com limitações¹²⁸. Situado na Praia Vermelha, um tanto afastado do centro da capital, o sítio foi considerado pelo médico francês Phillip-Marius como adequado: “bairro salubre, amplamente aberto para o mar e dominado por montanhas arborizadas; ele é localizado numa distância conveniente do

¹²⁵ JACOBINA, Ronaldo. **A prática psiquiátrica na Bahia. Estudos Histórico do Asilo São João de Deus/Hospital Juliano Moreira (1874-1947)**. 2001. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001, p. 97.

¹²⁶ ENGEL **Os delírios da razão**, 2001, p. 120

¹²⁷ ENGEL **Os delírios da razão**, 2001, p. 124-5

¹²⁸ VELLOSO, Verônica Pimenta; FONSECA, Maria Rachel Froés da. **Hospício Pedro II**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>. Acesso em 14 jun 2021. As obras começaram antes, em 1842, e levaram dez anos para a conclusão. E foram objetos de disputas entre, de um lado, a Santa Casa de Misericórdia e, de outro, a Junta de Higiene Pública.

rico subúrbio de Botafogo e do terminal das linhas de bondes que atendem essa área”¹²⁹. A título de exemplo, outra instituição hospitalar, o Hospital Geral, estava instalado na rua da Misericórdia, no coração da cidade. A conveniência da distância do Hospício seria, no entender de Sandra Caponi, uma forma de garantir a ordem social e de obter maior eficiência terapêutica por meio do isolamento e até do encerramento¹³⁰. Isto não impediu, contudo, a existência de contatos entre a instituição e a cidade. Engel nota que a localidade se tornou, com o passar do tempo, bastante popular como passeio dominical, e os médicos não se furtavam a exhibir os internos quer como sinal de tratamento humano, quer como verdadeiros troféus da atuação profissional¹³¹.

Monique Gonçalves também observa que teria havido algum esforço, por parte do pessoal especializado do Hospício, em impedir que o Pedro II se convertesse em um depósito de inválidos e desvalidos. Se durante os primeiros anos aquelas pessoas, identificadas como alienadas pelo médico da Polícia da Corte, eram enviadas diretamente para o Hospício Pedro II, já em 1856 o diretor do Serviço Sanitário da instituição asilar, o doutor José Manuel Barbosa, encara esta relação como algo problemático e que colocava em risco o valor terapêutico e a segurança pessoal dos que lá trabalhavam e que ali se encontravam em tratamento¹³². Isso seria, contudo, ir de encontro a outras expectativas sobre o papel que estas instituições teriam no Brasil, inclusive viabilizando que se operasse a separação visível entre normalidade e anormalidade.

É certo que a fundação deste hospital especializado na Corte se fez acompanhar, após algum tempo, de espaços congêneres nas províncias. O de São Paulo foi fundado no mesmo ano que o Pedro II; o de Pernambuco, em 1864; o de Belém do Pará, em 1873. E, no ano de 1874, foi fundado o Asylo de São João de Deos, na cidade da Bahia.

A fundação do Hospício Pedro II não se traduziu, entretanto, na criação de uma cadeira dedicada ao estudo das moléstias mentais nas Faculdades de Medicina do Império. Em verdade, havia mesmo um certo afastamento entre o que era produzido no

¹²⁹ REY, Philippe-Marius. O Hospício de Pedro II e os alienados no Brasil (1875). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 2, 2012, p. 382-403, Acesso em 14 de jun. de 2021.

¹³⁰ CAPONI, Sandra. **Michel Foucault e a persistência do Poder Psiquiátrico**. *Ciência e Saúde Coletiva*, n. 14, 2009, p. 98

¹³¹ ENGEL, **Os Delírios da Razão**, 2001 p. 203

¹³² GONÇALVES Monique de Siqueira (a). Pelas Ruas Da Cidade: Mendicidade, Vadiagem e Loucura Na Corte Imperial (1850-1889). **Tempos Históricos**, v. 20, 1º sem. 2016, p. 178-185

âmbito das instituições de ensino brasileiras, e o cotidiano dos hospitais psiquiátricos, pelo menos até o final do século XIX, e ao contrário do que ocorria na Europa:

Por um lado, a ausência de uma cadeira especialmente destinada aos estudos sobre a doença mental nas faculdades de medicina do Império faria com que poucos formandos se sentissem suficientemente seguros para desenvolverem suas teses em um terreno tão movediço da medicina. Por outro, não havia a menor articulação entre a produção das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e as vivências cotidianas das instituições asilares destinadas, exclusivamente, aos alienados. Conforme observaria o Dr. José Pereira Rego, ao contrário dos asilos europeus, o Hospício de Pedro II (inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro) nunca teria aberto suas portas a “médicos ou estudantes estranhos ao estabelecimento” interessados no estudo clínico das moléstias mentais. Desse modo, diferentemente do que ocorria em alguns países europeus onde o surgimento do asilo esteve desde o início associado à produção de um saber especializado e, portanto, à própria constituição da medicina mental¹³³.

Estas instituições asilares também foram objetos de disputas internas em vários níveis. Tanto o Pedro II como o São João de Deos foram colocados sob a administração da Santa Casa de Misericórdia, respectivamente do Rio de Janeiro e da Bahia. Isto provocava tensões entre os médicos que ali assumiam cargos diretivos, e os indicados pela Irmandade para zelar do dia a dia dos internos, e que nem sempre tinham habilitação profissional no campo da medicina ou das moléstias mentais¹³⁴. Na década de 1880 a direção médica do Hospício era crítica da atuação das irmãs da Caridade no local; este conflito permite vislumbrar o processo disputado de consolidação da psiquiatria tão tardiamente quanto o final do século XIX¹³⁵.

No que toca à presença de temas referentes à saúde mental na Faculdade de Medicina da Corte, ela se iniciou ainda na primeira metade do século XIX. Vimos, acima, a tese de Peixoto, que não foi a única. O doutor Rodrigo José Maurício Júnior sustentou outra tese no campo da medicina mental, intitulada *Dissertação sobre a Hysteria*, em 1840¹³⁶. Há, contudo, um influxo maior de pesquisas sobre este tema a partir da metade do século XIX. Gonçalves, ao analisar as reformas do ensino médico

¹³³ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001, p. 125-6

¹³⁴ REIS, José Roberto Franco. O mentecapto de Itaguaí, história, loucura e saber psiquiátrico: diálogos historiográficos em torno de “O alienista” de Machado de Assis. **História, Ciências, Saúde – Mangueiras**, Rio de Janeiro, v.23, n.4, out.-dez. 2016, p.1097

¹³⁵ FACCHINETTI, Cristina; VENANCIO, Ana Teresa. Da psiquiatria e de suas instituições: um balanço historiográfico. In: Teixeira, Luiz Antonio (Org.). **História da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018.

¹³⁶ Pouco restou do acevo baiano do mesmo período, de forma que não se pode dizer que não havia reflexões desenvolvidas na FAMEB.

antes de 1891, argumentou que haveria, por parte dos estudantes e professores, interesse em temas atinentes às moléstias mentais, nevroses, dentre outros¹³⁷. A autora identificou um total de nove trabalhos para o período entre 1850 e 1869, e vinte e seis para o período de 1870 e 1879, justificando a clivagem dos anos 1870 pelo impacto que a demanda pelo ensino prático teria tido entre os estudantes da FAMERJ.

Os trabalhos de final de curso teriam como característica comum a tendência a buscar referências atualizadas em outros centros de saber, sobretudo europeus. Esta análise está em consonância com a reflexão de Oliveira sobre o periodismo médico dos anos 1820 e 1830, ao lembrar que os primeiros artigos localizados n’*O Propagador das Ciências Médicas* não eram traduções de autores famosos como Pinel ou Esquirol, mas sim de Bayle. Isto sugeriria que os leitores deveriam ter algum grau de conhecimento acerca dos debates que envolviam os três autores, especialmente considerando que a obra de Bayle não teve repercussão imediata entre seus pares¹³⁸. Este raciocínio não parece desarrazoado, mas é preciso que não seja confundido com ineditismo. Grande parte das teses de final de curso no período consistia mais em traduções intercaladas de alguns comentários do que em reflexões originais.

Gonçalves observou, ainda, que as teses das primeiras duas décadas não apresentam descrições calcadas na experiência clínica dos estudantes, o que veio a ser revertido durante os anos 1870, quando vários trabalhos cotejam a leitura da doutrina médica com observações colhidas, nem sempre em primeira mão, nas casas de saúde da capital do império¹³⁹. Faculdade e Asilo passam a ter uma associação ainda mais estreita com as mudanças acarretadas com a criação da Cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, em 1883. Seu primeiro lente proprietário, o doutor Teixeira Brandão, atuava como clínico do Hospício Pedro II desde o ano anterior, e assumiu a direção do serviço sanitário desta instituição em 1887¹⁴⁰.

A temática desses trabalhos era variada. Havia teses sobre a epilepsia, a histeria, terapêutica moral, paralisia, terapêutica das moléstias nervosas, hospitais e hospícios. Gonçalves, contudo, não identificou nenhuma tese que tratasse, direta ou indiretamente

¹³⁷ GONÇALVES, Monique de Siqueira. **Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na corte imperial (1850-1880)**. 2011. Tese (Doutorado), Fiocruz, 2011.

¹³⁸ OLIVEIRA, **A institucionalização do alienismo...**, p. 72

¹³⁹ GONÇALVES, **Mente sã, corpo são**, p. 205.

¹⁴⁰ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. **Brandão, João Carlos Teixeira**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/branjteix.htm#trajetoria>. Acesso em 15 de jun. de 2021. Marisa Corrêa o apontou como desafeto de Nina Rodrigues.

de pessoas que tivessem relações erótico-afetivas com o mesmo gênero. Isto não deve conduzir à ideia equivocada de que os finalistas do curso médico da FAMERJ teriam desinteresse pelo tema. Como apontou João Gomes Júnior, as teses sobre prostituição, desde 1845, fazem menção a trabalhadores masculinos que se dedicavam ao consórcio com outros homens. E merece destaque a muito citada tese de Pires de Almeida sobre a Prostituição no Rio de Janeiro, publicada em 1873, na qual o autor relaciona a expressão sodomia no sumário da prostituição masculina clandestina e tece diversas considerações acerca de relacionamentos entre homens na capital imperial¹⁴¹.

Este quadro começa a sofrer mudanças, para Gomes Júnior, na aba do século XX, quando fatores de ordem psíquica e, posteriormente, hormonal passaram a ser indicados como explicações mais convincentes para o que era então chamado de ‘homossexualismo’. Mas é importante sinalizar a existência de um campo partilhado por estes dois conjuntos de produções, as que versavam sobre prostituição masculina e as que tratavam do homossexualismo como moléstia mental ou hormonal: os discursos sobre moralidades e costumes perigosos, que poderiam levar, por um lado, ao desenvolvimento de nevroses; e, por outro, ao trabalho com o sexo, considerado como uma forma de vício degradante, foram frequentemente justapostos.

Existem outros elementos no processo de interligação entre estes dois campos. No entanto, antes de passar a essa etapa da análise, é preciso deixar a capital do Brasil e voltar os olhos para os debates sobre psiquiatria na cidade da Bahia, para esboçar o mesmo quadro geral com as características que lhe são próprias. Neste caso, existem dificuldades enormes em relação à primeira metade do século XIX: com o incêndio do prédio da FAMEB em 1905, um rico acervo documental se perdeu. Ainda assim, pode-se apontar uma série de características importantes antes dos anos 1880 e 1890, que são o objeto desta tese.

2. PSIQUIATRIA NA BAHIA: MARCAS URBANAS, MARCOS TEMPORAIS E AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS A PRÁTICAS SEXUAIS:

Tal como na corte, os médicos baianos debatem acerca de moléstias mentais muito antes da fundação do Asylo S. João de Deos. Pelo menos desde a década de 1840,

¹⁴¹ GOMES JUNIOR, *Sobre frescos e bagaxas*, 2018, p. 96-8

segundo informam Rocha et all. Mesmo antes da Reforma Bom Retiro, em 1854, muitos estudantes dedicaram os trabalhos de finalização de curso a refletir acerca das causas e possíveis tratamentos das moléstias mentais. Apenas a título de exemplo, o doutor João Francisco de Almeida sustentou uma tese intitulada *Proposições sobre a alienação mental* no ano de 1853¹⁴² e, há, da mesma maneira, teses inaugurais nas quais se discute o papel que a civilização teria como causa do adoecimento, por conta dos aspectos esgotantes associados ao excesso de atividade mental¹⁴³.

É um pouco mais complicado situar a questão precisamente do ponto de vista do periodismo literário e científico na Bahia. Antes da conhecida *Gazeta Médica da Bahia*, existiu uma diversidade de periódicos de duração mais curta, nos quais temas de medicina eram objeto de artigos e traduções, frequentemente elaboradas pelos estudantes e docentes da FAMEB. Encontramos, por exemplo, no *A Época Literária*, que circulou entre os anos de 1849 e 1850, parte de um texto intitulado: *Os sonhos considerados sob o ponto de vista physiologico e pathologico* (1849), tradução do médico francês Maurice-Martin-Antonin Macario¹⁴⁴. No mesmo ano, o doutor Goés e Sequeira dedicou um longo artigo no *Atheneo*, periódico dos estudantes da FAMEB, para discutir as relações entre medicina e metafísica. Ali, dirige uma crítica severa à filosofia de séculos passados, que apenas considerava o homem do ponto de vista abstrato, sem levar em consideração o estudo do corpo físico; e, aos médicos da sua época, por deixarem de lado considerações significativas das ciências filosóficas:

Factos ha que o medico ignorante da sciencias phylosophicas, á imitação do vulgo, considerará quaes estupendos milagres. Como sem o conhecimento da metaphysica explicar certas alienações mentaes, o delirio, os sonhos, o estabelecimento de muitas affecções nervosas produzidas por causas moraes?¹⁴⁵.

¹⁴² ESCHOLA de medicina da Bahia. **O crepúsculo**. Periódico instructivo e moral do instituto litterario da Bahia. v. 8, n. 4, dez/1846, p.

¹⁴³ ROCHA, Nádia Maria Dourado. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX - A preocupação com aspectos de Saúde Mental. **Gazeta Médica da Bahia**, v. 74, n. 2, 2004, p. 108.

¹⁴⁴ MACARIO, Dr. M. Os sonhos considerados sob o ponto de vista physiologico e pathologico. **A epocha litteraria**. Periodico Scientifico, litterario, historico, e de bellas artes. a. 1, n 2, 1 nov. 1849 (Sciencia).

¹⁴⁵ SEQUEIRA, José de Goés e. Relações da Medicina com a Metaphisica. **O Athenêo. Periodico Scientifico** e litterario dos estudantes da eschola de medicina da Bahia. a1, n 7, p.121; BARRETO, Maria Renilda Nery. **A medicina luso brasileira**. Instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851). 2005. Tese (Doutorado em História das Ciências de Saúde) - FIOCRUZ, 2005, p. 52-55; CORBIN, **História do Corpo**, 2021 p.45.

Renilda Barreto situa este comentário de Sequeira no quadro mais geral de críticas à anatomia patológica, e à ideia de uma sede necessariamente orgânica das doenças. Ao indicar estes limites, o autor estaria endossando a crítica vitalista ao pensamento corrente, que enfatizava a existência de um impulso vital, fonte da vida e motor da saúde – e das doenças. A discussão entre vitalistas e organicistas, aliás, esteve presente de sobremaneira a Psiquiatria na primeira metade do século XIX, segundo Engel¹⁴⁶. O que cabe assinalar aqui, contudo, são os exemplos escolhidos pelo autor para indicar o que compreendia como insuficiências na doutrina médica de então: a dificuldade em estudar as afecções nervosas, os delírios, os sonhos e as alienações mentais, e o papel desempenhado por fenômenos morais – nos quais se inscreveriam as paixões, sensações, e as ideias – como causas.

Não seriam as últimas considerações deste autor acerca do tema. Algumas décadas depois, em 1866, o Dr. Goés e Sequeira, agora na qualidade de Lente de Patologia Geral da FAMEB, não queria apenas os socorros da metafísica para lidar com moléstias mentais. Ele reclamava, também, a criação de um estabelecimento equivalente ao Hospício Pedro II na província da Bahia, de forma a dar conta de uma população de alienados que crescia conforme também aumentava a população das grandes capitais, e as mazelas de vida que experimentariam:

O que dizemos [sobre a necessidade de uma instituição na Bahia] é filho de informações que havemos colhido, e do que em nossa capital constantemente observamos, sendo justamente os factos que se aqui notam, devidos quase ás mesmas causas que dão em outros paizes, segundo o attestam e confirmam estudos e trabalhos estatísticos feitos pelos homens mais compententes. É no seio dos vastos fôcos de população das grandes capitaes que a superexcitação da vida nervosa, os desregramentos e attractivos das paixões, as aspirações ambiciosas, as decepções e revezes da fortuna, os excessos de trabalho, de gozos e de privações em um numero avultado de individuos, constituem uma predisposição muito especial para molestias do systema nervoso, que se revela e traduz nas populações por consideravel numero de alienados¹⁴⁷.

Desregramentos e atrativos das paixões são temas que persistem na pena de Sequeira apesar do intervalo de quase duas décadas. Esta associação dá a ver a preocupação com comportamentos potencialmente dissidentes, inclusive em termos sexuais. Pode-se agregar a leitura deste fragmento uma reflexão realizada por Susan

¹⁴⁶ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001, p. 126.

¹⁴⁷ SEQUEIRA, Goés. Considerações geraes sobre os hospitaes d'alienados; necessida da criação de um asylo, a elles especialmente destinado, em nossa provincia. **Gazeta Medica da Bahia**, a. 1, n. 3., 10 de ago de 1866, p. 29-30

Sontag em seus escritos acerca do uso da doença como metáfora. Lembra a autora que tuberculose e câncer geravam marcas visíveis e reconhecíveis de uma verdade profunda, interior, íntima do doente, reveladoras de defeitos morais dos doentes, dos seus excessos traduzindo valores e comportamentos sociais em termos de patologias¹⁴⁸. Isso levaria a um elastecimento do espaço de atuação que a Psiquiatria poderia ter, ainda em processo de consolidação no Brasil dos anos 1860 e 1870.

Em todo caso, a construção do espaço defendida apaixonadamente pelo doutor Goés de Sequeira levaria quase uma década para acontecer: o Asylo de São João de Deos foi inaugurado apenas em 1874. Assim como ocorreu na corte, a Santa Casa de Misericórdia da Bahia foi a responsável pela parte administrativa da primeira instituição para o cuidado de alienados na província. Foi tomado um cuidado especial com a escolha do sítio para sua instalação; mas, enquanto a instituição carioca estava perto da Praia da Saudade, próximo do subúrbio rico de Botafogo, e era escolhida para passeios dominicais, a instituição baiana ficava no topo do morro de Brotas, na freguesia homônima¹⁴⁹, região em que se destacava a grande quantidade de roças e descrita por Anna Amélia Vieira do Nascimento como uma espécie de transição entre o rural e o urbano. Para esta autora, não há como estabelecer de maneira categórica a composição social desta Freguesia da mesma forma que se poderia fazer com outras, como a da Sé ou a da Conceição. O mais provável é que fosse povoada por populares, quer livres, quer libertos. Há queixas dos juizes de paz sobre a existência de cultos de matriz africana realizados na região do Acupe de Brotas. Era bem distante da própria FAMEB, localizada, como indicado acima, no Terreiro de Jesus.

Ali se erguia, escreveu Venétia Durando Braga Rios, a sede da fazenda de propriedade da família do poeta Castro Alves: o Solar Boa Vista, comprado pelo governo provincial no ano de 1869 para realizar a instalação de uma instituição para cuidados dos alienados. Não deixa de ser curioso que, embora num primeiro momento o solar tenha sido objeto de elogios como correspondendo às ideias propaladas de salubridade e higiene – além do afastamento – posteriormente este ponto se tornou um foco para críticas profundas quer dentro da corporação médica, quer, até mesmo, na imprensa da capital baiana.

¹⁴⁸ SONTAG, Susan. **Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 22-3.

¹⁴⁹ NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira do. **Dez freguesias na cidade do Salvador**. Aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2007 p. 150-3. De resto, era também afastada do centro da cidade.

Rios observa que o S. João de Deos nasceu, explicitamente, como parte de um discurso sobre certo modelo de civilização:

A peleja para transformar a cidade desordenada, doente, na direção de cidade ‘civilizada’, medicalizada, evidenciou para os seus idealizadores os inimigos de sempre, os vilões tão temidos e que se reproduziam de forma descontrolada. Eram eles: a mendicância, o vício, a prostituição e a loucura. [...] De pária a doente, de doente a enfermo. O alienado conquistou um lugar no mundo do conhecimento médico. Será responsabilidade do médico encontrar a “verdade de sua loucura”, identificar e diagnosticar o seu delírio, a sua desrazão. Para realizar tarefa tão meritória, trabalho tão particular, será necessário antes conquistar a credibilidade de seu conhecimento, o reconhecimento de seus colegas médicos e, principalmente, conquistar o espaço da cura, o asilo¹⁵⁰.

Ora, tal como visto na introdução, havia neste tipo de discurso bastante espaço para práticas de controle e opressão de setores subalternizados da sociedade em nome destes ideais. A reflexão de Chalhoub sobre as classes perigosas serve também para pensar a população urbana pobre da cidade de Salvador, especialmente num contexto no qual mendicância e loucura não estavam de forma alguma desassociadas. Maria Luiza Tucci Carneiro afirmou, num trabalho de análise com a documentação do Asylo de S. João de Deos, que existiria certa demografia da pobreza na composição dos que eram internos daquela instituição, na qual se cruzavam na mesma trama elementos múltiplos de exclusão social¹⁵¹. Cumpre apontar que é preciso olhar com um pouco mais de cuidado para estes dados. O regimento da instituição reconhece pensionistas de primeira, segunda e terceira classe. Existiu, de fato, uma maioria de pessoas pobres, mas havia também quem tentasse a condição de pensionista do Estado para obter o tratamento gratuito mesmo tendo meio de arcar com ele, o que seria motivo de queixa e relatórios dos médicos do Asylo ao longo dos anos 1880 e mesmo depois, segundo Rios¹⁵².

De qualquer forma, havia um intercâmbio constante de pessoas recolhidas à Casa de Correção e que eram posteriormente enviadas para o Asylo S. João de Deos. E, em 1876, outra instituição passou também a participar deste trânsito: o Asylo da Mendicidade o qual, ao contrário da instituição psiquiátrica, foi administrado pelo município até 1895, data em que a gestão passou a Irmandade da Misericórdia da Bahia:

Muitos foram encaminhados pelos médicos do próprio Asilo como portadores de doença mental, ou simplesmente atestados como

¹⁵⁰ RIOS, *O Asylo de S. João de Deos*, 2006, p. 64

¹⁵¹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Negros, loucos negros. *Revista da USP*, v. 25, 1995, p. 148

¹⁵² RIOS, *O Asylo de S. João de Deos*, 2006, p. 157-8.

alienados mentais, o que justificava a internação no Asilo de São João de Deus. Aparentemente havia uma estreita relação entre o mendigo e o louco. Mais que uma semelhança entre a forma miserável de seus andrajos, o aspecto sempre faminto, o acabrunhamento, o mutismo (muitas vezes tomado como sintoma de algum delírio ou perda da razão), ou, ao contrário, a euforia, o descontrole, o palavreado chulo, a brutalidade dos gestos, a fisionomia carregada, confundiam as autoridades policiais, que ora optavam pela Casa de Correção, ora pelo Asilo de Mendicidade ou, na falta de vagas no Asilo de São João de Deus, as enxovias dos distritos¹⁵³.

É necessário apontar que havia disjunção entre o que era preconizado pela ciência do período e o que ocorria no Solar Boa Vista. Demétrio Cyriaco Tourinho iniciou o sistema de *no restraint* com salas de músicas e outras atividades na sua gestão, nos anos iniciais de 1874 e 1877; logo, porém, uma série de medidas foram adotadas para racionalizar os gastos do asilo mesmo em questões que podem parecer tão comezinhas, como a dieta dos asilados¹⁵⁴.

Dialogando com as propostas dos médicos dos anos 1830, que defendiam a construção do asilo também como forma de evitar o aprisionamento dos considerados como loucos, quer em Casas de Correção, quer nos Hospitais disponíveis, pode-se observar que havia um grau de porosidade entre crime e loucura, terreno no qual a periculosidade que estes sujeitos traziam para o ambiente urbano desempenhou um papel importante.

A sexualidade era um dos elementos que podiam levar ao surgimento de moléstias mentais. No primeiro relatório administrativo do Asilo de São João de Deus, seu administrador, o médico Demétrio Cyriaco Tourinho, dedicou várias páginas a detalhar o funcionamento da instituição, sua arquitetura, estado sanitário, serviço religioso - bem como as principais causas das moléstias:

Pelas informações colhidas nos documentos exigidos para a admissão dos alienados, e pelas que tenho podido obter das pessoas que acompanham os mesmos alienados a este Asylo, posso considerar a herança como uma das causas físicas mais frequentes da alienação mental, seguindo-se depois as seguintes nos homens: o abuso de bebidas alcoólicas, as lesões do cérebro e suas membranas, o onanismo, a repercussão de moléstias cutâneas, e a velhice; e nas mulheres: o abuso de bebidas alcoólicas, a idade crítica, a supressão de hemorragias habituaes, a prostituição e, em uns e outros como causa moral, desgostos domésticos, ciúmes, reveses da fortuna, paixão amorosa, leitura de livros do espiritismo, etc., etc.¹⁵⁵.

¹⁵³ RIOS, O Asylo de São João de Deus, 2006, p. 60

¹⁵⁴ JACOBINA, A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947), 2001, p. 147

¹⁵⁵ TOURINHO, Demétrio Cyriaco. Anexo 16. In: DANTAS, Manoel Pinto de Souza [Conselheiro]. **Relatório apresentado a Junta e Mesa da Santa Casa de Misericórdia da Capital da Bahia.** Bahia: Typografia do Diario, 1875, p. 15.

Quer na referência ao onanismo, quer quando Tourinho fala da prostituição, quer ainda na referência à paixão amorosa, aspectos da vida erótica e afetiva poderiam se revelar patológicos. Este padrão se manteve ao longo das décadas seguintes. Num dos poucos documentos de admissão de um doente custodiados no Arquivo Público do Estado da Bahia, datado do começo do século XX, encontramos num atestado que Aurélio Soares estaria sofrendo de alienação mental. De acordo com seu médico, Clodoaldo Amaral, as informações que embasam estas conclusões são: o temperamento, nervoso-lymphatico; os sentimentos predominantes, genitais; os indícios principais da alienação mental, que no caso são precisamente impulsões genitais; e a causa da alienação que, no caso, foi a degeneração¹⁵⁶.

Os dois documentos – o relatório de Tourinho e a entrevista preliminar de Aurélio Soares – em que pese separados por quase trinta anos, sugerem que temas relacionados ao campo das afetividades e do erotismo poderiam ser colocados dentro de uma classificação patológica, levando a construção contornos de uma personagem mentalmente anormal. Tal nexos coloca em perspectiva a relação entre os trabalhos para doutoramento no curso médico e a prática realizada no asilo, relação que soa ainda mais significativa a partir da quantidade de ofícios nos quais os professores da cadeira de clínica psiquiátrica solicitam acesso ao S. João de Deos para ministrar aulas, realizar exames da cadeira de Moléstias Mentais, etc.¹⁵⁷.

Feita esta incursão no asilo e seu trânsito de pessoas, bem como a referência aos valores que nortearam sua fundação, é o momento de voltar para a Faculdade de Medicina da Bahia. Aqui, as observações panorâmicas de Rocha et all. são, novamente, muito úteis. As autoras elencaram vários temas presentes em teses de final do curso da FAMEB nos quais havia preocupação com o campo das moléstias mentais. Além dos males da civilização e do progresso, do esgotamento resultante da expansão urbana,

¹⁵⁶ AMARAL, Clodoaldo. QUESITOS a que teem que satisfazer os Facultativos assistentes ou consultantes nos attestados, que passam aos alienados remetidos para o Asylo de S. João de Deos, afim de que ali sejam admittidos na conformidade do regulamento respectivo, em 6 de fevereiro de 1902. SECRETARIA de Saúde. **REGISTROS de ofícios expedidos pelo Diretor do Hospital Juliano Moreira**, Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) Caixa 3187. Infelizmente, não consegui localizar sequer um prontuário completo de pacientes, quer no Arquivo Público, quer no Arquivo do Hospital Juliano Moreira – sucessor do Asilo S. João de Deos – quer ainda no Centro de Memória Jorge Calmon, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Nestas condições, é difícil obter informações mais aprofundadas acerca das impulsões genitais de que sofria Aurélio Soares.

¹⁵⁷ Ofício n. 59, de 26 de julho de 1886. FRANQUEIE v. s^a esse Asylo à comissão de professores... SECRETARIA de Saúde. **REGISTROS de ofícios expedidos pelo Diretor do Hospital Juliano Moreira**, Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) Caixa 3187.

passando por abusos do álcool e do tabaco, aparecem fatores como o onanismo, as paixões em geral e o celibato.

Estas observações podem ser destrinchadas, procurando entender as relações tecidas entre corpo, gênero e formas de sexualidades dissidentes. Senão vejamos um exemplo, a partir de uma das teses citadas por Rocha et all. pela autora: a de Cid Emiliano de Olinda Cardozo, *Influencia da civilização sobre o desenvolvimento das afecções nervosas* (1857). O autor partia da ideia de que as moléstias mentais seriam mais comuns entre as classes ricas do que entre os mais pobres, tal como proposto no começo do século XIX por Esquirol¹⁵⁸. O caminhar da civilização, com suas atividades intelectuais, seus bailes, suas músicas e danças provocativas, suas leituras pouco recomendáveis, sua vida mundana esgotante e seus excessos venéreos como o onanismo concorreriam para o surgimento de males mentais:

‘Este vicio hypocrita, o mais perigoso de todos imprime aos órgãos sexuas, ás ideas genesicas modificações, que perpetuão as perdas seminaes; paixão concentrada leva á mentira, e á dissimulação, communica ao character - um que de selvagem e de odioso; marca o espirito com o cunho indelevel de profundo egoismo’. sem mais entrar por tanto em detalhes, vê-se claramente a influencia que sobre os nervos exerce o onanismo; e escusado se torna acrescentar que não ha no longo cathalogo de affecções nervozas uma só, que não tenha no onanismo uma poderosa causa predisponente e até determinante¹⁵⁹.

Embora Venétia Rios cite esta tese como um indicativo da distância entre teoria e prática psiquiátrica desde antes da criação do S. João de Deos, sobretudo pela relação entre pobreza e moléstia mental no quotidiano do asilo¹⁶⁰, é possível observar a associação direta entre práticas eróticas e afecções nervosas já nos anos 1850. Não é desarrazoado assumir que esta era uma preocupação dos médicos baianos já naquele período.

É interessante observar a existência de uma certa contiguidade entre a prática do onanismo e outras condutas erótico-afetivas referidas em certos documentos como vícios, em outros como libertinagem. Outro trabalho citado por Rocha et all., evidencia

¹⁵⁸ Jean-Étienne Esquirol, 1772-1840. Discípulo e aluno de Pinel, foi uma das figuras de maior influência da nascente psiquiatria francesa. Atuou, a partir de 1811, no Hôpital de La Salpêtrière.

¹⁵⁹ CARDOZO, Cid Emiliano D'Olinda. **Influencia da civilização sobre o desenvolvimento das afecções nervosas**. 1857 Tese Inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, p. 19. As aspas são uma tradução da obra do médico e militar francês Michel Lévy. Ver: LÉVY, Michel. **Traité D'Hygiene Publique et Privée**. Paris; J-B Baillieére, t. 2, p. 756.

¹⁶⁰ RIOS, **O asylo de de s. João de Deos**, 2006, p. 71

explicitamente esta associação: trata-se da obra de Sulpício Geminiano Barroso, *Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação*, de 1853.

Nesta tese, o onanismo estava no quadro geral de comportamentos libertinos que poderiam levar ao adoecimento geral daqueles que a este hábito se entregassem. A devassidão era um problema que precisava ser endereçado, especialmente na juventude quando havia maior excitabilidade dos órgãos da geração, patente de ser mal dirigida¹⁶¹. Neste sentido, o autor indicou espaços sensíveis nos quais a atenção precisaria ser ainda maior, especialmente locais nos quais jovens estivessem congregados e reclusos – a exemplo dos colégios, nos quais alguns pais julgavam erroneamente se poderia evitar o contágio sífilítico: “[...] onde julgão que pelo estado de reclusão à que vão estar sujeitos os mancebos ficarão isentos de contrahir vícios e, mais que tudo, impossibilidade d'adquirir a syphilis¹⁶²”. O risco, contudo, era de adquirir hábitos considerados como perniciosos:

Nos Collegios os jovens discipulos encontram na verdade muitos amigos e protectores; mas essas amizades e protecções são insidiosas: promessas, astucias, ameaças enfim s'empregão ahi para abuzar da virtude dos filhos subtrahidos à vigilância de seus Pais, e para induzil-os à praticas degradantes, por cujo uzo terão de arrepender-se, e de corar de pêjo quando mais tarde a palavra – Collegio – for proferida em sua presença. Não é a sodomia único vicio que lavra os Collegios; o Onanismo tambem ahi se manifesta com uma pratica assustadora, pela reclusão em que vivem os individuos, e pela provação do exemplo: e o que nos induz a exprimir desta forma são alguma cazos que nesta Cidade mesma teem havido de mancebos educados em Collegios que se derão á este perniciozo habito com tal excesso de ser precizo socorros d'um Medico para tratá-los¹⁶³.

Se em Cid Emiliano Cardozo a relação entre masturbação e vícios poderia, quando muito, sugerir a relação entre homens, no trabalho de Barroso o contato entre práticas eróticas dissidentes pode ser observado de maneira direta. O autor dá a ver um terreno de contornos indefinidos, no qual as práticas eróticas apareciam sobrepostas umas às outras, e passíveis de efetivação sem que se veja um sujeito – ou um corpo – com traços muito evidentes. A questão estava situada nos perigos associados aos excessos sexuais, inclusive para o desenvolvimento das moléstias mentais. Para Barroso, o médico se apresentava como o profissional capaz de influir eficazmente

¹⁶¹ SILVA, A *Captura do Prazer*, 2015, p. 61-7.

¹⁶² BARROSO, Sulpício Geminiano. *Breves Considerações acerca do onanismo ou masturbação*. 1853, Tese inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1853, p. 8

¹⁶³ BARROSO, *Breves Considerações acerca do onanismo ou masturbação*, 1853, p. 9

neste campo (in)discreto das experiências de vida¹⁶⁴. É importante salientar que também existiam repercussões negativas para mulheres que praticavam o onanismo. Neste caso, ao lado de moléstias mentais como a histeria e a epilepsia, havia o risco de abortos e da esterilidade¹⁶⁵.

Uma reflexão de Alain Corbin pode ser muito útil para compreender melhor estes fragmentos. Para este autor, haveria em obras médicas desde o final do século XVIII a ideia da masturbação como um gozo artificial, que recorria excessivamente as sensações e ilusões criadas pela imaginação; em direta oposição, portanto, com a vida conjugal moderada. O exagero, pois levava ao enfraquecimento e ao surgimento de toda a sorte de moléstias: “No caso da prática onanista, a emissão não é solicitada pela natureza, mas pela imaginação. Por isso a perda é injustificada. Ela atenta contra a economia dos humores. Ela cansa o cérebro. A masturbação desregula a economia da energia nervosa”¹⁶⁶. A ideia de excesso e perda na prática sexual são também analisadas por Corbin, ao debater as representações do século XIX sobre os abusos da excitação – isso é, do desejo e do prazer, não necessariamente limitado a relações maritais. Ele apontou a relação entre os excessos genésicos e moléstias mentais: “O abuso da excitação, além do priapismo, a satíriase, a histeria, e todas as formas de ‘neuroses genitais’, crê-se, então, pode levar a loucura”¹⁶⁷.

Tal preocupação daria a ver aquilo que o autor denominou lógica da economia espermática. A capacidade de reprodução e de transferir características físicas e mentais positivas possuía limitações, quase como um bem, um capital que, mal investido, se perde sem possibilidade de recuperação. O autor chega a ver nisto quase que uma lógica capitalista, na qual há que investir com cautela, evitando o desperdício: “A virilidade do homem, conclui o escritor do *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e siècle* (1864), depende da secreção do esperma, quanto mais esse é desperdiçado com abundância mais as faculdades viris se enfraquecem”¹⁶⁸.

Corbin recorreu aos dicionários para dar a ver o intercâmbio de ideias médicas em setores letrados, refletindo acerca de diferentes modelos explicativos para os comportamentos amorosos. Foge ao escopo desta tese replicar o mesmo esforço junto aos dicionários da língua portuguesa que circulavam no Brasil, mas pode-se fazer

¹⁶⁴ SILVA, A **Captura do Prazer**, 2015, p. 61-4

¹⁶⁵ ENGEL, ‘Sexualidades Interditadas’, 2008, p.182.

¹⁶⁶ CORBIN, Alain (Org). **História do Corpo**: Da revolução á Grande Guerra. 4ª edição. Petrópolis, Vozes, 2021, p. 199

¹⁶⁷ CORBIN, Alain (Org). **História do Corpo**, 2021, p. 195.

¹⁶⁸ CORBIN, **História do Corpo**, 2021 p. 196

alguns breves apontamentos. Quer no dicionário de Silva (1791) quer no mais próximo cronologicamente, de Pinto (1832), a atitude era mais comedida. Operava-se quase sempre por alusão indireta, com certo sabor religioso: “Libertino, adj. [...] hoje é o mesmo que ímpio. Fig. Mal morigerado, de vida dissoluta”¹⁶⁹. O termo ímpio designava um indivíduo sem religião, “Que he dito, ou obrato em desprezo da Religião. Que está e culpa mortal”¹⁷⁰ e dissoluto, “Que he devasso nos costumes”¹⁷¹.

Aproximações com o dicionário francês pode ser percebida no *Diccionario de Medicina e Therapeutica* (1872) do doutor Mello Moraes, que, se não era exatamente um dicionário de termos médicos, tampouco era direcionado apenas para um público letrado leigo. O autor teceu as seguintes considerações acerca da relação entre libertinagem a alienação mental:

Onde a libertinagem parece produzir mais estragos e mais deploraveis é na intelligencia e no coração do homem. Os extravagantes perdem a vivacidade da imaginação, a solidez do juízo, a actividade do espirito, o poder da memoria: tendo abusado de todos os prazeres em suas orgias, tendo profanado todos os sentimentos humanos em suas empresas eroticas, torna-se frios, egoistas, sombrios, hypocondriacos, e cahem em aborrecimento e desgosto da vida. Um certo numero tem acabado pelo *suicidio!*... Outros perdem completamente a razão, e são atacados de alienação mental. A *mania*, a *melancolia*, a *imbecilidade*, a *demencia*, são as fôrmas que mais ordinariamente se observam. Os dados estatisticos mostram que sobre cem homens alienados, dez perdem a razão pela libertinagem¹⁷².

Analisadas em conjunto, estas passagens dão a ver alguns elementos importantes. Primeiro, uma percepção recorrente do excesso venéreo como perigoso e com repercussões quer físicas, quer mentais. Isto se evidencia mais no escrito de Cardozo, para quem a masturbação implicaria perdas seminais e influiria na causa de afecções nervosas, e no de Moraes, que chega a nomear diretamente algumas moléstias. E, segundo, o intercâmbio entre hábitos considerados perniciosos, uma vez que onanismo e sodomia estavam conectados pela ideia de vício, os dois causados pelo ajuntamento de jovens e pelos excessos esgotantes aos quais poderiam se entregar – apontadas por Barroso.

¹⁶⁹ PINTO, Luís Maria da Silva. Libertino. In: _____. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832 [s.p.]

¹⁷⁰ PINTO, Luís Maria da Silva. Impio. In: **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832 [s.p.]

¹⁷¹ PINTO, Luís Maria da Silva. Devasso. In: _____. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832 [s.p.]

¹⁷² MORAES, Alexandre José de Mello. **Diccionario de medicina e therapeutica homoeopathica**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1872, p. 368.

Reposicionando aqui a observação de Rios acerca do afastamento entre a tese de Cardozo e a realidade do São João de Deos, parece válido observar que, se não é possível apreender muito acerca do cotidiano urbano do período, podem ser entrevistados valores da sociedade baiana oitocentista acerca de determinadas práticas sexuais. Isto pode ser observado em outras teses, que apresentam um diálogo mais estreito com autores europeus, e nas quais se abre espaço para refletir sobre a patologização de certos atos performativos quotidianos. É o que veremos a seguir.

3. PSIQUIATRIA E REBELDIAS DE GÊNERO NA CIDADE DA BAHIA: MONOMANIA E AS PRIMEIRAS ELABORAÇÕES SOBRE A HISTERIA

Em 1858, o Dr. Francisco Júlio de Freitas e Albuquerque sustentou sua tese, intitulada *A monomania*. Ele definia nesta expressão o predomínio de uma ideia fixa, de um sentimento, ou ainda de uma paixão no plano da inteligência¹⁷³. Pinel havia associado a insanidade a inteligência reduzida ou ausência de razão¹⁷⁴. Esquirol¹⁷⁵, algumas décadas depois, começou a se preocupar com o estabelecimento da medicina mental como um saber mais especializado¹⁷⁶. Este médico francês estabeleceu uma classificação calcada na descrição de cada uma das modalidades de estados mentais alterados, ordenados em quatro grupos principais: a idiotia, quer intrínseca quer por causa exterior; a demência, em forma aguda – esta, curável – e crônica, caso em que o prognóstico era pessimista; as manias, formas delírio total com alterações significativas na atenção, percepção, inteligência, etc. – em suma, na totalidade das qualidades mentais; por fim, as monomanias, nas quais estariam as perturbações parciais, sem a perda total de todas as qualidades¹⁷⁷. Sérgio Carrara assim sumarizou o pensamento dos primeiros alienistas franceses acerca das monomanias:

¹⁷³ ALBUQUERQUE, Francisco Julio de Freitas e. **A monomania**. 1858. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, 1858, p. 1.

¹⁷⁴ CARRARA, Sérgio. Crime e Loucura. **O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século**. São Paulo: EDUSP, 1998, p.72

¹⁷⁵ Jean-Étienne Esquirol, 1772-1840. Discípulo e aluno de Pinel, foi uma das figuras de maior influência da nascente psiquiatria francesa. Atuou, a partir de 1811, no Hôpital de La Salpêtrière.

¹⁷⁶ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001., p. 121

¹⁷⁷ PACHECO, Maria Vera Pompêo de Carmargo. **Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea**. Disponível em:

A monomania era teoricamente um "delírio parcial", localizado ou circunscrito a apenas uma ideia. Tal ideia operava como uma espécie de premissa falsa sobre a qual todo um edifício plenamente racional podia ser construído pelo doente. O tipo ideal do monomaniaco parece ter sido o "perseguido perseguidor". A partir da falsa ideia de estar sendo perseguido por determinada pessoa, o monomaniaco apresentaria um conjunto de comportamento que seria plenamente justificável caso a ideia de perseguição fosse verdadeira¹⁷⁸.

Albuquerque pareceu confundir os últimos dois tipos da classificação de Esquirol. Para este autor, mania e monomania parecem ser a mesma coisa, na medida em que a grande causa de ambas seriam as desordens que tem por sede a inteligência. No plano da sintomatologia, Albuquerque descreve uma série de traços visíveis, cujo reconhecimento dependia de quem avaliava a condição mental de outrem, para caracterizar a presença destas doenças. O rol de traços físicos soa francamente arbitrário. Ao mesmo tempo que o autor escreve sobre um ‘olhar vivo, brilhante, expressivo’, também diz que este poderia ser ‘um olhar fixo, sombrio, ameaçador’. Os indivíduos poderiam ser quer ‘expansivos e galhofeiros’, quer ‘tristes e taciturnos’. Nestas condições imprecisas, a fisionomia seria uma instância reveladora? Talvez: “A phisionomia, esse espelho d'alma, vem finalmente a adquirir um typo característico, um 'que' indefinível, que nos fere á primeira vista, o qual varia segundo a natureza da ideia delirante”.

Existiam modalidades variadas. Albuquerque fala da monomania ambiciosa (orgulhomania), da monomania alegre, da monomania triste. Passa algumas páginas comentando, inclusive, os casos de monomania religiosa, a qual separou em subtipos diversos: a contemplativa teomania, marcada pela severidade na prática religiosa; a demonomania, quando se possui o medo da possessão demoníaca, a qual também podia ser separada em duas modalidades: a magia e a zoatropia. Havia também a mania narcísica, na qual predominava um excesso de vaidades – exemplificada pelo autor como o mal de ‘velhos meninos’ que se enfeitavam em demasia e com um excesso que não era, de forma alguma, condizente com a idade que tinham¹⁷⁹.

E, estreitamente ligada a esta última variedade, o autor fala da mania erótica, também chamada de *erotomania*. Sua causa eram perturbações na inteligência causada por amores, quer por uma afeição não correspondida, quer pela maneira sem freios com

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wdZ8NCsDnBst4Nq3jZjgBMb/?lang=pt&format=pdf>; Acesso em 16 de jun. de 2021.

¹⁷⁸ CARRARA, **Crime e loucura**, 1998, p. 72

¹⁷⁹ ALBUQUERQUE, **A monomania**, 1857, p. 6-7;

que os acometidos deste mal se entregavam aos afetos. Nela, também se apresentam as oposições concordantes do dr. Albuquerque: a erotomania seria ardente, mas casta; violenta, mas platônica. É, pois, adequado concordar com Magali Engel, que defende que a noção de monomania era em si impregnada por ambiguidades e imprecisões¹⁸⁰.

É interessante notar que, lado a lado de observações como a do "Cavaleiro D...", homem inteligente e de aparência cortês e lúcida - mas que enviava cartas para rainhas, princesas e fidalgas pelas quais dizia nutrir a maior afeição – existiam exemplos tirados da história antiga e da mitologia. Orfeu, louco de amores pela finada esposa Eurídice, se dispõe a descer ao Hades em parra trazê-la de volta. Estátuas poderiam ser objeto deste tipo de mania erótica: Alkidias de Rodes teria sido apaixonado pela estátua do Cupido esculpida por Praxíteles:

O amôr do erotomaniaco he ardente, porem casto, violento mas platonico; elle sacriffica de bom grado parentes, amigos, fortuna, familia, tudo até á si proprio no objecto de seus cuidados - Orpheo, louco de amôres por Eurydice, não trepidou rouba-la ao reino de Plutão; Antiocho Soter morreu de amôres por Straonica - A fabula nos pinta Hercules vestido de mulher* fiando na roca aos pés de Omphale, rainha da Lídia. Muitas vezes o objecto d'este amôr he fantastico ou inanimado; outras ele he voltado á uma pessoa que ignora, que não quer ou não pode partilha-lo; outras finalmente ele he reciproco, mas contrariado. –Alkidias, de Rhodes, torna-se erotomaniaco á vista da estatua de Cupido, de Praxíteles¹⁸¹.

Esta não foi, porém, exclusivamente uma saída beletrista do autor. Estes mesmos exemplos – a estátua de Cupido, inclusive – são citados pelo próprio Esquirol de forma a comprovar a distinção entre a entidade mórbida que pretendia estudar de outras duas variedades, a ninfomania e a satiríase:

A erotomania está para a ninfomania e a satiríase como as afeições [que] vivem do coração, mas castas e honestas, estão para a libertinagem desenfreada; enquanto as palavras mais sujas, as ações mais vergonhosas e mais humilhantes, revelam ninfomania e satyriasis. A erotomania não deseja e nem pensa nos favores que poderia obter do objeto de sua ternura louca, às vezes até seu amor tem por objeto inanimado. Alkidias, de Rodes, é tomado de delírio erótico pela estátua do Cupido de Praxitéles¹⁸².

¹⁸⁰ ENGEL, **Os delírios da razão**, 2001, p. 122

¹⁸¹ ALBUQUERQUE., **A monomania**, 1857, p. 7

¹⁸² ESQUIROL, Jean-Etienne. **Des Maladies Mentales Considérées Sous Les Rapports Médical, hygiénique et médico-légal**. Bruxelas: Melines, Cans et Compagnie, 1838. p. 374. Original: L'erotomanie est à la nymphomanie et au satyriases ce que les affections viver du coeur, m mais chastes et honnêtes, sont au libertinage effrene; tandis que les propos les plus sales, les actions les plus honteuses; les plus humiliantes, décèlent la nymphomanie et le satyriasis. L'erotomanie ne désire ne songe pas même aus faveurs qu'il purrait predendre de l'objet de sa folle trendresse, quelquefois même son amour a pour

Para Esquirol, não se poderia confundir as sedes do mal: a causa do delírio erótico estaria na inteligência, enquanto as outras duas teriam como causa excessos no trato genital. Também nisso Albuquerque concorda com o autor francês, ao argumentar que algum de tipo de afetação no aparelho genital perturbaria outras funções orgânicas.

As teses de meados dos anos 1850 raramente faziam referência a observações empíricas. A de Albuquerque não configura uma exceção a esta regra. O texto, entretanto, traz uma nota de rodapé muito curiosa, no mesmo trecho em que destacou personagens da mitologia greco-romana como exemplos de erotomania. Ao comentar que Hércules chegou a se vestir de mulher para tentar conquistar os favores da rainha da Lídia, Albuquerque faz o seguinte comentário: “Existe entre nós um louco conhecido vulgarmente pelo epíteto de ‘Mariquinhas’ no qual predominam ideias de mudança de sexo”.

Jocélio Telles dos Santos, ao estudar indumentária, padrões de comportamento e sexualidade na Bahia oitocentista, citou diversos fragmentos encontrados em jornais baianos do século XIX, nos quais o ato de vestir-se como o outro gênero era objeto de ultraje público e pedidos furiosos de medidas à chefia de polícia da capital. Em setembro de 1866, por exemplo, José do Ouro, crioulo, efeminado que se colocava a janela embrulhado num xale ou num pano da Costa, com argolas e corais nos braços, era fortemente criticado pelo editor d’*O Alabama*, pedindo sua correção “em nome do decoro”. Luiz Mott, por sua vez, no seu *Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia*, cita uma nota de jornal de 13 de julho de 1869, no qual certa Yayá Mariquinhas teria morrido na Casa de Correção. É razoável supor que poderia ser a mesma pessoa¹⁸³.

A minha intenção não é afirmar categoricamente uma identidade de gênero extemporaneamente para a nossa personagem, nem indicar, senão no campo das possibilidades, a abertura para o consórcio erótico e afetivo com outros homens. Meu interesse reside em outro plano: primeiro, indica-se que os autores das teses médicas não eram totalmente desconectados do contexto e da cidade em que viviam. Parece, pois, útil pensar esta produção de saber como uma instância que, se não podia intervir vigorosamente na sociedade, participava, como assevera Marcos Ribeiro, de uma

objet inanimés. Alkidias, de Rhodes, est pris de de délire érotique pour la statue de Cupidon de Praxitèles (Tradução minha).

¹⁸³ MOTT, *Dicionários dos Homossexuais da Bahia*, 1998, p. 93-4 e 106

espécie de sistema de vasos comunicantes¹⁸⁴. Segundo, na explícita correlação que Albuquerque realizou entre a ideia de transição de gênero e a loucura. Ainda que numa nota de rodapé muito breve, o exemplo sugere que Mariquinhas afrontaria o binarismo de gênero da sociedade, o qual deveria ser defendido pela psiquiatria. Num movimento, a fronteira entre os gêneros masculino e feminino foi garantida pelo diagnóstico: quem desejava mudar de gênero só poderia ser uma pessoa louca.

Rocha et all., no já referido levantamento sobre o tema das moléstias nervosas na FAMEB, lembram de uma outra temática na qual a relação entre gênero, sexualidade e moléstias mentais estaria presente: a histeria. Para as autoras, um ponto de influxo determinante na produção de teses com este tema, típicas do *fin-de-siècle*, foi um artigo de Charcot¹⁸⁵, traduzido na *Gazeta Médica da Bahia*, o ano de 1886¹⁸⁶. Parece, de fato, apropriado considerar a histeria sob tal perspectiva, uma vez que foi a década de institucionalização do ensino médico da psiquiatria na Bahia. Apenas na década seguinte este tema se fez presente em teses de final de curso – e, por isto, a questão possui reflexões mais superficiais quando comparada ao onanismo ou a erotomania antes da década final do século XIX.

A histeria era um tema polêmico, e tanto o seu tratamento como o estudo de suas causas e sintomas passaram por mudanças significativas no século XIX. Sílvia Alexim Nunes argumentou que, numa leitura derivada de Hipócrates, seus sintomas seriam associados à sufocação da matriz/útero, derivada da ausência de relações sexuais. Seguindo esta concepção, não haveria como se sustentar a existência da histeria entre homens, que não eram dotados deste órgão. Para a autora, o quadro teria sofrido alguma modificação em discursos médicos do século XVII. Willis e Sydenham defendiam que a sede da doença não seria o útero, mas sim o cérebro, e que a prevalência entre mulheres teria como causa uma suposta maior susceptibilidade nervosa. Estas duas concepções acerca do tema, embora descontínuas entre si, foram mobilizadas por vezes de maneira articulada, o que viabilizou que a histeria se mantivesse associada às mulheres:

Essa manutenção da histeria no território feminino foi reforçada ao longo dos séculos XVIII e XIX, fazendo parte da construção de uma

¹⁸⁴ RIBEIRO, Marcos A R. **A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas**. 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 29

¹⁸⁵ Jean-Marie Charcot 1825-1893. Foi um dos mais importantes psiquiatras da segunda metade do século XIX. Freud, inclusive, estudou com ele em La Salpêtrière em fins do século XIX, antes de desenvolver sua teoria da sexualidade que veio a lume em 1905. É importante assinalar que, entre os objetos de seu interesse na instituição francesa estavam as histéricas.

¹⁸⁶ ROCHA et all, **A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX...**, 2004, 113.

determinada concepção da diferença entre os sexos articulada na modernidade, segundo a qual homens e mulheres seriam dotados de características físicas e morais diferentes e complementares¹⁸⁷.

Isto veio a se modificar progressivamente ao longo do século XIX sem que a associação de mulheres com a histeria tenha cessado de todo. O já referido *Diccionario de Medicina e Thetarepurica Homeopathica*, de 1872, afirmava que a causa da histeria seria uma “irritação mórbida dos nervos que se derrama no útero”. Este último seria a sede da doença, no entender deste médico¹⁸⁸. Já Pedro Napoleão Chernoviz, no *Diccionario de Medicina Popular* (1890), questiona frontalmente esta concepção, afirmando que se tratava de uma moléstia que acometeria todo o sistema nervoso, com fundo provavelmente hereditário – mas também diz que ela seria mais comum entre mulheres¹⁸⁹.

E os homens histéricos? Desde fins do século XIX, diz Engel, as observações acerca da histeria entre homens também situavam a patologia no campo das associações com a feminilidade no processo de construção de um perfil histórico. Isto se fazia ora recorrendo a supostos traços de femininos dos internos, aos quais se denotaria um valor indicativo, ora mobilizando a herança feminina como fator para diagnóstico¹⁹⁰. Durval Muniz Albuquerque Júnior vai ao encontro dessa interpretação, ao assinalar a existência de um crescente processo de histerização dos costumes e do cotidiano urbano a partir das décadas finais do XIX e dos primeiros anos do século XX. Esta moléstia aparecia, segundo o autor, como evidência da efeminação de determinados sujeitos, agora demasiado dados aos sentimentos e aos amores, a ponto até de cometer suicídio por amores não correspondidos:

[...] este discurso tradicionalista vai, quase sempre, identificar esta mudança nos costumes com dois traços que seriam característicos do mundo feminino, ou seja, a frivolidade e a histeria. Os costumes perdiam sua profundidade, sua seriedade, para adquirem ares de superficialidade e uma temporalidade marcada pelo passageiro, pelo efêmero¹⁹¹.

¹⁸⁷ NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.374-376.

¹⁸⁸ MORAES, Alexandre José de Mello. **Diccionario de Medicina e Therapeutica Homoeopathica** ou a homoeopathia posta ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872, p. 244

¹⁸⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das ciencias accessorias**. 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 182

¹⁹⁰ ENGEL **Sexualidades Interditadas**, 2008, p. 175

¹⁹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Nordestino – uma invenção do falo**, 2013., p. 106.

Feitas estas considerações, é necessário retomar o artigo de Charcot, citado por Rocha et all. Nele, o prestigiado psiquiatra francês apresentou ao leitor um breve conjunto de quatro observações de homens que estavam recolhidos no Hospital de la Salpêtrière, e de um outro jovem que o visitou no consultório para obter tratamento de sua paralisia. É curioso que, nos cinco casos, o psiquiatra insistiu na necessidade de examinar de forma detalhada não só o aspecto físico geral dos doentes, como também os antecedentes hereditários patológicos e o temperamento de cada um. Pretendia Charcot, por meio destas observações, destacar a necessidade de tratar da histeria no homem sem preconceitos, com vistas a garantir que os que padeciam daquela condição recebessem o adequado tratamento, em lugar de serem percebidos como simuladores ou desprezíveis, como queria o senso comum:

Estes erros se referem especialmente a dous preconceitos, muito generalizados, sobre a natureza da molestia. O primeiro é que, se se admite voluntariamente que um effeminado, fraco, de temperamento nervoso, possa ser atacado d'uma affecção analoga a que se vê tantas vezes na mulher, esta suposição parece pouco verossímil quando se trata de um homem robusto e vigoroso. O segundo é que os phenomenos morbidos differem um pouco dos que são observados na mulher, e, sobretudo, não tem esta mobilidade que é costume attribuir, quase sempre erradamente, á hysteria feminina. A consequencia dessa maneira de ver é que a sorte dos hysericos masculinos é a seguinte: ora são considerados como simuladores e não são tratados seriamente senão depois de terem passado por toda a sorte de averiguações; ora são desconhecidos e desprezados em pouco tempo, e olhados como epilepticos, accometidos de tumores cerebraes e d'outras affecções¹⁹².

Este artigo mostra que o olhar dos psiquiatras estava voltado tanto quanto antes para aqueles comportamentos que, de alguma forma, implicassem uma contrariedade a determinados padrões. E, muito embora o professor de La Salpêtrière tenha manifestado interesse em debater aquelas situações nas quais homens robustos e vigorosos se tornam pacientes – quase se poderia pensar, normais – o breve inventário que faz em alguns dos casos trai certas condutas que talvez não fossem exatamente as esperadas. Os dois primeiros histéricos analisados do Charcot possuem muitas características em comum: o primeiro tinha 44 anos, e possuía constituição robusta. Só tardiamente a moléstia veio a surgir, em que pese tenha tido sempre sonhos vívidos e extravagantes – talvez fruto de um comportamento nervoso na juventude. Do segundo, com 32 anos, Charcot não informou a constituição física. O que se sabe é que havia sido sonâmbulo e medroso em criança. O que ajuda a dar sentido aos dois casos, porém, era o temperamento nervoso –

¹⁹² CHARCOT. Hysteria no homem. *Gazeta Medica da Bahia*, a. 17, n. 7, jan. 1886, p. 312

com sinais evidentes no caso do homem de 32 anos, e por predisposição hereditária, no caso daquele que tinha 44 anos.

Nenhum dos dois foi descrito como efeminado, um traço que, pelo que se pode ver no fragmento, e nos outros textos citados, era um elemento que permitiria o reconhecimento mais fácil e imediato da moléstia mental. Mas quando aparecia uma patologia ou um comportamento dissonante, parece que tudo, principalmente o passado, poderia ser colocado dentro uma lógica que resulta no aparecimento da moléstia.

Ora, o ano de publicação deste artigo é um marco também por outra razão. Depois de ser criada na reforma de 1879 e instituída em 1882, finalmente a cadeira de Clínica Psiquiátrica foi preenchida em 1886. Seu primeiro lente foi o professor Augusto Freire Maia Bittencourt, que veio a falecer em 1889. Foi substituído por João Tillemont Fontes, em 1891, que a ocupou até 1907¹⁹³. Em 1893, Juliano Moreira assumiu o papel de assistente de clínica psiquiátrica, cadeira da qual passou a ser lente substituto em 1896¹⁹⁴. É interessante destacar, aqui, que duas das mais influentes figuras do pensamento psiquiátrico no Brasil dos começos da República, Nina Rodrigues e Juliano Moreira, estavam na Faculdade de Medicina da Bahia ao mesmo tempo como professores. Nenhum dos dois, contudo, era lente da cadeira de clínica psiquiátrica. Tillemont Fontes escreveu alguns artigos para a *Gazeta Médica da Bahia*, mas não parece ter um pensamento tão influente sobre os alunos quanto seus dois colegas supracitados, que foram explicitamente referidos em muitos dos trabalhos mais importantes estudados nesta tese. Por outro lado, Fontes demonstrou maior atividade no combate da administração do Asylo de S. João de Deos pela Santa Casa de Misericórdia¹⁹⁵.

No caso do Rio de Janeiro, a cátedra de psiquiatria não só foi preenchida antes – Teixeira Brandão a assumiu no ano de 1883 – como este médico foi especialmente hábil em associar docência, atuação profissional e política. Como vimos acima, o catedrático participava da administração do Hospício Pedro II desde 1884. No começo do século XX, Teixeira Brandão foi eleito Deputado Federal e tomou parte ativa da reforma da Assistência Médico-Legal aos alienados, como lembra Engel¹⁹⁶. Não se trata de dizer,

¹⁹³ **Noticiário.** *Gazeta Medica da Bahia*, a. 13, n. 2, ago 1881, p. 93; Necrologio. ***Gazeta Medica da Bahia***, a. 21, n. 10, abril de 1890; e JACOBINA, **A prática psiquiátrica na Bahia**, 2001, p. 173.

¹⁹⁴ Jacobina, Ronaldo Ribeiro e Gelman, Ester Ainda Juliano Moreira e a *Gazeta Medica da Bahia*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. 2008, v. 15, n. 4, pp. 1077-1097,

¹⁹⁵ JACOBINA, **A prática psiquiátrica na Bahia**, 2001., p. 184-6

¹⁹⁶ ENGEL **Os delírios da razão**, 2001., p. 28-260. É curioso notar, além disso, que Teixeira Brandão e Nina Rodrigues travavam muitas vezes debates intensos acerca da assistência aos alienados, o que

porém, que havia uma unidade de projeto, ou uma relação hierárquica que teria na figura de Teixeira Brandão um lugar de destaque e direção. Havia, por certo, descontinuidades de toda a ordem. Mariza Corrêa lembrou, por exemplo, que o Dr. Juliano Moreira foi nomeado em 1903 Diretor do Hospício Nacional de Alienados, o que mostra que as redes de relação influenciavam consideravelmente a ocupação de determinados cargos administrativos. O que não significa negar a diferença que implicou os períodos em que a cátedra ficou sem lente na Bahia – de 1882 a 1886, e de 1890 a 1891, pelo menos.

Feitas estas considerações sumárias que dão o contexto, é o momento de analisar a documentação desta tese.

4. ANALISANDO O CORPUS DOCUMENTAL

Já tive a oportunidade de apresentar a lista de teses, bem como discorrer brevemente acerca dos critérios de escolha - quais sejam, partir das teses com referências explícitas, e delas para outras que ocupam-se de questões correlatas, ao abrigo das quais o tema da homossexualidade foi discutido. É o que ocorreu, por exemplo, com as teses de Cardozo e Albuquerque, analisadas acima: sob um grande guarda-chuva – o impacto da civilização sobre a saúde mental, ou as variadas formas de monomania – padrões socialmente sancionados e rejeitados podem ser percebidos.

Como, em muitos casos, o que existem são referências cifradas, como a Mariquinhas, ou uma insinuação, como no caso da relação entre onanismo e imoralidade, a análise conjunta permite perceber as articulações e partilhas, no processo de produção de certos corpos e sujeitos como não-emendáveis. De forma a facilitar o trabalho, a lista de teses será reproduzida abaixo, desta vez destacando em negrito as teses nas quais a homossexualidade aparece explicitada.

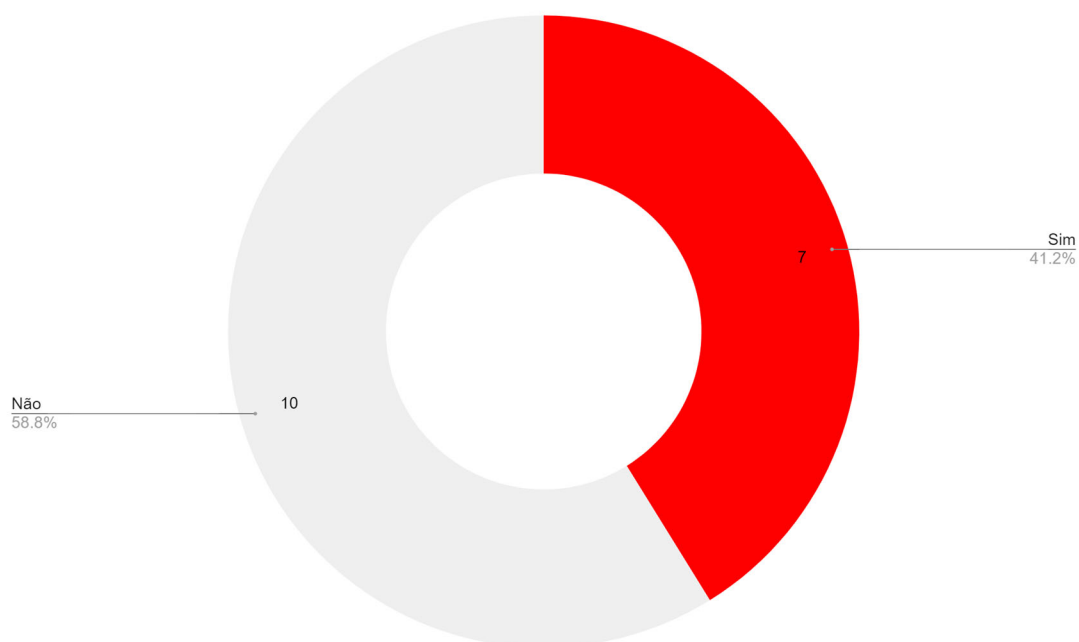
QUADRO 2 – Lista de teses, destacando as que tratam da homossexualidade

	Ano	Autor	Título
1	1882	Aloisio Mário Santos	Herança Pathologica e Molestias Hereditarias
2	1885	Tristão Cunha	Herança Physiologica
3	1888	Antonio Cavalcanti Pina	Herança Physiologica e Pathologica
4	1888	Fábio Lopes dos Santos Luz	Hypnotismo e livre arbítrio
5	1889	Bento Augusto D'Andrade	Estudo sobre a pathologia das doenças constitucionais hereditárias
6	1889	Virgilio Martins Lopes de Mendonça	Hypnotismo e de seu valor terapêutico
7	1890	Eduardo Jansen Vieira de Mello	Hysteria no homem
8	1890	Manuel Sampaio Marques	Hysteria no homem
9	1891	Bonifacio Ponce de Leão Castro	A Neurasthenia
10	1891	Felipe Nery Gonçalves	A Degeneração Psychica
11	1891	Alfredo de Magalhães	Hypnotismo e Sugestão
12	1893	Elias Rocha Barros	Estygmata da Degeneração Psychica
13	1897	Afrânio Peixoto	Epilepsia e Crime
14	1898	Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida	Degenerados Criminosos
15	1898	Domingos Firmino Pinheiro	O Androphilismo
16	1899	A. Ferreira Guimarães	Deve ser regulamentada a prostituição?
17	1900	Augusto Ribeiro Silva	Hypnose do ponto de vista médico legal

Fonte: SANTOS, *Herança...*, 1882; CUNHA, *Herança...*, 1885; PINA, *Herança...*, 1885; LUZ, *Hypnotismo...*, 1888; D'ANDRADE, *Do hypnotismo...*, 1889; MELLO, *Hysteria*, 1890; MARQUES, *Hysteria...*, 1890; CASTRO, *A neurasthenia*, 1891; GOÇALVES, *A degeneração...*, 1891; MAGALHÃES, *Hypnotismo...*, 1891; BARROS, *Estygmata*, 1893; PEIXOTO, *Epilepsia...*, 1897; ALMEIDA, *Degenerados...*, 1898; PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898; GUIMARÃES, *Deve ser regulamentada...*, 1899; SILVA, *Hypnose...*, 1900.

A partir deste universo, algumas perguntas podem ser feitas. Em primeiro lugar que noções e conceitos estão presentes com maior frequência nas teses arroladas acima? Em segundo lugar, qual proporção cita, explicitamente, o erotismo e afeto entre homens? Em terceiro, quais são os autores mais significativos, e de que forma eles se associam com as teses que citam o amor masculino?

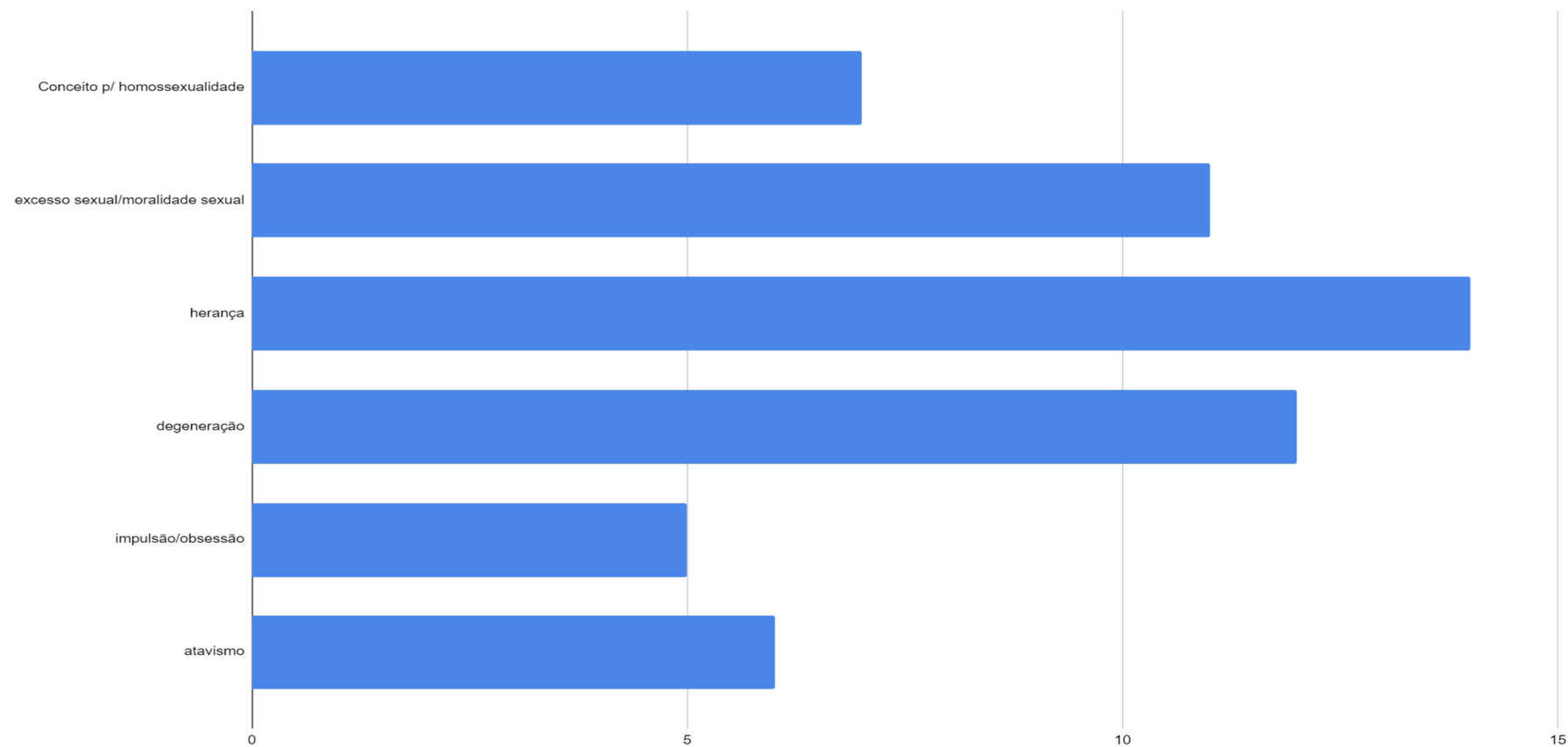
4.1. GRÁFICO 1 - Referências diretas à homossexualidade



Fonte: SANTOS, **Herança...**, 1882; CUNHA, **Herança...**, 1885; PINA, **Herança...**, 1885; LUZ, **Hypnotismo...**, 1888; D'ANDRADE, **Do hypnotismo...**, 1889; MELLO, **Hysteria**, 1890; MARQUES, **Hysteria...**, 1890; CASTRO, **A neurasthenia**, 1891; GOÇALVES, **A degeneração...**, 1891; MAGALHÃES, **Hypnotismo...**, 1891; BARROS, **Estygmias**, 1893; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897; ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898; GUIMARÃES, **Deve ser regulamentada...**, 1899; SILVA, **Hypnose...**, 1900.

Do universo de teses citadas, pouco mais de um terço delas apresentam uma referência direta à homossexualidade masculina. Deixou-se de lado neste gráfico condições que poderiam apenas sugerir esta relação, sem uma menção explícita – é o caso do onanismo, comportamento que, como visto acima, tanto era considerado como podendo causar o desenvolvimento de moléstias mentais, como representava uma espécie de vestíbulo de práticas sexuais consideradas mais aberrantes.

4.2.GRÁFICO 2 - Temas, conceitos e noções abordados nas teses



Fonte: SANTOS, **Herança...**, 1882; CUNHA, **Herança...**, 1885; PINA, **Herança...**, 1885; LUZ, **Hypnotismo...**, 1888; D'ANDRADE, **Do hypnotismo...**, 1889; MELLO, **Hysteria**, 1890; MARQUES, **Hysteria...**, 1890; CASTRO, **A neurasthenia**, 1891; GOÇALVES, **A degeneração...**, 1891; MAGALHÃES, **Hypnotismo...**, 1891; BARROS, **Estygmias**, 1893; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897; ALMEIDA, **Degenerados...** 1898; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898; GUIMARÃES, **Deve ser regulamentada...**, 1899; SILVA, **Hypnose...**, 1900.

A leitura preliminar das fontes – as dezessete teses escolhidas e citadas no quadro 01 – permitiu delinear alguns dos temas e conceitos que passam a ser mobilizados, quer inéditos, quer presentes em teses anteriores e aqui redefinidos. É o caso, por exemplo, do termo *mania*. Apesar de citado em trabalhos datados das décadas anteriores, sua acepção vai ganhando outros sentidos, distintos das primeiras formulações de Pinel ou Esquirol.

Embora estas noções e conceitos estejam separados nesta apresentação, o mais comum é que eles se interpenetrassem e eram mobilizados conjuntamente – ainda que nem sempre de maneira uniforme – na análise do tema pelo autor de cada tese. Acredito que ajudam a compreender, de forma mais pormenorizada, as continuidades e descontinuidades em torno quer das práticas nominativas – de sodomita a androphilistas, de efeminado a ‘homo-sexual’ – quer das interpelações a corpos que passaram a ser compreendidos na qualidade de referenciais fixos e marcados por uma diferença supostamente incomensurável.

O primeiro deles é a herança – entendida como o conjunto de determinações de fundo biológico, quer do indivíduo, quer de uma coletividade, dadas pelo caudal de propensões e vocações legadas. De modo geral, a herança é considerada, nas teses, sob o viés mórbido, havendo poucas referências à herança de caracteres considerados normais. É um tema que aparece em doze das quinze teses pesquisadas, e que se associa ao fenômeno da homossexualidade em vários momentos. Neste sentido, o erotismo e afeto entre homens ganharia contornos de tara hereditária, e a ideia de herança é torcida para ganhar outras implicações – em lugar da transmissão de uma predisposição, se legaria aos descendentes males de ordem sexual, enquadramento que permite traçar paralelos com as inquietações dos médicos baianos acerca das tensões raciais na Bahia, e sobre a mestiçagem. Cumpre apontar que existem descontinuidades neste ponto. A tese de Afrânio Peixoto, tanto pelo grau de densidade, quanto por apontar os limites analíticos de certas abordagens de autores europeus, reclama uma leitura mais atenta a nuances.

Com número menor de referências, aparece a noção de degeneração. Tal como mania, degeneração é um termo que aparece em teses datadas das décadas anteriores mas que, no contexto estudado aqui, ganha maior detalhamento, em geral como manifestação de uma herança mórbida. As inquietações dos estudantes sobre a mestiçagem surgem mais explicitamente associadas a este tema, de forma a justificar a diferença e as hierarquias entre as raças humanas. Além disso, comportamentos sexuais

considerados dissonantes do normal também são lidos à luz desta noção¹⁹⁷. No caso do erotismo e afeto entre homens, além de figurar como “tara hereditária”, também foi arrolado no campo dos estigmas de degeneração a serem buscados no corpo e/ou na mente de indivíduos doentes, especialmente quando se realiza a análise de observações empíricas.

Correlato à noção de degeneração, e figurando quase sempre nos debates sobre herança, está o atavismo, como forma de sugerir a ideia do reaparecimento de traços físicos, doenças, e de comportamentos morais considerados típicos de ancestrais mais primitivos da espécie e pouco adequados para o convívio social. Cumpre notar que a associação entre degeneração e atavismo estava sujeita a críticas acerca das limitações e contradições internas deste último conceito – embora a maioria das autorias associe diretamente estas duas noções, sem resolver os problemas apontados por outros autores.

Os excessos sexuais (como onanismo, libertinagem, prostituição etc.) também aparecem arrolados como um fator de adoecimento psíquico, ou como sintoma de certas moléstias mentais. Com relação a este tema, aliás, é significativo apontar o papel da sugestão hipnótica, descrita como tratamento para doenças, mas, também, técnica eficaz para tratar comportamentos sexuais considerados inadequados¹⁹⁸. Cumpre apontar que as práticas erótico-afetivas entre homens não estão presentes nesta classificação. Faço este destaque para poder explorar mais estreitamente as práticas eróticas e afetivas entre homens, e não para negar a estreita relação existente entre determinados comportamentos sexuais – a libertinagem dos marinheiros embarcados, o onanismo de jovens em colégios internos – e práticas homoeróticas.

Esta separação também permite demarcar uma questão: há uma maior recorrência a termos **específicos** para tratar do erotismo e afeto entre homens. Enquanto nas teses que estudei no mestrado havia uma significativa vagueza, inclusive conceitual, na forma de tratar destas práticas, as teses sobre psiquiatria quase sempre mobilizam terminologias mais circunscritas **mesmo quando** tratam da homossexualidade numa perspectiva mais literária. Assim, ao lado de pederastia, efeminação e sodomia, surgem

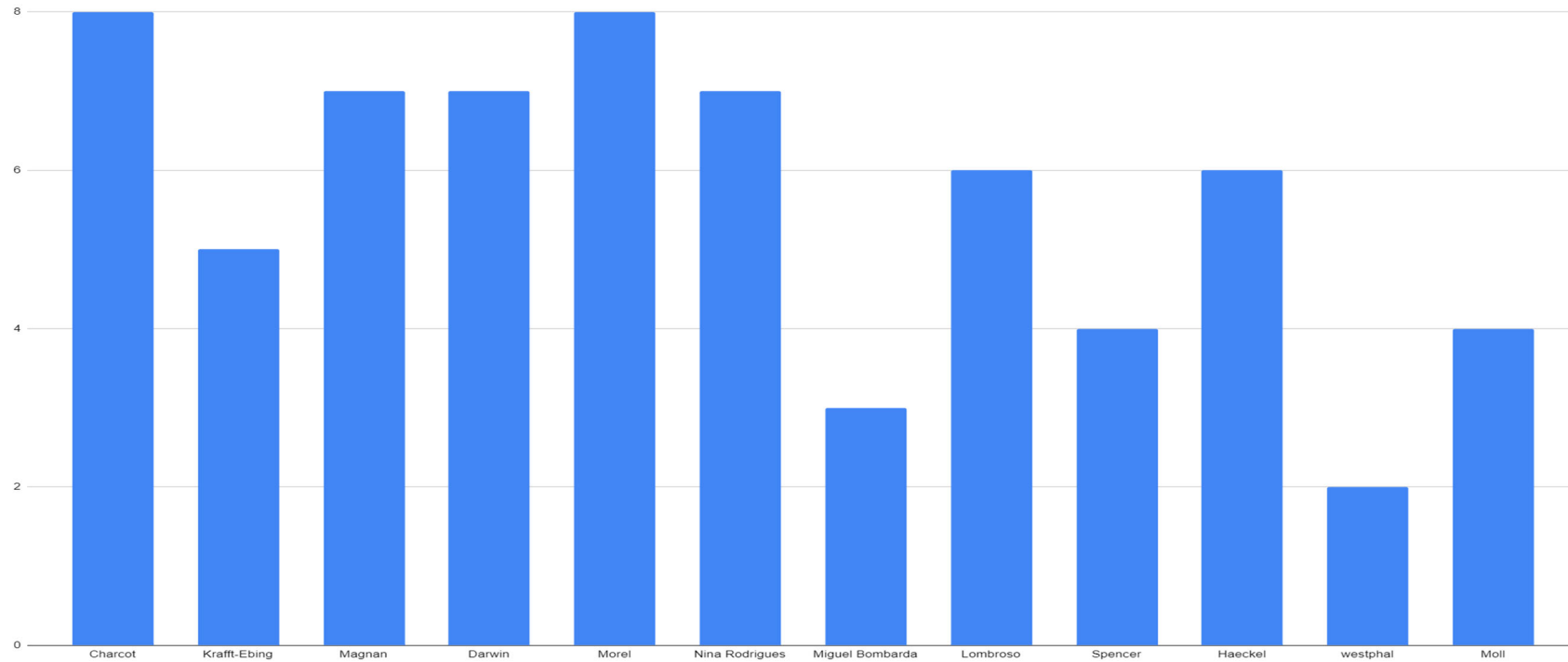
¹⁹⁷ No entender de Lilia Schwarcz, raça e mestiçagem aparecem no período como temas fundamentais de análise para médicos e integrantes da FAMEB no período. Ver: SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, 248-9, afirmação que encontra subsídios nas pesquisas de FRAGA FILHO, **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. 1996, p. 164; COSTA, **A Bahia já deu régua e compasso**, 1997, passim; e ALBUQUERQUE, **O jogo da dissimulação**, 2009 p. 223-4.

¹⁹⁸ Parece lícito supor que os médicos baianos faziam uso deste tipo de técnica quando julgavam pertinente. As teses aos poucos vão ganhando densidade e deixando o campo das discussões mais conceituais sobre a sugestão, para ingressar nas melhores técnicas de uso, e para o tipo de doente que poderia ser mais suscetível a determinado tipo de técnica em detrimento de outras.

nomenclaturas mais técnicas, a exemplo de instintos sexuais contrários, inspirados em Westphal, inversão sexual, proposta por Magnan, e, sobretudo, a noção de homossexual, proposta por Krafft-Ebing. Cada uma delas possui especificidades dadas pelo contexto de formulação, e, embora nem sempre os finalistas do curso médico estivessem atentos a isto, é necessário contextualizar bem cada um.

A impulsão e a obsessão, por sua vez, são conceitos cujo uso é tardio – correspondem a trabalhos da segunda metade da década de 1890. São conectados entre si, e, de modo geral aparecem quando os autores intentam refletir sobre comportamentos aberrantes que ficam no limiar da moléstia de fundo mental e do crime – inclusive no que toca ao comportamento sexual considerado disparatado. Os dois são caracterizados por uma ação imperativa, que deveria ser realizada e ou/evitada a todo custo. No caso da impulsão, existiria algum grau de conhecimento e, até, de intencionalidade na ação dos indivíduos; no caso da obsessão, a capacidade de resistência ao arroubo é nula. Aqui, reside um dos pontos de conexão entre psiquiatria e medicina legal, e que permite antever as distintas maneiras pelas quais o debate da punição de sujeitos homossexuais perante o direito brasileiro era encarado.

4.3. GRÁFICO 3 – Autores mais significativos¹⁹⁹:



Fonte: SANTOS, **Herança...**, 1882; CUNHA, **Herança...**, 1885; PINA, **Herança...**, 1885; LUZ, **Hypnotismo...**, 1888; D'ANDRADE, **Do hypnotismo...**, 1889; MELLO, **Hysteria**, 1890; MARQUES, **Hysteria...**, 1890; CASTRO, **A neurasthenia**, 1891; GOÇALVES, **A degeneração...**, 1891; MAGALHÃES, **Hypnotismo...**, 1891; BARROS, **Estygmias**, 1893; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897; ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898; GUIMARÃES, **Deve ser regulamentada...**, 1899; SILVA, **Hypnose...**, 1900.

¹⁹⁹ São eles: Charcot, Krafft-Ebing, Magnan, Darwin, Morel, Nina Rodrigues, Miguel Bombarda, Lombroso, Spencer, Haeckel, Westphal e Moll

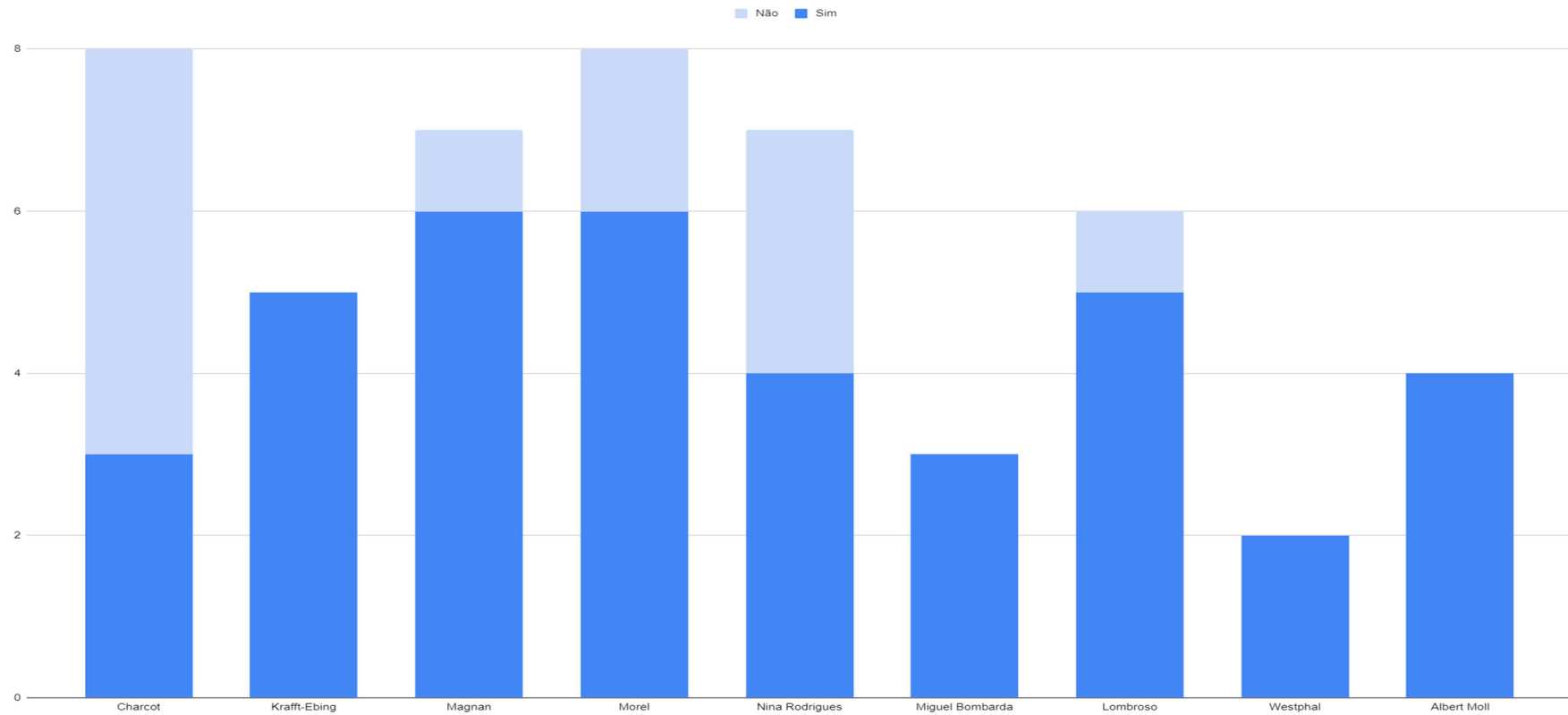
O gráfico de autorias médicas citadas é menos preciso do que os apresentados anteriormente. Nele, optou-se por destacar as referências mais significativas para esta tese. O quadro, se não abarca a totalidade dos autores que aparecem nas teses, permite perceber aqueles de maior importância e/ou impacto. Isto nem sempre implica adesão automática ou uma leitura pouco crítica – mas tais descontinuidades serão objeto de reflexões adiante.

Não parece adequado adotar a ideia de que havia preferência pela produção de uma ou de outra corrente de saber, ou instituição; especialistas de centros de saber situados na França (Charcot, Magnan) aparecem ao lado de psiquiatras alemães (Krafft-Ebing, Moll, Haeckel, Westphal), pensadores ingleses (Darwin, Spencer), e autores brasileiros (Nina Rodrigues) e, até mesmo, portugueses (Miguel Bombarda). O que se pode constatar, pois, é certo ecletismo de referência dos finalistas do curso médico da FAMEB, em que pese as distinções, inclusive analíticas, entre estas referências.

Quando se cruza as teses que fazem menção à homossexualidade e estes autores, o quadro fica um tanto mais incerto. Se são confirmadas algumas hipóteses prévias, como a centralidade de nomes como Krafft-Ebing, Morel e Magnan, há descontinuidades mais salientes aqui. Embora nem sempre os autores estejam relacionados aos pontos na tese em que discussões sobre a homossexualidade são realizadas, algumas considerações podem ser feitas. Charcot, por exemplo, é uma referência importante para os autores citados. No que toca à homossexualidade, contudo, ele surge relacionado em apenas uma das teses – embora o trabalho do já citado Magnan sobre a inversão sexual e outras perversões sexuais tenha sido elaborado em coautoria com Charcot.

Neste sentido, junto a esta análise mais atenta a regularidades nas referências destes autores, é preciso explorar, também, as descontinuidades na forma como são os mesmos percebidos na qualidade de autoridades acerca de determinado campo do conhecimento.

4.4. GRÁFICO 4 – Autores mais significativos que citam a homossexualidade



Fonte: SANTOS, **Herança...**, 1882; CUNHA, **Herança...**, 1885; PINA, **Herança...**, 1885; LUZ, **Hypnotismo...**, 1888; D'ANDRADE, **Do hypnotismo...**, 1889; MELLO, **Hysteria**, 1890; MARQUES, **Hysteria...**, 1890; CASTRO, **A neurasthenia**, 1891; GOÇALVES, **A degeneração...**, 1891; MAGALHÃES, **Hypnotismo...**, 1891; BARROS, **Estygmias**, 1893; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897; ALMEIDA, **Degenerados...** 1898; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898; GUIMARÃES, **Deve ser regulamentada...**, 1899; SILVA, **Hypnose...**, 1900.

A ideia deste último gráfico é ressaltar que, no universo de trabalhos e autores consultados, havia referências ao erotismo e afeto entre homens – algumas muito breves, não passando de uma observação empírica; outras muito extensas, reunindo grande quantidade de informações e reflexões mais adensadas. Não é demais lembrar que, se o fenômeno descrito era o mesmo – relações homossexuais – nem sempre o viés analítico era semelhante entre autores da FAMEB e de outros centros de saber, e nem eram iguais os dilemas e problemas sociais associados no contexto de cada autor.

É possível também perceber que o fenômeno das sexualidades dissidentes, inclusive de relações erótico-afetivas entre homens, estava presente nos conceitos mobilizados nas teses inaugurais, vistos no gráfico 2. Não é desarrazoado sublinhar este último aspecto. Como vimos na Introdução, a historiografia brasileira ao longo das últimas décadas consolidou uma leitura na qual o saber médico teve um papel em propiciar discursos eficientes em torno de setores subalternizados da população, especialmente a partir da ideia de raça. Contudo, em seu contexto de produção, toda a sorte de fenômenos e comportamentos poderiam ser considerados como anômalos e participavam da formulação de conceitos tais como, digamos, o de atavismo, ou noções como a de hereditariedade patológica.

É conveniente citar um exemplo. Costa, ao estudar a relação entre medicina legal e a questão racial na Bahia entre 1890 e 1940, sublinhou a importância da ideia de criminoso-nato – proposta por Lombroso em suas obras acerca do homem delinquente, e utilizada por vezes em articulação com a noção de atavismo. Contudo, embora o seu objeto de estudo seja o componente racial na elaboração de pareceres técnicos que faziam uso deste conceito, destacou a existência de outras especificidades:

Em que pese o viés racial permanecer como o fio dessa escrita, não nos esqueçamos que o tecido social é inconsútil, o que impele a não perder de vista outras especificidades, não raro iluminadoras deste saber e prática médico-legais: a geografia criminal, a abordagem diferenciada quanto ao gênero, o discurso em tomo dos marginalizados (menores, homossexuais, toxicômanos e loucos)²⁰⁰.

Sexualidades dissidentes, loucura, precocidade no crime, diferença de gênero. Tais fenômenos estão presentes tanto na documentação estudada por Costa, quanto na

²⁰⁰ COSTA, A *Bahia já deu régua e compasso*, 1997, p. 16

própria formulação e estudos dos autores citados. É este processo que se pretende destacar.

A partir do conjunto de gráficos apresentados acima, é possível divisar em que bases se davam as percepções e leituras acerca de determinados corpos; as formas prevalentes de masculinidade nesta documentação; a alocação da homossexualidade num rol de práticas indesejáveis; e sua associação com concepções de saúde, contágio, moléstias mentais, e crime.

Ao longo deste capítulo, foi observado o processo de consolidação de uma ciência, com seus marcos, marcas e preocupações. A partir deste arcabouço, será possível fazer uma história da delimitação conceitual de corpos dissidentes, dotados das máculas da degeneração mental denunciada por uma masculinidade e uma vida sexual anômala. Tais elementos serão objetos de análise pormenorizada nos próximos capítulos, quando se verá de que forma, a partir deste nexos de conceitos e noções, a psiquiatria vai produzindo uma determinada leitura de certos corpos, os quais posteriormente seriam nomeados, e suas práticas eróticas percebidas como frutos de uma conformação física e psíquica fixa.

CAPÍTULO 2: O ATELIÊ DE PIGMALEÃO: UMA TRAMA DE CONCEITOS, NOÇÕES E CATEGORIAS

O objetivo deste capítulo é analisar as principais noções, conceitos e categorias mobilizados pelos autores em suas teses, que informam a maneira pela qual serão produzidos os enunciados acerca de corpos e sexualidades consideradas como dissidentes e, em especial, a homossexualidade. Pretende-se, portanto, explorar a arquitetura conceitual de concepções tais como herança/hereditariedade, degeneração ou atavismo, dando assim o quadro geral no qual noções como inversão sexual ou androfilismo viriam a ser mobilizadas por estes autores no campo da Psiquiatria e das moléstias mentais. Como já dito na introdução, conceitos explícitos para se referir ao erotismo e afeto entre homens serão objeto do próximo capítulo.

Com isto, se pretende examinar a relação entre tais noções e valores acerca de gênero e sexualidades dissidentes na cidade da Bahia em fins do XIX. Alguns destes conceitos têm sido mais utilizados em estudos historiográficos acerca de raça, racismo e mestiçagem no século XIX²⁰¹. Isto é condizente com a documentação do período, na qual se retrabalhou o problema da manutenção de hierarquias sociais por meio do pressuposto da existência de uma diferença inata e biológica entre raças humanas, tida como consenso científico bem fundamentado.

Contudo, como visto anteriormente, a raça, gênero e sexualidade com frequência se apresentavam concatenados e, até mesmo, interdependentes entre si. Senão vejamos um exemplo. Em 1896 Aurelino Leal, promotor público da Comarca de Amargosa e futuro Deputado Estadual em 1900, lançou a obra intitulada *Germens do Crime*. Intercessão entre direito penal, biologia e sociologia, assim se expressava seu autor acerca das causas da responsabilidade, da criminalidade e da legislação no Brasil:

Hoje os legisladores têm necessidade de pensar mais: imergem os seus olhos até o mais profundo das camadas sociaes, para esdudar-lhes a hygiene, o meio, a educação, a indole, o movimento do mundo psychologico de cada um; nega-lhes o livre arbitrio em nome da physio-psycologia; mede-lhes com extremo cuidado a responsabilidade, levando em conta relativa as alterações de seu systema nervoso; as suas anomalias; lança os seus olhos para a prole do criminoso para desvendar-lhe os phenomenos do atavismo, a hereditariedade; estuda o phenomeno da imitação como influente na

²⁰¹ Um bom exemplo pode ser encontrado em: NEGRO, Antonio Luigi. **Coisa de Branco**. A queixa e a mágoa da falta de aviso e de indenização; ou socorro e auxílio. A contrariedade senhorial ante a revolução ou golpe fatal do 13 de maio de 1888; e suas complicações (Bahia, Brasil, e um pouco além). Tese de Concurso (Professor titular). - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. p 76-8.

atividade criminosa, e reconhece-lhes o grande papel que representa na animação da criminalidade²⁰².

E mais à frente, ao deplorar a condição do que chamava de infância desvalida, predisposta para o cometimento de crimes e demandando a ação do Estado:

A pessoa que hoje sae de um theatro, de volta para a casa, encontra pelas ruas dezenas de desventurados, uns ebrios, outros na desenfreada crapula, outros dormindo nos passeos, expostos aos rigores das tempestades!
Não é raro encontrar-se algum armado de uma faca ou de uma pistola, adquiridas por meios desconhecidos, quasi como sempre viciados todos na pederastia, relaxando inteiramente os sentimentos de probidade²⁰³!

É necessário perceber que Leal falou de algumas das noções e conceitos que foram mobilizados pelos finalistas do curso médico baiano, e que não raro sugeriam e até falavam de maneira explícita acerca de sexualidades dissidentes. Ora, é indispensável compreender que estes termos não são palavras lançadas aleatoriamente. São dotados de uma historicidade, e seu uso também permitiria compreender a maneira pela qual uma sociedade que possuía uma miríade de palavras poderia dar a ver concepções de gênero e sexualidade. É um esforço, em suma, de tentar propor uma explicação, certamente fragmentária e incompleta, para as insinuações cheias de significado sobre corpos e práticas sem nome, que fugiam a padrões de masculinidade e de heterossexualidade. Neste capítulo, portanto, o foco estará no conjunto de conceitos e noções a partir dos quais o erotismo e afeto entre homens era analisado e dado a ler. Pretende-se refletir acerca das implicações mudas de noções como degeneração, atavismo, hereditariedade mórbida, que permitem perceber algumas lentes a partir das quais os estudantes da FAMEB liam e descreviam as inquietações de seu contexto.

²⁰² LEAL, Aurelino de Araújo. **Germens do Crime**. Bahia: Livraria Magalhães, 1896, fl. V-VI. Para um perfil biográfico do autor, ver: Vasconcelos, Claudio Beserra de. Aurelino Leal. In: ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)**. 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEAL,%20Aurelino.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2021.

²⁰³ LEAL, **Germens do Crime**, 1896, p. 296

1. HEREDITARIEDADE E ETAPAS DA EVOLUÇÃO: DARWIN, HAECKEL E SPENCER

Como vimos no gráfico 2 do capítulo anterior, a maior parte das teses possui referências à hereditariedade e/ou herança (12 num universo de 18). Em geral, estes termos aparecem conjugados com referências a Darwin e seus difusores, bem como aos estudos acerca da origem e evolução da espécie humana no planeta. Para Lília Schwarcz, o evolucionismo, sobretudo nas décadas finais do século XIX, teve um papel importante no Brasil, contribuindo na reconfiguração da questão da viabilidade nacional, sem que isso tenha implicado abandonar a manutenção de hierarquias²⁰⁴. Em outras palavras, em lugar de um instituto jurídico que viabilizasse a desigualdade – a escravidão –, a ordem social passa a se apresentar como que espelhando o que estava inscrito na natureza, isso é, a diferença inata entre determinados corpos em razão de fatores anômalos, inclusive de ordem mental – e, dentre eles, a hereditariedade. É o que veremos a seguir.

Nascido em 1809, Darwin não chegou a concluir a formação superior em medicina que havia iniciado em 1825, na Universidade de Edimburgo, antes de se transferir para o bacharelado em Artes da Universidade de Cambridge. Foi, entretanto, na instituição escocesa que teve contato com a taxidermia e os sistemas de classificação então em voga em centros de saber do continente, o principal dos quais era o proposto por Jean Baptiste Monet, Cavaleiro de Lamarck²⁰⁵, e que esbarravam nas restrições religiosas das Universidades inglesas de Cambridge e Oxford. Grosso modo, Lamarck defendia a ideia – polêmica – de que as espécies apenas poderiam ter sobrevivido ao longo do tempo na medida em que sofressem pequenas modificações contínuas, causadas por condições sobretudo ambientais, e sequenciadas ao longo de uma duração de tempo muito dilatada, que não poderia mais ser medida nos termos da vida dos patriarcas, nem se prestava a narrativas totalizantes e absolutas como o dilúvio bíblico:

As ideias de Lamarck, muito baseadas em especulações, têm, entretanto, aspectos importantes. Para ele, as espécies não poderiam ter surgido na criação e se mantido estáticas desde então, pois se isto ocorresse não sobreviveriam a mudanças do meio. Como consequência, ele concluía que as espécies continuamente se

²⁰⁴ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, passim

²⁰⁵ CELERI, Eloisa Helena Rubello Valler; JACINTHO, Antonio Carvalho de Ávila; DALGALARRONDO, Paulo. Chales Darwin: um observador do desenvolvimento humano. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 13, n. 4, 2010, p. 560.

alteravam, apesar de muitas vezes manter sua aparência. Estas mudanças poderiam ser diminutas, mas atuavam constantemente e de forma gradual, fazendo com que a vida se adaptasse constantemente às mudanças externas. Contrariamente a seu colega Cuvier, Lamarck defendia a ideia de uma terra que evolui por pequenas alterações. De fato, Lamarck foi o primeiro a formular uma teoria da evolução compreensiva e sistemática²⁰⁶.

Neste sentido, o autor abria espaço para que se questionasse de maneira mais explícita certas interpretações literais dos textos religiosos, o que levou a críticas bastante pesadas do seu trabalho. A Universidade de Edimburgo foi um dos poucos centros de saber no qual o seu pensamento, ainda que não tenha se convertido em dominante, também não foi objeto de críticas que inviabilizassem sua discussão²⁰⁷.

Além disso, havia outro ponto significativo. Um dos desdobramentos da formulação de Lamarck era que caracteres adquiridos pelo uso ou perdidos pelo desuso seriam passíveis de serem legados aos descendentes. O emprego habitual de determinado órgão ou parte do corpo, gerava maior influxo de fluídos, o que resultaria em incremento, por oposição a partes que, sem compartilhar deste processo, se tornam atrofiadas²⁰⁸, como pode ser visto no fragmento abaixo do Almanach Litterario para o ano de 1889, documento que tinha um público leitor mais amplo do que uma tese de medicina:

Huxley resume em poucas palavras as syntheses zoologicas: “Para Lamarck, é um facto physiologico, que a acção faz augmentar a dimensão dos órgãos, que se atrophiam pela inacção; é tambem um facto physiologico que as modificações produzidas se transmittem aos descendentes. Por consecuencia, se vós mudaes as acções de um animal, mudaes-lhe a sua structura, activando o desenvolvimento das partes novamente postas em uso, fazendo diminuir aquellas que não são mais empregadas; mas modicando as circunstancias que rodeiam o animal, mudaes as suas acções, d’onde resulta que com a diutunidade uma mudança de circunstancias que deve produzir uma mudança de organização. Por este motivo, todas as especiaes animaes são, segundo Lamarck, o resultado da acção indirecta de mudança de circunstancias sobre estes germens primitivos que se tinham produzido originalmente, segundo elle, por gerações espontaneas no seio das aguas do globo”²⁰⁹.

²⁰⁶ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et all. **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p. 10

²⁰⁷ FERREIRA, Marcelo Alves. **Transformismo e extinção: de Lamarck a Darwin**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 2007.

²⁰⁸ DOMINGUES et all, **A recepção do darwinismo no Brasil**, 2003 p. 81; JORDANOVA, Ludmilla Jane. **Lamarck**. Oxford University Press, 1984, p. 63-5. col. Past Masters.

²⁰⁹ CARVALHO, Prudencio de. **Almanach Litterario e de indicações para o anno de 1889**. Bahia: Typografia do Bazar, 1888, p. 142.

Em 1831, Darwin se candidatou a vaga de naturalista a bordo do navio Beagle, para uma viagem de investigação e mapeamento da costa da América do Sul. Em que pese sua formação, que não condizia com o cargo – o caminho mais coerente com a formação de Charles Darwin seria o de ter seguido a carreira eclesiástica para a qual havia se preparado em Cambridge – graças ao financiamento familiar, o jovem obteve a vaga. Em 1832, o cientista visitou o Império do Brasil a bordo do Beagle, e a biodiversidade brasileira o espantou muito, a ponto de ter tido um papel avultado nas formulações que apareceriam quando da divulgação de seus diários, em 1839, e, sobretudo, quando foi editada sua obra mais famosa, a *Origem das Espécies*, em 1859. Neste livro, Darwin, fortemente influenciado por Lamarck e pela leitura do economista Thomas Malthus, propôs o conceito de seleção natural como forma de explicar de maneira mais eficiente e nuançada a mudança dos seres organizados. Sumariamente, ela pode assim ser compreendida: Em um ambiente partilhado, a competição recorrente entre indivíduos pela sobrevivência – quer da mesma espécie, quer de espécies distintas – se resolveria em benefício daqueles que tivessem, ao longo do tempo, as variações mais adaptadas às condições de existência, e que legavam a aptidão para seus descendentes; estes poderiam, ou não, apresentar as variações que fossem úteis²¹⁰:

Pode-se dizer, metaforicamente, que a seleção natural procura, a cada instante e em todo o mundo as variações mais sutis; repele as que são nocivas, conserva e acumula as que são úteis; trabalha em silêncio, insensivelmente, por toda a parte e sempre, desde que se apresente a ocasião para melhorar os seres organizados relativamente as suas condições de vida orgânica e inorgânica²¹¹.

Embora não tenha rejeitado explicitamente a ideia de uma herança que se daria pelo uso ou pelo desuso, o fato é que Darwin emprestava um peso maior ao papel da variabilidade positiva dos seres vivos como um componente significativo na luta pela sobrevivência. Em suma: eram as variações favoráveis, legadas aos descendentes, que permitiriam maior sucesso na luta pela sobrevivência, e não a utilização²¹². Os fatores que propiciavam este aparecimento eram múltiplos e extremamente complexos, e não se reduziavam a determinações ambientais.

²¹⁰ DOMINGUES et all, **A recepção do darwinismo no Brasil**, 2003 p. 89, n. 7.

²¹¹ DARWIN, Charles. **A origem as espécies**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010, p. 72. Col. Livros que mudaram o mundo, v.1

²¹² DARWIN, **A origem das espécies**, 2010, p. 70. Embora ele próprio não tenha utilizado o termo ‘evolução’, a obra deste autor é considerada como uma das mais centrais do pensamento evolucionista.

Tal como a obra de Lamarck, o trabalho de Darwin esteve sujeito a críticas severas e a um sem-número de polêmicas. A sua recepção no Brasil é um bom exemplo disso. A constituição de 1824 consagrou o catolicismo como religião de Estado. O cristianismo católico atravessava variados aspectos da vida quotidiana no Brasil oitocentista. O regente Feijó havia sido um padre, e muitos outros religiosos viriam a desempenhar um papel saliente na vida política nacional. Os párocos, lembrou Santirocchi, serviram de apoio para o Estado brasileiro especialmente na política local, e possuíam uma série de competências delegadas pela administração central²¹³. Quando, em 1875, o médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo realizou uma série de preleções com o objetivo declarado de difundir as ideias de Darwin no Brasil, diversos periódicos cariocas reagiram aos temas abordados na palestra, alguns de maneira elogiosa, outros com críticas às questões abordadas e ao elasticamento de reflexões próprias do naturalismo para outros campos da vida social. Mas, sobretudo, um deles – *O Apostolo* – denunciava o conteúdo e a difusão do pensamento do autor inglês como algo que seria até ilegal num país como o Brasil, pelo conteúdo supostamente antirreligioso do pensamento deste autor²¹⁴.

Apesar disso, não é adequado afirmar que as ideias de Darwin foram objeto apenas de uma recepção hostil ou largamente combatidas no país; em verdade, o que ocorreu foi um processo crescente, embora disputado, de adesão às concepções deste autor, paulatinamente lido com maior interesse no contexto dos debates sobre raça no Brasil. Até então, certas concepções de filósofos do iluminismo, a exemplo de Jean Jacques Rousseau e Immanuel Kant, fundadas na ideia de unidade do gênero humano, teriam tido maior influência que aquelas fundadas na ideia da diferença entre raças humanas²¹⁵. Partindo de elementos anatômicos, os leitores da obra de Charles Darwin podiam transformar a herança de princípio filosófico em realidade física observável e de difícil contestação. São as implicações deste último aspecto, como fato biológico, que interessam para esta tese.

Lilia Schwarcz apontou que a concepção rousseuniana de unidade do gênero humano foi muito influente ao longo da segunda metade do século XVIII, propondo o

²¹³ SANTIROCCHI, Ítalo. **A Igreja e a construção do Estado no Brasil Imperial**. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370381911_ARQUIVO_AIgrejaeConstrucaodoEstadonoBrasilimperialANPUH-REV.pdf. Acesso em 21 de jun. de 2021.

²¹⁴ CARULA, Karoline. **Sociabilidade científica e opinião pública sobre o darwinismo nas Conferências Populares da Glória (1873-1880)**. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212972681_ARQUIVO_ANPUHRio2008.pdf. Acesso em 21 de jun de 2021.

²¹⁵ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 62

uso de noções como a de estado de natureza enquanto ferramentas úteis para refletir sobre a civilização, sobretudo sobre a desigualdade²¹⁶. Contudo, outros pontos de vista passaram a ganhar maior relevo ao longo da segunda metade do século XIX. Eles se fundavam ou na noção de uma unidade do gênero humano que não desconhecias as distinções internas, ou na crença de que não fazia sentido falar de unidade. Buffon, por exemplo, teria colocado o continente americano sob o signo da infantilidade, da carência de características físicas salientes, e da debilidade de caráter. Sem negar o postulado da unidade do gênero humano, organiza-o, sem pestanejar em termos hierárquicos:

O pequeno porte dos animais, o escasso povoamento, a ausência de pelos nos homens, a proliferação de espécies pequenas, de répteis, e de insetos, tudo parecia corroborar a tese da debilidade e imaturidade desta terra (Buffon, 1834). Assim, apesar de a unidade do gênero humano permanecer como postulado, um agudo senso de hierarquia aparecia como novidade. Por meio da obra deste naturalista, uma concepção étnica e cultural estritamente etnocêntrica delineava-se²¹⁷.

Buffon não foi o único autor desta lavra. O também francês Georges Cuvier defendeu a ideia da existência de traços físicos *permanentes* entre os vários grupos humanos, corporificado pelo termo *raça*, que seriam herdados. Mais: defendia uma observação cuidadosa de elementos corpóreos diversos, como esqueletos, cabelos, cor da pele, em suma, de uma anatomia comparativa para mensurar as variações humanas em termos de *raça*²¹⁸.

Estas reflexões tiveram importante repercussão num debate que aglutinava posições distintas acerca da origem da humanidade, isto é, se seria originária de um único local ou de vários. Cumpre apontar que, apesar de serem perspectivas opostas, autores que aderiram a uma e outra não deixaram de se valer ou apresentar reflexões muito parecidas com as do campo oposto. O próprio Charles Darwin, em que pese tenha sido um monogenista, apresentava concepções acerca das raças que seriam mais próximas do poligenismo²¹⁹. Isto indica que tais concepções eram passíveis de trocas e reelaborações, desde que mantida como pano de fundo a busca de uma forma eficiente

²¹⁶ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 60

²¹⁷ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 61

²¹⁸ KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo: FFLCCH/USP, 2012, p. 25-6.

²¹⁹ KEULLER, **Os Estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro**, 2012, p. 46, n. 67.

de explicar, hierarquizar e, posteriormente, prever os comportamentos de grupos humanos em termos biológicos.

Segundo Schwarcz, o monogenismo foi mais influente ao longo da primeira metade do século XIX²²⁰. Ele permitiria, inclusive, conciliar em certa medida o texto bíblico com as concepções acerca do direito natural, inerente a qualquer ser humano, ou ainda as distintas condições de perfectibilidade para indivíduos diferentes. O poligenismo, por seu turno, era a concepção oposta: a de que a origem da humanidade teria se dado em tempos diferentes e em lugares diferentes.

Ambos deram espaço para interpretações que acolheram distinções entre as coletividades humanas pensadas em termos hierárquicos. No caso do monogenismo, tendo por base a noção de que haveria “maior ou menor distância do Éden”, na expressão poética de Quatrefage retomada por Schwarcz; no caso do poligenismo, viabilizando uma leitura fortemente calcada em traços orgânicos: “A versão poligenista permitiria o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais”²²¹. O poligenismo permitiu revestir de caráter científico determinadas concepções que poderiam ser politicamente muito úteis para reconfigurar formas de desigualdade social em termos de uma natureza diferente. Assim, a ideia de receber por herança as variações mais adaptadas para a sobrevivência no ambiente viria a ser convertida na (in)capacidade para a participação na vida social.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, estes temas foram objeto da reflexão de pelo menos duas teses no final dos anos 1860. Elas podem ser úteis para demonstrar algumas das questões apresentadas acima. A primeira, intitulada *As raças humanas descendem d’uma só origem?* (1868), foi escrita pelo Doutor Claudemiro de Moraes Caldas. Ela se destaca por um catolicismo militante, ao ponto de fundamentar a rejeição daquilo que chama de “O racionalismo vigente, que é filho legítimo do philosophismo do seculo passado” afirmando que não passaria “d’um amalgama monstruoso de

²²⁰ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 63-4. Keuller, em seu estudo sobre a produção antropológica do Museu Nacional vai na direção oposta, defendendo que o monogenismo era percebido como uma concepção defasada, que ganhou fôlego apenas com a divulgação da obra de Darwin em 1859. A própria autora admitiu, contudo, que a recepção e impacto de Darwin foi diferente em distintos países e sociedades europeias de antropologia, o que parece condizente com o pensamento de Lília Schwarcz. Sem pretender oferecer uma resposta, minha intenção é destacar que: 1. as mesclas entre as duas concepções eram possíveis; 2. monogenistas e poligenistas em nenhum sentido se opunham a ideia de desigualdade natural entre seres humanos.

²²¹ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 65

incredulidade voltariana de hypocrisia pharisaica”²²². E foi com base em iluminação dos evangelhos e em textos de autores católicos que Caldas defende que se procure conhecer a ciência:

As duas principaes escolas antropologicas modernas, que são conhecidas pelos epithetos de monogenista e polygenista, remontam propriamente falando, ao seculo XVIII. [...] Ao passo que a doutrina da multiplicidade, em contradição flagrante com a crença de todos os povos cae ineluctavelmente no illogico, no absurdo e na impiedade; a doutrina da unidade, estudada a luz da verdadeira philosophia, é não somente uma crença razoavel, mas tambem uma verdade scientifica, como o demostram os Cuvier, os Muller, e os Humboldt. Ora, para provar esta verdade scientifica, sanctificada por uma crença, tão antiga quanto o mundo; porque não só os seguidores da Cruz, mas tambem os sectarios de Moysés e até os crentes do Islam consideram Adam como o pae do genero-humano, não é preciso socorrer-me ás valiossimas razões que para sancionar este dogma da philosophia christam, em grande copia, subministram a criação, o diluvio, e sobretudo, a obra por excellencia do homem-Deus, o augusto mysterio da redempção²²³.

Eugenio Rebello, que sustentou uma tese com o título *As raças humanas descendem de uma só origem?* no ano seguinte, se valeu de uma abordagem bem menos metafísica. Sem duvidar da importância dos evangelhos, o autor buscou explicar a diferença das raças humanas por influências diversas, especialmente do clima, que conduziria à indolência e à corrupção a partir do desenvolvimento de caracteres negativos que se transmitiriam por herança. Mas essa situação seria subordinada a contingências de outras ordens, que, resolvidas, teriam o condão de conduzir à perfectibilidade²²⁴. Ao final do trabalho, Rebello defende seu ponto de vista afirmando que, dadas as mesmas condições, a civilização seria acessível mesmo aos mais rústicos:

É nesta ultima hypothese que estão compreendidos os selvagens assim negros como brancos. Fazei-os, porém, viver nos focos de civilização, educaelhes o espirito, e proporcionae melhores condições ao seo physico rustico e repulsivo e vereis como uma vêz no caminho do progresso e da perfectibilidade, elles transmittirão ás suas descendencias com um desenvolvimento organico mais regular, impulsos do coração mais grandiosos, faculdades mais elevadas e nobres²²⁵.

²²² CALDAS, Claudemiro Augusto de Moraes. **As raças humanas provém d’uma só origem?** 1868. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1868, p. 16.

²²³ CALDAS, **As raças humanas provém d’uma só origem?** 1868, p. 15.

²²⁴ REBELLO, Eugenio. **As raças humanas descendem de uma só origem?** 1869. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador passim.

²²⁵ REBELLO, **As raças humanas descendem de uma só origem?**, 1869, p. 13

Se, por um lado, Rebello defende uma perfectibilidade equivalente para toda a humanidade, por outro acolhe a relação entre herança de caracteres, quer físicos quer morais, como caminho do progresso da espécie humana. Viabilizou, assim, a existência de distinções naturais que impactavam no social, recorrendo a polaridades como selvagem e civilizado, mas sem argumentar a favor do poligenismo.

O tema da origem da espécie humana também foi objeto de um longo artigo do Dr. Otto Wucherer²²⁶, famoso pelo seu papel no campo das doenças tropicais e pela fundação da *Gazeta Médica da Bahia*, a partir de 1866. O fragmento a seguir foi escrito em 1845, antes da divulgação de *A Origem das Espécies* (1859), mas sugere que o ambiente para a recepção a esse autor inglês estava longe de ser necessariamente hostil.

Tendo athe aqui sustentado a opinião que ha só uma especie do genero humano, cumpre-nos dizer alguma coisa em explicação da origem das raças. As causas que produzem variedade no genero humano existem ou nos individuos ou fóra delles. Cada especie d'entes organicos possui certos limites, dentro dos quaes os individuos podem adquirir modificações, sem por isso perderem o character d'especie²²⁷.

Ainda que não tenha tomado uma posição explícita a favor ou contra monogenismo e poligenismo, Wucherer parecia se inclinar mais para o segundo: se, por um lado, rejeita a ideia de espécies diferentes do gênero humano, uma vez que a reprodução seria, em todos os casos, passível de gerar indivíduos férteis, também argumentou que se poderia falar em variações do gênero humano, às quais chama de castas do gênero humano, ou de raças.

O processo pelo qual certas noções de Darwin – luta pela sobrevivência e herança das aptidões, para citar duas – se converteram em referências para os poligenistas, bem como as suas repercussões no plano da política, se deve muito a dois autores que dialogaram e difundiram vigorosamente a obra do naturalista inglês, além de terem sido citados nas teses inaugurais estudadas e citadas no capítulo anterior. Ernst Haeckel²²⁸ (1834-1919) que era, inclusive, poligenista; e o um tanto menos significativo no *corpus* documental, Herbert Spencer (1820-1903).

²²⁶ Otto Edward Henry Wucherer (1820-1873), médico português nascido no porto e educado na Universidade de Tübingen. Fez uma parte de sua formação em Londres, Inglaterra, no St. Bartholomew's Hospital. Ver: FONSECA, Maria Rachel Froés; MORAIS, Carolina Maira Gomes. **Wucherer, Otto Edward Henry.** Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/wucheothe.htm>. Acesso em 23 jun 2021.

²²⁷ WUCHERER, Otto E. H. Estudo do Homem. **O Musaico.** Periodico mensal da Sociedade Instructiva da Bahia. n. 3, set. 1845, p. 49-50

²²⁸ROBINSON, Gloria. **Ernst Haeckel (1834-1919).** Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ernst-Haeckel>. Acesso em 23 jun. 2021.

Haeckel era alemão, naturalista, e foi também um dos principais divulgadores do trabalho de Darwin em seu idioma. Sua obra encontrou guarida em intelectuais vinculados à Faculdade de Direito de Recife, especialmente a geração de estudantes que foram influenciados pelo pensamento de Tobias Barreto e Sílvio Romero a partir dos anos 1870, sobretudo no caso do segundo. Romero foi o responsável por propor uma análise da sociedade brasileira calcada na centralidade do conceito de raça, e na reelaboração da mestiçagem não como problema, mas sim como saída para a civilização nacional. Ela seria, numa leitura heterodoxa dos poligenistas e evolucionistas da época, a resultante da luta pela sobrevivência no Brasil, e elemento viabilizador da nação. Isto não implicava, contudo uma leitura igualitária. Ao contrário – havia uma forte noção de hierarquia expressa pelo conceito de raça enquanto uma realidade biologicamente dada no pensamento de Romero²²⁹ – e situada em termos de etapas diferentes da evolução.

Noções propostas de Haeckel, como a de recapitulação, também foram muito úteis. Posta em termos sumários, o desenvolvimento embrionário, designado como ontogenia, recapitularia a filogenia, o processo de transformação do ser ocorrido em estágios evolucionários anteriores; logo durante as etapas de seu crescimento, todo o indivíduo recordaria os estágios correspondentes sequencialmente as diferentes formas adultas de seus antepassados²³⁰. Assim, era possível defender a evolução das espécies ao longo do passado, tomando como prova a vida uterina.

Os médicos baianos dos anos 1880 e 1890 recorriam quer a Darwin, quer a Haeckel para pensar sobre a herança de determinados caracteres, inclusive no campo das moléstias mentais. Isso se deu em dois sentidos. O primeiro, o de herança conservadora, era aquela na qual certos traços são transmitidos ao longo de um tempo muito longo dentro de uma mesma linhagem. Não era uma formulação em si muito distante da de Darwin, embora Haeckel pensasse em termos de características fixas que se legariam, e não em aptidões para o desenvolvimento de determinados traços – inclusive de personalidade. O outro foi o de herança progressiva. Nela, caracteres, inclusive mentais, adquiridos pelos pais eram transmissíveis diretamente aos filhos. Nestas condições o processo de evolução ou de decadência poderia ocorrer muito mais

²²⁹ SCHWARCZ, **O espetáculo das raças**, 1993, p. 201-3

²³⁰ GILGE, Marcelo Viktor. **História da biologia e ensino**: contribuições de Ernst Haeckel (1834-1919) e sua utilização nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2012 - Ensino Médio. 2013 Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2013 p. 19; GOULD, Stephan J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 127.

rapidamente, como asseverou Antonio Cavalcanti Pina em sua tese *Herança Physiologica e Pathologica*:

Haeckel, que tão popular se tem tornado no mundo científico, tentou resumir em duas grandes categorias as varias leis que parecem regular a transmissão dos caracteres: *herança conservadora* e *herança progressiva*. A herança conservadora é aquella por meio da qual se transmitem os caracteres que se tornam uma propriedade da família. A herança progressiva é aquella por cujo intermédio os caracteres adquiridos pelos paes passam para os filhos. D'este modo as leis hereditarias operam no duplo aspecto estatico e dinamico; pois que não só se perpetua a somma das formas e das forças que são legadas pelos antepassados, mas também com o mesmo mecanismo functional se pode legar aos descendentes a nova qualidade apparecida durante a vida dos progenitores²³¹.

É interessante notar um ponto: o da mudança de escala de tempo e de sujeitos. Como vimos acima, Darwin tinha como objeto de seu estudo os seres organizados, dentro de uma escala de tempo muito dilatada. Haeckel, a partir de Darwin e conforme lido por Pina, defendeu a transmissão de caracteres de forma gradual ao longo do tempo dentro de uma família; e, no caso da herança progressiva, fala da transmissão pais e filhos. Há, portanto, um tempo menor – o intervalo é de uma geração.

As implicações destas leituras ficam mais evidentes em outras teses. Um exemplo é a de Bento d'Andrade, *Estudo sobre pathologia das doenças constitucionais hereditárias*, na qual estudou de que forma certas doenças locais – como a sífilis, os cancros, ou a gôta – podiam vir a resultar em moléstias que comprometeriam o desenvolvimento normal dos indivíduos em termos físicos, mentais e morais. Por isso, D'Andrade defendeu, calcado em Darwin e Haeckel, a necessidade de o médico investigar não apenas os traços da vida pregressa do doente, mas seu histórico familiar como forma de obter o correto diagnóstico de uma moléstia. Isso se devia à avultada quantidade de traços, físicos e morais, que seriam herdados pelo indivíduo. O autor falou, por exemplo, que entre os Médici um traço comum herdado seria o amor pelas ciências e pelas artes²³². No campo das moléstias, a relação entre doenças e hereditariedade não era necessariamente automática – mas haveria, certamente, uma predisposição mórbida²³³.

²³¹ PINA, Antonio Cavalcanti. **Herança Physiologica e pathologica**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1886, p. 65-6.

²³² D'ANDRADE, Bento Augusto. **Estudos sobre pathologia das doenças** constitucionaes hereditarias. 1889 Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador 1889 p. 7-10

²³³ D'ANDRADE, **Estudos sobre pathologia das doenças**, 1889, p. 17

A recomendação do autor acerca dos meios a empregar é bastante ilustrativa da fácil extrapolação dos indivíduos para grupos sociais mais amplos quando se tratava de heranças mórbidas, e para um campo de atuação que deveria ser, idealmente, mais dilatado. O autor defende que a melhor ferramenta profilática a ser empregada seria impedir o casamento entre duas pessoas que sofressem de determinada moléstia do mesmo tipo. Caso isso fosse legalmente impossível, caberia ao médico auxiliar na localização de um parceiro ou parceira com condições orgânicas opostas ao daquele que possuísse ou estivesse predisposto a desenvolver certa doença hereditária. O médico deveria propor medidas de contenção, fortificando o corpo dos pacientes, aconselhando a orientando os nubentes:

[...] e se é impossível legalmente impedir o casamento entre pessoas profundamente affectadas e senão pertence a policia sanitária vellar pela conservação d'uma raça de homens, são e robustos, como verdadeiros espartanos, é todavia possível e é verdade que o cuidado de fortificar o corpo e um conselho dado opportunamente pelo médico são a este respeito, um grande expediente e um recurso poderosissimo²³⁴.

A referência a uma “raça” de espartanos, em que pese seja metafórica, tem como questões de fundo a adaptação, a seleção, e a hereditariedade. Neste sentido, ainda que seja um exemplo retórico, pontuava uma escala de atuação que escapa não do indivíduo para o gênero humano, ou para a totalidade dos seres organizados – mas do indivíduo para um coletivo, a raça. Pensada neste plano, a noção de uma herança mórbida viria a ganhar outras implicações. Como vimos na Introdução, Nina Rodrigues divergia da interpretação de Tobias Barreto acerca das causas do crime e da responsabilidade penal. Não que Barreto não usasse referências tiradas das ciências naturais para refletir acerca do direito penal e do que entendia como causas do crime. A herança, inclusive, teria um papel significativo para Barreto, que também era leitor de Haeckel e de Darwin. Ele se valeu da mesma metáfora dos ‘espartanos’ ao traçar uma analogia entre a seleção natural que excluiria os menos adaptados, e a jurídica, que separa o criminoso do corpo social: “Mais tarde ver-se-ha nella, em nome de Darwin e de Haeckel, alguma coisa de semelhante á *selecção espartana*, ou uma espécie de *selecção juridica* pela qual os membros corruptos vão sendo postos á parte do organismo social comum”²³⁵.

²³⁴ D’ANDRADE, *Estudos sobre pathologia das doenças*, 1889, p. 47-8

²³⁵ BARRETO, Tobias. *Menores e Loucos e o fundamento do Direito de Punir*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1926, p. 12.

A crítica de Nina Rodrigues não estava na aplicação das noções apresentadas por Darwin e Haeckel à sociedade. Ao contrário: a crítica feita a Barreto estava em não extrair dos conceitos apresentados por Darwin e Haeckel *todas* as suas consequências no campo jurídico. Se o fizesse, Tobias Barreto não poderia aplicar algumas das noções que utilizou, como o de responsabilidade atenuada, nem acolher a noção de livre arbítrio. Deveria, ao contrário, acolher as propostas de Nina Rodrigues acerca da necessidade de uma reforma profunda do próprio processo legal, com vistas a proteger a sociedade, a admissibilidade de múltiplas legislações penais, conforme as diferentes regiões mesológicas – e o papel do perito na atribuição específica da responsabilidade, conforme os dados revelados pela exegese da hereditariedade e dos traços físicos e psicológicos de determinados sujeitos – inclusive²³⁶.

Outra grande referência, como dissemos acima, foi Herbert Spencer²³⁷, conterrâneo de Darwin. Spencer não tinha formação em biologia ou medicina. Ao contrário: era autodidata, e suas maiores preocupações estavam no campo da filosofia e da sociologia, se bem que não tenha deixado de tratar a respeito de questões atinentes ao naturalismo. Foi o responsável por propor uma análise baseada numa leitura da sociedade fundada em alguns dos pressupostos pelos quais Darwin pretendia justificar a seleção natural e a evolução. A sua influência será bastante notável entre os intelectuais brasileiros das últimas décadas do século XIX, que dele pinçaram certas noções, como o de sobrevivência do mais apto, ou ainda o de desenvolvimento estacionário de certa classe de sujeitos, aplicável a aspectos herdados. A obra de Herbert Spencer se tornou especialmente conveniente para determinada interpretação da sociedade brasileira preocupada com o processo de reconfiguração das hierarquias sociais no final do século XIX²³⁸. Angela Alonso propõe ler certas filiações teóricas de intelectuais brasileiros a autores estrangeiros de maneira complementar. Ao estudar o uso destes autores ao longo dos anos 1870 por uma geração de intelectuais críticos do império e que demandavam a resolução dos dilemas intra-elite por meio de reformas, a autora argumentou que importava mais o caráter de tais autores como reformadores sociais, do que apenas como filósofos ou sociólogos: “Mesmo pensadores mais populares, como Comte,

²³⁶ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade Penal no Brasil*, 2007, passim.

²³⁷ ACTON, Harry Burrows. *Herbert Spencer (1820-1903)*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Herbert-Spencer>; acesso em 23 jun. 2021.

²³⁸ ALMEIDA, Ronnie; CHARBEL, El-Hani. Por que a tese de Domingos Guedes Cabral foi recusada pela Faculdade de Medicina na Bahia em 1875?. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 3, n. 1, p. 63.

Spencer, Stuart Mill, Renan não eram referidos enquanto filósofos, mas como teóricos da reforma da sociedade”²³⁹.

David Greenberg, por outro lado, entende que o apelo do evolucionismo para determinados setores de classes médias e altas na Europa e nos Estados Unidos estava na possibilidade de remeter o problema da pobreza e da desigualdade para o plano da natureza: certos sujeitos e grupos na sociedade seriam biologicamente menos evoluídos e, portanto, era de se esperar que tivessem condições de existência insuficientes, ou que ocupassem lugares de menor destaque e prestígio²⁴⁰.

O ramo da medicina no qual a obra de Spencer teria encontrado maior penetração era o da Medicina Legal. Nina Rodrigues, por exemplo, o utilizou inclusive para refletir acerca de determinados aspectos deletérios que teria a mestiçagem, sobretudo de ordem mental. Para o médico maranhense, os mestiços e os membros das raças que considerava inferiores, em que pese tivessem um desenvolvimento mais rápido em comparação com os ditos de raças superiores, terminavam por estacionar e ser ultrapassados:

E’ uma lei, diz ainda Spencer (*Essais scientifiques*), que os organismos gastam tanto mais tempo em se desenvolver quanto mais elevados são: por consequencia, — deve-se esperar —, as raças inferiores hão de chegar mais cedo ao termo do seu desenvolvimento mental, do que as superiores; e é o que temos motivos para acreditar. Viajantes, de volta de todos paizes, nos fallam ora da extrema precocidade das creanças nos povos selvagens e semi-civilizados, ora da idade pouco adiantada em que se detem o progresso mental dellas. Esta differença é geral e temos provas bastantes para que seja inutil um accrescimo’.

Não ha, portanto, maior contrasenso do que pedir, em nome das nossas raças inferiores e da inferioridade da nossa cultura mental, que nos codigos penaes brasileiros se marque á menoridade um prazo maior do que o acceito para as raças européas.²⁴¹.

Neste sentido, e com base no pensamento do autor inglês, Nina Rodrigues colocava em dúvidas o possível papel positivo da instrução no “senso moral” dos criminosos. Argumentava que tais efeitos só poderiam ser sentidos nas gerações seguintes, ou, uma vez tornados em caracteres morais passíveis de serem legados aos

²³⁹ ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil-Império. rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 175

²⁴⁰ GREENBERG, David. **The construction of homosexuality**. University of Chicago Press, 1988, p. 415.

²⁴¹ NINA RODRIGUES, **As raças humanas e a responsabilidade Penal no Brasil**, 2007, p. 119. Grifos do autor.

descendentes, esbarravam no desenvolvimento psíquico estacionário que Spencer defendia ser típico das raças inferiores.

Para demonstrar este nexos entre moléstia mental, corpos dissidentes, gênero, formas de erotismo anômalas e a ideia de uma herança patológica passível de ser legada, é oportuno retomar um tema presente nas teses: a histeria masculina. Ao falar deste tema, uma referência importante é Charcot. Como vimos no capítulo 1, pelo menos desde os anos 1880 este psiquiatra reconhecia a possibilidade de que a histeria ocorresse entre homens normais – de aparência forte e não efeminada.

Entre os documentos do período que permitem acompanhar tal processo de passagem da histeria para uma doença que acometia homens e mulheres, está a tese de concurso de Ernesto Carneiro Ribeiro, médico e gramático, que disputou com Augusto Freire Maia Bittencourt a titularidade da cadeira de psiquiatria na FAMEB, em 1886. Intitulada *Perturbações Psychicas no Domínio da Hysteria*, trata-se de um trabalho que sumarizou as principais concepções psiquiátricas acerca desta moléstia. A propósito da relação entre histeria e hereditariedade, Ribeiro afirmou que: “Investigando os antecedentes das hystericas, facil é conhecer entre seos antecessores ou collateras individuos hystericos, epilepticos, loucos cerebras, excentricos, apoplectivos, individuos, em summa, que forão em algum tempo sujeitos ao assalto de alguma nevroses”²⁴².

Para o autor, existiria uma maior predominância de mulheres entre as pessoas atingidas por esse mal, por conta de um substrato orgânico e mental mais predisposto, quer pela sensibilidade física, quer pela susceptibilidade a impressões e imitações. Isto, no entanto, não implicava a inexistência de homens históricos. Ribeiro chegou mesmo a colocar entre as principais causas da histeria, ao lado de males psíquicos prévios e da imitação, irritações de toda a ordem no aparelho genital:

Uma causa determinante notavel de manifestações hystericas são as desordens diversas, as irritações geraes ou chronicas dos ovarios, do corpo ou do collo do utero, as ulcerações do focinho de tenca, as desolações, os neoplasmas, a hypertrophia, as affecções da vagina, as infecções irritantes na cavidade uterina, as perturbações da menstruação e as perversões das funcções sexuaes. Assim é que, com respeito a estas ultimas influencias, é incontestavel que actuão como causas excitantes a masturbação, a excitação prolongada dos desejos

²⁴² RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Perturbações Psychicas no dominio da Hysteria**. Tese de Concurso (lente da Cadeira de Clínica Psiquiátrica), Faculdade de Medicina da Bahia, 1886, p. 17

sexuaes por leituras, discursos, scenas, vistas e espetaculos eroticos e obscenos²⁴³.

É perceptível que o argumento de Carneiro Ribeiro foi construído pensando em corpos femininos. Ele, contudo, abria espaço para indivíduos de sexualidades não-normativas, passíveis de serem compreendidos na expressão ‘perversão das funções sexuaes’. Além disso, mais adiante, o autor apontou a existência da histeria também entre homens, ao citar as observações de Hammond: “Em 333 casos de hysteria, observou Hammond quatro no sexo masculino. Dos quatro individuos acommettidos da affecção, o primeiro em consequencia do trabalho e estudos, foi tomado de accessos de riso e lagrimas emotivas”. Os outros dois casos são de um homem que sofreu histeria na forma comatosa, e outro com uma variedade de histero-epilepsia. Nos interessa mais o último, cuja histeria estava ligada à masturbação: “um negociante em New-Jersey, cuja hysteria ligada ao onanismo, se manifestou na forma de ataques tetaniformes, acompanhados de soluços, lagrimas e risos”²⁴⁴.

O tema foi tratado também nas teses de finalistas do curso médico, articulando mais estreitamente a noção de uma herança patológica e a histeria. Assim se expressou Eduardo Jansen Vieira de Mello, na sua tese *Hysteria no Homem*:

Pela theoria de Haeckel em que nos baseamos para interpretarmos a perturbação funccional que origina a hysteria, ficão todas as causas que podem provocar as suas manifestações reduzidas á adptação e a hereditariedade. A adaptação comprehendem a irritação peripherica, a emoção moral, as idiosincrasias, e todas as causas degenerativas, as condições mesologicas, as profissões, a abstinencia, o onanismo, e o abuso dos prazeres sexuais, que impressionando profundamente o organismo perturbão o funcionameno regular do systema²⁴⁵.

Neste fragmento, estão conjugados diversos elementos para explicar a histeria. Os comportamentos eróticos dissidentes são colocados no quadro como elementos que poderiam deflagrar o surgimento das crises históricas. Neste sentido, concorreriam e/ou complementarariam a hereditariedade no sentido de produzir um corpo doente em função de aspectos anômalos de ordem física, mental e erótica. É interessante pontuar no

²⁴³ RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Perturbações Psychicas no dominio da Hysteria**, 1886, p. 9

²⁴⁴ RIBEIRO, **Perturbações Psíquicas no domínio da hysteria**, 1886, p. 15. Por ‘Tetaniformes’ deve-se entender parecido com convulsões. Ver: PINTO, Luís Maria da Silva. Libertino. *In*: _____. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832 [s.p.]

²⁴⁵ MELLO, Eduardo Vieira Jansen de. **Hysteria no Homem**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890, p. 10

fragmento acima alguns atos, como o ‘onanismo’, e a menção a ‘certas profissões’, similares aos que haviam sido referidos pelo doutor Albuquerque, em 1857, no campo das condutas passíveis de causar monomanias, e que são aqui reconfiguradas dentro de uma patologia mental definida em termos mais precisos. Pouco mais à frente, Mello ancorou a histeria, em sua variedade delirante, no campo mais amplo e menos definido da libidinagem: “Estas perturbações chegam às vezes ao delírio que também pode ser erótico, puro e sereno, como libidinoso e cynico, achando-se o hystérico sob o domínio da perversão moral”²⁴⁶.

Tal como Mello, o finalista do curso médico Manuel Sampaio Marques tratou do tema em sua tese, *Hysteria no Homem*. Este autor também considerava muito significativo o papel da herança, a quem caberia a transmissão e fixação das doenças dentro de certas famílias, como causa da histeria²⁴⁷. Marques considerava a questão da relação entre atributos femininos e a histeria viril como uma suposição que atentava mais para os temperamentos e a constituição física como elementos que preponderavam na produção da nevrose:

Os que admitem a hysteria no homem com certa restricção supõem que os homens hystericos, ou os individuos predispostos á hysteria têm um habito especial, caracteristico, revelando os attributos do sexo feminino, e então dão grande valor á constituição e ao temperamento como factores na producção na nevrose. Com effeito, quem não achar-se a par do facto, ao ouvir fallar na hysteria viril, ha de suppor que o feminismo é a condição essencial para a producção da nevróse no homem, e, de certo, teria razão em assim pensar; mas consultando os trabalhos de certos auctores e firmado nas observações de Charcot, Klein, Batault, Pierre Marie, somos levados a crer que taes causas são puramente bannaes e mais longe iriamos affirmando que a nevróse parece ter uma tal predilecção para os verdadeiros homens, si o numero d'estes relativamente ao dos effeminados não fosse excessivamente maior em toda sociedade²⁴⁸.

É curioso que, em que pese Marques tenha afastado a relação direta entre efeminados e histeria, afirmou a existência daqueles não eram verdadeiros homens. O marcador da feminilidade despertava suspeitas e era um elemento que tornaria verossímil a suspeita da presença de alguma moléstia – um estigma, isso é, uma forma

²⁴⁶ MELLO, *Hysteria no Homem*, 1890, p. 13

²⁴⁷ MARQUES, Manuel Sampaio. *Hysteria no homem*. Bahia: Empreza Editora, 1890, p. 18.

²⁴⁸ MARQUES, *Hysteria no homem*, 1890, p. 21

de agir que carregava consigo um conteúdo simbólico de negatividade e desvalor, na acepção de Michel Misse:

A mútua referência entre “passivo sexual” e o conjunto do comportamento sexual feminino (ou de seu “equivalente” homossexual) envolve uma distinção ideológica entre superioridade e vantagem do “ativo” em relação à inferioridade e desvantagem do “passivo”, representada já neste nível como “natural” e “imutável”²⁴⁹.

Engel, ao debater a questão da histeria masculina no Rio de Janeiro nas primeiras décadas republicanas, também afirmou que a herança feminina tendia a ser um elemento importante para a construção de perfis histéricos masculinos²⁵⁰. Tal associação pode ser nuançada num ponto um pouco mais à frente da tese, no qual Marques procura fornecer uma prova adicional para desacreditar o papel da feminilidade como causa da histeria. Ao analisar as profissões, o autor defendeu que aqueles que revelavam maior interesse ou aptidão para trabalhos femininos não eram necessariamente mais dados ao desenvolvimento da histeria:

Si para maior veracidade d'esta asserção recorreremos á analyse das profissões, onde o homem ainda pode revelar tendencias de mulher, será facil concluir-se que não são os que revelam aptidão para os trabalhos proprios ao sexo feminino os de predilecção da nevrose²⁵¹.

A interpretação de Marques, contudo, apresenta uma distinção em relação às de Ernesto Carneiro Ribeiro e Eduardo Jansen Vieira de Mello. Não se pode afirmar, a partir da leitura do primeiro autor, que existisse uma relação entre formas de sexualidade dissidentes e histeria. As páginas nas quais ele debate aspectos de ordem moral estão faltando, o que impede ampliar o debate neste aspecto. Mas uma referência partilhada pelos três autores – Charcot – pode ajudar a adensar este ponto. Em 1882 ele publicou, com Valentin Magnan (1835-1916), um estudo sobre aquilo que designou como inversão do sentido genital – termo que abrigaria toda a sorte de perversão de faculdades morais e afetivas²⁵², inclusive envolvendo o erotismo e afeto entre homens. Retomo este texto brevemente aqui, tanto para apontar o papel que experiências eróticas

²⁴⁹ MISSE, **O estigma do passivo sexual**, 2007, p. 47.

²⁵⁰ ENGEL, *Sexualidades Interditadas*, 2008, p. 175

²⁵¹ MARQUES, **Hysteria no homem, 1890**, p. 21

²⁵² CHARCOT, Jean-Marie; MAGNAN, Victor. Inversion du sens génital (Pathologie Mentale). **Archives de Neurologie**. Revue des Maladies Nerveuses et mentales. T. 3, 1882, p.52. Há aqui uma questão importante. Alguns estudos mencionam o autor como Victor Magnan, mas trata-se de um erro – o autor, assinando como Valentin Magnan, faz menção direta a este artigo como um trabalho autoral em publicações posteriores.

dissidentes possuíam como causa do desenvolvimento de moléstias mentais, como para evidenciar a diferença das concepções psiquiátricas em relação às de outros ramos da medicina.

Os dois médicos franceses começam o artigo fazendo uma crítica das interpretações que definem as relações erótico-afetivas entre homens apenas como vícios e crimes – e, nesta qualidade, tema que deveria ser tratado apenas pela Medicina Legal, como propunham autores na linha de Tardieu²⁵³. Charcot e Magnan, em seguida, apresentam ao leitor uma observação de um rapaz, internado sob cuidados dos dois, que sofreria deste processo de inversão. No sumário que antecede e resume o relato em primeira pessoa, consta que ele teria, inclusive, sofrido de ataques histéricos a partir da idade de quinze anos.

Na infância, ele teria sido provocado pela presença de soldados que se banhavam nus num rio perto de sua casa. A visão do pênis destes homens despertou no jovem sentimentos sensuais e, desde então, ele seria obcecado pela visão de homens despidos. Inclusive de estátuas, como a do Apolo de Belvedere²⁵⁴ – e, neste último aspecto, pode-se encontrar aproximações com a tese de Franciso Júlio Farias de Albuquerque, na qual uma das vítimas da erotomania tinha fascínio pela estátua do Cupido de Praxíteles. Desde então, ainda que tentasse se relacionar com mulheres, era sobretudo com o pensamento em homens que obtinha prazer: “Tentei amar uma [mulher], esperando assim voltar às idéias naturais; apesar de sua beleza, de seus esforços etc., permaneci completamente frio e a ereção, tão fácil em casa aos olhos do homem, nem mesmo começou. Nunca uma mulher me provocou a menor sensualidade”²⁵⁵. Ele tinha um gosto muito grande pela toailete feminina e se sentira muito feliz quando se vestira de mulher num carnaval, aos dezesseis anos.

Nesse contexto, uma longa entrevista foi realizada pelos médicos, até encontrarem, em fatores variados da hereditariedade – uma distância considerável na idade do pai e da mãe, uma bisavó excêntrica – a causa da predisposição patogênica.

²⁵³ PENISTON, William A. **Pederasts and others**. Urban culture and sexual identity in nineteenth century Paris. New York, London: Routledge, 2011, p. 57.

²⁵⁴ CHARCOT e MAGNAN, **Archives de Neurologie**, 1882, p. 54. A relação entre a estátua e os belos homens despidos pode sugerir a existência de uma espécie linguagem ou de repertório, no qual certos corpos genderificados como masculinos podem se tornar objeto de desejo. Ver: DUARTE, Daniel Vital Silva. Representações da Antiguidade Clássica e o processo de nomeação de sexualidades divergentes no século XIX (1850-1900). **Revista de História da UEG**, 2022 [no prelo].

²⁵⁵ CHARCOT e MAGNAN, **Archives de Neurologie**, 1882, p. 56. É extremamente significativa a profundidade com que o tema foi interrogado pelos dois psiquiatras franceses, especialmente quando cotejada com as observações de Nina Rodrigues, presentes na introdução. Talvez a razão disso seja o lugar social do doente: era um homem de trinta e um anos, e de uma família respeitável.

Isto, conjugado com episódios de epilepsia e com crises histéricas constantes, dariam a prova definitiva de que a inversão do instinto genésico seria uma entidade mórbida, com variadas formas de manifestação.

O exemplo permite formular melhor o tipo de relação de causalidade que estes autores supunham ao refletir acerca de temas como herança, histeria, e vida sexual dissidente. O que seria fortuito – o desenvolvimento de uma moléstia mental por fatores diversos – se converteu naquilo que Pina chamou de herança progressiva em sentido mórbido, a saber, aquele caractere ou aptidão que era adquirido pelos pais no correr de sua vida, e era passível de ser legado de forma imediata aos seus descendentes. Portanto, a histeria poderia acometer um homem com antecedentes normais em função da prática do onanismo, de uma profissão esgotante, de excessos venéreos diversos. *E, do ponto de vista dos seus descendentes, a doença indicaria uma periculosidade em sentido retroativo.* O mesmo onanista legava os frutos de um comportamento sexualmente indecoroso para seus descendentes – e, por isso, Mello, Marques e Carneiro Ribeiro descrevem a histeria sempre em termos de um acúmulo e justaposições de condições mórbidas no correr de gerações²⁵⁶. As implicações hereditárias de causas eventuais também estariam presentes em outras moléstias mentais, e constituem um lugar comum no pensamento destes autores.

Esta correlação seria objeto de maiores estudos por Morel, especialmente, com Valentin Magnan, como veremos a seguir. Mas, a propósito das várias formas de refletir acerca da hereditariedade e da herança, é indispensável ter em mente que esta noção foi utilizada, em conjunto com outras, para pensar a multidão de corpos perigosos em fins do século XIX

2. A OUTRA FACE DA HEREDITARIEDADE: AS DEGENERESCÊNCIAS, A DEGENERAÇÃO, IMPULSÃO, OBSESSÃO.

Enquanto categoria utilizada para refletir sobre aspectos indesejáveis que são legados para determinadas populações, o conceito de degeneração não esteve sempre ligado a moléstias mentais – mas se fez mais operacional a partir do campo da Psiquiatria²⁵⁷. Lília Schwarcz nota que, ao lado da teoria de Buffon sobre a infantilidade

²⁵⁶ MELLO, A *hysteria no homem*, 1890, p. 11-12

²⁵⁷ STICKER, Henri-Jacques. Novas percepções do corpo enfermo. In: CORBIN, Alain (Org.). *História do Corpo*, v. 2: Da revolução á grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 366-370.

americana, o jurista e religioso Cornelius de Pauw (1739-1799) cunhou o termo degeneração para defender que os nativos do novo mundo tinham menor valor quando comparados aos europeus. Até então, o conceito designaria espécies consideradas inferiores porque menos complexas em termos orgânicos. De Pauw pretendia designar por ele aqueles que eram desvios anômalos de tipo humano original. Assim, os nativos americanos não seriam apenas menos amadurecidos do que os europeus, como queria Buffon. Eram tipos decaídos, corrompidos, débeis, inferiores²⁵⁸; este autor chegou mesmo a argumentar, na obra *Recherches philosophiques sur les américains* (1768), que os americanos estariam, inclusive, fadados à extinção²⁵⁹.

Mas há mais a ser lido em relação a gênero e sexualidade. De Pauw comentou que a degeneração apareceria em primeiro lugar entre as mulheres americanas, em função da infecção por doenças venéreas²⁶⁰. Colocada no lugar de mácula, a feminilidade foi acompanhada, mais adiante, pela pederastia. Para De Pauw, a relação erótico-afetiva entre homens era um sinal adicional da degeneração americana, e estaria disseminada por todo o continente – ilhas caribenhas, México, Peru – mesmo antes da chegada de escravizados de origem africana:

A pederastia estava muito em voga nas ilhas, no México, no Peru e em todo o novo continente, antes da chegada dos negros, que eram acusados de terem transportado essa corrupção de um mundo para o outro. O defeito das mulheres americanas talvez tenha dado origem a esse gosto pela não conformidade, em homens indiferentes, aos quais o prazer fácil não tentava²⁶¹.

Assim, na noção de degeneração proposta por De Pauw, dissidências de gênero e sexualidade nunca estavam efetivamente afastadas enquanto sinais de uma corrupção mais profunda. Elas concorriam como fatores de explicação para a inferioridade dos

²⁵⁸ SCHWARCZ, O espetáculo das raças, 1993, p. 61-62

²⁵⁹ CARULA, Karina **Darwinismo, raça e gênero**. Conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889). 2012 Tese (Doutorado em História) - Unicamp, 2012, p. 139

²⁶⁰ DE PAUW, Cornelius. obra **Recherches philosophiques sur les américains, ou Mémoires intéressants our servir á la historide de l'espece humaine (I)**. George Jacques Decker, 1768, p. 54. Para Keen, o que justificaria em parte a virulência de De Pauw com o novo mundo era o fato de que a corte de seu mecenas, o Rei Frederico II da Prússia, via com maus olhos a imigração para o novo mundo. Ver: KEEN, Benjamin. **The Aztec Image in Western Thought**. Rutgers University Pres, 1971, p 594, n. 1. As palavras duras de De Pauw sobre a pederastia são curiosas num outro nível: Frederico II, seu patrono, havia se relacionado com outros homens ao longo da vida.

²⁶¹ DE PAUW, **Recherches philosophique**, 1768 p. 63. Tradução minha. Original: Le Péderastie étoit fort en vogue dans les iles, dans le Mexique, dans le Pérou e dans tou le nouveau continent, e cela avant, l'arrivée des Negres, qu'on a fauffement accusés d'avoir transporté cette corruption s'un monde á l'autre. Le défaut des femmes Américaines avoit peur-être fait naître ce goût pour la non conformité, dans des hommes indifferents.

nativos do Novo Mundo, ainda que não necessariamente dotadas de uma conotação de doença.

A noção também estava presente nos trabalhos de Benedict-Augustin Morel (1809-1873), tendo como marco o ano de 1857, quando publicou o famoso *Tratado das degenerescências*. Morel teve formação católica, e isto desempenhou uma influência significativa no seu pensamento. Na introdução de sua obra, ele chega a se referir ao livro do Gênesis para justificar a lei da continuidade das espécies: “Nos três primeiros capítulos do Gênesis, a lei que garante a continuidade das espécies de acordo com sua forma primitiva é afirmada em três lugares diferentes, tanto no que diz respeito às espécies animais quanto às espécies vegetais.”²⁶². Neste sentido, pode-se pensar que Morel, assim como Darwin, estaria mais próximo de uma concepção monogenista da espécie humana.

Apesar de ter sido educado num seminário, não seguiu a carreira religiosa. Morel se formou em Medicina e, no final da década de 1830, foi assistente de Jean Pierre Falret no Hôpital de La Salpêtrière. Este último foi, por sua vez, um dos alunos de Philippe Pinel. É nesse contexto que Morel começou a publicar os primeiros trabalhos no campo da psiquiatria e da saúde mental. Esta ligação é importante porque tanto Pinel como Falret reconheciam um papel avultado da hereditariedade como causa possível para certas doenças mentais²⁶³, associação que viria a ser objeto de reflexão de Morel.

Depois de se formar e atuar por algum tempo em Paris, Morel se transferiu para Rouen, cidade na qual dirigiu uma instituição asilar. Os seus trabalhos no campo da psiquiatria eram calcados na observação empírica, e o grupo social escolhido para análise era oriundo das classes mais pobres das zonas urbana e rural. Ele teria chegado a escrever ao senador-prefeito da região do baixo-sena no intuito de propor, segundo Castel, um plano de vigilância das populações miseráveis daquela região – deslocando, neste sentido, o espaço de uma intervenção profilática do asilo²⁶⁴.

²⁶² Ver: MOREL Benedict Agustin. **Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine**; et des causes qui produisent ces variétés malades. Paris: J.B. Bailliére, 1857, p. 2 tradução minha. Original: Dans les trois premiers de la Genése, la loi que assure la continuité de l'espèce selo se forme primitive est énoncée dans trois endroits différents, aussi bien por ce qui regarde les espèces animales que por les espèces végétales.

²⁶³ PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a Questão da degenerescência. **Revista Latinoamericana de psicopatologia** fundamental, v. 11, n. 3, 2008, p. 491.

²⁶⁴ CASTEL, Op. cit., p. 187-193. Segundo o Dicionário da Academia Francesa, o senador-prefeito acumula duas funções eletivas, uma nacional e outra local. Ver: DICTIONNAIRE de L'Academie Française. **Sénateur-maire**. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr> acesso em 30 ago. 2021.

A teoria da degenerescência formulada por Morel, observou Engel, teve um papel muito importante entre os alienistas brasileiros. Ela permitiu abordar o tema das moléstias mentais sem tantas hesitações e imprecisões como as que acarretavam a noção anteriormente proposta de monomania²⁶⁵. É importante salientar, porém, a persistência destas categorias médicas. O termo mania apareceu nas estatísticas de moléstias do Asylo de S. João de Deus, que eram compostas irregularmente pelos administradores da instituição a pedido do Provedor. É necessário pensar este processo em termos nuançados, admitindo a possibilidade de justaposição de diferentes noções para compor a percepção dos desviantes – pelo menos no plano de suas práticas²⁶⁶.

Para Morel, não se poderia atribuir, conforme pensavam Rousseau e Condillac, todas as misérias da civilização ao antagonismo entre os seres humanos e à corrupção social; e nem se poderia atribuir todas as moléstias a problemas de ordem moral. Morel propõe pensar a degradação do tipo original humano, dado por um conjunto extenso de circunstâncias externas de ordem ambiental, institucional e moral, mas também por fatores naturais:

Colocado nessas novas condições, o homem primitivo sofreu todas as consequências, e seus descendentes não puderam escapar à influência da hereditariedade ou de todas as causas que, alterando sua saúde, o maculavam e, além disso, tendiam mais e mais a fazer o desvio do tipo primitivo. Esses desvios deram origem a variedades, algumas das quais constituíram raças passíveis de serem transmitidas com um caráter típico especial; os outros criaram nas próprias raças aqueles estados anormais que serão o objeto especial desses estudos, e que designo com o nome de degenerações²⁶⁷.

²⁶⁵ ENGEL, *Os delírios da razão*, 2001, p. 121-2.

²⁶⁶ TOURINHO, Demétrio Cyriaco. **Mappa das Molestias de que forão atacados**. In: DANTAS, Manoel Pinto de Souza [Conselheiro]. **Relatório apresentado a Junta e Mesa da Santa Casa de Misericórdia da Capital da Bahia**. Bahia: Typografia do Diario, 1875, p. 27; BITTENCOURT, Augusto Freire Maria. *Asylo de S. João de Deus*. In: MARINHO, Joaquim Pereira. **Relatorio A mesa e junta da Santa Casa de Misericórdia da Capital da Bahia**. Bahia: Litho-typografia de João Gonçalves Tourinho, 1882 p. 72. PIMA, João Bernadino Franco. **Relatorio apresentado a mesa da Santa Casa de Misericórdia da Capital do Estado da Bahia**. Bahia: Litho-typografia Tourinho, 1892, p. 20. Nem todos os relatórios apresentam estes dados para o Asylo de São João de Deus, alguns se referindo apenas a estatística do Hospital da Caridade.

²⁶⁷ MOREL, *Traité des dégénérescences*, p. 4. Tradução minha. Original: Place dans ces conditions nouvelles, l'homme primitif en a subi toutes les conséquences et ses descendants n'ont pu échapper no à l'influence de l'hérétité ni a celle de toutes les causes qui, en altérant leur santé, tendirent de plus en plus a faire dévier du type primitif. Ces déviation ont amené des variétés, dont les unes onde contitué des races capables de se transmettre avec um caractère typique spécial; les autres ont crée dans les diverses races elles-mêmes ces états anormaux que feront l'obeset spécial de ces études, et que je désigne sous le nom de dégénérescences.

Segundo Engel, as degenerescências passaram a ser concebidas como a principal causa das moléstias mentais²⁶⁸. Deslocava-se a classificação da manifestação de sintomas, da ideia de desvio ou ainda de perda da razão, como havia sido sob Pinel, para uma causalidade oculta. Podia-se, assim, afastar as discussões em torno da sede da loucura – se teria sempre uma causa orgânica como uma lesão cerebral, se teria uma causa moral, ou ainda se teria uma causalidade *sui generis* de outra ordem²⁶⁹.

Por outro lado, Morel também não excluiu condutas consideradas como moralmente desviantes das causas da degenerescência e, por conseguinte, das moléstias mentais. O abuso do álcool, alimentação deficiente, meio social miserável, condutas sexuais desregradas, doenças infantis, costumes imorais, ascendentes doentes – todos estes elementos concorriam para gerar as degenerescências de toda ordem²⁷⁰. Neste sentido, o conceito representou a possibilidade de ampliação do campo de atuação potencial dos médicos. A depender da perspectiva e dos valores de quem analisava e escrevia, qualquer coisa poderia ser causa da degenerescência.

Esta relação com costumes moralmente dúbios, degenerescência e sexualidade foi retomada por Domingos Firmino Pinheiro, na sua tese *O Androphilismo*. É importante salientar que a tese de Pinheiro tem uma leitura difícil, pelo número de citações e por uma linguagem por vezes em excesso rebuscada. O autor discutiu o papel que certas impressões morais teriam no aparecimento das formas de afeto que considerava mórbidas entre crianças e jovens:

Como poderíamos entender, diz Morel, que palavras mais sujas do ponto de vista da técnica comum são proferidas por moças jovens e puras, se não apenas admitissemos coisas ouvidas involuntariamente, do que atos de que não foram testemunhas menos involuntárias? deixaram uma impressão particular no cérebro da criança e determinaram uma certa associação de idéias cuja doença nervosa intercorrente revive a memória que pode ter sido apagada?²⁷¹

Lembra Carrara que, na acepção de Morel, haveria dois elementos que tornavam a ideia de degenerescência especialmente útil no campo da Psiquiatria. Ela se apoiava

²⁶⁸ ENGEL *Os delírios da razão*, 2001, 131-2

²⁶⁹ CARRARA, *Crime e Loucura*, 1998., p. 88

²⁷⁰ PEREIRA, Morel e a questão da degenerescência, 2008, p. 493.

²⁷¹ PINHEIRO, Domingos Firmino. *O androphilismo*. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1898, p. 133-4. Tradução minha. Original: Comment pourrait-on comprendre, diz Morel, que les paroles plus immondes au point de vue de la technique ordinaire sont prononcées par des jeunes filles innocentes et pures, si l'on n'admettait pas que des choses involontairement entendues, que des actes dont elles ont été les témoins non moins involontaires, ont laissé dans le cerveau de l'enfant une impression particulière et déterminé une certaine association d'idées dont la maladie nerveuse intercurrente ravive le souvenir que l'on pourrait croire effacé?. Agradeço a Luiz Mott por ter me disponibilizado este documento.

sobre a contiguidade entre o que seriam fenômenos do espírito – caráter, opiniões, crenças – e as disposições fisiológicas e patológicas do corpo. Além disso, permitia defender que moléstias hereditárias eram heteromorfas, isso é, passíveis de engendrar nos descendentes características mórbidas diferentes das originais²⁷². Legava-se a mácula.

Neste sentido, a degeneração permitia delinear um tipo humano específico. O corpo, por meio de sinais, contaria uma história de desregramentos, transgressões e doenças:

No corpo, através de deformações anatômicas e problemas fisiológicos, inscrevia-se toda uma história de desregramentos, de transgressões e doenças. Tais anormalidades e deformações físicas deveriam ser consideradas “estigmas de degeneração”, indicando um estado degenerativo global do organismo. De qualquer modo, as anomalias físicas deveriam sempre fazer suspeitar da existência de anomalias nervosas; estas pareciam encontrar naquelas a prova visível de sua existência²⁷³.

Nas teses da FAMEB das últimas décadas dos oitocentos, Morel era uma referência bastante comum – e geralmente permitia fazer a articulação entre elementos físicos e comportamentais como fatores importantes no surgimento de determinadas patologias. Pina, na sua tese sobre *Herança Phisyologica e Pathologica*, defendeu que mesmo algo tão dúbio quanto o caráter nacional também poderia ser herdado na qualidade de herança fisiológica. Mas a hereditariedade seria um fator mais saliente no campo patológico: “estudando-se com atenção os excelentes trabalhos de Morel sobre a herança morbida progressiva e as degenerescências humanas, vê-se que ellas são a consequencia das aggravações das transmissões hereditárias”²⁷⁴.

Morel operacionalizou sua noção a partir de tipos doentes. Em primeiro lugar, por separar o predisposto do degenerado, o qual passaria toda a sua vida num estado mental diferente do normal. Esta condição anômala era passível de se manifestar de diversas formas sintomáticas, com os mais variados graus de gravidade. Deformidades e alterações fisiológicas – que Morel designou como estigmas de degeneração – eram acompanhados por uma instabilidade das funções mentais. Assim, no campo cognitivo, se inscreveriam os estados depressivos, as paixões, as excentricidades, as amoralidades.

²⁷² CARRARA, *Crime e Loucura*, 1998., p. 83

²⁷³ CARRARA, *Crime e loucura*, 1998, p. 87

²⁷⁴ PINA, *Herança Physiologica e pathologica*, 1888, p. 34

Morel chega ao ponto de tomar determinados sinais de genialidade ou de grande talento artístico como passíveis de figurarem como sinais de degeneração²⁷⁵.

Já tivemos a oportunidade de observar que excessos alcoólicos, libertinagem, onanismos, perversão sexual, se pensados como vícios, possuíam certo grau de contiguidade. Ora, a noção de degenerescência permitia amarrar esta associação por outra via, concebendo determinados corpos como intrinsecamente maculados neste aspecto. Senão vejamos um exemplo a partir da tese de Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho, intitulada *Alcoolismo e involução humana*, na qual defende que, para debater corretamente os efeitos do consumo de álcool, era preciso entender o grupo mórbido mais suscetível a seus efeitos:

Não há ainda aqui a obra sinistra do alcoolismo. Ha ahi uma multidão de desgraçados que a sciencia catalogou n'um vastissimo grupo morbido e classificou de - degenerados. Estes infelizes que, em sua immensa maioria, devem à influencia hereditaria a sua degradação, o que faz com que Falret, Magnan e outros os denominem hereditarios simplesmente ou hereditarios degenerados, estes infelizes são assignalados por stigmas physicos e psychicos; trazem consigo, desde os seus primeiros passos na vida a denuncia do seu estado degenerativo²⁷⁶.

Os degenerados possuíam traços anormais que os denunciavam, e que lhes eram característicos. Alguns eram de ordem física, mas outros de ordem psíquica: “[...] os stigmas psychicos dos degenerados pódem traduzir-se diversamente, indo desde a idiotia até as perversões sexuaeas, as pequenas manias, os caprichos do character, as aberrações moraes, todas estas anomalias do pensamento, da ideação do senso moral”²⁷⁷. Era sobre estes que o efeito do consumo de bebidas alcoólicas era pior: “n'esses individuos assim predispostos, n'esses infelizes curvados á inexoravel fatalidade da herança morbida, o alcool exerce a sua influencia nefasta de um modo assombrosamente rapido e devastador”²⁷⁸.

Esta associação entre alcoolismo e sexualidades dissidentes também pode ser encontrada nas teses da FAMERJ. Em 1886, o doutor Henrique Augusto de Mello e Senna escrevia sobre a importância da alucinação no diagnóstico das moléstias mentais, e fez a seguinte consideração acerca da loucura alcoólica:

²⁷⁵ CARRARA, *Crime e Loucura*, 1998, p. 91-2

²⁷⁶ JORGE FILHO, Adriano Augusto de Araujo. *Alcoolismo e involução humana*. Repressão e prophylaxia do alcoolismo (Hygiene Social). Tese inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1900, p. 28

²⁷⁷ JORGE FILHO, *Alcoolismo e involução humana*, 1900, p. 30

²⁷⁸ JORGE FILHO, *Alcoolismo e involução humana*, 1900, p. 32

Na loucura alcoólica aguda, na fôrma melancólica principalmente, as allucinações são mais aterradoras e o medo torna-se uma verdadeira panophobia: os doentes se crêm rodeados de animaes ferozes, repteis, inimigos, chammas, cadáveres; fogem espavoridos e preza do mais vivo terror. Essas alucinações são muitas vezes o ponto de partida de delirios hypochondriaco e de perseguição: o alcoólico se crê cheio de vermes, sem estômago, sem cabeça, mortos zombam d'elle, querem envenenal-o, accusam-n'o de *roubo*, *assassinato*, *pederastia*; vão prendel-o, fusilal-o. É nesta fôrma, e quando apparecem idéas de perseguição, que muitas vezes as alucinações auditivas mais ou menos perfeitas, só ou associadas ás alucinações do gosto e do olfacto apparecem também²⁷⁹.

A homossexualidade figura ao lado do temor de ser acusado de roubo, do temor pela vida, e da zombaria. Ela possui, portanto, uma relação próxima com os temores e inquietações sociais, dados a ver no caso extremo da loucura causada pelos excessos alcoólicos. Cumpre apontar que certo número de doentes no Asylo de S. João de Deos sofriam de moléstias causadas pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas, como pode ser observado em alguns dos relatórios do Provedor²⁸⁰. As teses da FAMEB sobre o alcoolismo, contudo, não sugerem uma associação direta equivalente à da tese de Mello e Senna.

De volta à Bahia, e `ã tese do doutor Antonio Cavalcanti Pina, encontramos um exemplo da onipresença da degeneração do ponto de vista hereditário, e da associação entre caracteres de ordem comportamental e física. Ao comentar os efeitos deletérios do consumo de bebidas alcoólicas, o autor retira de Morel uma previsão sombria para o futuro de uma família de ébrios:

Eis, segundo Morel, a marcha mais habitual das transformações suuccessivas porque passam as familias dos ébrios: na primeira geração, depravação, excessos alcoolicos, embrutecimento moral; na segunda, embriaguez, accessos maniacos, paralisia geral. Na terceira, tendencias hypochondriacas, lypemania, idéas de suicidio, tendencias homicidas. Na quarta, inteligencia pouco desenvolvida, estupidez, idiotismo e definitivamente extinção provavel da raça²⁸¹.

²⁷⁹ MELLO E SENNA, Henrique Augusto. **Das allucinações, sua importancia no diagnostico da alienação**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1886, p. 65. Grifos do autor.

²⁸⁰ Exemplo pode ser encontrado em: BITTENCOURT, Augusto Freire Maria. Asylo de S. João de Deos. In: MARINHO, Joaquim Pereira. **Relatorio A mesa e junta da Santa Casa de Misericordia da Capital da Bahia**. Bahia: Litho-typografia de João Gonçalves Tourinho, 1882 p. 72.

²⁸¹ PINA, **Herança Physiologica e pathologica**, 1888, p. 26-7. Cumpre apontar que 'raça' no fragmento, está no sentido de família ou linhagem.

Neste fragmento ficam evidenciadas algumas relações que são importantes para esta tese. Caracteres comportamentais, traços físicos e moléstias mentais – o fragmento fala de manias – são colocados dentro da mesma estrutura para caracterizar a existência de um estado mórbido. Além disso, quando se fala de tendências homicidas, evidencia-se a interface do conceito de degeneração com o crime. Parece adequada, pois, a afirmação de Carrara que, por meio do uso de uma terminologia vaga para caracterizar o quadro sintomático da periculosidade, comportamentos considerados como amorais se converteram num campo que potencializaria a prática de crimes²⁸².

A noção de degenerescência teve seu uso expandido pelo psiquiatra Valentin Magnan no mesmo artigo sobre a inversão sexual citado anteriormente, escrito em coautoria com Charcot. Ainda que tenha aderido às ideias de Morel, este autor também foi um crítico de certas formulações morelianas, as quais reputaria como dotadas de um excesso de metafísica. Era impossível verificar empiricamente, por exemplo, a existência de um ancestral ideal do gênero humano. Para Magnan, influenciado pelo pensamento de Darwin lido com lentes lamarckianas, a perfeição apenas poderia ser buscada no ponto final da evolução do gênero humano, não num Eden primevo²⁸³.

Isto levou a uma mudança no conceito proposto por Magnan – agora degeneração, no singular, em lugar de degenerescências, no plural. Em sentido estrito, não poderia ser caracterizada como desvio regressivo do tipo original – mas sim na qualidade de um estado patológico *per se*. O que seria perfectibilidade de um tipo original perfeito na formulação de Morel era, para Magnan, qualidade de todo o ser humano, e o caminho do desenvolvimento normal para preservação da espécie. A degeneração estaria no deslocamento de um estado mais perfeito para um menos perfeito, que comprometeria o processo evolutivo, levando ao aparecimento de obstáculos de nutrição e/ou de reprodução²⁸⁴.

Magnan também foi responsável pela ampliação do campo daquilo que poderia ser considerado como *estigmas* de degeneração. Morel falava de traços físicos reconhecíveis – com efeito, o seu *Traité des Dégénérescences* era acompanhado de um atlas com imagens de pessoas atingidas por tais estigmas físicos. Magnan destacou, ao lado destes, a existência de estigmas mentais, como se pode ver na tese de Felipe Nery Gonçalves, *A Degeneração Psychica*:

²⁸² CARRARA, *Crime e Loucura*, 1998, p. 92

²⁸³ PEREIRA, Morel e a questão da degenerescência, 2008, p. 493-4.

²⁸⁴ SERPA JR, Octavio Domont O degenerado. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*. v. 17, s. 2, 2010, p. 463.

Tendo dedicado no capítulo precedente que signaes exteriores e palpaveis podião accusar a accção degenerativa da herança, devemos agora nos occupar de assumpto mais importante, e que diz respeito [as deformidades cerebro-espinhaes, as quaes se nos revelarão sempre anomalias funcçionaes. Os signaes reveladores dessas deformidades tem-se tornado hoje muito claros, graças sobretudo a uma das florias da medicina mental em França, o professor Magnan, que devia resolver o problema concebido por Morel, indicando parallelamente aos estigmas physicos, os estigmas psychicos da degeneração²⁸⁵.

Este autor propôs uma nova classificação dos degenerados: haveria os inferiores (idiota e imbecis), os intermediários (débeis) e os superiores – estes últimos apenas afetados com uma comezinha instabilidade orgânica ou na inteligência. A ideia de anomalias funcionais permitiria abarcar um número mais amplo de comportamentos.

Outra tese que foi muito influenciada pelo pensamento quer de Morel, quer de Magnan, foi a intitulada *Degenerados Criminosos*, de Manoel Calmon du Pin e Almeida. Em primeiro lugar, conceitualmente: para Almeida o conceito de degeneração teria sido proposto por Morel, e adequadamente refinado pelo pensamento de Magnan.

A degeneração, para Magnan e Legrain, é o estado pathologico do ser que, comparativamente a seus geradores mais immediatos, tem diminuido constitucionalmente em sua resistencia psycho-physica e não realisa senão incompletamente as condições biologicas da lucta hereditaria pela vida. Esta diminuição, que traduz-se por stygmas permanentes, é essencialmente progressiva, salvo regeneração intercurrente; quando esta faz falta, var mais ou menos rapidamente a destruição da especie²⁸⁶.

Mas há mais. Para Almeida, a degeneração envolvia duas manifestações, não excludentes entre si: impulso e obsessão. A impulsão patológica é uma síndrome mórbida – portanto, passível de atuar em várias patologias distintas – caracterizada por **uma ação ou uma série de ações** executadas por um indivíduo lúcido e consciente, sem a intervenção da vontade, e cuja execução se traduz em angústia psíquica. A obsessão, por sua vez, também é uma síndrome mórbida caracterizada pela aparição brusca **de uma ideia ou de um grupo de ideias** que se impõem à consciência lúcida sob a forma de paroxismos que interrompem por um tempo o curso normal das associações psíquicas, a despeito dos esforços volitivos. A impotência se traduz em angústia e

²⁸⁵ GONÇALVES, Felipe Nery. *A degeneração psychica*. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1891, p. 16

²⁸⁶ ALMEIDA, Miguel Calmon du pin e. *Degenerados Criminosos*. Litho-typo e encadernação V. e Oliveira & C, 1898, p. 4

sofrimento moral intenso. Respectivamente: um é a ideia fixa, o outro está ligado à tendência para o feito – ou, mais precisamente, o pensamento seguido pela ação²⁸⁷.

Estes desdobramentos da degeneração dão a ver maior entrelaçamento entre o estudo das moléstias mentais e a medicina legal. Richard Cleminson e Francisco Vasquez García argumentam que, na nova psiquiatria que ia se delineando ao longo da segunda metade do século XIX, com autores como Morel, Magnan e Lombroso, o elemento-chave explicativo era o instinto involuntário para o cometimento de determinados atos. A responsabilidade, portanto, se convertia numa questão de periculosidade social²⁸⁸.

Almeida faleceu antes da apresentação de sua tese, em 1897. Mas foi um aluno diligente de Juliano Moreira – que escreveu o prefácio – e de Nina Rodrigues, associando estreitamente Psiquiatria e Medicina Legal no estudo os criminosos. A influência deste último foi saliente no manuscrito não sustentado. O autor incorporava, por exemplo, a noção de diferença hierárquica entre as raças como um fato consumado, bem como do potencial fortemente degenerativo do cruzamento entre elas – ideais caras ao catedrático de medicina legal²⁸⁹. Além disso, o crime seria fruto de uma impulsão ou de uma obsessão – era muito pequena ou nula a capacidade de resistência dos ditos degenerados à prática de atos considerados como anti-sociais.

Em todos nós, uma ou outra vez, maos pensamentos surgem, não digo para o crime, mas para actos menos justos, que a consciencia condemna e impede de levar á execução. No degenerado esse poder de resistencia é nullo ou muito pequeno e a partir delle subindo na escala, vamos encontrar uma resistencia sempre crescente até a vida psychica normal²⁹⁰.

Na concepção de Almeida, a degeneração seria mais proeminente na província da Bahia por algumas razões particulares. Haveria fatores climatológicos e ligados à condição social; tal como para Morel, em 1857, a pobreza era um elemento potencialmente produtor de periculosidade. Mas o autor também alocou uma série de práticas da população pobre baiana na condição de causas exteriores da degeneração. Ele cita como exemplo o caso de Canudos, que confirmaria um processo delirante com

²⁸⁷ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 17-8

²⁸⁸ CLEMINSON, Richard; VAZQUEZ García, Federico. **Los Invisibles: a history of male homosexuality in Spain, 1850-1939**. Iberian and Latin American Studies, University of Wales Press, 2007

²⁸⁹ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 91

²⁹⁰ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 89

potencial involutivo²⁹¹. A mesma reflexão valeria para os Candomblés e outros exemplos de um sentimento de religiosidade que seu autor dizia ser típico dos negros e mestiços baianos. Ali, Almeida citou uma série de artigos publicados por seu professor, Nina Rodrigues, na *Revista Brasileira* de 1896 e 1897, intitulados “O Animismo Fetichista dos Negros Baianos”; neles, teceu considerações sobre as distinções entre as casas religiosas frequentadas por africanos e por brasileiros mestiços, fenômenos que poderiam ser lidos com lentes evolutivas:

Mas si o negro africano havia e ha ainda simples juxtaposição das ideias religiosas bebidas no ensino catholico, ás ideias e crenças fetichistas, trazidas da África; no creoulo e no mulato ha uma tendencia manifesta e incoercível a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos. Como que para demonstrar que as leis da evolução psychologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a compreensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro se está fazendo na Bahia exactamente segundo o mesmo processo porque nos começos do christianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo christão então nascente²⁹².

Alguns elementos importantes podem ser observados no fragmento. Em primeiro lugar, havia o papel de ‘leis de uma evolução psicológica’ que se aplicariam a todas as raças – mas não de forma equivalente. Lembra Sampaio que, para Nina Rodrigues, este era um elemento que permitiria, inclusive, separar e hierarquizar as práticas religioso-culturais de africanos nagô, bantos, e mestiços brasileiros e baianos – os primeiros, mais próximos do monoteísmo católico do que os outros²⁹³. Em segundo lugar, a tendência a fusões de crenças causada por uma fraca capacidade mental entre os tipos humanos misturados da Bahia – ‘creoulos’ e ‘mulatos’ – por oposição aos tipos puros – europeus e africanos²⁹⁴.

Na mesma direção, Almeida escolheu outro trecho da obra de Nina Rodrigues para confirmar os aspectos da religiosidade de matriz africana que seriam indicativos do desenvolvimento estacionário e da degeneração:

²⁹¹ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 32

²⁹² NINA RODRIGUES, Raimundo. *Illusões da catechese no Brazil*. **Revista Brasileira**. T. IX, 1897, p. 323. Ainda que afirme um pouco mais a frente que a presença nessas casas e a crença nos poderes de lideranças religiosas seria partilhada por vários setores da sociedade, tal se explicaria pela mestiçagem, no Brasil, ocorrer em diversos planos: físico e intelectual, mas também afetivo e de sentimentos. Como a acepção de “mestiço” estava estreitamente ligada a noções como degeneração, fica evidente a leitura depreciativa do autor.

²⁹³ SAMPAIO, Gabriela Reis. “Africanos de pequena fortuna” discussões sobre raça relativas aos africanos no Brasil, finais do século XIX. *In*: SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze; BALABAN, Marcelo (org.). **Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2019.

²⁹⁴ NINA RODRIGUES, *Illusões da catechese no Brazil*, 1897, p. 330.

Temos, nestes assumptos, a opinião abalisada de um mestre: diz o Professor Nina Rodrigues “a persistencia do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto que as exterioridades do culto catholico, apparementemente adoptado por elles, não conseguirem disfarçar nem nas associações hybridas que com esse culto estabeleceu o fetichismo, nem ainda para a pratica genuina da feitiçaria africana, que ao lado christão ahi vegeta exhuberante e valida”²⁹⁵

É necessário perceber a lógica: com o elastecimento do seu uso, era possível, para Rodrigues, Almeida, e intelectuais desta lavra, fazerem a passagem do indivíduo e dos costumes para o estudo de coletividades que seriam biologicamente dadas. Neste sentido, não surpreendem, portanto, os termos em que o autor definiu os mestiços, esta população que *também* frequentava as casas de Candomblé: “O mestiço é um degenerado, por efeito de uma união hybrida entre o branco, o negro e o indio. Compreehende-se que da união que se dá, hão de muito naturalmente predominar os dous elementos mais propensos á inferioridade”²⁹⁶.

A relação entre criminalidade e degeneração na Bahia, na concepção de Manoel Calmon du Pin e Almeida, era, portanto, variada, e influenciada por fatores diversos; mas seu elemento central era a degeneração hereditária. A tolerância aos Candomblés, as más condições climáticas, o passado escravista, a tolerância social para com práticas negativas – todos estes elementos concorrem, mas o que organizaria este nexos de morbidez eram as condições em que se daria o cruzamento entre indivíduos de raças diferentes²⁹⁷. Isso levou o autor a sintetizar da seguinte forma a divisão dos criminosos e degenerados baianos:

Resumindo as nossas considerações sobre a degeneração e o crime temos, considerando o objectivo que visamos, de dividir os criminosos em as seguintes classes: 1^a - Os criminosos bahianos são em sua maioria degenerados, em virtude do mestiçamento e de outras causas que têm influencia para a produção do crime; 2^a - Criminosos de occasião, aquelles que agem com pleno conhecimento do facto, e muitas vezes das leis penaes, por accidentes a que não póder furtar-se; e 3^a - criminosos atavicos, physicos e moraes, os que são representantes hereditariamente de typos selvagens²⁹⁸.

²⁹⁵ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 73

²⁹⁶ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 70

²⁹⁷ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898 p. 90-1

²⁹⁸ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 92

Parece, pois, adequado o raciocínio de Coffin retomado por Caponi em seu estudo sobre a Psiquiatria: a degeneração se converteu num paradigma que não se limitava a esta especialidade e, mesmo, ao campo da Medicina; mas se prestaria para análise da sociedade como um todo. Se foi mobilizada por médicos como Nina Rodrigues e Cesare Lombroso, também foi utilizada por literatos a exemplo de Max Nordau²⁹⁹. Aos poucos, começa a surgir dentro deste rol de perversos uma gradação da anormalidade, dentro da qual os que eram “transviados completamente das suas relações fisiológicas” passariam paulatinamente a ocupar um lugar significativo³⁰⁰.

As relações entre o pensamento de Lombroso e o conceito de degeneração são importantes. Como vimos nos gráficos apresentados no capítulo anterior, este autor também era citado, e suas reflexões acerca do atavismo e de homens delinquentes eram pertinentes para médicos e estudantes do período. É dele que trataremos na próxima seção.

3. DEGENERAÇÃO E ATAVISMO: APROXIMAÇÕES E DESCONTINUIDADES

O pensamento de Cesare Lombroso foi muito influente entre pensadores brasileiros³⁰¹. Mesmo num período em que a Medicina Legal europeia colocava o trabalho deste autor numa posição de relativo descrédito, a Escola Positiva da Criminologia persistia como referência analítica importante. Para Iraneidson Costa, o diálogo com autores italianos e alemães se explicaria em parte pelos debates acerca da unidade nacional nos três países: aqui, havia o processo terminal da escravidão e do império; na Itália e na Alemanha, a criação de Estados-Nacionais respectivamente em 1861 e 1871 tendo como pano de fundo um heterogêneo conjunto de reinos, pequenas repúblicas e cidades-Estado³⁰².

Cesare Lombroso era nativo do norte da Itália, de economia em acelerado processo de industrialização e com uma população urbana relevante. Ele se formou em medicina na Universidade de Pavia, em 1858; e, entre os anos de 1862 e 1863, acompanhou os exércitos norte italianos até a Calábria, no recém-anexado sul da

²⁹⁹ CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 4, n. 2, p. 168

³⁰⁰ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 43.

³⁰¹ COSTA, **A Bahia já deu régua e compasso**, 1997, passim.

³⁰² COSTA, **A Bahia já deu régua e compasso**, 1997, p. 48-9.

península itálica. Ali, começou a coletar dados e medidas dos crânios dos calabreses de forma a correlacionar diferentes medidas a predisposição para criminalidade³⁰³. Para Costa, o dilema de Lombroso eram as condições que poderiam emergir uma nação do cadinho de povos da península, especialmente em razão do que era entendido como o estado de atraso político, social e humano do sul agrário³⁰⁴. Um de seus trabalhos, publicados na última década do século XIX, apresenta uma correlação evidente entre genealogia, condições étnicas e antropológicas e o comportamento criminoso. Trata de Musolino, um *briganti* – nome que designava aqueles que, dentre a população local, combatiam a presença dos exércitos italianos no contexto da unificação. Neste estudo, Lombroso teceu estas considerações sobre a população local:

A população, [é] inteligentíssima porque descende de uma mistura de romanos, gregos e fenícios, dos quais mantém os traços na forma prolongada do crânio, no dialeto, nos cantos, é audaciosa, heroica, desejosa de dominação até a prepotência: entretanto, ela tem dentro de si um número não irrelevante de colônias albanesas e gregas, especialmente em proximidade da ponta da Itália, onde Musolino imperava, as quais, descendendo de povos embarbarecidos na Idade Média, estão verdadeiramente em um estágio inferior de senso moral³⁰⁵.

Musolino, portanto, enquanto indivíduo seria definido pelo seu pertencimento a uma coletividade maior. Já tivemos a oportunidade de analisar este tipo de raciocínio em outros pontos da tese, na seção anterior com Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, e na introdução com o trabalho de Nina Rodrigues. Em que pese existirem descontinuidades – o termo *raça*, por exemplo, não possuía exatamente a mesma acepção para autores brasileiros e para Lombroso – sua perspectiva ofereceria um arcabouço analítico e metodológico que ressoava entre certos intelectuais para resolver questões muito próprias do Brasil no pós-abolição:

Vistos sob este prisma, o Nordeste brasileiro do pós-abolição e a Itália meridional do pós-unificação começam lentamente a se aparentar: aqui, a perda da centralidade político-administrativa (fazia mais de cem anos), aliada ao esvaziamento econômico progressivo, condenariam uma legião imensa de negros e mulatos, recém-libertos ou não, ao desemprego, ao ócio, à marginalidade; do outro lado do imenso oceano, o monopólio das decisões e a drenagem de recursos

³⁰³ MESSINA, Marcello. Contra o Museu de Antropologia Criminale "Cesare Lombroso" em Turim, Itália: "corpos-trofêus", "vergonha in vitro" e "atavismo colonial". **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. UFPE: Recife, 2019, p. 1-2

³⁰⁴ COSTA, A *Bahia já deu régua e compasso*, 1997, p. 51-3;

³⁰⁵ LOMBROSO, Cesare. *Il cervello del brigante Tiburzi*. Nuova Antologia, n. 150, 1896, p. 593; apud MESSINA, 2017, p. 3.

para o que viria a ser, dentro em pouco, um Norte industrializado e rico, oferecia poucas alternativas aos meridionais³⁰⁶.

Um dos conceitos mais importantes para Lombroso, que não aprofundarei nesta tese, foi o de criminoso nato, que consistia numa espécie diferente dentro do gênero humano, em quem o delito estaria ligado a um substrato orgânico. Era um fruto de suas observações daqueles que considerava como doentes e criminosos no sul da Itália. Assim, desde o nascimento, o indivíduo possuiria uma tendência ao crime, e haveria elementos anatômicos, psicológicos, enfim, uma biologia que o distinguiria do resto da humanidade³⁰⁷.

Outra noção importante no pensamento de Lombroso é o de atavismo. Este termo aparece nas edições da obra *O Homem Delinquente*, fragmentado em várias passagens ao longo da obra. Ele teria sido proposto pelo autor para designar uma série de traços anômalos no crânio de determinados sujeitos, como os *briganti* e criminosos, que seriam indicadores eloquentes de um desenvolvimento mental e moral estacionário – até regressivo³⁰⁸; isso é, apresentariam ressurgências de um tipo ancestral, primitivo, inferior na escala da espécie. A definição mais estrita, contudo, não foi imediata – mas se estendeu ao longo de muitos anos, prestando-se assim a incorporar diversos sujeitos. Podemos encontrar uma definição mais sistemática na edição de 1911 de *O homem delinquente*. O autor assim se expressou, quando estudava o crânio do também *briganti* Vihlena:

Não era uma simples ideia, mas um rasgo de inspiração. À vista do crânio, pareceu-me que, de repente, iluminado como uma vasta planície sob o céu resplandecente, podia ver todo o problema da natureza do criminoso: um ser atávico cuja pessoa reproduz os instintos ferozes da humanidade primitiva e dos animais inferiores. Assim se explicavam anatomicamente as enormes mandíbulas, os pronunciados ossos do rosto, os arcos superciliares proeminentes, as linhas separadas das palmas das mãos, o inusitado tamanho das órbitas, as orelhas em forma de asa que se observam nos criminosos, nos selvagens e nos macacos, a insensibilidade à dor, a extrema agudeza da visão, o gosto pelas tatuagens, pela ociosidade excessiva e pelas orgias, a ânsia irresponsável pela maldade por si mesma, o desejo de não apenas extinguir a vida da vítima mas também de mutilar o cadáver, de rasgar sua carne e beber seu sangue³⁰⁹.

³⁰⁶ COSTA, A *Bahia já deu régua e compasso*, 1997, p. 53-54

³⁰⁷ COSTA, A *Bahia já deu régua e compasso*, 1997, p. 66-7

³⁰⁸ LOMBROSO, *Il cervello del brigante Tiburzi*, 1896, p. 375-9

³⁰⁹ GOULD, *A falsa medida do homem*, 1980, p. 138.

O atavismo também explicaria aspectos anômalos de ordem sexual. Não é de todo surpreendente que este pensamento estabelecesse raízes fundas no processo de renegociação de lugares, da tentativa de manutenção de hierarquias, bem como da dita defesa da sociedade contra as classes perigosas. Retomando o caso analisado detalhadamente na introdução, vimos José D’Araujo – pederasta paciente, mestiço, preso na Penitenciária da Bahia, analisado por Nina Rodrigues. Este autor não tece maiores comentários sobre a classe social de José, bem como não dedica maiores considerações sobre o fenômeno da pederastia na sociedade baiana. Os males de D’Araújo se explicariam pela perversidade congênita, um dos elementos que levou o autor a finalizar seu estudo caracterizando-o como um criminoso nato³¹⁰.

Lombroso, porém – de quem o médico maranhense retirou termos como criminoso nato ou o caráter atávico da sexualidade de negros e mestiços – comentou que a pederastia poderia ser um sinal da presença de traços atávicos e de morbidez hereditária, especialmente quando encontrada em classes inferiores: “Mas aqueles das classes mais baixas amam a sujeira, eles preferem perfumes, cheiros nojentos, apelidos femininos afetuosos, e são o instrumento dos roubos mais ousados, dos assassinos mais atrozés...”³¹¹.

Uma das teses que traçou um diálogo mais tenso com o pensamento de Lombroso foi a de Afrânio Peixoto, intitulada *Epilepsia e Crime*. Com efeito, para o médico italiano, a epilepsia era um dos elementos característicos mais presentes nas tipologias de seus criminosos, e um sinal sugestivo de atavismo. Já para Peixoto, a epilepsia não era exatamente uma entidade mórbida distinta de outras, mas parte de uma anormalidade mais ampla, presente em determinados corpos e passível de detecção e tratamento. Ainda que não tome uma posição final, o autor parece considerar que ela seria sinal de um estado involutivo presente em determinado corpo – portanto, uma anormalidade biológica, dentro de um gradiente de periculosidade³¹². Peixoto preferiu pensar em termos de uma *degeneração* epiléptica. Neste sentido, bebeu mais na definição de Magnan – de um desvio evolutivo do tipo humano esperado em função de fatores sobretudo hereditários – do que na de Morel – desvio do tipo humano primitivo.

³¹⁰ NINA RODRIGUES, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 2007, p. 113.

³¹¹ LOMBROSO, Cesare. *L'uomo delinquente*. Roma: Fratelli Bocca, 1878, p. 171. Original: “Quelli però delle infime classi amano il sudiciume preferiscono a profumi, odori schifosi, affetano soprannomi femminei, e sono lo stromento dei furti più audaci, dei più atroci assassini”. Tradução minha.

³¹² PEIXOTO, Afrânio. *Epilepsia e Crime*. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1897, p. 15

Isto levou Peixoto a ver a criminalidade em três tipos: essencial, quando era fruto normal de certas individualidades por um sentimento de egoísmo exacerbado, e onde incidiam mais fatores sociais; mista, quando esta personalidade egoísta é atingida também pela degeneração; e a sintomática, uma manifestação de desorganização psíquica causada por várias entidades mórbidas. No caso desta última, o fundo seria biológico, e então sim, epilepsia poderia concorrer como um indício³¹³. Mas não era correto pensar na generalidade dos epiléticos em termos de criminalidade nata. Não haveria um substrato característico de personalidades criminosas. Para Peixoto, esta linha de argumentação impediria diferenciar o epilético criminoso do inofensivo³¹⁴.

Peixoto também não considerava muito instrumental a noção de atavismo. Nela haveria grande número de contradições, da qual destacou a impossibilidade de conciliar a ideia de uma sucessão continuada da criminalidade com o fenômeno da parada do desenvolvimento normal:

Demais, afóra todas as objeções que se tem feito a theoria do atavismo do crime, ha uma que me não parece descabida. Si o crime existiu sempre numa sucessão continuada, para que julgar a criminalidade actual como uma repercussão de instinctos e tendencia do homem primitivo? Eu comprehendo perfeitamente que de accordo com a lei da evolução das especies, o atavismo representa uma parada de desenvolvimento de um ser determinado, do homem criminoso, no caso em questão que em se tender para sua definitiva composição de homem normal de hoje, parou no estadio imperfeito do selvagem admittindo (por instantes) que este tenha sido dotado daquellas imperfeições ligadas á criminalidade. Mas, então, ha o dilema: ou esta theoria explica só a criminalidade actual e toda a outra comprehendida entre a prehistoria e a actualidade fica inexplicada, e é imperfeita e unilateral, ou se applica à criminalidade de todos os tempos o proprio facto da continuidade exclue o atavismo, lembrando antes um legado direto de gerações successivas³¹⁵.

Peixoto fazia este tipo de crítica na busca de defender a viabilidade nacional. Para ele, as considerações de muitos autores europeus, como Spencer ou Lombroso, não estavam baseadas numa análise judiciosa e séria dos resíduos arqueológicos americanos, quer no Brasil, quer nos países vizinhos da América Latina. Não era lícito, portanto, extrair conclusões pouco criteriosas acerca do caráter ou moralidade destas populações, bem como desconsiderar o próprio contato entre nativos americanos e povos europeus depravados, maus e de caráter duvidoso: “No Brazil, o gentio perseguido pelo colono

³¹³ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 83-5

³¹⁴ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 130-4

³¹⁵ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 95-6

portuguez ancioso, depravado e máo, que pretendia roubar-lhe a vida, a liberdade, a fortuna, a honra [...] Portugal envenenou, destruiu, esbulhou a raça inteira dos verdadeiros brasileiros, dando-lhes a civilização do extermínio”³¹⁶.

Isto não impediu que, na análise de tipos humanos anômalos, degeneração e atavismo tenham sido justapostos para tematizar determinados corpos desviantes, sobretudo quando estava em questão um contexto criminal, e a mediação e a busca por elementos físicos, morais e mentais anômalos poderiam organizar a leitura de indivíduos e extrair dele enunciados eficazes para ler e interpretar o contexto brasileiro. Almeida, que também citou extensivamente o pensamento de Lombroso, utilizou muitas das reflexões deste autor acerca de traços físicos anômalos que evidenciariam degenerações. E arremata, apontando, senão equivalência, certa correspondência entre a noção de criminoso nato e a de degenerado criminoso: “Assim também os criminosos-natos de Lombroso não passam para nós de simples degenerados, mais predispostos ao crime do que aquelles que por condições outras, tem uma degeneração”³¹⁷; mais à frente, elenca o atavismo como uma das causas do crime: “A lei da hereditariedade atavica que em casos ora physiologicos como pathologicos apreciamos na pratica, dá-se perfeitamente no crime”³¹⁸.

Todo este debate acerca da degeneração, herança, atavismo, impulsões e obsessões evidencia uma questão importante: estas teses sugerem uma nova maneira de conceber corpos vistos como anormais. Na tese do doutor Barroso, citada anteriormente, o onanismo e a sodomia foram descritos como *comportamentos* patologizantes. Os 'socorros d'um medico' teriam salvado colegiais onanistas ou que faziam sexo uns com os outros. Os degenerados, os histéricos, e outras categorias possuiriam um corpo fixo, mensurável e lido sem mediações, percebido como congenitamente inferior, quer como fruto da hereditariedade coletiva, quer como das ações de um indivíduo que corromperia sua linhagem.

Estes corpos descritos como degenerados, estigmatizados, pervertidos de toda a ordem, povoam o quotidiano das cidades, imaginadas como sujas, anti-higiênicas e incivilizadas, endossando queixas como a de Aurelino Leal, com os jovens que ameaçavam na saída do teatro, ‘quase todos pederastas’. Durval Muniz de Albuquerque Júnior lembrou que, nos primórdios da República, estranhos amores e práticas sexuais

³¹⁶ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 99-100

³¹⁷ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1898, p. 80-1.

³¹⁸ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1898, p. 92

consideradas como disparatadas se tornaram paulatinamente mais e mais visíveis no espaço urbano³¹⁹. O autor lembra o papel que o pensamento naturalista teve na produção de noções fixas acerca de corpos, gêneros e sexualidades:

O pensamento naturalista busca a garantia da existência de uma realidade primeira, objetiva, ordenada que se contrapusesse ao fluxo, à mutabilidade e ao caos que se enxergava na nova realidade social. A ansiedade social gerada pela consciência crescente da historicidade e efemeridade de todas as coisas parece inspirar esta volta à natureza e a busca de encontrar nela elementos que expliquem de forma racional e previsível as reações humanas, seus comportamentos, valores, atitudes e ações³²⁰.

Era esta multidão, as classes perigosas, o objeto de tensões e preocupação dos médicos. Mas este grupo era **também** povoado de invertidos, pederastas, androphilistas. As formas de nomeá-los, classificá-los, analisá-los serão objeto dos capítulos seguintes, ao lado dos vislumbres das práticas sociais destes sujeitos que, entre horror e fascínio, eram estudados pelos finalistas do curso médico baiano.

Há um mito que talvez forneça um paralelo com valor explicativo. Escreveu Ovídio que, irritado com o que considerava como uma série de vícios da alma feminina, Pigmaleão moldou, e se apaixonou, por uma mulher ideal: “esculpiu então com admirável arte uma estátua de níveo marfim, e emprestou-lhe uma beleza com que mulher alguma pode nascer”³²¹. Anne McClintock recorreu à expressão tentação de Pigmaleão para falar das contradições evidenciadas pelas práticas fetichistas entre Arthur Munby, advogado, e sua amante e depois esposa, a trabalhadora Hannah Cullick. O teatro realizado e roteirizado por ambos, que envolvia desde o uso do couro a metáforas raciais, infantilismo e travestimento, aponta para as mediações sociais que emprestam significado à ligação dos dois. Munby podia, naquele relacionamento, ter uma ilusão de controle das contradições da sua própria identidade, isso é, de sua masculinidade precária e compulsória ante a 'hombridade' de sua esposa, Cullwick. Os corpos de ambos, em suma, eram percebidos como partes integrantes e maleáveis de um teatro mais amplo, no qual a barreira entre os gêneros estaria sendo a todo momento subvertida³²².

³¹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Nordestino...*, 2013, p. 81-2

³²⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Nordestino...*, 2013 p. 156

³²¹ OVÍDIO. *As metamorfoses*. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 545.

³²² MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial*, 2003, passim.

É como se estes médicos tivessem, por meio de noções como a de degeneração, ou a de atavismo ou hereditariedade mórbida, acesso ao ateliê de Pigmaleão, procurando emprestar traços fixos para produzir seres quiméricos: taxonomizavam, criavam, indexavam, nomeavam os corpos impossíveis, que definiam suas condições de possibilidade de existência. O invivível definia o vivível. O anômalo, a norma. Os rebeldes, os sujeitos políticos. Restava a tarefa de nomear.

CAPÍTULO 3: NOMEANDO O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME³²³

Neste capítulo, pretende-se estudar o processo de nomeação das relações erótico-afetivas entre homens e as suas representações, quer como sinal da degeneração e do atavismo, quer como elemento de conduta criminoso ou antissocial, quer ainda como uma patologia própria. Em todos os casos, parte-se de um quadro conceitual dado pela Psiquiatria. Um exemplo pode ajudar a entender a importância da discussão acerca das formas nominativas, bem como seus limites. Em 1897, o doutor João Froés publicou, na *Revista da Faculdade Livre de Direito da Bahia* (FLDB) o artigo “Da vida sexual mórbida perante o código penal brasileiro”. O autor era lente substituto de Medicina Legal na FLDB, que havia sido fundada em 1891 para atender à demanda de setores da elite por um curso jurídico superior na capital baiana³²⁴. Apesar do apoio de membros da cúpula política do Estado da Bahia e de uma subvenção conferida pela Assembleia Legislativa Estadual a partir de 1892, parece que a consolidação institucional se deu somente sobretudo no começo do século XX.

Muitos de seus docentes eram egressos da Faculdade de Medicina da Bahia e alguns já haviam atuado ou viriam a atuar como lentes na instituição mais antiga. O próprio Froés, professor da FLDB a partir de 1896, também assumiu a cadeira de Clínica Propedêutica na FAMEB em 1899. É lícito supor, pois, a partilha de certas concepções e de referências³²⁵.

No texto, o autor teceu as seguintes considerações acerca do julgamento de condutas delituosas de fundo sexual e psicopático perante a ciência:

Entre os delictos sexuaes mais commumente collocados sob a vigilancia da lei, pertencem na maioria dos casos ao dominio psychopathologico - os ultrajes publicos ao pudor, a necrophilia, a bestialidade, a satyriasis, a nymphomania, o sadismo, o masochismo,

³²³ Os conceitos apresentados neste capítulo estão sumarizados no diagrama anexo a esta tese, p. 269.

³²⁴ ROCHA, Júlio César de Sá da. **Faculdade de Direito da Bahia**: processo histórico e agentes da Faculdade Livre no final do século XIX. Bahia: Fundação Faculdade Livre de Direito, 2015. p. 30. Cumpre apontar que, desde 1823, os constituintes baianos insistiam na fundação de um curso jurídico na cidade. A partir de 1892, o curso passou a contar com subvenção da Assembleia Estadual.

³²⁵ O mesmo pode ser observado no caso do lente titular de Medicina Legal da FLDB, José Rodrigues da Costa Dórea. Ele era docente da Faculdade FAMEB desde 1885, na cadeira de Química e Toxicologia. Ver: BLAKE, Sacramento. José Rodrigues da Costa Dórea. In: _____. **Dicionário Biográfico Brasileiro** (5). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, p. 162.

o amor homo-sexual ou inversão sexual e suas variedades - a pederastia, o tribadismo, saphismo, amor lesbio, e o uranismo³²⁶.

O fundo mórbido – todos estes delitos possuem como causa distúrbios de ordem psíquica – está explícito, bem como a tipologia bastante alargada. O amor “homo-sexual ou inversão sexual” se desdobraria em várias possibilidades, que demandariam formas de tratamento distintas. É neste sentido que algumas destas expressões são retomadas por Froés, para defender a necessidade de separar debochados de invertidos no mister da Justiça e da Medicina:

Apresentando um pederasta perante os tribunaes, dizem Maginot e Moll, deve o magistrado empregar os meios aconselhados pela sciencia para chegar ao conhecimento exacto de sua personalidade psychica, afim de punil-o severamente si for um debochado, ou isental-o de toda a responsabilidade, caso seja um *uranista*, isto é, um *invertido sexual* congenito, um *hermaphrodita moral*, um monstro, de pleno dominio *teratologico*³²⁷.

Cada expressão carregava um sentido, um conteúdo – formulado nos termos das múltiplas referências da ciência do período: “invertido sexual” congênito, “uranista”, para não falar de “pederasta”. Mas, além disso, ancorava-se numa interpretação negativa, dada a ver em expressões como “hermafroditismo moral” e “monstro”. Sua diversidade talvez seja oriunda da necessidade de ancorar, por aproximação, linguagem técnica com o sentido de tais práticas na cultura de seus leitores, fazendo-as, assim, nomeáveis. Conjugadas, elas podem oferecer caminhos para entender como a sociedade oitocentista refletia acerca do tema.

Este esforço analítico possui limitações: ele dá a ver a produção de enunciados, discursos e de práticas discursivas sob certo viés autorizado, permitindo apenas vislumbres das práticas do dia a dia; e não se pode perder de vista essa tensão, na qual se inscreviam as brechas do cotidiano da multidão, como propõe Anne McClintock; ou das experiências múltiplas das classes perigosas, como quer Chalhoub.

Talvez um texto de Antropologia sirva para explicitar mais esta limitação. Em 1927, o antropólogo inglês Edward Evan Evans-Pritchard defendeu sua tese de doutorado, publicada em 1937 como *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Trata-se de uma obra considerada clássica no campo da Antropologia Social. Evans-

³²⁶ FRÓES, João. Da vida sexual mórbida perante o código penal brasileiro. **Revista da Faculdade Livre de Direito da Bahia**, a. 4, set. 1897, p. 94

³²⁷ FRÓES, João. Da vida sexual mórbida perante o código penal brasileiro, p. 97. Grifos no original.

Pritchard se destacou por ter tentado fazer a análise dos Azande, sem assumir previamente um sistema de crenças fechado ou uma escala de valores externa ao seu tema. O próprio objeto, o da bruxaria, foi dado pelo contexto: eram as pessoas a quem entrevistava que falavam constantemente de feitiços e malefícios, o que sugeria a importância do fenômeno. Assim, se propõe a pensar menos em termos de uma mentalidade pouco evoluída (pré-lógica, nos termos de Levy-Brül, a quem cita), e mais no papel que estas referências teriam como constitutivas da dinâmica social³²⁸.

A obra não foi publicada na integralidade; uma seção do texto foi deixada de fora, e veio a lume apenas em 1969, na esteira da primeira marcha do orgulho gay em Nova Iorque, com o título de “A inversão sexual entre os Azande”. Este texto é importante por ser um dos primeiros trabalhos antropológicos que propõe pensar o tema sexualidades e afetividades não-heterocentradas em sociedades não marcadas pela homofobia, segundo o verbete Antropologia do *Dictionnaire de l’Homophobie*³²⁹. Para o tema de estudos desta tese, importa salientar mais a presença do termo ‘inversão sexual’ em ambos os autores, Froés e Evans-Pritchard.

Lembra o antropólogo inglês que, nos vários reinos de cultura Azande, práticas homoeróticas entre homens e mulheres estavam amplamente disseminadas em tempos anteriores à invasão dos europeus, e mesmo no começo desse processo³³⁰. Parte da população masculina estava organizada em companhias militares: *abakumba*, de homens casados, e *arapanga*, de homens solteiros. Nestas últimas, havia o costume de se tomar rapazes-esposas, fruto da escassez de consórcios possíveis com mulheres. Era difícil, portanto, para homens pobres se casarem cedo³³¹. Eles se denominavam como

³²⁸ EVANS-PRITCHARD (a), Edward Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 7-28. O autor não considera que a dita inversão sexual teria sido introduzida pelos árabes, raciocínio desenvolvido por autoridades coloniais do Sudão Anglo Egípcio, e que De Pauw pontuou para a América em seu estudo, como vimos no capítulo anterior.

³²⁹ EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. A inversão sexual entre os Azande. **Bagoas: revista de estudos gays, gênero e sexualidade**. V. 6, n. 7, 2012, p. 16. Escrevo estas linhas em 28 de junho de 2021, dia mundial do Orgulho LGBTQIA+.

³³⁰ EVANS-PRITCHARD, A inversão sexual entre os Azande, 2012, 20-1. Na segunda parte do texto, o autor fala de relacionamentos entre mulheres, que teriam lugar no harém, em função da ausência de atenção suficiente do seu marido comum – ou da falta de vigor de maridos mais velhos. Havia, neste tipo de relacionamento, uma outra dinâmica das hierarquias de gênero e dos limites. O ato sexual entre mulheres era cercado de mistérios e de tabus. Por um lado, pela emulação da penetração por meio de um pedaço de mandioca ou de batata-doce talhado em formato fático, o que permitira que as mulheres buscassem satisfação sexual sem a necessidade de um homem; por outro lado, era ritualisticamente próximo de atos de feitiçaria considerados como perigosos, e até mortais. Isso não impedia, contudo, que as mulheres interessadas neste consórcio de unissem por meio de um ritual que formalizava uma afetividade socialmente percebida distinta, marcada pela troca de presentes e de afeto – o *bagbaru*. Os maridos podiam não ser muito favoráveis, mas Evans-Pritchard indica que raramente tentavam impedir estas ligações.

³³¹ EVANS-PRITCHARD, A inversão sexual entre os Azande, 2012, p. 17-8

ade nga ami, ‘nós somos esposas’. Eram chamados de *diare*, esposa, pelos maridos, os homens que designavam de *kumbami*. No quotidiano, faziam diversas tarefas equivalentes às que uma esposa desempenharia. O autor não deixou de descrever, se bem que sumariamente, como se dava o sexo: era intrafemural, sendo a penetração anal proibida. Também apontou o caráter educativo destes relacionamentos, a persistência dos laços de solidariedade e afetividade – antigos rapazes-esposa ingressavam na companhia militar de seus *kumbami*. A ligação ultrapassava apenas a esfera do prazer: “De qualquer maneira, embora existisse esse lado da relação, era claro nos relatos dos Zande que também havia o conforto em compartilhar uma noite na cama em companhia”³³². Evans-Pritchard considera que, em regra, a causa seria a insuficiência de parceiros de gênero diferente por conta dos custos matrimoniais, daí a aceitação relativa da inversão sexual. Reconheceu, porém, que havia situações alternativas, como a de um príncipe que continuava a se relacionar com rapazes-esposa mesmo depois de casado: era tido como levemente louco. No final do texto, há uma reflexão muito pertinente para esta tese, na qual foi sinalizada a existência de camadas diferentes de sentido e de experiências:

Talvez deva incluir na conclusão desta nota que não estou sugerindo de forma alguma que a pederastia e o tribadismo são explicados pelas condições sociais, como essas obtidas com os Azande. Evidentemente, não o são. O que é certamente explicado, dada a plasticidade libidinosa, são as formas institucionais prevalentes na sociedade Zande e as atitudes (masculinas) direcionadas a elas³³³.

As sociedades possuíam as estratégias nominativas que lhes eram próprias – as formas institucionais prevalentes e atitudes que a elas seriam direcionadas. Esta é uma reflexão que vale quer para os povos Azande, largamente rurais, quer para o estrato social brasileiro que vivia em centros urbanos no final do século XIX; nos textos médicos, também existiam maneiras de nomear a dita plasticidade libidinosa. O contexto, os saberes mobilizados e as normas sociais deram as condições de possibilidade e certo feitio para as ligações eróticas-afetivas entre homens, fazendo-as dotadas de sentido e de determinado desvalor social. Para Froés, o amor homossexual tinha fundo mórbido. Para Evans-Pritchard, sem ser mórbido, era anômalo.

É pouco provável que um rapaz *diare* e seu *kumbani* se explicassem em termos de pederastia, inversão ou homossexualidade. A mediação destes termos foi dada pelo

³³² EVANS-PRITCHARD, A inversão sexual entre os Azande, 2012, p. 19

³³³ EVANS-PRITCHARD, A inversão sexual entre os Azande, 2012, p. 29.

antropólogo, transcrevendo dos relatos de comportamento Azande o que lhe era diferente. No caso do documento de Froés, a descrição do atípico é mais aguda: se muitas seriam as variedades mórbidas do amor homossexual, pouco se sabe acerca das identificações. Deste processo se extraem consequências profundas. A atitude do lente de Medicina Legal, uma vez demarcada a temibilidade, se tensionaria entre examinar, tratar e punir:

Conclue firmando a necessidade imprescindível do exame anthropologico do accusado e pede todaa severidade da lei para o debochado e a hospitalisação para o invertido, que deshonra a especie e corrompe a sociedade. Razão parece ter Hubert em internar o uranista, em vez de não agir sobre elle como préga Krafft-Ebbing, porque é sabido por quem conhece ainda de leve taes assumptos, que, sendo ludibriado em seu sentimento anormal mas excessivamente impetuoso, elle é capaz de todos os crimes e abominações, não recuando deante do homicidio. O exame de salidade é, com effeito, um dos meios mais nobres da defeza social³³⁴.

Assim, expressões foram pinçadas, ao abrigo de certas arquiteturas conceituais vistas no capítulo anterior, com o objetivo de nomear sexualidades, afetos, relações eróticas, prazeres rebeldes que não possuiriam lugar dentro da ordem de gênero que se estabelecia no Brasil de fins dos oitocentos – na nação desejada, como definiu Miskolci. O capítulo que segue pretende compreender e analisar esse processo de seleção e interpretação, mas sem perder de vista os limites da abordagem. Essa documentação foi produzida em tensão com experiências e práticas cambiantes e bem menos consistentes e capturáveis do que certos conceitos sugerem, como será visto no próximo capítulo.

1. O AMOR ENTRE HOMENS COMO TEMA EM SETORES LETRADOS

Ao longo do período moderno, uma quantidade grande de obras literárias em países europeus retratava o amor entre homens. Entre os séculos XVI e XVII, quase nunca havia um enquadramento positivo. O texto de Artus Thomas, *A Ilha dos Hermafroditas*, de 1607, por exemplo, zombava de efeminados e relacionamentos entre homens tendo como modelo a corte do efeminado rei francês Henrique III³³⁵. Greenberg identificou alguma mudança de enquadramento depois da Restauração dos Stuart, quando apareceram textos e peças teatrais que retratavam esse tema de uma perspectiva

³³⁴ FRÓES, João. Da vida sexual mórbida perante o código penal brasileiro, p. 98

³³⁵ SILVA, A *Captura do Prazer*, 2015, p. 56

moralmente indiferente – uma delas, de John Wilmont, tinha o nome de *Sodom, or the quintessency of debauchery*³³⁶.

Esse processo teve um influxo maior ao longo do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX. Em 1739, surgiu na França uma peça anônima intitulada *L'Ombre de deschauffours*, na qual as personagens discutem as causas dos amores entre pessoas do mesmo gênero. Diderot, por sua vez, publicou em 1769 a *Suite de L'entretien*, onde, a partir da justaposição entre fatores de ordem moral e de ordem médica para explicar a “luxúria da beleza” ateniense, especula sobre a possibilidade do enfraquecimento de nervos, especialmente em idosos. Para Greenberg, o exemplo mais saliente estaria no trabalho de Sade, *Yet another effort, frenchmen, if you would become republicans*, de 1795; nele, se defendia o caráter natural de todos os gostos sexuais. A selvageria estaria na punição e não nos sodomitas ou na prática desses prazeres³³⁷.

Alguns desses temas eram relacionados à antiguidade grega e romana. Greenberg argumentou que, a partir do renascimento, na medida em que setores letrados se familiarizavam com temas relacionados à antiguidade clássica, começou a surgir um repertório imagético, poético e literário alimentado por essas referências³³⁸. Não tinha, contudo, o mesmo sentido formativo que adquiriu em certas cidades gregas, como Atenas ou Corinto. Grosso modo, a pederastia era parte do sistema educacional para formar um cidadão da pólis. Um amante mais velho, o *erastes*, cortejava um mais novo, o *erómenos*, até conquistá-lo; a partir daí, o *erastes* ensinava o *erómenos* a se exercitar, a manejar armas e a ser um bom cidadão da pólis.

Esse movimento ganhou tração ao longo da segunda metade do século XVIII na França, Itália e nos Estados alemães. Diversos escritos do neoclassicismo apresentavam, de forma quer explícita, quer metafórica, idealizações do amor entre homens a partir de um repertório de mitos, amores e textos apropriados de escritos gregos e romanos. Robert Aldrich propõe pensar este uso a partir da trajetória de alguns literatos significativos neste processo, a exemplo de Johann Winckelman. Suas obras, como a *Reflections on the Imitation of Greek Works* (1755), foram traduzidas para diversos idiomas e impactaram o neoclassicismo da segunda metade dos setecentos:

³³⁶ GREENBERG, David. **The Construction of Homosexuality**. The University of Chicago Press: 1988, p. 327

³³⁷ GREENBERG, **The Construction of Homosexuality**, 1988, p. 350.

³³⁸ GREENBERG, **The Construction of Homosexuality**, 1988, p. 348-9.

Winckelmann ajudou a inaugurar o neoclassicismo, que triunfou sobre os estilos Barroco e Rococó no século XVIII e dominou a cultura e arte europeias até o nascimento do romantismo. Alguns dos pares de Winckelmann rejeitaram o filelismo para adotar estilos romanos ou etruscos. Mas a segunda metade dos 1700 foi marcada pela absorção de influências clássicas, gregas, romanas e etruscas na arquitetura de Piranesi, nas pinturas de David, e até mesmo nos padrões utilizados na mobília e cerâmica. Na representação e exaltação da beleza masculina, um número de obras neoclássicas são explicitamente homoeróticas e mostram a marca da estética de Winckelmann³³⁹.

Para Aldrich, a influência de Winckelmann estaria na difusão de uma sensibilidade homoerótica no processo de descrição e explicação de determinadas estátuas e esculturas. Muitos pintores, ao fazerem o Grand-Tour, a viagem pelo Mediterrâneo, para ver *in loco* os fragmentos arquitetônicos e escultóricos do passado grego e romano, utilizavam os livros do autor como guia. O pintor francês Jacques-Louis David, para citar um exemplo, foi uma das figuras centrais na difusão do neoclassicismo na pintura francesa, com um conteúdo que era político e moral. Seus trabalhos de modo geral são focados em figuras masculinas heroicas, representados com uma aparência fisicamente vigorosa e moral resoluto – são de sua lavra os quadros *Juramento dos Horácios* (1784) e *Leônidas nas Termópilas* (1814). Nesta última tela, os espartanos são representados nus, mesclando qualidades cívicas de auto sacrifício, com uma apreciação estética dotada de uma dimensão erótica³⁴⁰. A respeito dela, aliás, Henri Zerner teceu as seguintes considerações:

A ideia de guerreiros combatendo nus (exceto pelo elmo, o boldrié e as sandálias!) mostra o quanto a visão do corpo na pintura histórica é acentuada. Em *Leônidas*, o quadro mais "grego" do pintor, em que o homoerotismo é explícito entre homens e jovens, o artifício que consiste em esconder as partes sexuais se apresenta como litores. David não observa algo proibido na exibição das partes: o sexo de Leônidas está oculto apenas parcialmente pela bainha de sua espada, e o jovem que amarra suas sandálias em primeiro plano mostra tudo. Todavia, um outro mancebo, exatamente aquele que, à direita do quadro, troca carícias com um mais velho, tem o seu inteiramente encoberto de forma ostentatória pela bainha de sua espada, escondendo/sugerindo, assim, um sexo em ereção. Tudo isto, sem segundas intenções, porque os corpos da pintura histórica são corpos

³³⁹ ALDRICH, Robert. **The seduction of the Mediterranean: writing, art and homosexual fantasy**. Routledge: London and New York, 1993, p. 51-2. Tradução minha. Original: Winckelmann helped usher in neoclassicism, which triumphed over the Baroque and Rococo styles in the eighteenth century and dominated European art and culture until the birth of Romanticism. Some of Winckelmann's peers rejected Philhellenism for Roman or Etruscan styles. But the second half of the 1700s were marked by absorption of classical influences, Greek, Roman and Etruscan, into Piranesi's architecture, David's paintings and even the patterns used on furniture and ceramics. In the portrayal and exaltation of the beautiful male, a number of neoclassical works are explicitly homoerotic and show the imprint of Winckelmann's aesthetics.

³⁴⁰ SMALLS, James. **Homosexuality in Art**. New York: Confidential Concepts, 2015, p.157

transfigurados, não submetidos às proibições da vida ordinária. O nu é, por assim dizer, o emblema da pintura histórica à qual, necessariamente, ele se refere, com risco de cair em inconveniência. O nu nunca foi tão cultivado como no século XIX, que foi a época da pudibundaria por excelência³⁴¹.

Daniel Santos citou outros autores do começo do século XIX identificados com a sensibilidade, a qual denominou homoerótica. Karl Otfried Muller, por exemplo, era um estudioso da mitologia grega e defensor do modelo espartano de cidadania, tendo publicado na década de 1820 um conjunto de obras importantes acerca do tema. Numa delas, escreveu um capítulo sobre os rituais de iniciação pederástica em Esparta e Creta. Em 1836, um escritor suíço chamado Heinrich Hössli publicou uma obra intitulada *Eros*, um dos primeiros textos a fazer uma defesa do amor passional entre homens, na forma de um tratado sobre o amor masculino na Grécia Antiga³⁴². Também é lícito supor que, tanto quanto um tema partilhado, falar da Grécia Antiga e de Roma era uma saída para tematizar esta questão sem causar tanto alarme e hostilidade social.

Muitas teses de Medicina dos oitocentos faziam uso de temas oriundos quer da história, quer da mitologia clássica greco-romana. Por vezes, se tratava de uma referência com uma função eminentemente ornamental. Em outros momentos, analogias com o passado explicam patologias, sintomas, tratamentos, prognósticos. A respeito desta aproximação, Maria Helena Cabral de Almeida Cardoso apontou que historiadores e médicos do período partilhavam algumas estratégias comuns: os dois campos faziam o registro atento e minucioso de casos particulares a partir de sinais em geral pouco perceptíveis, os quais, organizados, permitiam maiores abstrações. No caso dos primeiros, de determinados atos ou, posteriormente, de certos processos; para os segundos, de sintomas e doenças:

Estabelecida a historicidade do modelo indiciário, chega-se à evidência de que caçadores, médicos, e historiadores por ofício,

³⁴¹ ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain (Org.) **História do Corpo 2 – Da revolução à Grande Guerra**. 4ª edição Petrópolis: Vozes, 2021, p. 108-9. Litores eram oficiais do Estado romano que acompanhavam magistrados carregando os fascios; ver: BRANDÃO, José Luís. Da monarquia à República. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. História de Roma Antiga: das origens À morte de César. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 59

³⁴² SANTOS, D. B. **Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade: cientificismo, literatura e historiografia**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2009, p. 22. Não foi, evidentemente, a única. Na Itália, entre 1858 e 1859, o político Luigi Setembrini escreveu sua novela *Os Neoplatônicos*, publicada apenas mais de um século depois de sua morte. Com profunda densidade erótica, enfoca o relacionamento de dois rapazes ao longo de toda a vida, tendo como pano de fundo a Grécia Antiga. O trabalho não foi publicado senão em 1977, e mesmo assim com oposições. Benedetto Croce, que havia lido o manuscrito, se opôs a publicação. Ver: ALDRICH, **The Seduction of Meditarrean**, p. 178 e 250, n.44 e 45.

partindo de um mesmo modelo de conhecimento – de pistas, indícios e sinais – "(re)constroem" casos particulares dos quais abstraem generalizações; Tal como a semiótica médica, na sua dupla face diagnóstica e prognóstica, todas as teorias da história erguidas pelas mais diferentes correntes são formas de saber voltadas do presente para o passado e para o futuro³⁴³.

Este procedimento argumentativo fazia, por vezes, interrogar o passado buscando ali os primeiros sinais e a ocorrência de uma doença ou prática com potencial patológico. Para os médicos do século XIX, as doenças eram dotadas de história. Assim, na sua tese de 1853, *A libertinagem e seus perigos referentes ao physico e moral do homem*, o doutor Marinonio de Freitas Britto traduziu, a partir da obra do médico francês Julien-Joseph Virrey, um longo histórico de casos nos quais o prazer sexual era simultaneamente sinal e causa de problemas. A pederastia das cidades gregas, a licenciosidade da Roma Antiga, o desregramento das cortes monárquicas do período moderno, cada um a seu turno, teriam sido responsáveis pela corrupção e decadência social³⁴⁴. Em tom tão alarmista quanto o do professor João Froés, além dele próprio mobilizar a história, indicou que constituía um procedimento generalizado dentro do campo:

Por ocasião do 3º congresso de anthropologia criminal, realizado em Bruxellas no anno de 1882, travou-se cerrada discussão sobre as relações entre a inversão sexual e a legislação em que tomaram parte o Dr. Leon de Rode, auctor da memoria apresentada, e os Drs. Hubert, Lefebvre, Maginot, Houzé e Ploix. Ploix combate a opinião do Dr. Leon Rode, mais ou menos accorde com a de Krafft-Ebing, há pouco exposta, e baseando-se em exemplos historicos (Socrates, Epaminondas), opina que grande numero de invertidos nada tem que ver com as neuropsychopathias, acreditando antes na acção etiologica da "crise intellectual que atravessam actualmente as sociedade modernas"³⁴⁵.

A história foi trazida ao seu papel de testemunha de um passado certo, sem mediações. Outras teses seguiram na mesma direção ao longo da segunda metade do século XIX, principalmente quando o tema sustentado pelo estudante dizia respeito ao campo da sexualidade, quer de forma direta, quer de forma tangencial. Mesmo com a chegada de novos conceitos e abordagens – como degeneração ou atavismo – o uso da história persistiu: No caso das dezessete teses deste trabalho e que são estudadas nesta obra, há uma particularidade. No caso das dezessete teses deste trabalho e que são

³⁴³ CARDOSO, Maria Helena de Almeida. História e medicina: a herança arcaica de um paradigma. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 6, n. 3, nov.1999/fev.2000, fl. 4-5

³⁴⁴ SILVA, *A Captura do Prazer*, 2015, p. 48-52

³⁴⁵ FROÉS, *Da vida sexual mórbida*, 1897, p. 97-8.

estudadas nesta obra, há uma particularidade. Nas doze teses **sem** referência direta, o uso da história aparece apenas em cinco. Nas teses que se referem **explicitamente** ao erotismo e afeto entre homens, existem referências em quatro das cinco teses.

É conveniente citar mais exemplos. Em 1893, o doutor Rocha Barros, na sua tese acerca dos estigmas da degeneração, procurou demonstrar o papel avultado e as consequências mais duradouras de certos caracteres herdados. Neste sentido, a herança mórbida, resultando na degeneração, poderia ser encontrada em dinastias como os Lágidas, que governaram o Egito depois de Alexandre, com seus casamentos entre irmãos, tias e primos; os Selêucidas, na região da Pérsia; e a dinastia Júlio-Claudiana, também com casamentos entre parentes próximos³⁴⁶.

Afrânio Peixoto foi um pouco além, no seu trabalho acerca da epilepsia. Em primeiro lugar, por citar em diversos momentos figuras historicamente importantes como exemplos de epiléticos, e o uso de tratamentos diversos para o mal ao longo da história:

*Diz Plutarcho: “Cesar nos exercicios da guerra tinha um remedio para suas molestias, elle as combatia por marchas forçadas, por um regimen fugal, pelo habito de dormir ao relento, retemperando o corpo a todas as fadigas”. Foi a razão por que elle resistiu a decadencia intellectual, que ir-se-ia accentuando si tão cedo não fosse eliminado pelo ferro dos assassinos*³⁴⁷.

Mais adiante, argumentou que era possível interpretar a vida deste personagem, e de outros, a partir do caráter degenerativo que caracterizava essa patologia: “O conquistador das Gallias nunca será comprehendido sem sua epilepsia. Como é possível a um homem descer ao ultimo degráo da dignidade viril e partilhar os leitos sumptuos e nobres das Servilia, Postumia, Lollia, Tertulla, Mucia, Eunice, Cleopatra?”³⁴⁸. A referência ao grau mais baixo da dignidade viril foi explicada com maiores detalhes numa nota de rodapé. Ali, em latim, Peixoto citou os rumores de que César teria tido um relacionamento com Nicomedes, rei da Bitínia, na sua juventude. Domingos Firmino Pinheiro, cujo trabalho abordarei em seguida, foi mais direto sobre César, sem recorrer ao latim: “A sua virgindade murchou aos impudicos caprichos do rei Nicomedes da Bythinia”³⁴⁹.

³⁴⁶ BARROS, *Estigmas da Degeneração Psychica*, 1893, p. V.

³⁴⁷ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 68

³⁴⁸ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 192-3

³⁴⁹ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 52

Mas o uso mais dilatado ocorreu no final da tese de Peixoto. Ele dedica várias páginas ao exercício de provar para o leitor que Paulo de Tarso teria sido um epilético. Ali, fica evidente a manutenção da tendência de encarar os relatos históricos de forma objetiva, quase como se se tratasse de uma observação empírica. Detalhes miúdos do relato da conversão de Paulo – vozes vindas do nada, grandes luzes, desmaios – foram interpretados pelo autor como estigmas da degeneração do santo católico. Haveria também elementos de caráter que denunciariam de maneira eloquente a presença de uma herança mórbida: “Seu violento odio aos christãos, os accessos de sua furia sem termo, as variações e irregularidade de seu character, o proprio accidente do caminho de Damasco, não me deixam duvida do diagnóstico”³⁵⁰. É o texto bíblico lido como a história pregressa do doente, passível de sinalizar sem dificuldades e sem mediações uma patologia, e permitindo que a ciência não se abstenha de oferecer a verdade sobre uma figura que viveu séculos antes, apresentando-se como que diante do próprio médico: “Para mim, nada mais claro: Paulo era epilético. Fraco, doentio, character irregular, altivo, indomavel, inflexível, tendo como sentimentos habituaes a revolta e o protesto”³⁵¹. Na ausência de anamnese e de observações diretas, o relato sustenta um diagnóstico.

O raciocínio desenvolvido por Peixoto neste aspecto, este processo de diagnosticar a partir de relatos históricos, é mais demarcado do que em outros autores. Contudo, em que pesem os limites a que este autor levou tal estratégia argumentativa, seu uso do passado não soava como algo estranho ou fora de lugar. O médico Márcio Nery fez uma elogiosa resenha sobre a tese de Peixoto, publicada no *Anuario Medico Brasileiro*. Havia umas poucas críticas ao trabalho de Peixoto, mas em nenhum momento foi posto em dúvida o uso da história pelo médico baiano³⁵².

O caso de Domingos Firmino Pinheiro é o mais pertinente para esta tese. Este médico, logo depois de discutir as diversas maneiras de denominar a doença que pretendia estudar, escreveu um extenso capítulo com o histórico do amor entre homens, desde as referências do texto bíblico passando por Grécia e Roma – estas duas regiões parecem nunca estar ausentes quando se tratava deste tópico – até casos de prostíbulos e as discussões médicas e jurídicas acerca do tema:

³⁵⁰ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 189.

³⁵¹ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 190

³⁵² NERY, Marcio. 27. *Epilepsia e Crime*, por Afranio Peixoto. These Inaugural. Bahia, 1897. In: *Anuario Medico Brasileiro*, n. 12, 1897. p.61-3

Historico do Androphilismo:

A irrefreavel libertinagem que na historia de todos os tempos, desde os mais remotos aos mais coevos, faz epoca imperecivel na organisação medullar dos differentes estádios da sociedade, encontrou o *pabullum* fertilíssimo de sua vitalidade monstruosa no asiatico continente de antiguidade immemorial; na cerulea região que ouviu cantar Homero; no egypciaco torrão que o historico Nilo banha; e na airosa patria dos libertinos Cesares. De facto, entre estes povos, a gamma de voluptuosidade aberrante encarnava-se em todos os corações lubricos, em que *primum inter pares* a devassidão androphilica, espoliava as gottas ultimas do amor harmonico, fructo da cohabitação illegitima que avassalava toda constituição doentes e de susceptibilidade sugestiva³⁵³.

Não deixa de ser curiosa que a maneira como ele descreve esse processo se assemelha em alguns pontos à argumentação de Evans-Pritchard para os Azande. Mas o objetivo de Pinheiro não era exatamente compreender este aspecto das sociedades humanas, mas sim enxergar um substrato mórbido passível de justificar a crença de que essa patologia estaria presente em todos os momentos da história, que agora poderia ser lida como aquilo que era: uma epidemia.

Exposta, pois, em rapida resenha a hystoria psychopathica sexual terminamos affirmando que, como se fôra o mal gangetico na intensidade de uma epidemia evolutiva e universal, a libertinagem, sempre com sua tendencia generalisadora figurando (digamos em abono da verdade) com excellencia de logar no carro do progresso que, na phrase de Duccleaux, tem rodas quadradas e somente marcha por solavancos, ameaçando ruir pela base, já desfigurada pelas tempestades da moral invertina, o pundonor da humanidade nascido no dia do peccado original³⁵⁴.

Este tipo de fala dá a ver, de maneira mais saliente, as construções sociais envolvendo os padrões de comportamento sexual que poderiam ser aceitos, e os valores embutidos acerca destas condutas. A história, aqui, adquiriu um caráter de exemplaridade às avessas: ela sinaliza exemplos negativos do passado que não deveriam de forma alguma ser seguidos no fim dos oitocentos. O progresso da civilização era ameaçado pelos vícios que, no passado, haviam feito naufragar o Império romano. Maria Helena Cardoso argumentou que isto seria sinal do processo de somatização de regras morais e de assunções culturais tornadas em sinais corporais e/ou como sintomas:

Os homens somatizam regras morais e assunções da cultura, tematizando sobre as estruturas do corpo e suas funções. Dessa maneira, as explicações sobre as doenças quase sempre tomam a

³⁵³ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898, p. 45.

³⁵⁴ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898, p. 45. O mal gangético designava, a época, a cólera asiática.

forma de narrativas que criam as categorias médicas e sociais, provendo de causa e efeitos os sinais corporais e sintomas³⁵⁵.

Quer a História apareça de maneira justaposta como forma de justificar a origem remota de uma doença, quer de forma integrada, no mesmo patamar das observações empíricas feitas pelos médicos baianos – lembremos de Peixoto, e do diagnóstico de Paulo de Tarso –, ela oferecia um repertório para refletir acerca de patologias, bem como de condutas erótico-afetivas rebeldes. Os vícios do passado, que um dia haviam levado o Império Romano a seu declínio e queda, agora surgiam como elementos que ameaçavam o futuro do Brasil. De forma correlata, ela também propiciou maneiras de nomear o amor masculino realizadas por intelectuais europeus citados por médicos e estudantes de Medicina brasileiros. Esta associação entre História e Medicina estava calcada numa nova leitura da natureza, constituída culturalmente com base em textos literários, mas justificada pelos avanços da Medicina do período. É o que veremos a seguir.

2. O URANISMO DE ULRICHS E A HOMOSSEXUALIDADE DE KERTNEBY

Dentro do campo de autores que se apropriam de temas da Antiguidade Clássica, a referência que mais importa para esta tese é a de Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895). Ele apareceu citado explicitamente várias vezes, assim como o conceito que formulou – *uranismo*. Curiosamente, nem sempre autor e conceito apareceram de maneira associada. Em 1893, o doutor Rocha Barros, ao tratar das várias evidências de degeneração, cita o amor entre homens. No preâmbulo do assunto, porém, Barros escreveu o seguinte: “Moll dá a denominação de uranismo a inversão sexual no homem, e reserva a expressão – pederastia ao grupo especial de individuos que praticam o ato *in ano*”³⁵⁶. Além da associação com outro autor, Barros defende pederastia como uma das espécies de uranismo, na qual haveria a penetração anal. O termo pederastia se prestou a diversos usos e apropriações, com conteúdo negativo, algumas mencionadas no capítulo 2 desta tese. Mas o termo uranismo possui uma história distinta, e nisto reside o interesse de um estudo pormenorizado.

³⁵⁵ CARDOSO, História e medicina, **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, 1999, fl. 14

³⁵⁶ BARROS, **Estigmas da Degeneração Psychica**, 1893, p. 82

Alguns anos depois, Domingos Firmino Pinheiro utilizou a mesma expressão. Mas, desta vez, a atribuiu ao seu formulador, Ulrichs:

Na literatura moderna, para designar a affecção que estudamos, encontra-se uma denominação nova - Uranismo, creada, pór suggestão mythologicas, por um cavalheiro erudito, poderoso no mundo da magistratura e da política, Karl Heinrich Ulrichs, de nome. Aos individuos de tendencias homosexuaes dá Ulrichs o apellido de *Urnings*, em opposição aos homens normalmente constituído, *Dionings*. Typo completo do androphilismo, Ulrichs, tinha tal paixão pelos homens que nos seus importantes escriptos sobre o amor entre os homens pedia encarecidamente aos medicos jurisconsultos, membros do parlamento que intervissem no sentido de libertar do jugo da lei os *Urnings*, cassar o artigo do codigo que os opprimia e mostrasse a necessidade de reconhecimento legal de um terceiro sexo - o sexo uraniano, bem como a obrigação do casamento entre eles. Não sabemos como de *Urnings* ou *Urniano* - Ulrichs formou a palavra *Uranismo*. Sem dúvida, vocabulo com que Ulrichs baptisou o amor entre os homens é de fonte mythologica, da lenda de Prometheu no banquete de Platão³⁵⁷.

Pinheiro apontou alguns elementos que tornavam Ulrichs uma referência singular. Talvez seja a única referência presente no *corpus* documental deste trabalho a um literato com uma perspectiva positiva em relação ao tema. Ele próprio era um uranista e militante por uma atitude social, se não mais benevolente, ao menos inclinada a uma maior tolerância.

Ulrichs nasceu em Hanover, na atual Alemanha. Ao longo de sua vida, sobretudo a partir da década de 1860, escreveu uma grande quantidade de obras que versavam sobre o amor entre homens. Seu biógrafo, Hubert Kennedy, destacou a franqueza com que ele tratou deste assunto. No *Memnon*, publicado em 1868, descreveu detalhadamente suas experiências de descoberta: o primeiro amor, por um colega de escola primária; a imagem de um herói grego, nu, a partir da qual teceu fantasias com a visita noturna de um soldado; o primeiro momento em que tocou o corpo de outro homem – outro soldado – perto de ingressar na Universidade³⁵⁸.

Ulrichs teve uma formação acadêmica variada. Apesar de ter se dedicado ao curso de Direito em Gottingen, e, posteriormente, em Berlim, ele também frequentou disciplinas ligadas aos Estudos Literários, à Arquitetura e à Arte. Uma vez formado, em 1844, começou a carreira como servidor público primeiro na administração direta, e, depois, nos tribunais. Contudo, a partir de 1854, ele passou a enfrentar problemas

³⁵⁷ PINHEIRO, O **Androphilismo**, 1898, p. 26-7. Grifos do autor. Moll retomou o termo no final do século XIX, como veremos mais a frente.

³⁵⁸ KENNEDY, Hubert. **Karl Heinrich Ulrichs: Pioneer of the Modern Gay Movement**. San Francisco: Peremptory Publications, 2002, p. 14-6.

quando seus superiores ouviram rumores sobre sua vida sexual. Chegou a correr o risco de ser preso – o Código Criminal Hanoveriano em vigor entre 1840 e 1866 punia atos sexuais entre homens praticados em público³⁵⁹.

No final da década de 1850, Ulrichs passou a trabalhar em Frankfurt, então uma cidade livre, independente de outros Estados germânicos maiores, e sede do Congresso da Confederação Germânica. Ali, provavelmente conheceu Johann Baptist von Schweitzer, advogado e professor universitário, ligado ao movimento de trabalhadores. Esta ligação é significativa porque Schweitzer foi preso em 1862, acusado de ter seduzido um rapaz de 14 anos. O processo resultou em duas semanas na cadeia, e num ostracismo social e político pelos anos seguintes. Ulrichs foi o responsável por escrever uma defesa para Schweitzer. Nas suas primeiras formulações, tomava por base a ideia de magnetismo animal, isso é, a crença num fluído universal que emanava de todos os corpos, e que poderia influenciar diversos processos orgânicos. Certos homens teriam o magnetismo animal passivo, e seriam atraídos pelos ativos. A atração e relação entre dois homens seria, pois, um processo natural, ainda que anômalo. Ele chegou a tentar publicar em jornais estas considerações, mas o artigo foi recusado³⁶⁰.

Ao longo dos anos seguintes, Ulrichs começou a delinear um sistema de explicação para os desejos e paixões que tinha sentido desde muito novo. Em cartas para a irmã, ele sistematiza várias destas noções e defendia que era uma forma de desejo natural, sem fazer distinção à atipicidade, como na defesa de Schweitzer. O conceito de *Urning* – Uranistas, atraídos por homens – por oposição aos *Dionings* – homens atraídos por mulheres – aparece nesse contexto³⁶¹.

Conforme registrado por Pinheiro no fragmento acima, Ulrichs buscou no discurso de Pausânias, que compõe uma das seções do *Banquete* de Platão, as bases para uma nova terminologia. Por meio dela, seria possível falar do amor entre homens sem que se tivesse de recorrer a expressões historicamente carregadas de um sentido negativo:

E eu não estou certo dizendo que há duas deusas? A mais velha, sem mão, chamada a Aphrodite Celeste, filha de Urano; a mais nova, que é filha de Zeus e Dione – ela, a chamamos comum... O amor que é

³⁵⁹ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 25-36. O autor especula que Ulrichs pode ter se transferido para concluir seus estudos Berlim, no começo da década de 1840, em busca de anonimato e de maior liberdade afetiva. Considero esta especulação razoável. A irmã de Ulrichs, anos depois, iria lembrar dos seus anos em Berlim como a origem dos amores rebeldes do irmão.

³⁶⁰ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 54-61

³⁶¹ SANTOS, **Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade**, 2009, p. 30

filho da Afrodite comum... visa as mulheres... Mas a descendência da Afrodite celestial é derivado de uma mãe em cujo nascimento a fêmea não tomou parte... aqueles que são inspirados por este amor se direcionam para os homens³⁶².

A relação entre os uranistas e a feminilidade era, aliás, um ponto importante no pensamento do autor; o desejo do uranista era direcionado ao *dioning*, e não a outro *urning*. Mais: para Ulrichs, este seria necessariamente um amor feminino, o que o levou a afirmar, em outros momentos: “somos mulheres em espírito” [...] “sexualmente, ou seja, na direção do nosso amor sexual”³⁶³. Esta explicação, para Kennedy, sugeriria uma espécie de conciliação entre as expectativas e valores sociais envolvendo os efeminados, e as propostas inconformistas do autor: haveria uma espécie de intermediário entre homens e mulheres, com forma de um e aparência de outro. Em sua formulação, portanto, o conceito de uranismo coloca em xeque uma leitura biologizante do binarismo de gênero.

O pensamento de Ulrichs, com o passar do tempo, se complexificou. Nas pesquisas médicas influenciadas pelo pensamento evolucionista de Darwin³⁶⁴ sobre as etapas do desenvolvimento fetal, ele encontrou descrições da existência de caracteres anômicos associados aos dois gêneros presentes no mesmo corpo. A partir daí, passou a enfatizar ainda mais o caráter congênito deste tipo de desejo sexual, defendendo a existência de hermafroditismo nesta etapa do desenvolvimento orgânico natural³⁶⁵. Até admitia, em escritos publicados, que pudesse ser uma anomalia da natureza – mas não podia ser considerada uma doença. Domingos Firmino Pinheiro citou o pensamento deste autor ao tratar do item em que discutiu as causas de aparecimento do dito amor mórbido do homem pelo homem. Ele assim se expressou:

Em seu *Memnon*, Karl Ulrichs procura explicar o facto supondo um engano de Deus que põe a alma de uma mulher no corpo de um homem e a alma de um homem no corpo de uma mulher’. Segundo o

³⁶² KENNEDY, Karl Heinrich Ulrichs, 2002, p. 63. Tradução minha. Original: And am I not right in asserting that there are two goddesses? The elder one, having no mother, who is called the heavenly Aphrodite—she is the daughter of Uranus; the younger, who is the daughter of Zeus and Dione—her we call common.... The Love who is the offspring of the common Aphrodite ... is apt to be of women.... But the offspring of the heavenly Aphrodite is derived from a mother in whose birth the female has no part.... Those who are inspired by this love turn to the male. Optei por traduzir o trecho direto de Ulrichs citado por Kennedy porque difere ligeiramente do relato de Pausânias que localizei em língua portuguesa.

³⁶³ KENNEDY, Karl Heinrich Ulrichs, 2002, p. 64. Tradução minha. Original: “We are women in spirit,” meaning “sexually, namely in the direction of our sexual love.”

³⁶⁴ BRADY, Sean. *Masculinity and male homosexuality* in Britain, 1861-1913. Londres: Palgrave Macmillan, 2005, p. 123-4

³⁶⁵ GREENBERG, 1988, p. 408. O sentido era algo como uma indiferenciação com base em caracteres sexuais secundários.

mesmo auctor, esta transmutação se dá no primeiro desenvolvimento embyonario, antes da diferenciação dos órgãos sexuais no quadragésimo dia de vida intra-uterina³⁶⁶.

A presença do termo uranismo e, explicitamente do panfleto de Ulrichs – o *Memnon* – merece ser salientada. O escritor alemão defendia que o uranismo era natural, e, portanto, deveria ser socialmente aceito. Pinheiro não nega que seja um fruto da natureza, mas extrai disso a ideia de uma defesa da sociedade contra frutos maculados, emprestando ao termo o sentido de estado mórbido, que não estava presente em seu formulador. O mesmo tipo de leitura, portanto, que o Dr. João Froés fazia do tema.

Em 1864 Ulrichs sistematizou esta e outras ideias, publicadas anteriormente em panfletos sob o pseudônimo de Numa Numantius, no livro *Pesquisas sobre o enigma do amor entre homens*³⁶⁷. Estes textos são muito importantes porque não eram apenas baseados na experiência do autor. Era frequente que ele trouxesse à tona relatos que recebia de outros uranistas.

Esta atividade de escritor engajado não se interrompeu aí. Entre os anos de 1865 e 1866, Ulrichs foi muito ativo na tentativa de publicar um periódico uranista e criar uma associação. Seus planos foram, contudo, interrompidos pela invasão prussiana em Hanover em 1866, que o levaram à prisão. Ele voltou à carga em 1867 quando falou abertamente contra o endurecimento da legislação que chamava de anti-uranista no Congresso dos Juristas Alemães, mas isso não impediu a promulgação do Código Criminal do Reich em 1871³⁶⁸.

É significativo que Ulrichs, se não foi o primeiro, tenha sido provavelmente uma das primeiras articulações entre o pensamento científico e as referências literárias tendo por base o repertório dado por referências a personagens ou textos da antiguidade greco-romana numa perspectiva positiva³⁶⁹. Cumpre apontar, porém, que Ulrichs era parte de uma sociedade marcada por suas próprias contradições. A leitura que ele fazia sobre os Uranistas tinha tons que eram, certamente, bastante elitizados. E ele advogava

³⁶⁶ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 141. É difícil dizer se Pinheiro teria tido contato direto com os textos de Ulrichs. Preliminarmente, acredito que tenha encontrado trechos mais ou menos extensos na obra de psiquiatras.

³⁶⁷ SANTOS, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 29.

³⁶⁸ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 61-128. Há quem o considere, em razão disso, um dos percussores do movimento LGBT, como Lauritsen e Thorstad.

³⁶⁹ GREENBERG, 1988, p. 418-9. Sade, que foi citado um pouco antes, também tratou do tema, mas utilizando um argumento de justaposição, não a articulação entre saberes e política. Quanto ao *Eros* de Hössni, não tinha a pretensão de uma nova terminologia com base na ciência do período.

relacionamentos monogâmicos entre *urning* e *dioning* tendo uma leitura muito negativa da prostituição masculina, ou de relacionamentos entre dois *urnings*³⁷⁰.

As reflexões e os escritos de Ulrichs se deram num diálogo – tenso – com Karoly Maria Kertbeny (1824-1882), que formulou os termos ‘homossexual’ e ‘homossexualidade’, também presentes nas teses de final de curso citadas. Na de Elias da Rocha Barros, de 1893, são justamente estes os termos utilizados: “Esta estranha aberração consiste na atração para pessoas do mesmo sexo (*homo-sexualidade*) com repulsão mais ou menos notável para as pessoas do sexo contrário”³⁷¹. Da mesma maneira, em 1897, João Froés já se referia ao tema de maneira mais consolidada, como sinônimo de inversão sexual: “De todos os delictos genitales, são indubitavelmente de maior importância as variedades da inversão sexual ou amor homossexual”³⁷².

Kertbeny tinha origem húngara, e atuou principalmente como jornalista e escritor. Segundo Santos, na juventude, um amigo próximo homossexual veio a se suicidar por conta da chantagem, o que teria despertado o interesse dele pelo tema. Em 1868, numa correspondência dirigida a Ulrichs, utilizou os termos ‘homo-sexual’ e ‘hetero-sexual’ num sentido próximo ao contemporâneo; e, no ano seguinte, publicou uma carta aberta anônima contra o parágrafo 143 do Código Criminal Prussiano, a mesma legislação contra a qual Ulrichs vinha militando³⁷³.

Para este autor, a homossexualidade seria uma condição congênita e imutável. Mas esta não era a base de suas críticas ao texto legal. A questão era o limite de atuação do Estado na esfera privada, defendendo que, se os envolvidos estivessem acima da idade legal determinada –14 anos –, não era conveniente tentar regular seus amores e afetos. A proposta do autor era a adoção de uma legislação mais próxima da codificação francesa pós-1791, a qual não previa uma punição direta a atos sexuais praticados entre homens³⁷⁴.

Anne McClintock ofereceu uma chave interessante para pensar os limites deste argumento liberal da vida privada. Em seu estudo sobre travestismo e culto à domesticidade, a autora lembra que teóricos liberais definiam o político como o espaço no qual o direito de estabelecer um contrato poderia ser exercido e o casamento

³⁷⁰ KENNEDY, Karl Heinrich Ulrichs, 2002, p. 154-5

³⁷¹ BARROS, *Estygmata da degeneração psychica*. 1893, p. 81. Grifos no original. Penso que deve ser uma das primeiras referências a uma expressão próxima de homossexualidade. Necessário salientar que os autores não escrevem ‘homo-sexualismo’.

³⁷² FROÉS, *Da vida sexual mórbida*, 1897, p. 96.

³⁷³ SANTOS, *Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade*, 2009, p. 25-6.

³⁷⁴ SANTOS, *Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade*, 2009, p. 28

figuraria, pelo menos em parte, neste domínio. Seu âmbito, contudo, também tinha uma interação com o doméstico, o plano da natureza, fora do contrato. Para a autora, era graças a este arranjo que a sociedade vitoriana conseguiu invisibilizar e desvalorizar o trabalho feminino, em paralelo com diversos estereótipos acerca da feminilidade, como o da fragilidade ou a idealização do ócio. Reconhecer o valor do trabalho implicava admitir que a aparente equivalência entre o plano de natureza e as hierarquias do casamento e da sociedade possuíam bases bem mais instáveis³⁷⁵. Kertbeny enxergava uma parte deste paradoxo e tentou remeter a questão para o plano do privado, do doméstico, no qual não se admitiria ingerência excessiva do Estado. Mas os relacionamentos homossexuais terminavam por ser disruptivos da ideia de uma natureza marcada pela fixidez de determinados padrões de comportamento. Feminilidade e masculinidade, com os correlatos de passividade e atividade eram socialmente codificados – longe de ser uma questão íntima, tornava-se pública.

Kertbeny também mobilizou a História nos escritos nos quais buscava fazer uma defesa dos homossexuais. Num período em que era comum que comportamentos lascivos de figuras do passado fossem trazidos à baila como argumento em favor da patologização e penalização de certas condutas sexuais, este autor questiona se seria apropriada a prisão de figuras do quilate de Leonardo da Vinci, do papa Júlio II ou da Rainha Cristina da Suécia³⁷⁶. Vale ressaltar, inclusive, que os autores europeus, de modo geral, fazem mais menção a mulheres e ao que denominam ao erotismo e afeto entre mulheres do que autores brasileiros, os quais raramente passam da simples citação.

A questão da criminalização das relações entre homens foi candente para Ulrichs e para Kertbeny, bem como foi objeto de discussões nas teses de medicina brasileiras, em finais do século XIX³⁷⁷. Merece, pois, ser mais bem contextualizada. No rescaldo das revoluções burguesas em fins do século XVIII, uma série de modificações de ordem jurídica veio a ocorrer na Europa. Até então, relações eróticas entre homens eram, muitas vezes, tipificadas como crime em legislações mais antigas, algumas sob significativa influência religiosa. Para Régis Revenin, o fim do século XVIII e começo do XIX corresponderia a um ponto de virada. Em muitos casos, sob influência francesa – quer direta, anexações territoriais no Império Napoleônico; quer indireta, pela disseminação de ideias, apareceram Constituições e novos Códigos Civis e Criminais –

³⁷⁵ MCCLINTOCK, Couro Imperial, 2003., p. 80.

³⁷⁶ LAURITSEN, J.; THORSTAD, D. **The Early Homosexual Rights Movement (1864-1935)**. New York: Times Changed Press, 1974, p. 7-8.

³⁷⁷ SILVA, **A Captura do Prazer**, 2015, p. 173-6.

a sodomia deixou de ser uma rubrica criminal específica, o que não deixou de implicar o uso de outros artigos dos códigos que propiciassem a penalização, e de outras formas de censura social: ostracismo, reprovação familiar, o temor de perder empregos, a perda da respeitabilidade³⁷⁸.

O fim da criminalização direta a estes sujeitos possibilitou um maior agrupamento em cidades maiores, com espaços de encontro comuns, e com o surgimento de laços de solidariedade entre estes indivíduos. Tal socialização, mais ou menos discreta, estava presente em zonas urbanas da França e de uma série de países vizinhos, como o norte da Itália, a Suíça, os Países Baixos – e, até mesmo, uma pequena parte dos Estados germânicos.

Isto não impediu o surgimento de uma medicina profundamente preocupada por dissidências sexuais, ao abrigo da Medicina Legal. Com uma legislação que se referia, vagamente, aos atentados ao pudor, cabia por vezes aos médicos delinear os limites do que se entendia como normalidade apontando os contornos do desvio, e dos comportamentos que levavam ao cometimento de crimes contra a moral pública³⁷⁹ e ao desenvolvimento de quadros patológicos. Em alguns casos, no Brasil, isso abriu espaço para a punição. O artigo de Froés, como já vimos, detalhou os casos dos debochados nos quais o uranismo poderia dar azo a punição³⁸⁰. De maneira mais direta, o jurista Viveiros de Castro assim se expressou em sua obra *Atentados ao Pudor*: “Depois que o novo código penal da República considerou a pederastia um crime, todos os annos no fôro desta cidade iniciam-se uns dez ou doze processos por violação de menores”³⁸¹. Cumpre apontar, uma vez mais, que a homossexualidade não era diretamente tipificada, sem que isto tenha sido embargo para punição.

Havia, entretanto, duas notáveis exceções com respeito ao impacto dos códigos fundados sob influência da Revolução Francesa: o Reino Unido e a maior parte do território que viria a constituir o Império Alemão. No caso britânico, a legislação criada no século XVI, o *Buggery Act* de 1533 foi aplicado ao longo dos séculos seguintes para punir este tipo de relação. Isto não impediu, para Greenberg, o surgimento de uma vibrante rede de relações e de solidariedade em torno das *molly houses*, tabernas

³⁷⁸ REVENIN, Regis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**. v. 2: O triunfo da virilidade. O século XIX. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 463-464.

³⁷⁹ PENISTON, William A. **Pederasts and others**. Urban culture and sexual identity in nineteenth century Paris. New York, London: Routledge, 2011, p. 53.

³⁸⁰ FROÉS, Da vida sexual Mórvida..., 1897, p. 96.

³⁸¹ CASTRO, Augusto Eduardo Viveiros. **Atentados ao Pudor**. Estudo sobre as aberrações do instinto sexual. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, p. 266.

destinadas a um público em busca de relacionamento com outros homens – frequentadas largamente por pessoas de classes médias e populares. William Naphy traduziu estes locais como “casas de maricas”³⁸². Em Londres, havia estabelecimentos exclusivos, embora em outras cidades o mais comum fosse uma sala separada para seus frequentadores. Estes espaços foram objeto de uma campanha forte de perseguição pelas sociedades de reforma dos costumes o que resultava, de tempos em tempos, em ondas de perseguição e em julgamentos – alguns com penas de enforcamento. Este quadro se modificou ao longo do século XIX, com uma série de reformas visando revogar a pena de morte para estes sujeitos, culminando com o *Gross Indecency Act* de 1885, que continuou em vigor até 1967³⁸³.

O Império Alemão concluiu sua unificação apenas em 1871. Ao longo da década anterior, uma série de medidas foram tomadas no sentido de obter, se não uma unidade orgânica, certa homogeneidade em termos de organização militar, serviços postais, política diplomática e aduaneira, e de legislação. É neste quadro que começou a ser debatida a criação de um código penal comum para todos Estados Alemães, que incorporou o já referido § 143 do Código Criminal Prussiano, o qual punia a relação entre dois homens, agora como § 175 do Código Criminal do Reich.

Se havia aproximações, inclusive políticas entre as propostas dos Ulrichs e Kertbeny, também havia posições bastante divergentes. Kennedy as resumiu em três pontos principais:

1. Kertbeny luta sob anonimato; Ulrichs argumenta em seu próprio nome pelo seu objetivo da libertação dos Uranistas.
2. Kertbeny seguidamente afirma que ele é um homem sexualmente normal, um homem de verdade; Ulrichs se considera um uranista com características “femininas”.
3. Kertbeny muitas vezes expressou aversão a homens efeminados, enquanto Ulrichs aceitou em princípio como características de uranistas as tradicionalmente atribuídas a mulheres, e as incorporou a sua teoria como “naturais”³⁸⁴.

Santos assinalou, além disso, que muitas figuras citadas por Kertbeny estariam constituídas dentro de um modelo superviril³⁸⁵, colocando a feminilidade sob um viés mais negativo do que Ulrichs. Era, também, comparativamente, reticente em propor ou

³⁸² NAPHY, William. *Born to be gay*. Lisboa: Edições 70, 224, p. 150

³⁸³ GREEMBERG, David. *The Construction of Homosexuality*. The University of Chicago Press: 1988, p. 330-8

³⁸⁴ KENNEDY, Karl Heinrich Ulrichs, 2002, p. 188

³⁸⁵ SANTOS, *Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade*, 2009, p. 33

defender mudanças sociais³⁸⁶. Mas também havia outra diferença importante. Como já dito acima, Ulrichs tentou agregar reflexões acerca do tema numa revista, a *Prometheus*, que teve apenas um número publicado. Isso se deu pela recepção positiva que ele teria recebido de algumas pessoas, o que o levou, inclusive, a pensar na criação de uma União de Uranistas. Este plano nunca chegou à fruição, mas Kertbeny recebeu por carta um conjunto de estatutos³⁸⁷. Acredito que não é desarrazoado supor a existência de redes que uniam aqueles que o autor descrevia como Uranistas, e das quais não era do interesse de Kertbeny participar.

O termo cunhado por Ulrichs foi utilizado com maior frequência em países de língua alemã, evidentemente que em conjunto com toda a sorte de outras terminologias. Na FAMEB, foi, pelo menos no começo da década de 1890, tão utilizado quanto a expressão ‘homo-sexual’, conservando certa conotação política. Mas o segundo termo vai ganhando maior uso enquanto categoria médica, como veremos a seguir.

É importante situar as diferenças em termos de definições destes dois atores porquanto mostra uma diversidade de percepções acerca do tema. Ao tratar estes termos – uranista, homo-sexual – por vezes como sinônimos, os estudantes da FAMEB embaçavam em parte as diferenças entre os dois conceitos, abrindo espaço para tematizar, a partir deles, as inquietações próprias de suas sociedades³⁸⁸, e com as mediações dadas pelo contexto no qual formularam suas ideias.

Nos dois casos, contudo, há uma questão que me parece de importância capital: implicada nesta nova terminologia havia uma nova concepção de corpo. Uma nova percepção de caráter, de forma de viver as imposições da masculinidade hegemônica, que se impõe a outras³⁸⁹, uma nova maneira de organizar uma constelação de experiências eróticas e afetivas – agora definidas por uma personalidade e por uma natureza distintas da dos outros homens.

3. WESTPHAL E A INVERSÃO DO INSTINTO SEXUAL

³⁸⁶ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 187

³⁸⁷ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 107. Em 1897, dois anos após sua morte, seu admirador Magnus Hirschfeld criou o Comitê Científico-Humanitário, que encampou este movimento ao longo das décadas iniciais do século XX.

³⁸⁸ SANTOS, **Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade**, 2009., passim.

³⁸⁹ CONNELL; MESSERSCHMIDT. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**, 2013.

Na opinião de Elias Rocha Barros, o primeiro estudo sério acerca da homossexualidade, enquadrada como expressão de uma degeneração ou sintoma de uma neuropatia, foi realizado por Westphal. Ele aponta o contraste com o trabalho de alguns outros autores:

Ha 23 anos Westphal trouxe para o dominio scientifico uma aberração sexual que, embora tivesse merecido a atenção de sabios como Casper, Griesinger e Tardieu, não tinha sido encarada senão como um vicio adquirido e desenvolvido em um meio social corrompido. foi elle o primeiro a encarar o syndroma - *die contrare sexuellempfindung* (senso sexual contrario) sob um outro prisma, o de aberração pathologica. O illustrado professor de Berlim não hesitou em consideral-o como symptoma de um estado neurophatico ou pystcopathico anormal³⁹⁰.

Foucault, em *A Vontade de Saber*, também salientou a importância do artigo de Westphal, publicado em 1870, acerca dos instintos sexuais contrários. A partir dali, haveria uma especificação maior dos indivíduos e o homossexual seria caracterizado com uma morfologia distinta, uma anatomia indiscreta, uma fisiologia misteriosa:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal, em 1870, sobre as 'sensações sexuais contrárias' pode servir de data natalícia - menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino³⁹¹.

Nascido em 1833, Carl Friedrich Otto Westphal, diferente de Ulrichs e de Kertbeny, era médico, atuando sobretudo no campo da Psiquiatria e no estudo das fobias. A proposta deste autor para debater o instinto sexual constituía uma abordagem distinta, quiçá complementar, da que vinha sendo adotada na Medicina até então. Enquanto muitos autores, sobretudo ligados ao campo da Medicina Legal ou da Higiene, viam o problema sob a ótica do combate à prostituição e/ou ao exame de condutas potencialmente criminosas – como um vício infamante, mas passível de ser praticado por qualquer pessoa – Westphal, da mesma maneira que Ulrichs e Kertbeny, abordava a questão em termos de uma característica intrínseca: “uma reversão inata da sensação sexual, com consciência da morbidade desta manifestação. Esses casos são

³⁹⁰ BARROS, *Estygmias da Degeneração Psychica*, 1893, p. 80.

³⁹¹ FOUCAULT, *A Vontade de Saber*, 2017, p. 47-8

ainda mais interessantes porque afetam indivíduos de ambos os sexos”³⁹². Ele chega, inclusive, a citar o trabalho de Ulrichs, com o pseudônimo de Numa Numatius³⁹³.

É importante salientar que o trabalho de Westphal foi baseado na análise de uma mulher, Miss N, que, desde a tenra idade, afirmava ter atração sexual por outras mulheres. Alguns anos antes da publicação, em 1864, ela teria tido uma paixão violenta por uma jovem, o que a mergulhou num estado de comoção emocional muito forte. Diante desse quadro, teria buscado um médico a quem confessou a paixão não correspondida. Alguns dias depois, sem que seu quadro de fragilidade emocional e letargia melhorasse, foi internada numa clínica, na qual Westphal veio a conhecê-la. Parece que o temor da família era que a paciente se matasse, como o pai, melancólico e suicida, havia feito³⁹⁴.

O outro caso estudado foi o de um homem preso em trajes de mulher na estação de trem de Berlim, Aug... Ha. Ele havia sido reconhecido por transeuntes como criminoso depois ter roubado dinheiro e roupas femininas da casa onde trabalhava. O seu encaminhamento para o Hospital Psiquiátrico deu-se em função de ataques epilépticos, e de um sangramento pulmonar, não pelas roupas que vestia³⁹⁵.

Miss N. foi descrita pelo psiquiatra, a partir de relatos dela e da irmã, como uma mulher que tinha mais interesse no universo masculino – na infância, preferia brincadeiras de menino e, mesmo adulta, apresentava comportamentos dissonantes – que eram tolerados em função de um traço físico da paciente. No caso de Aug... Ha, por outro lado, ele sentia um prazer muito grande em vestir-se com as roupas do gênero feminino. Este ato, que lhe havia feito passar por alguns dissabores, era causa de um profundo sofrimento. Curiosamente, enquanto Miss N. sentia atração por mulheres, Aug... Ha. afirmava ter interesse exclusivo em mulheres, separando o desejo sexual do ato de travestir-se³⁹⁶ – era Westphal que associava estes dois campos de experiência.

Foi com base no pensamento de Ulrichs que Westphal analisou, por comparação, o sofrimento psíquico de Miss N., que havia se sentido muito deprimida por ter se apaixonado por uma jovem, e continuava passando por períodos de variação de humor e

³⁹² WESTPHAL, Carl. *Contrary Sexual Feeling*, p. 1 Disponível em: <https://people.well.com/user/aquarius/westphal.htm>. Acesso em 01 de jul. de 2021. Esta foi a única tradução do alemão que localizei, feita pelo militante político e professor de língua alemã Faris Malik. Cotejei, quando possível, com os excertos de Westphal presentes na biografia de Ulrichs, e considerei que a tradução era acurada.

³⁹³ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 158-9

³⁹⁴ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*, 2021, p. 2-3.

³⁹⁵ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*., 2021, p. 4

³⁹⁶ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*., 2021, p. 5

prostração. A herança desempenhou um papel, já que a condição mórbida do pai explicaria em parte a instabilidade emocional da filha, mas não integralmente. Os seus sentimentos de atração eram como os de um homem, não como os de uma mulher³⁹⁷. No caso de Aug... Ha, em que pese ele tenha cometido crimes – com efeito, no ano da publicação do artigo ele estava preso – a interpretação também era passível de ser comparada com as reflexões e relatos que Ulrichs publicara em seus panfletos. Neste caso, Westphal procurou analisar o conteúdo dos roubos de Aug... Ha., quase sempre de itens de vestimenta feminina, com os quais não poderia obter muitos lucros – o que não faria muito sentido caso se tratasse de um ladrão comum. Da mesma maneira, o próprio Aug... Ha. descrevia a compulsão de se vestir com roupas de mulher em termos de uma ideia fixa e irresistível, semelhante a outros casos descritos por Ulrichs. Apenas faltaria a Aug... Ha. a atração por outros homens – mas, neste caso, seria mais uma questão do grau de intensidade do estado mórbido³⁹⁸.

Westphal, ao fim do artigo, faz um alerta ao leitor. Ele não pretende estabelecer que necessariamente todos os casos de dita inversão sexual sejam de fundo patológico. Haveria, por certo, quem adotasse este tipo de comportamento por imoralidade. Isto, porém, era sinal da necessidade de maiores estudos a respeito do tema por psiquiatras e médicos, como era feito com casos de suicídio ou de compulsões de roubo. E tal só poderia ser feito sem a legislação penal que puniria estes indivíduos³⁹⁹.

Assim, apesar de ter lido as obras de Ulrichs, e de considerar que se tratava de uma condição inata, bem como defender que a análise dos invertidos sexuais deveria caber ao médico e não ao júri, Westphal extraiu delas consequências que não eram previstas por seu autor. A inversão do instinto sexual seria um estado mórbido, provavelmente sinal de algum tipo de doença mental⁴⁰⁰. Mais: de uma personalidade doente.

Há mais algumas coisas que podem ser ditas em relação a isto. Pontuei, na introdução deste trabalho, a necessidade de articular os estudos de gênero com as reflexões acerca de sexualidades rebeldes. Ora, os dois casos podem ser lidos dentro desta chave. Miss N. e Aug... Ha apontam radicalmente para os limites que constroem os padrões de feminilidade e de masculinidade. Quando romperam ou ameaçaram a existência desta barreira, foram conduzidos a instituições médicas e, ali, analisados. No

³⁹⁷ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling.*, 2021, p. 12

³⁹⁸ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*, 2021, p. 13

³⁹⁹ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*, 2021, p. 16-7

⁴⁰⁰ WESTPHAL, *Contrary Sexual Feeling*, 2021, p. 17

caso do segundo, inclusive, o comportamento não parecia estar ligado à vontade de se relacionar com outros homens – mas, mesmo assim, se converteu em elemento definidor de uma personalidade.

Além de Barros, Pinheiro também citou muito brevemente o trabalho de Westphal. Embora não trabalhe com o conceito de inversão deste autor – o médico brasileiro trava um diálogo estreito com Krafft-Ebing e com Moll – ele pontuou uma das observações de Westphal em que a relação inconveniente entre feminilidade e inversão sexual seria flagrante: “Westphal refere [...] um doente que desde a idade de oito annos buscava as vestes de sua severa mãe para cobrir-se por isso recebendo energicos castigos...”⁴⁰¹.

A terminologia e as reflexões de Westphal estiveram muito presentes de forma mais adensada no pensamento de outro autor: Valentin Magnan. Já em seu artigo de 1882, escrito com Charcot, ele citou explicitamente o trabalho anterior de Westphal e utilizou a mesma palavra, *inversão*, mas acrescentando que se tratava de parte de um processo degenerativo, como veremos a seguir.

4. MAGNAN E A INVERSÃO DO INSTINTO GENÉSICO

Em que pese cite o trabalho de Westphal como o primeiro a dar um tratamento científico ao amor entre homens, Barros utilizou, na sua tese, justamente uma observação de Charcot e Magnan, que era mais próxima de seu arcabouço conceitual. Afinal, Barros pretendia analisar, no estudo, os estigmas de degeneração no plano psíquico. Assim, em lugar de traduzir a observação de Westphal, ou de realizar uma observação própria, Barros transcreveu o caso abaixo, cujo original analisamos em parte no capítulo anterior:

(Caso de Charcot e Magnan)

Trata-se de um professor de faculdade com signaes hereditários, que desde a idade de seus annos era obcecado pelo ardente desejo de ver rapazes ou homens nus. Não tinha grande trabalho em satisfazer-se, porque sua familia morava perto de um quartel, e os soldados frequentemente deixavam as partes genitais à vista. Entregava-se á masturbação e bastava a imagem de homens nus para provocar erecção. A idade mudando seus habitos não modificou as disposições de sua imaginação; os homens bellos e fortes provocam sempre nelle uma viva emoção; uma bella estatua de homem produz o mesmo effeito. Quando encontra um moço bonito é tentado a agradá-lo e a

⁴⁰¹ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898., p. 179

presenteal-o. Muitas vezes a representação subita de um homem nú em sua imaginação vem obscecal-o e pôr obstáculo ao seu trabalho. As mulheres por mais bellas que fossem, nunca faziam nascer nelle o menor desejo. Adora a *toilette* feminina e gostaria de se vestir como mulher. Tem perdas espermatorrheicas provocadas sempre pelo pensamento do homem nú quer em sonhos quer em vigilia. Em sua infância era muito escrupuloso, obcecado pela impulsão do roubo⁴⁰².

O autor interrompeu a transcrição um pouco antes do trecho em que o histórico de hereditariedade do professor analisado é invocado, e no qual se aprofunda mais na relação com a noção de degeneração; e não aprofundou algumas referências, como o gosto que este dito invertido teria por estátuas de homens bonitos – o Apolo de Belvedere foi citado no artigo original. É razoável supor que tenha procedido assim tanto pelas dimensões da observação, como por já ter abordado a degeneração nos primeiros capítulos da tese.

Convém aqui retomar uma característica dos estigmas da degeneração que se manifestam no plano mental: eram menos evidentes e mais discretos que os estigmas físicos, mesmo que tivessem origem numa lesão corpórea. Só quando se manifestavam davam a ver de uma maneira mais explícita o que o autor considerava como sua índole patológica⁴⁰³. Para Barros, a inversão sexual é um destes objetos de ambiguidade. Não do ponto vista de seu estatuto enquanto degeneração – em nenhum momento esta questão recebe tratamento equivalente ao de Ulrichs ou ao de Kertbeny. Mas sim por ser mais insidiosa que outras manifestações degenerativas. Os considerados invertidos, quando adultos, muitas vezes parecem apresentar um bom juízo sem desregramento algum; eram persuasivos e capazes de justificar de maneira muito original determinadas ideias e concepções exuberantes. Neste sentido, a degeneração que se manifestaria exteriormente como inversão sexual teria para Barros um caráter inconsciente, como era o caso nas loucuras lúcidas ou morais.

A tese de Barros está interrompida logo depois deste trecho. É difícil dizer se haveria outra observação própria ou, mais provavelmente, derivada de outro autor, ou um diálogo mais detalhado com outras obras. Ainda assim, pode-se reconstituir uma parte do argumento com os comentários finais que realizou acerca das anomalias e perversões sexuais como gênero – também referidas, numa reminiscência do pensamento de Moll, como loucuras morais –, bem como recorrendo subsidiariamente a

⁴⁰² BARROS, *Estigmas da Degeneração Psychica*, 1893., p. 83-4

⁴⁰³ BARROS, *Estigmas da Degeneração Psychica*, 1893, p. 84. Como vimos, até a genialidade pudesse ser indicativa do processo degenerativo.

algumas reflexões acerca do pensamento de Magnan, de quem ele tirou a observação que foi citada. É lícito proceder desta maneira porque, ainda que Barros elogie as reflexões de outros autores, como Westphal, Krafft-Ebing e Moll, a classificação textualmente utilizada por ele para as degenerações segue de perto o pensamento de Magnan.

Nesta toada, desordens no instinto genital, seriam equiparada a outras condições de ordem orgânica consideradas por Barros como negativas:

Nestas condições, um abastardamento, um desregramento, um enfraquecimento destas qualidades patenteia uma desordem no funcionamento cerebral habitual. Não é mais do que a consequencia do principio biologico que torna indissolueis os laços que unem o órgão á funcção. Do mesmo modo que ha pessoas incapazes de disinguir certas côres, de reconhecer certas notas musicaes, porque os órgãos da visão, ou da audição ou os centros cerebraes que recebem as suas impressões estão affectados, assim tambem individuos ha que nascem privados do senso moral ou com uma perversão desta faculdade, porque o seu cerebro está alterado⁴⁰⁴.

No caso das degenerações, além da sede orgânica de uma lesão física com impacto do senso moral, haveria outras, análogas à privação de um membro, mas fruto de uma desordem psíquica. Este seria o caso das sexualidades anômalas que seriam, em alguma medida frutos da natureza por mais que a moralidade do período oitocentista a definisse, entre outras coisas, como vício antifísico – daí que só possa existir como um sinal de degeneração.

Embora Barros não retome o termo inversão sexual, falando agora das perversões mais gerais, caracteriza bem alguns dos traços prevalentes em crianças que considerava degeneradas. São dissimuladas, intrigantes, capazes de causar distúrbios em seu meio social. São pouco dignas de confiança, dadas a excessos de comportamento, e de sentimento moral inexistente ou pobremente desenvolvido⁴⁰⁵.

É conveniente, antes de passar à análise das reflexões de Magnan especificamente acerca do erotismo e afeto entre homens, explicar em que medida o pensamento deste autor diferiria de outros intelectuais que tratavam do tema. Afinal, Barros se valeu do conceito de Westphal – inversão sexual – e da observação de Charcot e Magnan, para contestar Tardieu e aqueles que haviam analisado o tema dentro

⁴⁰⁴ BARROS, *Estigmas da Degeneração Psychica*, 1893, p. 88

⁴⁰⁵ BARROS, *Estigmas da Degeneração Psychica*, 1893, p. 89-93

do enquadramento de um vício adquirido em um meio social corrompido – e não de algo inato.

Ora, como dito anteriormente, os médicos franceses, principalmente ligados ao campo da Medicina Legal, eram convocados pela polícia a opinar em casos nos quais o erotismo e afeto estavam envolvidos. Isso ocorria tanto em crimes que envolviam morte – classificados como crimes passionais – como no caso de pessoas que eram presas em determinadas zonas urbanas onde buscavam encontros sexuais e afetivos com outros homens.

Grosso modo, a questão, para estes médicos, estava dada nos seguintes termos: do comportamento imoral se chegaria ao desenvolvimento de determinada doença ou da prática do crime. Elementos como a herança degenerativa ou a ideia de uma doença mental, ou ainda de um perfil psicológico diferente não concorreriam, aqui, na condição de causa eficiente para determinado comportamento erótico-afetivo considerado como desviante⁴⁰⁶.

Talvez a figura mais importante deste primeiro momento seja, com efeito, a de Auguste Ambroise Tardieu (1818-1879), médico francês com atuação significativa junto à polícia parisiense. É dele que falou Barros, no fragmento citado acima, quando destacou o ponto de virada do pensamento de Westphal em seu artigo de 1870. Em 1857, ele publicou uma extensa monografia intitulada *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs*, na qual tecia comentários sobre este tipo penal a partir de observações empíricas e de casos nos quais foi convidado a dar sua opinião como perito⁴⁰⁷.

Tardieu desenvolveu suas teorias tendo por base vários elementos. O uso de perfumes, cuidados excessivos com a aparência, comportamento extravagante ou afeminado – todos estes elementos poderiam indicar um potencial criminoso contra o pudor. Mas, em sua análise, ele privilegiou um exame atento dos órgãos sexuais daqueles que eram suspeitos de sexo homoafetivo. Pensava ele que o pênis e o ânus daqueles que se dedicassem excessivamente a este tipo de comportamento sexual teriam características distintas de homens considerados normais. Ele escreve assim sobre o

⁴⁰⁶ PENISTON, *Pederasts and others*. 2011, p. 52-3

⁴⁰⁷ LONG, Scott. When doctors torture: the anus and the State of Egypt and beyond. **Health and Human Rights**, v. 7, n. 2, 2004, p. 117. É significativo pontuar que, embora não tenha tido tanta influência no Brasil, o trabalho de Tardieu ainda continua sendo utilizado em alguns países como no Egito⁴⁰⁷, pelo menos até o início do século XXI.

exame de um homem preso numa praça por fazer gestos indecentes para outros que passavam na rua:

Seu “membro viril”, relatou Tardieu, era “muito grande e grosso” em sua base, mas “apresenta em sua extremidade um alongamento e emaciamento característicos que dá à glândula a forma quase pontuda de um pênis de cachorro.” Além disso, Tardieu descobriu que seu ânus se abria em “uma espécie de grande e profunda cavidade ... que constituía uma espécie de infundíbulo. . . .” “As conclusões de Tardieu eram inconfundíveis: este homem tinha os “hábitos ativos e passivos” da pederastia⁴⁰⁸.

É importante salientar que a ideia de que existiria algum tipo de conformação anal passível de ser associada à penetração durante o ato sexual parece carecer de sentido – salvo quando o ato era praticado de maneira não consensual, segundo Scott Long⁴⁰⁹. Ainda assim, Tardieu estava, certamente, preocupado com detalhes e aspectos físicos anômalos que pudessem servir de confissão indireta da prática de comportamentos erótico-afetivos dissidentes. Westphal não utilizou algum exame do tipo no caso de Aug. Ha. Franklë, um médico alemão especialista em Medicina Legal que foi mencionado por Westphal no seu artigo sobre as *Inversões do Instinto Sexual*, contava o caso de Friederike Blanck, um ‘*homo mollis*’, que, tal como Aug. Ha, também gostava de se vestir com roupas femininas, tendo chegado a pedir licença ao governo para viver e ser tratada como mulher. Punida diversas vezes, terminou por se suicidar tentando fugir de policiais que iam prendê-la⁴¹⁰. Friederike tinha um grande prazer em se relacionar com homens na condição de parceira passiva, em que pese o Dr. Frankle a tenha descrito como dotada de um falo regularmente constituído, mas com o ânus fissurado e expandido. Ora, não teria sido desarrazoado que Westphal tivesse utilizado do mesmo expediente. Mas a ênfase em outros aspectos sinalizaria bem uma mudança de atitude.

É significativo, contudo, que a Medicina Legal e a Psiquiatria baianas não tenham se detido sobre este tipo de exame com detalhamento. Domingos Firmino Pinheiro, por exemplo, comenta a este respeito o seguinte:

⁴⁰⁸ KENNEDY, **Karl Heinrich Ulrichs**, 2002, p. 55. Tradução minha. Original: His “virile member,” Tardieu reported, was “very large and thick” at its base, but it “presents at its extremity a characteristic elongation and emaciation which gives the gland the almost pointed shape of a dog’s penis.” Furthermore, Tardieu discovered that his anus opened into “a sort of large and deep cavity...which constituted a sort of *infundibulum* . . .” Tardieu’s conclusions were unmistakable: This man had both the “active and passive habits” of pederasty.

⁴⁰⁹ LONG, When doctors torture, 2004, p. 119

⁴¹⁰ TOBIN, Robert Deam. **The German Discovery of sex**. Filadelfia: Pennsylvania Press, 2015, p. 83

Precisamente a existencia de signaes physicos reveladoras das práticas androphilicas não tem o valor que suppõem alguns auctores de alta monta na pesquisa do diagnostico do androphilismo passivo. De feito, a conformação infundibular do anus com as partes molles subjacentes, reputadas em tempos remotos por Martial e Paul Zacchias e recentemente por Tardieu como signal de alta importancia para a diagnose da molestia, não resiste diante de acurados casos de observação, em que verdadeiros androphilistas apresentam anus absolutamente normaes⁴¹¹.

O que não implica dizer que o ânus estivesse ausente das preocupações dos médicos do lado de cá do Atlântico. Com efeito, pelo menos três teses⁴¹² se dedicaram a debater objetos estranhos no reto e no ânus. A primeira, e mais próxima cronologicamente do livro de Tardieu, de autoria de C. G. Dennehy, se chama *Fissuras do ânus ou ulcera dolorosa do rectum* e é brevíssima. Cita apenas alguns poucos autores para detalhar o exame e alguns fármacos para o tratamento paliativo das úlceras. Em nenhum momento o comportamento sexual foi mencionado como uma condição passível de gerar alguma ferida ou fissura anal⁴¹³.

As outras duas são do ano de 1882. A de Domingos Alves Requião, *Objectos estranhos no recto e no anus* é um pouco mais extensa, e detalhou aspectos cirúrgicos importantes para uma correta remoção de obstruções dolorosas, bem como para o tratamento de eventuais lesões. Apenas muito brevemente Requião destacou que era necessário saber o que havia causado a moléstia, a luxúria entre as possibilidades, de modo a utilizar o tratamento mais adequado⁴¹⁴.

O seu colega Manuel Frederico Affonso de Carvalho foi mais prolixo justamente neste aspecto. A entrevista, para este autor, era uma condição para obter o correto diagnóstico da moléstia. Afinal, por variadas razões o paciente poderia inserir objetos no ânus: “[...] a causa dos corpos estranhos propriamente ditos é variável; é assim que são observados casos em que os corpos estranhos são introduzidos á força, com o fim de vingança, por supplicio e por depravação”⁴¹⁵. Cumpre apontar que ele escolheu, como exemplo da inserção de objetos estranhos por suplicio, o rei inglês Eduardo II, que teria morrido em consequência de ferro em brasa inserido em seu ânus⁴¹⁶. Este monarca foi

⁴¹¹ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898, p. 169-170.

⁴¹² SILVA, A *Captura do Prazer*, 2015, p. 139.

⁴¹³ DENNEHY, C.G. *Fissuras do ânus ou ulcera dolorosa do rectum*. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1864, passim.

⁴¹⁴ REQUIÃO, Domingos Alves. *Objectos estranhos no recto e no anus*. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1882, p. 13-4

⁴¹⁵ CARVALHO, Manoel Frederico Affonso de. *Corpos estranhos no recto e seu tratamento*. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1882, p. 28

⁴¹⁶ CARVALHO, *Corpos estranhos no recto e seu tratamento*. 1882, p. 21

citado por Domingos Firmino Pinheiro: “Mereceu de seus contemporaneos igual suspeita Eduardo II que em Piers Gaveston personificava a paixão homosexual a ponto de, em a noite do noivado com Izabel de França, preferir o jovem Gaveston à rainha”⁴¹⁷.

Já para os casos que envolviam depravação, o autor menciona a experiência de um doente, analisado por Montanari, dado a práticas da pederastia passiva, que foi levado ao médico por duas vezes devido à dificuldade em retirar objetos inseridos no ânus. Na segunda vez, devido ao rompimento do silíaco, o médico nada pôde fazer e o paciente morreu⁴¹⁸. Daí a importância do interrogatório calcado na desconfiança acerca dos hábitos do paciente:

Carvalho desenvolve uma estratégia de interpelação do problema, calcada na atitude de desconfiança durante o interrogatório (note-se, não é uma consulta, é uma inquirição), para saber o contexto no qual teria ocorrido a inserção do objeto. Caberia ao médico assumir uma espécie de presunção de culpa ao questionar o paciente, inclusive disfarçando eventuais suspeitas de hábitos torpes que o doente poderia ter contraído: “Quando fazemos o interrogatório devemos dissimular todas as desconfianças que tivermos sobre os hábitos torpes do indivíduo, para d'este modo chegarmos ao conhecimento exacto da natureza e do modo porque foi o corpo estranho introduzido”⁴¹⁹.

Cumprido salientar que Magnan e Barros citaram Tardieu no intuito de propor uma outra abordagem, distinta e calcada na ideia de degeneração e na hereditariedade para abordar relacionamentos erótico/afetivos que compreendia como perversão do instinto genésico normal. E, neste sentido, exames físicos mais invasivos cederiam importância para outros aspectos, sobretudo os de ordem hereditária, mental e emocional – ainda que sem serem abandonados. A questão não era saber se um homem aceitava que outro introduzisse o falo em seu ânus. Eram outros os resíduos miúdos que conduziam o olhar do especialista para isto. O que demandava explicação era o **motivo** desta sexualidade rebelde, e as formas de a tratar e prevenir.

A previsibilidade mórbida viabilizava organizar determinados agrupamentos patológicos os quais o autor francês denominava síndrome. Estes, ainda que fossem passíveis de atenuação – terapias, isolamento etc. – tinham como característica a irreversibilidade e a evolução da gravidade⁴²⁰. Ora, as formas de sexualidade não-

⁴¹⁷ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898., p. 60

⁴¹⁸ CARVALHO, *Corpos estranhos no recto e seu tratamento*, 1898, p. 24

⁴¹⁹ SILVA, *A Captura do Prazer*, 2015, p. 140

⁴²⁰ CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 4, n. 2, 2011, p. 172-3

heterocentradas, para Magnan, vão constituir um destes quadros sindrômicos, marcados por este prognóstico negativo:

A ambição de Magnan era achar para cada patologia (dentre elas as patologias sexuais) uma lesão cerebral precisa, e, ao mesmo tempo, definir para cada comportamento sexual uma forma clínica. Surge assim uma série de síndromes bizarras, como o onanismo, a pederastia, a sodomia, o fetichismo, a necrofilia, a gerontofilia, entre outras. Cada um desses comportamentos não define uma patologia específica; essas síndromes são formas pelas quais se manifesta uma doença profunda, que é a loucura dos degenerados. É verdade que sempre existiram vínculos entre loucura e sexualidade. Porém, os comportamentos sexuais nunca tinham sido tão minuciosamente classificados em categorias patológicas como ocorreu nesse momento⁴²¹.

Assim, retomando as reflexões de Barros como leitor de Charcot e Magnan, as práticas erótico-afetivas dissidentes eram estigmas no plano físico e no psíquico e, neste sentido, concebidas como interdependentes. Desdobrando argumento: essas patologias nunca apareciam sozinhas, e podiam, até mesmo, ser manifestações de um mesmo quadro. Mas há outro aspecto: se Magnan não definiria uma doença específica, estas síndromes demarcariam um perfil psicológico mais restrito:

A inclinação pode, em algumas circunstâncias, estar ligada a uma anomalia profunda e ter o mesmo sexo que seu objetivo. Isso é o que M Westphal chama de sentido sexual contrário e que, com M. Charcot, designamos pelo nome de inversão do sentido genital. O instinto sexual, nesses casos, é totalmente desviado da linha normal. A perversão é puramente psicopática porque antes mesmo de uma educação perversa ou hábitos pervertidos serem capazes de corromper esses sujeitos, desde a mais tenra infância, às vezes desde os cinco anos de idade, eles surpreendem ter sentimentos que não entendem. o homem é levado em direção ao homem, a mulher para a mulher⁴²².

Poder-se-ia, pois, apontar que, para Magnan, se ainda não há patologia perfeitamente circunscrita, havia uma personalidade estranha. Em que pese Barros não tenha se expressado diretamente nestes termos, penso que estes dois autores parecem

⁴²¹ CAPONI, Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas, 2011 p. 174.

⁴²² MAGNAN, Valentin. **Des anomalies, des aberrations et des perversions sexuelles**. Paris: Progrés Medical, 1885, p. 15. Tradução minha. Original: Le penchant peut dans quelques circonstances se rattacher à une profonde anomalie et avoir pour objectif le meme sexe. C'est ce que M Westphal appelle sens sexual contraire et ce qu'avec M. charcot nous avons désigné du nom d'inversin du sens génital. L'instinct sexuel, dans ces cas, est entièrement dévié de la ligne normale. la perversion est purement psychopathique car avant même qu'une education vicieuse, que des habitudes depravées aient pu pervertir ces sujets, dès la plus tendre enfance, dès l'âge de cinq ans quelquefois, ils suprennent voir sentiments qu'ils ne comprennent pas l'homme est porté vers l'homme, la femme vers la femme.

partilhar da mesma percepção acerca do tema. Antes da educação e dos ambientes deletérios, haveria uma individualidade doente em si mesma.

Magnan também foi mencionado por outros autores, como Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, em sua tese *Degenerados Criminosos*. Ele, inclusive, compreende a ‘pederastia’ e os ‘actos homo-sexuaes’ no quadro geral de possíveis degenerações. Para Almeida, as variedades de delírios, descritas por Magnan em seu estudo de degeneração, teriam um fundo orgânico, e poderiam suplantar todas as forças e capacidades de reação de um indivíduo. Neste sentido, se manifestaria como uma impulsão – na qual, como já vimos, poderia existir alguma influência volitiva – ou como uma obsessão, mais grave, e na qual nem sequer este resíduo de vontade estaria ao abrigo de uma manifestação mórbida⁴²³.

As formas de inversão sexual poderiam ocorrer associadas a outros quadros mórbidos. Almeida citou, por exemplo, o caso do romance *Bom Crioulo*, no qual o ciúme chegaria ao auge da perversão genésica e causou um crime passional. Este romance conta a história de Amaro, escravo fugido que se torna um marinheiro exemplar – até o dia em que conhece e desenvolve uma paixão desatinada por Aleixo, o jovem loiro e delicado grumete do navio. Os dois terminam por se envolver afetivamente, levando uma vida matrimonial numa pensão no Rio de Janeiro. Mas o enlace dos dois tem um fim trágico: Amaro desconfia das ausências do companheiro quando passam a trabalhar em embarcações diferentes. Um dia, vai clandestino ao Rio de Janeiro e não encontra Aleixo em casa, nem consegue se comunicar com ele – na verdade, o grumete havia se envolvido com dona Carolina, a dona da pensão. Amaro se entrega à bebida, acaba preso na capital e, depois, remetido ao navio onde veio a ser duramente castigado. Termina hospitalizado em terra, mas foge após ser insuflado pela desconfiança de que Aleixo e D. Carolina o traem. Após vigiar a pensão, ele surpreendeu Aleixo quando este sai do sobrado e, louco de ciúmes, matou o jovem grumete⁴²⁴.

Almeida interpretou isso como os paroxismos do amor mórbido aos quais o degenerado poderia chegar. O crime de Amaro seria, pois, reflexo de um desequilíbrio cerebral na função genital, de fundo degenerativo, hereditário e com forte componente racial⁴²⁵. Neste sentido, a reflexão de Miskolci é bastante pertinente. Embora se tenha

⁴²³ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 37-40

⁴²⁴ CAMINHA, Adolpho. *Bom Crioulo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014, passim.

⁴²⁵ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 41

criado a narrativa de que *Bom Crioulo* seria uma espécie de texto precursor dos romances com protagonistas não heterossexuais, trata-se de uma obra que tinha uma concepção muito negativa acerca do amor entre homens, bem como do caráter patológico desta forma de consórcio, além de endossar o temor da virilização de homens negros que submeteriam homens brancos feminizados:

“Raça/cor” se intersectam no erotismo popular imaginado por Caminha – assim como no da maioria de seus contemporâneos –, alçando a branqueza a um desejo das classes e das “raças” inferiores. Ao mesmo tempo, esse “desejo” só seria positivo quando se voltasse para a reprodução, daí a relação sublinhada no livro entre homossexualidade e doença e heterossexualidade e saúde. A partir do momento em que passam a viver juntos, Bom Crioulo vai definhando, torna-se crescentemente indisciplinado, chega a embriagar-se durante o dia, o que o leva a ser preso “como um animal feroz”. Por sua vez, a relação heterossexual, mesmo com uma mulher mais velha e possivelmente estéril, torna Aleixo mais forte (p. 128). A então chamada “pederastia” virilizava o negro enquanto feminilizava o branco, algo inaceitável segundo o imaginário da época, mas contrabalanceado (ou punido) na forma como Amaro acaba no hospital, fraco e doente.⁴²⁶

Na Armada, ambiente em que Caminha viveu e do qual retirou a inspiração do romance, as práticas erótico-afetivas eram transgressões perante a disciplina militar⁴²⁷. Ele, contudo, optou por abordar a questão de um viés que dialogava com a produção científica sobre o tema.

As relações existentes entre a chamada literatura naturalista e as ciências médicas, em países lusófonos no *fin-de-siècle*, são profundas⁴²⁸. Antonio Candido argumentou que uma atitude distintiva do naturalismo era a possibilidade de transposição direta da realidade, sem mediações. Era como se o escritor conseguisse ficar diante do concreto “puro sujeito em face de um objeto puro”⁴²⁹. Zola argumentava, inclusive, que a atitude do escritor era análoga à do médico, cultivando uma colônia de bactérias, ainda que os temas causassem alvoroço entre os leitores⁴³⁰. Entre os objetos privilegiados por tal produção literária estava o sexo, dotado de matizes valorativos sobrepostos aos científicos:

⁴²⁶ MISKOLCI, *O Desejo da Nação*, 2013, p. 71

⁴²⁷ BEATITE, Peter. *Tributo de sangue*. São Paulo: Edusp, 2009. 34, 299-300

⁴²⁸ BAILEY, David. *Naturalism against nature: kinship and degeneracy in fin-de-siècle Portugal and Brazil*. 2018. Tese (Modern and Medieval Languages - Spanish and Portuguese), Cambridge: University of Cambridge, 2018, passim.

⁴²⁹ CANDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. *Novos Estudos*, n 30, 1991, p. 111.

⁴³⁰ DUARTE, Daniel. Sobre andromânos e efebos: Notas sobre corpos rebeldes em Abel Botelho e Aldredo Gallis (1891-1906); *In*: RODRIGUES, Rita; SCHMIDT, Benito; VERAS, Elias (Org.). *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+*. São Paulo: Letra e Voz, 2021 p. 49.

Daí as palavras que designam a anatomia ou as funções orgânicas, sobretudo o sexo, serem usadas nos contextos naturalistas não apenas como denotação, mas como gemas que se engasta para serem contempladas por si mesmas, porque assumiam um valor moral e social que se sobrepõe ao intuito científico⁴³¹.

Para Caminha, se não era um crime, a homossexualidade era fruto violento de certos organismos, embutida numa sociedade brasileira marcada pelo peso de sua história e pelo risco de contágio das ditas classes perigosas – os mais pobres, sobretudo egressos da escravidão, como lembra Chalhoub⁴³². Cabia à ciência, quer em tratados, quer em obras literárias, deslindar este processo. Para tanto, partia de um aparato conceitual ancorado nos valores da sociedade brasileira finissecular acerca da masculinidade, feminilidade e sexo, de forma a se precaver e/ou combater os corpos que contradiziam estes valores, descritos como frutos de uma biologia anômala, e considerada inferior. Articulado, necessário salientar, com o lugar social dos indivíduos.

Para Almeida, este tipo de ocorrência não se limitava a instituições militares. Tinha lugar, também, em prisões, onde eram recorrentes relações homossexuais, oriundas de fatores de degeneração de variada ordem, em conjunto com um contexto desfavorável:

Entre as formas de perversão mórbida, as que mais se encontra nas prisões são as relações homo-sexuaes. Queremos crer que até um certo ponto, e isto de acordo com os psycho pathologists, haja uma normalidade nessa anormalidade. Sendo indivíduos presos, passando uma vida coacta, sem outra satisfação que integrem uma somma de prazeres necessaria á organização humana, não parece crucial que este desvio sexual seja levado á conta de stygamatisações degenerativas⁴³³.

Almeida admitia a associação de fatores orgânicos com outros, de ordem mental. Assim, a imaginação dos criminosos também ganharia um caráter doentio. Ela seria parte dos sinais da presença de um fundo degenerativo, o qual passa a oferecer riscos à sociedade quando do retorno ao convívio social, em que pese Almeida não tenha proposto qualquer forma de tratamento além de vagas exortações à necessidade de instituições específicas para os degenerados criminosos, e ao papel de uma terapêutica

⁴³¹ CANDIDO, De Cortiço a Cortiço, 1991, p. 125.

⁴³² CHALHOUB, **Cidade Febril**, 2001.

⁴³³ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1897, p. 42

do trabalho, que seria a política possível e mais imediata para efetivamente punir o criminoso e tratar a tendência criminosa, oriunda da degeneração⁴³⁴.

Magnan também foi retomado na obra de Domingos Firmino Pinheiro, se bem que brevemente. Já se analisou que, para Morel, o que se legaria era uma predisposição ao desenvolvimento de certos estados mórbidos, regressivos a um estado primitivo da espécie humana. Já para Magnan, haveria sempre o risco de legar quer a predisposição ao longo de algumas gerações, quer a moléstia em si de um genitor ou genitora para seus descendentes diretos, especialmente quando se conjugava com uma lesão deflagradora. Pinheiro considerou que este raciocínio seria também aplicável ao androphilismo – o amor mórbido do homem pelo homem:

Em todos os casos de inversão sexual, quer se trate de androphilismo adquirido ou do androphilismo congênito, o facto é que a funesta herança transmite-se infalivelmente crescendo de dose a prole. Rabon, Magnan, Charcot, e outra louvam-se nessa ideia⁴³⁵.

Afrânio Peixoto foi outro autor que, como vimos no capítulo precedente, estabeleceu um diálogo com o trabalho de Magnan, mas com inovações que lhe eram próprias. Embora tenha utilizado com maior frequência o termo pederastia, ele endossa a ideia de que se tratava de um dos possíveis sintomas de degeneração epilética, a qual poderia se apresentar em vários territórios: motor, sensorial, psíquico, ou visceral de uma organização doente. Eles poderiam vir de forma isolada, ou em conjunto. Mais à frente, quando explorou as relações entre a degeneração epilética e o crime, Peixoto volta e mencionar determinados sujeitos tão profundamente desequilibrados do ponto de vista de sua organização que poderiam cometer todo o tipo de crimes e de aberrações – inclusive atos de pederastia⁴³⁶.

5. KRAFFT-EBING & DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO: HOMOSSEXUALIDADE, MAL CONGÊNITO E ANDROPHILISMO

Talvez o psiquiatra mais influente na discussão sobre a homossexualidade nos anos finais do século XIX seja Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), professor em Estrasburgo (1871-2), em Graz (1872-1889) e em Viena (1889-1902). Seu primeiro

⁴³⁴ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 45 e 112-3

⁴³⁵ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 109-10

⁴³⁶ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*. 1897., p. 68, 153-4.

texto acerca da homossexualidade – este foi o termo que Krafft-Ebing utilizou – foi escrito em 1877⁴³⁷. Mas a sua obra mais importante foi, sem sombra de dúvidas, a *Psycopathia Sexualis*, de 1886. Trata-se de uma monografia extensa, redigida numa linguagem muito técnica e formal. As partes mais indecorosas foram, inclusive, escritas em latim, o que não foi um impeditivo para que este trabalho alcançasse um público muito mais amplo. É conveniente, aqui, retomar uma observação de Foucault. A fala sobre o sexo, no século XIX, possuía descrições e um certo mutismo. Ela era feita por locutores autorizados, e certa descrição e comedimento eram exigidos dos diversos autores que a ela se dedicavam⁴³⁸. O silêncio, e a fala com expressões latinas, mais do que reprimir, atravessam e apoiam os enunciados destes médicos acerca da homossexualidade. Greenberg afirmou que Oscar Wilde destacava frequentemente a importância da obra de Krafft-Ebing para sua vida⁴³⁹.

Robert Beachy, em seu estudo acerca da construção da homossexualidade por autores alemães, ofereceu um quadro mais pormenorizado. Em primeiro lugar, retomou uma reflexão de Kertbeny que assinala as descontinuidades entre autores da Psiquiatria em instituições francesas e alemãs. Enquanto os primeiros haviam constituído seu arcabouço acerca da homossexualidade a partir de presos (como Tardieu) para depois alcançar pessoas internadas em instituições psiquiátricas (como Charcot e, sobretudo, Magnan), os médicos alemães haviam tido acesso a outro público de homossexuais, com um corte de classe que era significativamente mais amplo: criminosos e homens que se prostituíam, institucionalizados, mas também trabalhadores, intelectuais, militares, e, até mesmo, aristocratas. A própria criminalização que se disseminou nos Estados alemães *pari passu* com o fortalecimento do Reino da Prússia teria tido algum papel em propiciar uma diversidade de pacientes que os médicos poderiam analisar. A primeira publicação da *Psycopathia Sexualis*, no ano de 1886, continha 17 estudos de caso de homossexuais. Em 1894, o autor anexou nada menos que cinquenta outros. Já em 1903, na primeira edição póstuma, o número havia sido elevado a 203, alguns dos quais muito extensos⁴⁴⁰.

Cumprе apontar que nem todos estes estudos de casos eram oriundos de observações clínicas. Muitos estavam baseados em relatos em primeira mão que eram

⁴³⁷ BEACHY, Robert. The German invention of homosexuality. **The Journal of Modern History**, v. 82, n. 4, 2010, p. 816.

⁴³⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – a vontade de saber, 2017, p. 29-30

⁴³⁹ GREENBERG, **The construction of homosexuality**, 1988 p. 417.

⁴⁴⁰ BEACHY, The German invention of homosexuality, 2010, p. 815

enviados a Krafft-Ebing. Com efeito, este autor manteve, por exemplo, uma correspondência pessoal com Karl Heinrich Ulrichs, até o ano da morte deste, 1895. Não hesitava em reconhecer uma dívida profunda com o autor da *Pesquisa sobre o Enigma do Amor entre Homens*, ainda que a homossexualidade tenha sido descrita em seus trabalhos, num primeiro momento, como doença.

Tal como Ulrichs, Krafft-Ebing recebia dezenas de cartas com relatos em primeira mão acerca da vida de homens que *se descreviam* como uranistas, mas que eram *chamados por ele* de homossexuais⁴⁴¹. O fato de ser um médico abertamente contrário ao parágrafo 175 do Código Criminal do Reich provavelmente fazia de Krafft-Ebing um interlocutor conveniente. Se existia um caráter confessional e a busca de uma orientação, estes indivíduos também possuíam concepções retiradas de outras fontes ou elaborações próprias acerca de seus desejos e prazeres:

Muitos dos leitores de Krafft-Ebing já haviam encontrado outras fontes, e frequentemente liam os textos de Ulrichs. Como disse um leitor, ‘Quando eu tinha trinta anos de idade, eu encontrei o trabalho de Numa [pseudônimo de Ulrichs], e eu não posso descrever que tipo de salvação foi para mim aprender que há muitos homens que são sexualmente constituídos como eu, e que meu sentimento sexual não é uma aberração’, mas uma orientação do sexo determinada pela natureza... eu não tento mais lutar contra esta orientação, e desde que dei a minha natureza uranista um reinado mais livre, eu me tornei mais feliz, saudável e produtivo⁴⁴².

Isso teria levado o autor a mudar de posição acerca da homossexualidade em seus textos finais. Segundo Beachy, na sua última publicação inédita em 1901, ele, inclusive, passou a entender que a homossexualidade não deveria mais ser vista nem como depravação, nem como uma doença, afirmando textualmente esta mudança de perspectiva teórica. Krafft-Ebing teria tido muito contato neste período com Magnus Hirschfeld, o médico e ativista pela descriminalização da homossexualidade que veio a organizar o Comitê Científico Humanitário em 1897, e assinou com outros seis mil intelectuais a petição dirigida ao governo alemão pedindo a mudança da legislação

⁴⁴¹ BEACHY, The German invention of homosexuality, 2010, p. 816

⁴⁴² BEACHY, The German invention of homosexuality, 2010, p. 817. Tradução minha. Original: Many of Kraft-Ebing’s readers had already discovered other sources and frequently mentioned Ulrichs’s writings. As one reader explained, “When I was thirty years old, I found the work of Numa [Ulrichs’s pseudonym], and I cannot describe what a salvation it was for me to learn that there are many other men who are sexually constituted the way I am, and that my sexual feeling was not an aberration but rather a sexual orientation determined by nature... I no longer attempted to fight this orientation, and since I have given my Urning nature freer reign, I have become happier, healthier, and more productive.”

penal⁴⁴³. É conveniente, contudo, salientar que a prostituição masculina não é vista com bons olhos pelo autor, que a ela associa consequências mórbidas de outro caráter. Também nisso, havia certa coerência com o pensamento de Ulrichs.

É importante pontuar estas questões, porque indicam as condições nas quais o pensamento de Krafft-Ebing foi sendo estruturado e modificado entre 1886 e 1902. A apropriação dos autores brasileiros, contudo, se realizou dentro de uma outra chave, que preservou ao longo de todo este tempo a leitura patológica das práticas erótico-afetivas entre pessoas do mesmo gênero.

O primeiro autor a citar Krafft-Ebing foi Barros, muito brevemente, como um dos médicos que haviam estudado a inversão sexual numa perspectiva científica. Como faltam páginas justamente neste ponto na tese, é difícil considerar quais aspectos foram apropriados pelo estudante da FAMEB. Ele reconheceu, porém, que se tratava de um dos principais trabalhos para tratar do tema das perversões sexuais, ainda que tenha escolhido uma observação de Magnan e Charcot para analisar⁴⁴⁴.

Outro autor que dialogou com o pensamento de Krafft-Ebing foi Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida. Foi a Krafft-Ebing que Almeida recorreu para defender que todas as formas de amor mórbido seriam em geral obsessões marcadas pela impetuosidade: “outra expressão synthetiza bem até onde vae o calor da paixão em que se acha o degenerado, como faz ver Krafft-Ebing, quando a paixão desencadeada manifesta, ‘assemelha-se a um vulcão, queima tudo, e consome tudo; é um abysmo que occulta a honra, a fortuna, e a saude’”⁴⁴⁵.

A *Psycopathia Sexualis* não era um livro exclusivamente dedicado ao estudo da homossexualidade – muito embora, como já vimos, tenha agregado um número crescente de observações a esta modalidade de psicopatia sexual. A proposta de Krafft-Ebing era fazer um estudo acerca das múltiplas variedades de desejo que não estavam direcionados à reprodução. Para o psiquiatra, apenas o desejo sexual visando reprodução seria adequado, por corresponder ao desenvolvimento fisiológico normal do indivíduo: “Durante o momento dos processos fisiológicos das glândulas reprodutoras, o desejo ascende a consciência do indivíduo, e tem como seu propósito a perpetuação da espécie (instinto sexual).”⁴⁴⁶.

⁴⁴³ LAURITSEN & THORSTAD., *The early homosexual rights movement*, 1995, p. 47

⁴⁴⁴ BARROS, *Estygmias da Degeneração Psychica*, 1893, p. 82

⁴⁴⁵ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 40-1

⁴⁴⁶ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psycopathia Sexualis*. Philadelphia: Rebman, 1894, p. 23. (Tradução minha). Original: during the time of the physiological processes in the reproductive glands, desires arise

Para Krafft-Ebing, numa aproximação com Magnan, o instinto sexual possuiria uma sede – o córtex cerebral. Ele funcionaria como uma espécie denexo de centros sensoriais, sobretudo os sinestésicos, visuais e olfativos e que eram os responsáveis pelo surgimento do desejo sexual. Assim, receberia influências de variados tipos – climatológicas, familiares, hereditárias ou de outra ordem. Contudo, impressões psíquicas **também** poderiam desempenhar um papel ao induzir a excitação sexual por meio de lembranças ou da contemplação de imagens⁴⁴⁷.

Colocando a excitação sexual como um processo observável, o autor também admitiu que haveria uma diversidade de episódios que poderiam, inadequadamente, despertar a libido. Seria o caso, por exemplo, de surras constantes na região das nádegas. Elas poderiam causar uma excitação inconveniente, sobretudo em meninos de idade escolar, e levar a associação do desejo e dos atos sexuais com flagelos físicos. Outra possibilidade indesejável eram as irritações em certas regiões do corpo, que podem ser consideradas como hiperexcitáveis. Nas mulheres, mamilos e o clítoris poderiam conduzir a este estado. Já homossexuais podiam apresentar hiperexcitação na região anal⁴⁴⁸:

No homem, fisiologicamente, a única região erógena é a glândula do pênis e, talvez, a epiderme dos genitais externos. Sob condições patológicas o ânus pode se tornar uma zona erógena. Assim, a auto-masturbação anal, que parece ser apenas muito frequente na pederastia passiva, seria explicado⁴⁴⁹.

Mas a explicação mais geral defendida por Krafft-Ebing, tal como outros autores do período, a exemplo de Morel e de Magnan, era a associação entre comportamentos sexuais dissidentes, moléstias psíquicas, com ou sem fundo orgânico, e a degeneração hereditária:

A anormalidade das funções sexuais é especialmente frequente em raças civilizadas. Este fato é explicado em parte pelo abuso frequente dos órgãos sexuais, e em parte, por circunstância com anomalias funcionais que são frequentemente sinais de uma constituição anormal do sistema nervoso central e que é, pela maior parte, hereditária (sinais funcionais de degeneração)⁴⁵⁰.

in the consciousness of the individual which have for their purpose the perpetuation of the species (sexual instinct). Há uma tradução deste texto para o português, de 2017, mas toma por base a edição de 1906 (12^a), e por isso não foi utilizada.

⁴⁴⁷ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 24-5

⁴⁴⁸ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 30-1

⁴⁴⁹ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 31

⁴⁵⁰ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 34 (Tradução minha). Original: Abnormality of the sexual functions proves to be especially frequent in civilized races. This fact is explained in part by

Vale pontuar, aqui, a leitura distinta feita pelo médico alemão e por autores como Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, que enfatizou, em sua tese inaugural, o papel da mestiçagem como causa da degeneração e do surgimento de comportamentos sexuais considerados dissidentes, como as relações homo-sexuais⁴⁵¹. Novamente, os conceitos, noções e reflexões destes autores são interpretados e replicados aqui em função de dilemas brasileiros.

Uma questão singular nas análises de Krafft-Ebing é que defendia que haveria uma indiferenciação do ponto de vista do gênero em crianças. Ele chega mesmo a afirmar que elas seriam *generis neutris*, em que pese todo o processo social na diferenciação, que tocaria aspectos variados da vida social: trabalho, educação, vestimenta, lazer etc. Mais tarde, porém, estas impressões passariam a ser dotadas de um significado mental, em paralelo com o processo de amadurecimento dos órgãos sexuais. Aí se poderia afirmar que este processo de investimento social na separação repercutiria na vida psíquica dos indivíduos, surgindo um caráter definido associado as genitálias⁴⁵². Em suma, para o autor, o amadurecimento dos órgãos da geração seria um fator cooperativo com outro, mais importante, de ordem psíquica. Orgânico e mental se completariam.

Daí que o surgimento de constituições psicosexuais fosse possível quando o instinto sexual se formasse contrário ao que seria naturalmente esperado; isso, em função de uma predisposição neuropática que poderia ter por fundo um processo hereditário degenerativo, e/ou como o resultado de influências externas prejudiciais:

Neste caso, a causa deve ser procurada apenas numa anomalia das condições centrais - numa constituição psicosexual anormal. Esta constituição, até onde seu fundamento anatômico e funcional está implicado, é absolutamente desconhecida. Uma vez que, em quase todos estes casos, o indivíduo sujeito à perversão do instinto sexual apresenta predisposições neuropáticas em várias direções, e isto deve ser trazido em relação às condições degenerativas hereditárias, esta anomalia hereditária do sentimento psicosexual deve ser chamada, clinicamente, um signo funcional de degeneração. Esta sexualidade perversa aparece espontaneamente, sem causa externa, com o desenvolvimento da vida sexual, como uma manifestação de uma forma anormal de *vita sexualis*, e assim tem a força de um fenômeno *congênito*; ou se desenvolve sobre uma sexualidade que em sua

the frequent abuse of the sexual organs, and in part by the circumstance that such functional anomalies are often the signs of a system, which is, for abnormal constitution of the central nervous the most part, hereditary (“functional signs of degeneration”).

⁴⁵¹ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 92

⁴⁵² KRAFFT-EBING, **Psychopathia Sexualis**, 1894, p. 185

origem era normal, como o resultado de bem definidas influências prejudiciais, e assim aparece como uma anomalia *adquirida*⁴⁵³.

Em outras palavras: para o psiquiatra, haveria a existência de uma entidade sexual pré-discursiva a qual amadureceria no tempo certo, *naturalmente*, desde que sem influências perniciosas intrínsecas, como fenômenos congênitos, ou extrínsecas, como traços adquiridos. Após este momento, o caráter definido corresponderia à natureza. O que uniria, pois, o domínio do sexo anatômico – instância do biológico – ao gênero atribuído – instância da sociedade – seria o desenvolvimento desimpedido do instinto sexual.

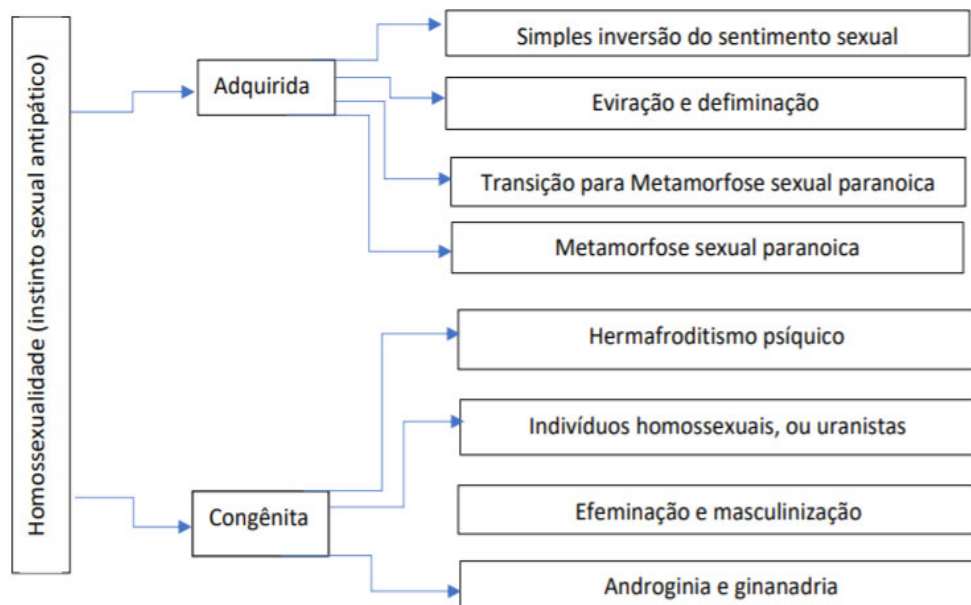
É precisamente este tipo de construção que o conceito butleriano de gênero, ao enfatizar o caráter imbricado de corpo e subjetividade, e a sua construção no campo conceitual, permitiu questionar. Numa interpretação a contrapelo da *Psycopathia Sexualis*, a partir de Judith Butler, o sexo e o gênero precisam ser percebidos como um processo em constante construção, um devir, e não como fatos dados sem mediação. A ideia de um instinto dissimularia a estilização repetida de atos – muitos sequer eróticos – dentro de uma estrutura reguladora rígida, a qual, esta sim, se cristaliza no tempo para produzir a aparência de um ente naturalmente desenvolvido⁴⁵⁴: corpos masculinos e femininos, homens e mulheres. O que conferiria aparência de estabilidade a estes corpos era a noção de um ‘desenvolvimento do instinto sexual’, que permitia reconciliar a ideia do sentimento homossexual com a natureza, mas retrabalhada dentro de um esquema patológico, como fruto de certos corpos. Assim, não haveria por que acolher a ideia de um sexo intermediário, que, como vimos acima, Pinheiro associava a Ulrichs.

Em sua obra sobre as psicopatias sexuais, as concepções de Krafft-Ebing sobre a homossexualidade poderiam ser sumarizadas da forma que segue:

⁴⁵³ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 187. Tradução minha. Original: This constitution, as far as it's anatomical and functional foundation is concerned, is absolutely unknown. Since, in almost all such cases, the individual subject to the perverse sexual instinct displays a neuropathic predisposition in several directions, and the latter may be brought into relation with hereditary degenerate conditions, this anomaly of psycho-sexual feeling may feeling may be called, clinically, a functional sign of degeneration. This perverse sexuality appears spontaneously, without external cause, with the development of sexual life, as an individual manifestation of an abnormal form of the *vita sexualis*, and then has the force of a congenital phenomenon; or it develops upon a sexuality the beginning of which was normal, as a result of very definite injurious influences, and thus appears as an acquired anomaly.

⁴⁵⁴ BUTLER, *Problemas de Gênero*, 2013, p. 59

QUADRO 3 – Esquema da homossexualidade de Krafft-Ebing



Fonte: adaptado de Krafft-Ebing. *Psychopathia Sexualis*, 1894, p. 188 e 222-3

A variedade adquirida foi, em verdade, uma maneira de Krafft-Ebing reelaborar alguns temas que eram candentes na Medicina, de modo geral, e na Psiquiatria em particular. Ela se constituía como uma perversidade, mas não como uma perversão – isso é, ela não seria, para Krafft-Ebing, transmissível hereditariamente enquanto uma disposição biológica mórbida. Era um comportamento pernicioso, portanto. Ela tinha o seu desenvolvimento por conta da corrupção do sentido sexual normal pelos excessos do prazer mútuo, aliada a determinados contextos favoráveis – navios, internatos, banheiros públicos, prisões, casas religiosas, etc. A prática da masturbação em jovens levaria a uma corrupção do instinto sexual concebido como normal, já que poderia redundar no desenvolvimento de um quadro neurastênico – isso é, de esgotamento mental e psíquico em razão de excessos sexuais. Quando da relação sexual com o sexo oposto, o prazer alcançado seria insuficiente ou até impossível de ser obtido pela presença de um desgaste nervoso prévio. Assim, o onanista buscaria outras fontes de prazer podendo se voltar para a bestialidade ou para o onanismo com pessoas do mesmo sexo. Em certos casos, haveria até mesmo a prática de sexo penetrativo, sobretudo

quando o contato com estas novas modalidades de coito fossem mediadas por um sedutor⁴⁵⁵.

O ponto determinante que permitia separar estas práticas das modalidades congênitas era a falta de uma disposição sexual considerada anômala; portanto, se assemelharia muito mais a uma masturbação do que a um coito, do ponto de vista psíquico:

Um macho não contaminado pode ser criado tanto como uma fêmea, e uma fêmea como um macho, mas eles não se tornarão homo-sexuais. A disposição natural é a condição determinante; não a educação ou circunstâncias acidentais, como a sedução. Não pode haver um pensamento contrário ao instinto sexual exceto quando a pessoa do mesmo sexo exerce uma influência psico-sexual no indivíduo e, assim, apresenta libido e orgasmo i.e. tem atração física. Estes casos são muito diferentes daqueles que, *faute de mieux*, com grande sexualidade e senso estético deficiente, o corpo de uma pessoa do mesmo sexo é utilizado para um ato onanístico (não para um coito em sentido psíquico)⁴⁵⁶.

O autor propõe uma série de graus para o instinto sexual contrário adquirido, mas não é necessário retomar as minúcias desta classificação. Basta dizer que, ainda que com sintomas assemelhados a condição congênita, o elemento central, para o autor, se definiria no caráter do sentido sexual no momento de sua manifestação.

Antes de passar ao estudo da variedade congênita, convém refletir um pouco sobre a patologia que foi mais associada com o surgimento da homossexualidade congênita no texto de Krafft-Ebing: a neurastenia⁴⁵⁷. Seria de esperar que esta relação entre neurastenia e homossexualidade fosse explicitada em várias teses da FAMEB. Ela, de fato, é citada poucas vezes. No único estudo dedicado integralmente a este quadro, realizado por Bonifácio Ponce de Leão Castro, esta articulação – neurastenia e homossexualidade – não é explicitada. Isso é digno de nota quando se leva em consideração as referências de Castro. Ele tomou como base, em sua tese, os estudos de George M. Beard, que cunhou a expressão neurastenia em 1869 para caracterizar o quadro etiológico do esgotamento mental e físico fruto da hiperexcitação nervosa da

⁴⁵⁵ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 201-3

⁴⁵⁶ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 203, n. tradução minha. Original: An untainted like a female, and a female like a be raised never so much male may homo-sexual. The natural disposition is the determining male, but they will not become There can be like seduction. condition; not education and other accidental circumstances, the sex exerts a no thought of contrary sexual instinct save when person of the same i.e., influence on the individual, and thus brings about libido and orgasm, psycho-sexual. Those cases has a psychological attraction. are quite different in which, *faute de mieux*, with sex is used the body of a person of the same great sensuality and a defective aesthetic sense, for an onanistic act (not for coitus in a psychological sense). *Faute de mieux*: falta de melhor (tradução minha).

⁴⁵⁷ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 190

vida moderna⁴⁵⁸. Diversos elementos – sobretudo a hereditariedade – poderiam levar a esta doença. Os excessos da vida moderna, as profissões intelectuais, impressões morais, excitantes como o café e o tabaco. Mas se destacariam fatores de ordem sexual: abusos dos prazeres e o onanismo poderiam levar ao desenvolvimento do quadro neurastênico: “As excitações repetidas exercidas na esfera do sentido genital trazem perturbações frequentes do systema nervoso d'onde pode resultar a neurasthenia”⁴⁵⁹. Dotada de implicações hereditárias, ela permitira colocar em contiguidade formas inerentemente orgânicas de sexualidade mórbida com práticas moralmente reprovadas.

É possível supor que a repetida excitação da esfera genital trouxesse implícita à homossexualidade. O próprio George Beard fez esta ligação em alguns de seus estudos, manifestadamente no livro *Sexual Neurasthenia*, de 1884. Ali, retomou uma passagem de Heródoto acerca de um quadro mórbido que denominou como “loucura cita”, a qual levava certos homens que cavalgavam em excesso a se efeminar, fisicamente ao ponto da atrofia genital, e socialmente até assumiram o papel feminino. Ele faz esta incursão no intuito de explicar os estudos do Dr. Hammond acerca dos *Mujerados*, literalmente efeminados⁴⁶⁰, entre as sociedades *Pueblo* do Novo México.

Os *Mujerados*, diz Beard, teriam um grande desenvolvimento de glândulas mamárias e genitais masculinos atrofiados. Tinham um papel saliente em certas cerimônias religiosas. Via de regra, aquele que viria a se tornar *Mujerado* era um homem vigoroso, a quem se pedia que cavalgasse e se masturbasse em excesso, até que fosse se enfraquecendo e perdendo as forças e o vigor. Assumiria, assim, um papel feminino, e viveria entre as mulheres. Poderia, inclusive, relacionar-se sexualmente com outros homens, muito embora o coito tivesse sentido ritualístico. Beard, em que pese um tanto incerto se o termo adequado seria perversão sexual, ainda assim reconhecia que se tratava de um caso parecido com o de certos uranistas nos termos descritos por Ulrichs⁴⁶¹. Para Beard, isto poderia levar à transmissão hereditária deste tipo de sexualidade, podendo se verificar ocorrências similares nos descendentes de um *Mujerado*, ainda que nascidos antes de sua transformação. Krafft-Ebing não concordaria totalmente com a opinião dele. Para este autor, como já dito, as variedades adquiridas

⁴⁵⁸ CASTRO, Bonifácio de Ponce de Leão. **A neurasthenia**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1891, p. 14-6

⁴⁵⁹ CASTRO, **A neurasthenia**, 1891, p. 36

⁴⁶⁰ BEARD, George M. **Sexual Neurasthenia** (nervous exhaustion). It's hygiene, causes, symptoms, and treatment. New York: Treat, 1884, p. 99-100

⁴⁶¹ BEARD, **Sexual Neurasthenia**, 1884, p. 101-4

eram caracterizadas pela prática de atos considerados como pervertidos, mas não implicariam na perversão, isso é, numa anomalia do sentido sexual e hereditária.

De volta ao autor alemão, a outra variedade de homossexualidade era a congênita, na qual o essencial era a falta de sensibilidade para o sexo oposto. Tratava-se, para o autor, de uma condição determinante para a individualidade: “Sentimento, pensamento, vontade e todo o caráter, nos casos de completo desenvolvimento da anomalia, correspondem ao instinto sexual peculiar, mas não com o sexo que o indivíduo representa anatômica e fisiologicamente”⁴⁶². Seus traços eram: a precocidade da vida sexual, a exaltação e exagero da manifestação de amor, os traços anatômicos e psíquicos anômalos e/ou patológicos, e uma ancestralidade doente. Havia algumas variações menores, sempre ligadas ao grau de incapacidade para a relação heterossexual. Enquanto em muitos casos adquiridos havia certo grau de sofrimento associado, os congênitos – que ele, neste trecho, chama de uranistas – não sofriam pela condição em si, mas pela atitude social quanto a sua vida sexual⁴⁶³.

5.1.DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO LEITOR DE KRAFFT-EBING

Domingos Firmino Pinheiro foi o autor que mais dialogou com o pensamento de Krafft-Ebing. Ainda que tenha citado dezenas de autores, apenas Albert Moll possuía uma importância comparável. Esta influência alcançou questões, digamos, estilísticas: tal como o psiquiatra alemão os trechos mais explícitos sobre a vida sexual são escritos em latim, e com expressões bem parecidas. Mas não se pode dizer que ele siga o pensamento de Krafft-Ebing na integralidade.

A começar pelas formas nominativas e pelas definições. Entre invertido sexual, hermafrodita, pederasta, homossexual e uranista, Pinheiro criou uma expressão própria – *androphilista*. Curiosamente, este termo também foi utilizado por Magnus Hirschfeld, no mesmo período, na Alemanha⁴⁶⁴. Não encontrei registros de que Pinheiro tenha tido contato com a obra de Hirschfeld mas, dado que a tese não está completa, existe esta possibilidade remota.

⁴⁶² KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 222. Tradução minha. Original: Feeling, thought, will, and the whole character, in cases of the complete development of the anomaly, correspond with the peculiar sexual instinct, but not with the sex which the individual represents anatomically and physiologically.

⁴⁶³ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 223-5

⁴⁶⁴ SILVA, *A Captura do Prazer*, 2015.

Pinheiro iniciou seu estudo com uma definição breve e direta: androfilismo era “o amor mórbido do homem pelo homem”. Mais à frente, a partir da leitura de várias obras a respeito do tema, ele complementou esta definição: “é uma psycho-neurose congênita na maioria das vezes e adquirida muitas outras”⁴⁶⁵. Nesta etapa da definição, Pinheiro enfatizou em maior grau o aspecto mental, enquanto Krafft-Ebing sempre tentou relacionar o surgimento do que chamava de instinto sexual antipático articulado com a hiperexcitação dos centros sensoriais periféricos, ou de danos ao córtex. Não é desarrazoado conjecturar que, priorizando fatores como hereditariedade e aspectos mentais e comportamentais, o conceito de androfilismo fosse dotado de uma amplitude que a homo-sexualidade congênita de Krafft-Ebing não teria.

Pinheiro também elaborou sua classificação separando o androfilismo congênito e adquirido, com estas modalidades dentro de uma classificação mais geral baseada na posição sexual preferida pelos indivíduos. Assim, atividade e passividade vão desempenhar um papel central na caracterização do androfilismo – reflexão que não encontra eco no pensamento de Krafft-Ebing. Para este, na verdade, a penetração não era praticada pela maioria dos homossexuais. O sexo anal seria fruto de um senso moral defeituoso e não decorrente da atração pelo mesmo gênero⁴⁶⁶. Assim, há uranistas que eram também moralmente imperfeitos: “Em uranistas moralmente perversos e potentes, *quoad erectionem*, o desejo sexual é satisfeito pela pederastia – um ato, porém, que é repugnante para indivíduos pervertidos que não são moralmente defeituosos”⁴⁶⁷.

O quadro que segue, baseado na mescla de índice e de tábua de conteúdos que Pinheiro apresenta em sua tese, ajuda a visualizar a tipologia um tanto intrincada⁴⁶⁸:

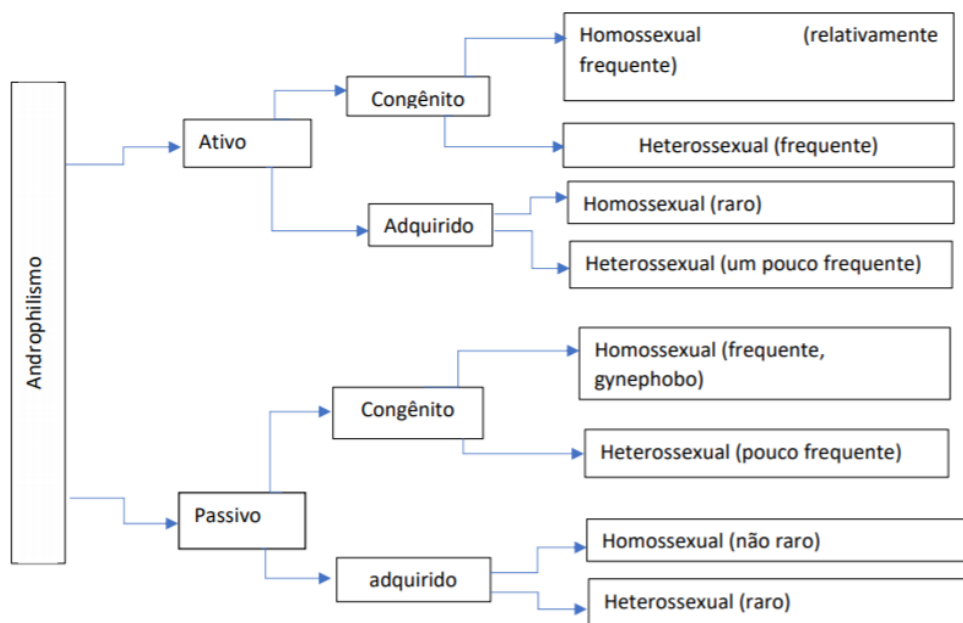
⁴⁶⁵ PINHEIRO, **O Androfilismo**, 1898, p. 8 e 155, respectivamente.

⁴⁶⁶ KRAFFT-EBING, **Psycopathia Sexualis**, 1894, p. 55 e 188.

⁴⁶⁷ KRAFFT-EBING, **Psycopathia Sexualis**, 1894, p. 229.

⁴⁶⁸ Novamente, é importante lembrar que a tese de Pinheiro possui uma escrita rebuscada, que, por vezes, torna a leitura cansativa.

QUADRO 4 – Variedades do androfilismo



Fonte: Pinheiro, **O androfilismo**, 1898, p. 12

Do quadro se pode deprender, além disso, a disposição para relações heterossexuais e homossexuais, organizadas em termos de posição. Os androfilistas passivos, quer congênicos quer adquiridos, teriam maior dificuldade – ou capacidade – para relações que não fossem homossexuais. Os ativos, por sua vez, teriam uma maior disposição para este tipo de relacionamento.

Creio que esta relação poderia ser explicada atentando para o sentido que estes papéis desempenhavam no contexto estudado. Como assinalou Miskolci, havia, no final dos oitocentos, um temor muito forte da desvirilização, especialmente dos setores da população brasileira que se queria como base firme para a criação da nação. Retomando aqui o estudo de Engel que trata das sexualidades e afetividades de homens diagnosticados como doentes mentais em instituições asilares brasileiras nas duas primeiras décadas republicanas, a autora mostra como certos comportamentos e atitudes de internados foram submetidos a normas bastante rígidas e cerceadoras⁴⁶⁹. Assim, no terreno específico das práticas sexuais, é lícito considerar que padrões morais que forneceriam arcabouço para uma nova ordem social emergente naquele contexto exigiam de sujeitos masculinos a obrigação de um papel ativo, conforme uma suposta inclinação natural oposta àquelas de papel passivo, as mulheres. Qualquer dissidência

⁴⁶⁹ ENGEL, Sexualidades interdidas, 2008, p. 184

e/ou rebeldia se convertia, portanto, em algo passível de ser estigmatizado como anormalidade ou doença mental⁴⁷⁰.

No já citado estudo sobre o passivo sexual, Misse teceu considerações sobre o imbricamento entre o plano comportamental e o plano sexual. Assim, seria preciso compreender analiticamente passivo e ativo menos como posições e mais como perspectivas dentro das relações sociais⁴⁷¹ – e, penso, como ferramentas que permitem organizar de formas de valoração social acerca de determinados corpos. O gênero permitirá distinguir estas duas perspectivas. A negatividade estaria associada com uma função sexual receptora que seria considerada como de menor valor, agregada a outros atributos desacreditadores. Neste sentido, o passivo poderia se dar a ver pela presença de determinados símbolos que carregariam em si o sentido do estigma. Desdobrando o argumento, importaria menos a posição sexual, e mais as relações hierárquicas implicadas em termos simbólicos e sociais e os comportamentos a eles associados⁴⁷². Na leitura que João Gomes Júnior realizou sobre Misse, haveria aqui uma “consistente relação entre as representações sexuais e sua influência nas construções sociais de sexo e gênero, determinando até mesmo as regras do jogo amoroso e a distribuição dos indivíduos nas várias áreas da sociedade”⁴⁷³. Ora, o ‘passivo’ e ‘ativo’ de Pinheiro mostram precisamente isto: mais que posições numa relação erótico-afetiva, implicam perspectivas hierárquicas na interpretação de determinadas experiências; e foi este gradiente do amor dissidente que organizou o olhar do autor. E é isso que viabiliza que, em alguns momentos, o silêncio sobre deixar-se penetrar permitiria ler certos sujeitos como androphilistas passivos, com o conteúdo patológico mais grave que lhes era associado. Era a opção por uma outra posição na relação erótico-afetiva, quer real quer suposta pelo médico, que daria a nota dominante ao trabalho do médico alagoano.

Pinheiro também apresentou as causas do androphilismo, isto é, os elementos que estimulavam o seu surgimento, e nisto estabeleceu um diálogo muito próximo com o pensamento de Krafft-Ebing. Ambos enfatizaram o papel de elementos de ordem física e moral: “dividiremos as causas em *physicas* e *moraes*. As *physicas* são *geraes* e *individuais*, como as *causas moraes*”⁴⁷⁴. O pensamento de Pinheiro foi sistematizado no

⁴⁷⁰ ENGEL *Sexualidades Interditadas*, 2008, p. 184.

⁴⁷¹ MISSE, *O estigma do passivo sexual*, 2007, p. 35

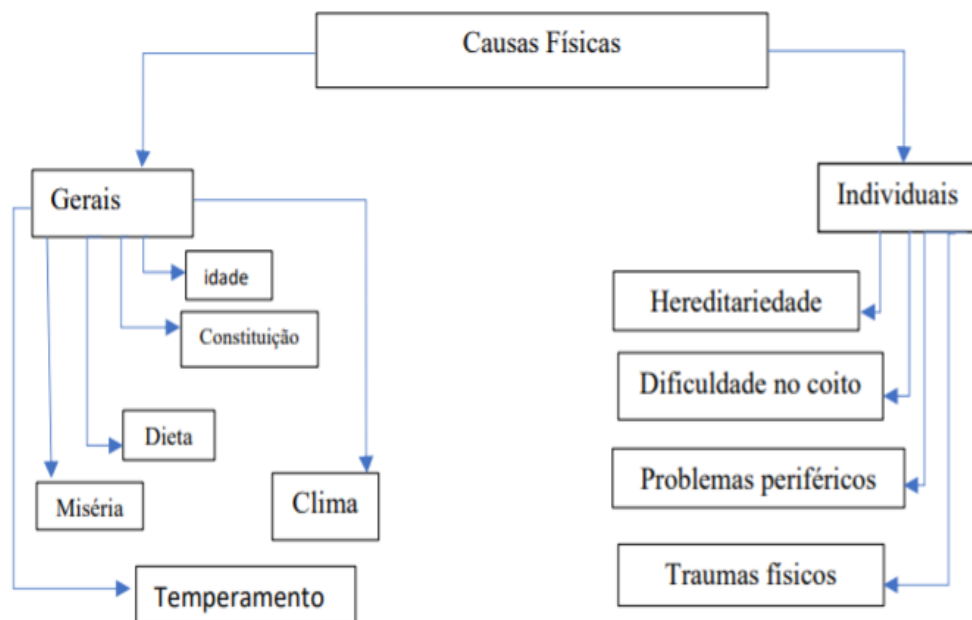
⁴⁷² MISSE, *O estigma do passivo sexual*, 2007, p. 43-5 e 58-9

⁴⁷³ GOMES JÚNIOR, *Sobre frescos e bagaxas*, 2019, p. 110

⁴⁷⁴ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 90

quadro que segue, onde físico implicava processo orgânicos quer individuais, quer coletivos:

QUADRO 5 – Causas físicas do androphilismo



Fonte: PINHEIRO, **O androphilismo**, 1898, passim.

Para Pinheiro, tal como para Krafft-Ebing, o período do amadurecimento sexual era especialmente perigoso. Era neste momento que determinados fatores encontravam um terreno mais suscetível ao desenvolvimento do amor mórbido do homem pelo homem. Mas, diferente do autor alemão, Pinheiro defendia que, na velhice, o enfraquecimento nervoso também poderia levar a este tipo de comportamento sexual⁴⁷⁵. É lícito supor que esta leitura tenha algo a dever ao pensamento de autores anteriores da FAMEB. Em 1853, Marinonio de Feitas Britto deplorava a vida sexual desregrada de velhos libertinos. Na mesma direção, nas duas décadas seguintes, estudantes da FAMEB eram unânimes ao condenar o contínuo gozo dos prazeres numa idade madura⁴⁷⁶.

Aspectos climatológicos e dietéticos também poderiam influenciar no aparecimento do androphilismo. O uso de substâncias intoxicantes, para Pinheiro, era uma condição especialmente significativa. Ao lado de afrodisíacos e anaforesíacos –

⁴⁷⁵ PINHEIRO **O Androphilismo**, 1898, p. 90-2

⁴⁷⁶ SILVA, Daniel Vital dos Santos. **A Captura do Prazer**, 2015, p. 63 e 87.

respectivamente destinados a aumentar e diminuir o desejo sexual –, o autor teceu estas considerações acerca do uso de bebidas alcoólicas:

As bebidas alcoolicas em geral, o vinho e principalmente o Champagne lhe provocam o appetite do coito anal; não é que os alcoois influenciam directamente excitando ou irritando o centro erogeno avivado; porém, a imaginação, excitando os musculos, dilatando a alegria, tornam os androphilistas mais entusiastas pelo amor heliogabalino⁴⁷⁷.

Pinheiro desenvolveu um raciocínio um tanto enviesado neste fragmento, o que convém desvelar. Em certas constituições físicas individuais havia a presença da excitação nos centros nervosos periféricos, como o ânus. Ele, porém, não extrai disso uma regra para as causas físicas gerais – e, portanto, terminou caindo na expressão comum da “excitação muscular”, justaposta ao lugar comum médico do papel social deletério do consumo de bebidas alcoólicas.

Além disso, o clima quente poderia levar a práticas androphílicas; por um lado, pelo maior desenvolvimento da sensibilidade dos órgãos genitais nestes países; por outro, por um número maior de banhos, nos quais era possível ver pessoas do mesmo gênero nuas. Na Bahia, isto seria especialmente comum nos meses de agosto a abril, quando o clima era tórrido:

Entre nós, em abono da verdade, digamos que as perversões do instinto sexual, nomeadamente o androphilismo, a pedandrorastia e o gynephilismo têm quotidianamente muitos cultos clandestinos e públicos, nos quais os seus fervorosos sacerdotes são acordes em afirmar e a observação saccionada a concurrencia de maior número e proselytos activos e passivos de Agosto a Abril⁴⁷⁸.

Um outro fundamento identificado por Pinheiro era o lugar social. A miséria, para ele, poderia produzir um ambiente social inadequado, fecundo para o surgimento do androphilismo:

De facto a miseria, em que adormecem certas famílias obrigando os seus membros a que vivam em completo desalinho e promiscuidade e á, mercê de suas idéas e sentimentos modificados a cada dia com as scenas deshonestas que constituem o apanagio e o pão quotidiano dessas habitações, concorre poderosamente para o desrespeito ao pudor e á moral, consequentemente predispondo as suas victimas aos crimes e amor illicito. As crianças vêem e ouvem os mais revoltantes actos de imoralidade, perdurando na imaginação destas miseraveis creaturas *in extremo* aptas á imitação principalmente de actos

⁴⁷⁷ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 98

⁴⁷⁸ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 102-3

impúdicos, vão subornando pouco a pouco o território das faculdades superiores, agora esboçado e mais tarde invalidamente desenvolvido, por modo a constituir-se *psychose*, cujo principal *symptoma* é a perversão do instinto sexual nas suas múltiplas e variadas formas⁴⁷⁹.

Cabe aqui retomar Sidney Chalhoub, no seu estudo sobre cortiços no Rio de Janeiro. O autor lembra da relação que foi criada pelo poder público entre a necessidade de um controle social dos pobres, transformando-os em parte de uma discussão acerca da insalubridade e das precárias condições de higiene da capital. Neste sentido, as intervenções se justificariam, e a violência se converteria em veículo de atuação de um saber que se pretendia neutro – o da Ciência⁴⁸⁰. Ora, esse raciocínio pode ser aplicado aqui: a pobreza, para Pinheiro, era imoral. Os que nela viviam seriam dados a atos de imoralidade, promovendo um ambiente propício para o surgimento de toda a sorte de contradições as regras sociais: além do crime, ali poderiam florescer amores ilícitos.

Me parece importante retomar, uma vez mais, a tese de Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida – *Degenerados Criminosos*. Já se teve a oportunidade de ler o quanto a obra deste autor estava calcada no conceito de degeneração, em acordo com os estudos de Morel e, sobretudo, de Magnan, mas articulado com o dilema brasileiro do final do século XIX: o fim da escravidão no Brasil, e a necessidade de inscrever na natureza a origem das desigualdades sociais em nome da manutenção de hierarquias. Nestas condições, não é de admirar que, como analisado, a mestiçagem estivesse elencada como um dos elementos para a degeneração e que entre as possíveis manifestações consideradas mórbidas estivesse o amor entre homens. Neste sentido, não me parece desarrazoado ver, na referência à miséria feita por Pinheiro, mais um caso no qual experiências de opressão poderiam estar imbricadas: ser pobre, talvez um escravizado ou descendente de escravizados, e ser um androphilista. A formulação era sutil. A homologia entre corrupção moral e pobreza, da qual se extraem repercussões gerais, bem como a ideia de um risco de contágio servem de ferramentas eficientes para buscar a manutenção dos laços senhoriais de subalternidade, mas em outra lógica, biologicamente dada⁴⁸¹. Com repercussões no campo da sexualidade, e as vezes até mesmo ancorada neste domínio.

Mas o principal elemento físico que poderia levar ao desenvolvimento do amor mórbido do homem pelo homem era a hereditariedade: “Em todos os casos de inversão

⁴⁷⁹ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 102-3

⁴⁸⁰ CHALHOUB, *Cidade febril*, 2001, p. 31

⁴⁸¹ CHALHOUB, *Cidade febril*, 2001, p. 29-30

sexual, quer se trate do androphilismo adquirido ou do androphilismo congênito, o facto é que a funesta herança transmite-se infalivelmente crescendo á prole”⁴⁸². Assim, a ideia da homossexualidade como um vício também parece estar absorvida em um esquema biológico.

De modo geral, as considerações de Pinheiro acerca do tema não eram diferentes das de outros já analisados. Tal como Krafft-Ebing, o autor acolheu a ideia de que lesões cerebrais no córtex ou em regiões periféricas do sistema nervoso até poderiam induzir o surgimento do amor mórbido do homem pelo homem. Contudo, eram sobretudo as perturbações psíquicas que influenciavam no aparecimento deste quadro: “perturbações outras, nervosas ou psychicas, em grande numero de casos pode-se observar. Haja vista a historia de alguns imperadores romanos que sobre sofrerem de inversão sexual erão degenerados feridos por afecção psychica”⁴⁸³. Havendo a predisposição patológica, absolutamente qualquer causa, as mais banais, poderia levar ao aparecimento do androphilismo. É ao abrigo de uma herança considerada como patológica ou degenerada que se desenvolveria esta forma de amor considerada mórbida. A ideia de sede orgânica, portanto, é menos saliente que no autor alemão.

É conveniente retomar o raciocínio do autor de uma forma um pouco mais detalhada sobre o que seriam as causas predisponentes. Trata-se de dois relatos que não são fruto de observações clínicas do autor, ainda que um guarde certo aspecto prático. A primeira, tirada do Dr. Hammond – o qual já foi citado quando se tratou dos *Mujerados* – trata de um menino que, depois de ver dois cães praticando o coito, passou a inserir um lápis no ânus, tendo com isso uma sensação agradável. A segunda é de uma pessoa conhecida por Pinheiro:

Um individuo androphilista que conhecemos nos contou que, quando menino colegial, traquinando com um companheiro no recreio, recebeu casualmente leve golpe no sulco que separa as nadegas. E dahi por diante a afecção mórbida se desenvolveu por uma associação fatal entre as lembranças da pancada que lhe despertou um prazer estranho, uma *dôr gostosa*, e a representação mental do companheiro⁴⁸⁴.

Para o autor, a banalidade dos dois episódios serviria de prova eloquente da existência de uma predisposição mórbida. Especialmente o segundo, por ser um episódio muito banal, não poderia ser o caso do androphilismo adquirido. Era a

⁴⁸² PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 109-110

⁴⁸³ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 111

⁴⁸⁴ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 112

congenialidade o fator determinante, uma anormalidade *fixa* na natureza, que daria suporte para o surgimento do androphilismo passivo no caso citado. Como já comentei anteriormente, ao tratar de Charcot, parece que o que presidia o olhar destes médicos era menos uma observação com vieses sob controle e mais uma lógica retrospectiva, na qual todo o passado é reorganizado para resultar necessariamente na moléstia. A articulação mais eficiente foi, é lícito supor, a dada por Pinheiro ao destacar tanto a passividade sexual, não só enquanto comportamento localizado, mas com as implicações simbólicas que daria condições de organizar a história mórbida: por ser um androphilista passivo, conforme o quadro 3, o sentimento heterossexual era raro ou inexistente. Daí era preciso que o médico buscasse acontecimentos no passado que justificassem esta interpretação. Havia o episódio do prazer estranho que um toque no períneo e no ânus induziu. Mas, na ausência de um sedutor ou de trauma físico mais saliente, a hereditariedade deveria explicar em definitivo o surgimento da moléstia dentro de um quadro de ações tão banal:

Ora, nos dois casos é possível admitir-se que o androphilismo passivo tivesse como causa determinantes as cenas que se deram? De certo que não. Pois que a banalidade dela no carácter de causa ocasional implica necessariamente a sua congenialidade⁴⁸⁵.

Em Pinheiro, ainda existia a ideia de vício, de um comportamento que pode ser praticado por libertinagem. Mas o espaço para o surgimento de formas de sexualidade dissidentes descoladas de uma causa mórbida determinante e insidiosa é muito menor do que em teses datadas das décadas de 1850 a 1860.

Além da hereditariedade, Pinheiro destacou a dificuldade física no coito. A fimose, para o autor, poderia induzir o androphilismo na forma passiva:

Uma observação que colhemos relativamente a phimosis garante a possibilidade da predisposição que avançamos, vindo a ser a seguinte: A., com 18 annos de idade, pardo, de constituição boa, temperamento sanguineo, tendo a glande (rudimentar) completamente fechada pelo prepúcio, que apenas limita um espaço circular de meio centímetro de diametro, deixando no centro ver o canal urinario, dava-se á pratica do androphilismo por julgar-se inutilisado, visto soffrer dores horriveis na occasião em que sacrificava-se á *luxuria manuensis*. Affirma gostar de mulheres, porém, a lembrança da dor produsida pela masturbação lhe arrefece o enthusiasmo pelo bello sexo; e já agora, diz elle, não troca a sua vida de prazeres passivos pelas dores de uma cura radical⁴⁸⁶.

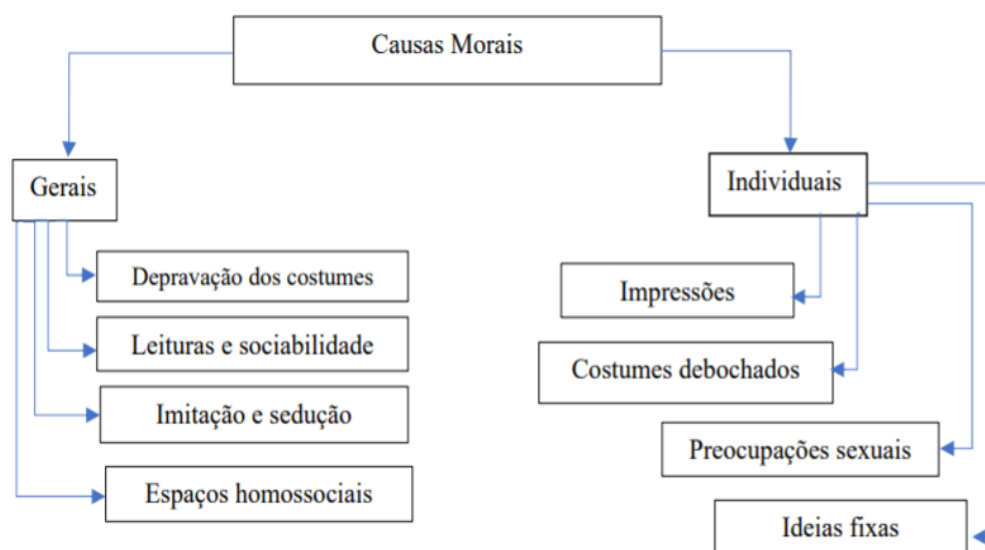
⁴⁸⁵ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898 p. 112-3

⁴⁸⁶ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 113-4.

O autor também iniciou uma reflexão muito breve sobre os eunucos, mas, infelizmente, faltam duas páginas da tese. Pinheiro, porém, parece muito menos interessado no debate sobre a busca de uma lesão que causaria o androphilismo, e mais na busca de fatores mais indiretos, como os citados acima. Ele dedica, também, algumas reflexões a lesões periféricas, principalmente as cérebro-medulares, mas sem conseguir estabelecer uma correlação coerente entre estes traumatismos e o androphilismo⁴⁸⁷.

Além de causas físicas, Pinheiro também escreve acerca das causas morais, também gerais e individuais, conforme pode ser visto no quadro que segue:

QUADRO 6 – Causas morais do androphilismo



Fonte: Pinheiro, **O androphilismo**, 1898, passim.

Ao comentar as perturbações de ordem moral que poderiam dar lugar ao androphilismo, Pinheiro teceu várias considerações acerca das depravações nos costumes. Cumpre notar que, mesmo aqui, a hereditariedade também era um elemento saliente. Afinal, dentro de certas linhagens familiares se perpetuariam determinados excessos libidinosos⁴⁸⁸.

No quesito depravação dos costumes também desempenhava um papel a educação viciosa e o meio social perigoso, no qual se aprenderia a lascívia e o *deboche*⁴⁸⁹. Esta expressão foi conceituada por Cândido de Figueiredo, em seu

⁴⁸⁷ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 114-128.

⁴⁸⁸ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 129.

⁴⁸⁹ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 129-130

dicionário, como sinônimo de “libertinagem”, “devassidão”, com os verbetes correlatos de debochar, “tornar devasso, prostituir”, e debochado, “devasso, libertino, corrupto, extravagante”⁴⁹⁰. Mais que escolha estilística, vimos que o deboche era uma das clivagens do crime, no pensamento de João Froés. E, de fato, Pinheiro o retomou no estudo médico-legal que arremata a tese. O estudante da FAMEB pretendia que os androphilistas seriam, em princípio, considerados como irresponsáveis criminais. Mas com ressalvas: o perito deveria separar estes, os *estigmatizados*, daqueles que praticavam estas cenas sexuais por crápula, isso é, por um modo extravagante e libertino de vida. Por *deboche*. Contra estes, a lei deveria se fazer sentir com força e vigor – sobretudo quando o jogo de cenas sexuais desvirtuado fosse praticado na presença de ou com menores⁴⁹¹. É uma interpretação, portando, mais ampla e até mais punitivista que a defendida no artigo de Froés. Mais coerente com o pensamento de Viveiros de Castro, que é citado por Pinheiro.

É importante pontuar o lugar das relações entre homens e meninos na tese de Pinheiro. Este autor tomou o cuidado de distinguir clinicamente o pedophilismo, isso é, relações mórbidas entre homens e crianças do androphilismo, o amor mórbido do homem pelo homem. Criminalmente, contudo, os dois fenômenos são intrinsecamente ligados, inclusive como marcador de maior *temibilidade*. Esta associação ampliava o espaço de punição e sugere a existência de certo alarme ou temor social⁴⁹². Gayle Rubin, ao caracterizar os pânicos morais nos Estados Unidos entre o final do século XIX e o começo do século XX, afirmou que a defesa contra menores era quase sempre invocada em nome de legislações mais duras. Se não é possível afirmar apenas a partir do *corpus* documental que existiu um pânico moral, o discurso da defesa de menores é um traço saliente nos dois contextos, e produziu, nos dois casos, formas de repressão a determinados jeitos de ser com base num perfil perigoso⁴⁹³. O pensamento de Aurelino Leal, citado no capítulo anterior, é ilustrativo. Nele, se fala de uma “infância desvalida” que ameaçava pessoas de bem, formada por jovens bêbados, dormindo ao relento “quase todos viciados na pederastia”⁴⁹⁴. Os mais novos não eram vítimas, mas *risco*. Assim, homossexualidade e periculosidade, longe de defender quem quer que seja, parecem delinear os temores da sociedade oitocentista.

⁴⁹⁰ FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, p. 444.

⁴⁹¹ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 196

⁴⁹² PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 32-45

⁴⁹³ RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017, p. 70

⁴⁹⁴ LEAL, **Germens do Crime**, 1896, p. 296

Isso valeria para Pinheiro. Ao usar, por um lado, um critério de criminalização que dizia respeito à visibilidade de determinado comportamento, e, por outro, a concepção de que a promiscuidade e as cenas desonestas são aprendidas nas habitações miseráveis, nas quais se assimilaria por imitação a prática de “actos impudicos”. A ideia de que a multidão pobre era ameaçadora e passível de ser descrita por meio de metáforas médicas está presente em textos sobre Londres e Paris oitocentistas⁴⁹⁵, mas também sobre o Brasil. João Gomes Júnior, em sua dissertação sobre prostituição masculina no Rio de Janeiro do começo da República, argumentou no mesmo sentido. A associação entre pobreza, doenças infectocontagiosas como febre amarela e cólera, comportamento sexual considerado imoral e arriscado, eram parte dos discursos médicos e administrativos que pediam e endossavam violentas intervenções urbanas no sentido de promover mudanças estéticas e higiênicas na Capital Federal, ao abrigo da ideia de civilização e modernidade⁴⁹⁶. Assim, pode-se observar que a potencialização de formas de opressão continuava atuando mais duramente contra determinados corpos circunscritos a determinados lugares sociais e espaços urbanos.

Neste sentido, pode-se pontuar outra descontinuidade entre Krafft-Ebing e Pinheiro. Para o psiquiatra alemão, as variedades de homossexualidade, quer congênita, quer adquirida, davam a ver um quadro *mórbido* e não penal. Não era algo para ser decidido na esfera penal. A criminalização, longe de conduzir a mudanças nos costumes ou à defesa da sociedade, beneficiaria, em verdade, chantagistas sem defender aqueles que deveriam gozar da maior proteção – os mais novos e impressionáveis. Como criminalizava apenas a pederastia, sem menção de outros atos imorais que eram tão perigosos quanto, a exemplo do onanismo, o resultado era a punição de uma fração pequena daqueles que poderiam colocar em risco a juventude, aliada à multiplicação de crimes financeiros⁴⁹⁷.

As leituras inadequadas também poderiam levar ao aparecimento do androphilismo em suas várias modalidades. Cumpre recuperar, neste sentido, a existência de textos eróticos que faziam explícita referência ao erotismo e afeto entre pessoas do mesmo gênero. Alfredo Gallis, por exemplo, no seu livro *O Sensualismo na Antiga Grécia* escreve um texto extenso envolvendo relações amorosas entre as alunas da poetisa Sapho, intitulado “Festim Callypigio”. Da mesma maneira, num outro conto,

⁴⁹⁵ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX** – O Espetáculo da Pobreza. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 78-9.

⁴⁹⁶ GOMES JUNIOR, **Sobre Frescos e Bagaxas**, 2019, p. 45-6

⁴⁹⁷ KRAFFT-EBING, **Psicopathia Sexualis**, 1894, p. 413

intitulado “O Jardim de Epicuro”, o filósofo e seu discípulo Pithocles deixam de comparecer a uma discussão filosófica para se amar no leito⁴⁹⁸. Isto implica que havia, pelo menos, um público leitor interessado nesse tipo de relato, ainda que pudessem não ser exclusivamente homossexuais. Referências a livros inadequados não são elementos novos, sobretudo para mulheres. Alguns defendiam que impressões causadas pela fruição de romances inadequados poderiam gerar efeitos deletérios nas famílias e nos comportamentos⁴⁹⁹. Com efeito, a literatura oitocentista se caracterizou em parte pela adaptação de polêmicas e dramas do cotidiano em linguagem romanceada. Por outro lado, certos temas eram polêmicos em demasia, e denunciados como imorais, principalmente quando ameaçavam a porosa fronteira entre as "páginas de sensação", romances eróticos pensados para o público supostamente masculino, e a literatura pensada para um público mais amplo. Foi o caso de Caminha, que teve de gastar a pena defendendo Bom-Crioulo de críticas ásperas da imprensa sobre o conteúdo homossexual. Assim, argumentava que a chamada inversão sexual era um fato de ciência, amplamente estudado - em que pese controverso⁵⁰⁰.

Quadros e estátuas sensuais também podiam induzir esses sentimentos, bem como espetáculos teatrais líricos que excitavam demasiadamente os expectadores predispostos:

Aberrações do instinto sexual podem sobrevir ainda em consequencia da leitura de romances, contos, etc, da expectação de quadros e estatuas onde se ostenta a personificação da volúpia, da musica, da frequencia dos theatros onde a representação de dramas amorosos ou de peças lyricas que falam com o coração e a alma, pode esgotar por excitações continuas o máximo funcionamento hygido do aparelho cerebral compadecendo-se sensivelmente o aparelho da sexuação⁵⁰¹.

Tal como os autores higienistas baianos que, desde os anos 1850, denunciavam colégios – um dos *loci* de reprodução da classe dirigente brasileira – como espaços inadequados do ponto de vista moral⁵⁰², Pinheiro também alertava para a multiplicação de relacionamentos androphilistas nestas instituições. Parece que a convivência

⁴⁹⁸ GALLIS, Alfredo. **Sensualismo na Antiga Grécia**. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1894, passim

⁴⁹⁹ SOARES, Taciana Ferreira. Senhora: uma articulação cultural da representação feminina no século XIX. 2018. **Revista Entrelaces**, v. 1, n. 14, p. 305. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39784/1/2018_art_tfsoares.pdf. Acesso em 16 de out. 2022

⁵⁰⁰ EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 104-6, 249-256

⁵⁰¹ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 130-131

⁵⁰² SILVA, **A Captura do Prazer**, 2015, p. 101-135

exclusiva entre pessoas do mesmo gênero podia gerar a verdadeiras epidemias homossexuais:

[...] atribuirá, muitas vezes, ao dinamismo da imitação as epidemias eróticas desenvolvidas em grande numero de indivíduos do mesmo sexo nas corporações, religiosas ou não, nos collegios, marinha, exercito em tempo de guerra, seminários, conventos, casa de recolhimento, etc⁵⁰³.

É significativo pontuar, a respeito destas instituições – sobretudo dos colégios – o aspecto formativo que esta convivência proporcionava. Na dissertação *A Captura do Prazer*, argumentei que a violência estava implicada na convivência de meninos e rapazes nestes espaços, descrita nas teses de uma perspectiva externa, e explicitada no romance *O Atheneu* (1885). Só que havia outra dimensão correlata: relacionamentos erótico-afetivos ocorriam nestes espaços, como parte do aprendizado da masculinidade. Sumariamente, um rapaz mais novo recém-chegado ao colégio se ligava e se tornava protegido de um mais velho:

A amizade do Bento Alves por mim e a que nutri por ele me fez pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que sempre indignava ao Rabelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo⁵⁰⁴.

Com o passar do tempo, Sérgio teria dirigido seus amores para mulheres, talvez modificando – ou diversificando – o gênero que podia ser sujeito de seus afetos. Violência e sexualidades são tomadas por Daniel Welzer-Lang como elementos formadores de uma identidade masculina. As relações entre rapazes mais velhos e mais novos, marcadas por violência e sensualidade poderiam ser entendidas como parte do aprendizado da virilidade, que integra a heterossexualidade compulsória, e que tinha como suporte de manutenção o horror de homens efeminados, o terror constante dos signos de feminilidade – lágrimas, emoção, fragilidade, etc. Para o autor, neste sentido, a homofobia era um elemento que estruturava estas relações sociais criando uma ligação arbitrária entre os sentimentos descritos como típicos do gênero feminino, e o temor de se deixar penetrar, de se efeminar, com as implicações negativas embutidas neste processo⁵⁰⁵. Compreendidas nesta chave as palavras de Pompeia, referido na imprensa

⁵⁰³ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898, p. 131

⁵⁰⁴ POMPEIA, Raul. *O Atheneu*: crônica de saudades. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. p. 149

⁵⁰⁵ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, a. 9, p. 460-482, 2º sem. 2001.

como o “esquisito romancista d’O Atheneu”⁵⁰⁶, parecem coadunar a preocupação de Pinheiro com estes espaços.

A parte final do capítulo, dedicada a discutir as causas morais individuais, é bem mais breve que as anteriores. Pinheiro volta e repetir que a infância e a juventude eram dois momentos especialmente suscetíveis para a adoção de práticas libidinosas e debochadas, sobretudo quando havia negligência de familiares:

As crianças e jovens particularmente aquellas cujos pais desprezaram exercer a sua influencia, lançam-se em todas as extravagancias; não conhecem, regras de acção; ignoram as razões de uma conducta moral; as suas idéas não têm fundamento sobre que possam repousar; a deshumanidade, a lascívia, e o *deboche* são as suas únicas occupações; e dado caso de não serem severamente disciplinados pelo mundo, constituem-se membros extremamente perigosos da sociedade⁵⁰⁷.

A preocupação sexual era outro campo passível de se converter em causa moral indireta do androphilismo. A excitação prolongada poderia levar ao surgimento desta forma mórbida de afetividade, especialmente quando associada com alucinações ou com o sono inquieto:

Conta-nos um androphilista passivo que diversas vezes durante o somno experimentava sensações voluptuosas extraordinárias, convicto de que sobrestava o objecto de seus amores. Permanecendo, por algumas horas do dia, em colóquio com elle, sentia á noite insnomia, durante a qual, posto que só parecia-lhe existir ainda sobre as nadeegas o contacto amoroso do órgão sexual do seu companheiro de lascívia⁵⁰⁸.

Pinheiro, neste sentido, seguia de muito perto o pensamento de Krafft-Ebing, para quem o sonho envolvendo um amante, ou assumir o papel de uma mulher seria um dos sinais distintivos dos indivíduos homo-sexuais (uranistas), especialmente os passivos⁵⁰⁹. Além deste fator, o último seria a presença de ideias fixas, que, uma vez não atendidas, poderiam levar ao desvio para outros campos do prazer sensual. Pinheiro chega a citar outro androphilista o qual, não podendo satisfazer a paixão que tinha por uma virgem, entregou-se posteriormente ao onanismo e ao amor androphilico pelo irmão desta.

⁵⁰⁶ MISKOLCI, **O desejo da nação**, 2013, p. 48. Necessário assinalar que Raul Pompeia teria se suicidado em razão das especulações acerca de sua sexualidade na imprensa carioca. Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida fez, inclusive referência ao suicídio de Raul Pompeia. Embora o mesmo fenômeno não fosse comum nas prisões, o autor defende que se tratava também de um sinal dos efeitos deletérios que a vida social poderia ter em espíritos mais sensíveis.

⁵⁰⁷ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898., p. 133

⁵⁰⁸ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 135

⁵⁰⁹ KRAFFT-EBING, **Psycopathia Sexualis**, 1894, p. 256-7.

O terreno no qual talvez Pinheiro e Krafft-Ebing apresentem um volume um pouco maior divergências era o das teorias da origem do androfilismo no gênero humano, das quais Pinheiro trata em um capítulo separado, após discutir as causas. Em primeiro lugar, aponta que, no Brasil, o androfilismo passivo era pelo menos tão comum quanto o ativo – discordando do pensamento de Krafft-Ebing neste aspecto⁵¹⁰. Creio que, em verdade, o ponto não era exatamente se este seria mais ou menos comum, mas sim que a penetração anal, no pensamento de Krafft-Ebing, não era condição *sine qua non* para um diagnóstico mais certo, como era para o autor brasileiro. Já tivemos a oportunidade de ver que ser penetrado, na concepção do autor da *Psycopathia Sexualis* era mais um aspecto revelador da ausência do sentimento moral do que de uma sexualidade anormal e mórbida.

Pinheiro concordava que o androfilismo tinha como causa uma predisposição hereditária agravada pela degeneração, com algumas ressalvas. Ele optou, portanto, por seguir a orientação de outro médico alemão – Albert Moll (1862-1939), autor de um dos primeiros estudos integralmente dedicados a discutir a homossexualidade, intitulado *A inversão do Instinto Genésico* (1891). Para Beachy, o texto de Moll terminou ficando eclipsado *a posteriori* pela difusão do trabalho de Krafft-Ebing, bem como do de Magnus Hirschfeld, embora à época fosse tão reconhecido quanto os outros dois. A diferença em relação a Krafft-Ebing era uma extensa pesquisa, quase etnográfica, acerca do cotidiano dos homossexuais em Berlim, em fins do século XIX. Por mais que Krafft-Ebing tenha tratado do tema na *Psycopathia Sexualis*, apenas incidentalmente ele se propõe a analisar em conjunto os hábitos, formas de pensar, modos de vida, formas de expressão, bailes, bares, locais para sexo anônimo, etc⁵¹¹.

Moll não estava convicto do aspecto congênito da inversão sexual em todos os casos de homossexuais – termo que ele utilizou com frequência, ao lado de uranismo. Para este autor, as teorias anteriores terminavam por se mostrar insuficientes na compreensão do instinto genital como uma realidade separada de outras funções psíquicas, estas presididas pela necessidade de sobrevivência e de reprodução da espécie. Assim, um indivíduo precisa se alimentar para sobreviver. Sente, naturalmente, a necessidade psíquica de o fazer; e os dentes desempenham um papel importante neste processo, como instância anatômica mais externa que permite a nutrição. Isto não impede que, em certos indivíduos, por diversas razões, apareçam anomalias

⁵¹⁰ PINHEIRO, *O Androfilismo*, 1898., p. 142.

⁵¹¹ BEACHY, *The German invention of homosexuality*, 2010, p. 821-2

nutricionais. O mesmo teria lugar no caso da inversão do sentido sexual. Reprodução e órgãos estão interligados pela função psíquica que expressa o instinto de reprodução; isto, naturalmente, ligaria os homens às mulheres, mas nem sempre era o caso; por vezes, surgiam anomalias. A modificação, na concepção do autor, estava nas atitudes sociais em torno dos atos homossexuais. Havia implicações morais, que levavam à ocultação por parte destes indivíduos, e inspiravam uma atitude marcada pela falta de compreensão e por silêncios. Para Moll, a efeminação, quando presente, era o sinal mais eloquente da presença da morbidez em sua forma congênita, como uma castração, onde havia a incapacidade para a relação erótica considerada como natural⁵¹². Pinheiro endossou as reflexões de Moll a esse respeito:

Na verdade, para compreender a inclinação androfilica, diz aquele Dr. [Moll], é preciso considerar o instinto genital, não como um phenomeno á parte entre as outras funções, mas como uma função psychica. em todo caso as modificações morbidas do instinto genital nos parecerão menos incompreensíveis, se admittirmos que quasi todas as outras funções psychicas ou physiques possam ser susceptíveis de modificações analogas⁵¹³.

Contudo, Pinheiro pensou esta questão destacando a necessidade da presença de outro indivíduo para a consecução do ato sexual, inclusive os que considerava anômalos. Portanto, não se poderia descurar da existência de um prisma social para esta sexualidade em particular⁵¹⁴. Não era meramente algo subjetivo, ou que se pudesse compreender sem associar o caso concreto com sua dissonância para a coletividade.

A causa última, porém, permaneceria um mistério para Pinheiro, ainda que considere muito precisas as reflexões acerca do tema feitas pela Psiquiatria germânica do período. Não havia uma resposta que enquadrasse todas as ocorrências deste tipo de amor, apenas um rol de corpos passíveis de serem analisados, de cujas características de extraíam repercussões gerais de maneira a poder apontar aquilo que se entendia como perversão.

⁵¹² MOLL, Albert. **Les perversions de l'instinct genital**. Etude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels. 7ª Edição. Paris: Georges Carré, 1897, p. 236.

⁵¹³ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 151

⁵¹⁴ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 155

5.2. DIAGNÓSTICOS, PROFILAXIAS, TERAPÊUTICAS

Do ponto de vista dos diagnósticos, prognósticos e terapêuticas, o pensamento de Krafft-Ebing e de Domingos Firmino Pinheiro é muito próximo. Ainda assim, as distinções, apesar de pontuais, ajudam a compreender melhor o tipo de seleção feita pelo estudante da FAMEB. Tanto o psiquiatra alemão como o brasileiro destacam a importância e dificuldade de se chegar propriamente a um tratamento ou a um diagnóstico. Era, também, importante separar os casos congênitos dos casos adquiridos. Cada modalidade deveria receber um conjunto de procedimentos que lhe era próprio:

A distinção diagnóstica da condição adquirida ou congênita é feita sem dificuldades nos estágios iniciais da anomalia. Se a inversão sexual já se instalou, então a história do desenvolvimento do caso jogará alguma luz sobre isto. A decisão importante, em termos de prognóstico, é se o instinto sexual contrário é congênito ou adquirido, pode apenas ser feita nestes casos pelos meios mais detalhados da história. [...] Para a presunção de instinto sexual contrário adquirido, é importante provar a existência de instinto heterossexual antes do onanismo solitário ou mútuo⁵¹⁵.

Fechar o diagnóstico era algo sempre difícil porque os ditos doentes “negam obstinadamente as questões que lhe são apresentadas no referente á prática de semelhante acto ignominioso”. Seria preciso, portanto, recorrer a outros elementos, paradoxalmente mais subjetivos, para efetivamente determinar a presença do androfilismo – inclusive, criando um ambiente propício para a confissão garantindo até que seria vítima inocente de uma “doença” passível de ser tratada. Este expediente – a vigilância a aspectos os mais comezinhos – era provavelmente muito mais necessário a Pinheiro do que para Afrânio Peixoto e Manuel Bernardo Calmun du Pin e Almeida. O contexto em que estes últimos tiveram contato com a homossexualidade foi, sobretudo, prisional. Pinheiro, por outro lado, teria recebido muitos relatos fora do contexto prisional e clínico. Alguns são de primeira mão, outros são por ouvir falar, o que torna seu quadro mais fragmentado⁵¹⁶.

⁵¹⁵ KRAFFT-EBING, *Psycopathia Sexualis*, 1894, p. 319. Tradução minha. Original: The diagnostic differentiation of the acquired from the congenital condition is made without difficulty in the early stages of the anomaly. If sexual inversion has already taken place, then the history of the development of the case will throw light upon it. The important decision, prognostically, as to whether the contrary sexual instinct is congenital or acquired, can only be made in such cases by means history. [...] For the presumption of acquired contrary sexual instinct, it is important to prove the existence of hetero-sexual instinct before the beginning of solitary or mutual onanism.

⁵¹⁶ PINHEIRO, *O Androfilismo*, 1898, p. 76. O autor chama estas testemunhas de “abelhudos”.

Mas ele também se distinguia de Krafft-Ebing. Pinheiro foi muito mais seletivo na sua descrição do androfilismo. Poucas vezes cedeu espaço para uma transcrição direta dos entrevistados, preferindo, em lugar disso, descrever em seus termos o fenômeno. Em muitos momentos, não disfarçava o desprezo que sentia pelos androfilistas:

De feito para o androfilista os segredos de sua vida sexual confessar, é mister que o medico categoricamente affirme a sua irresponsabilidade, a injustiça de lhe tacharem de infame e de imoral; asseverar que tudo quando soffre o doente é o producto de uma enfermidade, de um estado morbido grave, mas perfeitamente curavel com as indicações fornecidas pelo medico⁵¹⁷.

A intenção não é a de elogiar a atitude de um ou outro estudioso. Trata-se de apontar, isso sim, uma descontinuidade na abordagem de ambos, evidenciando o processo de seleção que o segundo fez das reflexões do primeiro, e os valores que informam esta medição. Mais do que um repetidor, Pinheiro tinha em mente outros dilemas e problemas, próprios do Brasil de fins do século XIX. E, sem a criminalização explícita, era preciso, como já exaustivamente mencionado, construir em outras bases a barreira do que era considerado como normalidade no período.

As linhas gerais do tratamento terapêutico, para Pinheiro, seguiam as indicações de Krafft-Ebing: era preciso prevenir o onanismo, combater e curar as neuroses que acometiam o doente concomitantemente, por meio de medidas higiênicas de variada ordem; e adotar o tratamento mental que permitisse combater o sentimento homossexual, encorajando, quando existente, o heterossexual. A isto, ele acrescentava uma dieta com abstinência de bebidas excitantes e a hidroterapia⁵¹⁸. Pinheiro aplicou algumas destas orientações no caso de um androfilista ativo de vinte anos, empregado do comércio na Cidade da Bahia, ordenando o uso de banhos frios, uma dieta restrita que o teriam levado, ao fim de 45 dias, a conseguir desenvolver o sentimento sexual para mulheres⁵¹⁹.

O tratamento mental, por sua vez, se desdobrava em outro tipo de intervenção: as sugestões hipnóticas. Krafft-Ebing trazia em seu livro alguns casos de hipnose feita por terceiros, que teriam sido bem-sucedidas – a auto hipnose, diz o autor, não funcionava dada a intensidade do sentimento sexual contrário. A sugestão deveria ir no

⁵¹⁷ PINHEIRO, **O Androfilismo**, 1898, p. 166

⁵¹⁸ PINHEIRO, **O Androfilismo**, 1898, p.

⁵¹⁹ PINHEIRO, **O Androfilismo**, 1898, p. 175-6

sentido de remover o impulso para a masturbação e para atos e sentimentos homossexuais, enquanto se encorajaria o sentimento heterossexual e o da virilidade⁵²⁰.

Pinheiro não parece ter feito uso deste tipo de estratégia, mas a endossou em sua tese: “De acordo com a terapia moral, o tratamento psychico mais preconizado para combater os sentimentos, as idéias e as impulsões homosexuaes e fazer nascer a inclinação sexual para a mulher é a sugestão hypnotica”⁵²¹. Cumpre apontar que apenas este trabalho defendia a sugestão hipnótica como forma de intervenção no desejo por pessoas do mesmo gênero. Peixoto, por considerar o instinto sexual contrário como uma das variedades de estigmas degenerativos na linha de Magnan, passíveis de ocorrer em pacientes epiléticos, parece ter alimentado reservas acerca da aplicação da hipnose. Na única observação na qual citou esta terapêutica não obteve resultado⁵²². Almeida, por outro lado, não concluiu sua tese – mas acho lícito supor que esta não seria uma preocupação. E, na introdução, vimos de que forma a hipnose foi utilizada por Nina Rodrigues, mas como ferramenta de confissão de algo mais profundo. Qualquer que seja o uso proposto nos três casos – Rodrigues, Peixoto e Pinheiro – havia diferença significativa ante a proposta dos finalistas do curso médico de meados do século XIX, que pretendiam combater a homossexualidade de colegas com conselhos enérgicos e vigilância.

As teses sobre hipnose sustentadas na Faculdade de Medicina da Bahia apresentam uma extensa discussão sobre as variedades de técnica e suas aplicações terapêuticas. Mas apenas em dois momentos se aproximam do domínio da sexualidade. Na tese de Virgílio Lopes de Mendonça, *Hipnotismo e Sugestão*, recomendou-se a utilização em casos de onanismo e de “maós intinctos” – em consonância com as observações do médico Auguste Voisin:

Quanto as reincidencia, elle compromette-se a citar um trabalho que prova que ellas são menos frequentes depois da suggestão hypnotica do que depois dos outros methodos de tratamento. Finalisa admittindo que uma parte do successos obtidos pelos medicamentos deve ser imputada á suggestão [...] Além destas discussões, apresentamos em seguida o resultado das observações clinicas de alguns medicos notáveis. Dividimos a apresença em quatro partes: I - moléstias nervosas. Hysteria; o r. Augusto Voisin, médico da Salpêtrière, obteve 3 casos de cura; [...] onanismo - Voisin, 2; Perversidade mental, máos instinctos - Voisin, 2⁵²³.

⁵²⁰ KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*, 1894, p. 324

⁵²¹ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 184

⁵²² PEIXOTO, *Degenerados Criminosos*, 1895., p. 38

⁵²³ MENDONÇA, Virgílio. *Do hypnotismo e seu valor therapeutico*. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1889, p. 55

É muito significativo que este autor aponte a utilidade deste uso contra o onanismo, e é sugestivo que tenha falado de “perversidade mental e maos instintos”. É uma pena que não tenha se aprofundado nesta questão. Afinal, um pouco antes, comentando sobre os limites da sugestão hipnótica, ele argumentou que o hipnotizado saberia o gênero de quem tocava seu corpo: “(...) coisa especial, estas sensações só poder ser provocadas n'uma mulher por um homem, havendo impressão desagradável quando provocada por outra mulher”⁵²⁴. Alfredo de Magalhães, na tese também intitulada *Hypnotismo e Sugestão* vai na mesma direção, citando o trabalho de Berrillón sobre o uso da hipnose para impedir o onanismo em crianças:

Quanto ás molestias nervosas das crianças, Berillon diz ter tirado excellentes resultados da suggestão em casos de incotinencia nocturna de urina (22), incotinencia diurna e nocturna de materaes fecaes (2), blepharospasmo (2), onanismo irresistivel (4), choréa (12), gagueira (3)⁵²⁵.

A hipnose como terapêutica das sexualidades rebeldes encontrou eco em outros trabalhos que tinham por objeto a discussão acerca de sexualidades dissidentes. O do médico carioca José Ricardo Pires de Almeida, intitulado *Homossexualismo – A libertinagem no Rio de Janeiro* (1906), a recomendava entre outros tratamentos, como argumentou João Silvério Trevisan:

Assim, “por meio do magnetismo e da sugestão”, devia-se dirigir a atenção do pederasta “para a beleza das formas femininas [...] e obrigá-lo à leitura de obras românticas em que tais belezas despertem as paixões tumultuosas”. Caso nada disso funcionasse, “não se hesitará até diante de certos subterfúgios [...], tal como o de provocar o coito do invertido com mulheres vestidas de homem ou mesmo obrigá-lo a pernoitar com mulheres completamente nuas, ainda que não as goze”. Para as mulheres homossexuais, seria usado recurso semelhante: exortação “meiga e convincente”, quando seu espírito for dócil, ou “linguagem áspera e dura”, quando se tratar de uma revoltada — até o ponto de ameaçá-la com o asco e o desprezo “que merecem os monstros”. Simultaneamente a esse processo persuasivo, era aconselhado o uso da dissuasão via hipnose, para “incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade”, através de sessões continuadas, que poderiam variar de trinta a cem. Ao final do tratamento, dirigir-se-ia a “apetência sexual” do invertido “para as carícias do outro sexo” — fisicamente, frisava ele⁵²⁶.

⁵²⁴ MENDONÇA, Virgílio, *Do hypnotismo e seu valor therapeutico*, 1889, p. 31

⁵²⁵ MAGALHÃES, Alfredo. *O hypnotismo e a Sugestão*. Suas applicações á clinica. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1891, p. 99

⁵²⁶ TREVISAN, *Devassos no Paraíso*, 2011, p. 180-1

Parece que estes autores pensavam determinadas questões de ordem sexual ou performativas de gênero como elementos moldáveis do ponto de vista da sugestão hipnótica, ainda que isto implicasse uma completa disjunção entre o nível dos desejos e afetos, as múltiplas possibilidades de jogos de corpo, por um lado; e a forma com que a sociedade desenhava expectativas acerca destas subjetividades. Separadas por um curto intervalo de tempo, o texto do médico carioca e do médico alagoano comungam de um mesmo objetivo: estabelecer de forma eloquente a fronteira de uma normalidade.

A utilização da hipnose a título de tratamento para a homossexualidade se estendeu pelo século XX afora em várias partes do mundo. Cleber Michel Ribeiro de Macedo e Horácio Federico Sívori argumentam que o seu uso passou a ser associado com outras formas de intervenção, inclusive físicas. Castrações químicas, vasectomias, injeções hormonais, esterilizações, para ficar em algumas, foram utilizadas em conjunto com intervenções psicológicas⁵²⁷.

Antes de passar à análise das experiências que os autores dão a ver por meio das observações empíricas, cumpre apontar algumas coisas. Primeiro, ficou evidenciado que as formas de denominar o amor entre homens eram múltiplas, nem sempre tendo por base categorias necessariamente médicas, mas que passam a ganhar um sentido mórbido quer nos textos que os estudantes liam, quer nas próprias teses de doutoramento. Segundo, os debates longos acerca de teorias de origem patogênica, ou dos efeitos deletérios da hereditariedade podem sugerir certo afastamento entre os estudantes da FAMEB e seus temas de estudo. Mas é preciso compreender que estes conceitos e noções eram interpretados e descritos ao abrigo de outros critérios, socialmente compartilhados. Pinheiro os denominou de semióticos: “Contudo, o modo de locomover-se o doente, o olhar, a maneira de se conservar em pé ou sentado, o aspecto, os gestos indecentes e effeminados, a apreciação do gosto, um ‘não sei o que’ decide seguramente o diagnóstico”. O fragmento põe a descoberto os vieses e valores que interpretariam os sujeitos e que faziam deles passíveis de explicação e designação. Criase um nexos diferente daquele do uso de termos gerais, tais como perversão genital, libertinagem, ou vício, que parecem sugerir tudo sem nada exhibir. O desejo aparece de forma mais fixada. Se a homossexualidade poderia ser natural, não deixaria de ser lida como o fruto anômalo e potencialmente perverso de alguns corpos. Assim, no breve

⁵²⁷ MACEDO, Cleber Michel Ribeiro de; SÍVORI, Horacio Federico. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de "psicólogos cristãos" brasileiros no século XXI. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 4, 2018, p. 1419.

jogo de olhar entre paciente e médico, que antecedia e alimentava a confissão clínica, a Psiquiatria e as codificações sociais ajudaram a delinear e nomear a fronteira da normalidade; a partir delas, se fazia mais nítido, também no campo da moralidade sexual, as formas de exclusão na Bahia e no Brasil de fins dos Oitocentos.

CAPÍTULO 4 – OS DESERDADOS DA NATUREZA MADRASTA: CORPOS REBELDES, PARADOXOS DA NORMA E VISLUMBRES DE RESISTÊNCIA

A documentação médica tem o condão de apontar as formas pelas quais segmentos da sociedade nomeiam, criam, classificam, organizam e dispõem corpos. Donna Haraway, no seu *Manifesto Ciborgue*, teceu algumas considerações importantes acerca dos sentidos de um processo classificatório similar, que designou como taxonomia, no qual identificou também o processo de re-inscrição de corpos na história – portanto, a partir de uma seleção de alguns elementos em detrimentos de outros, capaz de sugerir uma coerência. Considero que esta é uma chave para refletir acerca das teses de medicina enfocadas aqui. Ao taxonomizarem, elas procuraram criar uma forma de saber sobre determinados corpos a partir de uma leitura restrita das experiências de outros, e capturando prazeres tidos como subversivos⁵²⁸. As teses indicariam, ao lidar com as formas de abjeção, as formas de não-ser, o limite; até onde seria possível ir, mantendo a masculinidade intacta:

Assim, construindo o abjeto, isso é, aquilo que não pode ser, em última análise ocorre a construção daquilo que é, do que pode ser, do que se deseja ser ou se aspira ser, inclusive em termos de lícito e ilícito. Esse é o sentido do deboche e das sátiras, abundantes na época, sobre efeminados, pederastas e sodomitas: marcar o limite de impossibilidade ou, ao menos, até onde era possível ir mantendo sua masculinidade, honradez, imagem pública, intactas⁵²⁹.

Retomando nesta chave o texto de Evans-Pritchard, analisado no capítulo anterior, trata-se de perceber a relação intrínseca entre formas institucionais e práticas sociais múltiplas e cambiantes, seu processo de recorte, organização, a maneira de serem dadas a ler em determinados contextos. Tomemos o exemplo da observação de Elias da Rocha Barros, tirada de Charcot e Magnan: apenas uma parte dela foi transcrita no texto, implicando um processo de seleção. Para demonstrar o argumento, Barros considerou que não era preciso ir mais além do que as linhas que foram transcritas. Conectadas a esta camada, existem outras experiências.

⁵²⁸ HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto. Science, technology, and socialist-feminist in the late twentieth century. In: BELL, David; KENNEDY, Barbara M. **The cybercultures reader**. London, New York, Routledge, 2000, p. 296-99. Importante salientar Haraway não foi a única a trabalhar com este conceito

⁵²⁹ SILVA, A *Captura do Prazer*, 2015, p. 30

Os doutorandos calcavam seus estudos num conjunto de observações empíricas. Algumas são casos clínicos analisados pelos estudantes em sentido estrito, outros são observações em segunda ou terceira mão, retiradas da bibliografia que consultavam, bem como casos por ouvir falar, em relação aos quais se arriscava um diagnóstico – frequentemente sem muitas informações acerca dos antecedentes hereditários, estigmas físicos etc. Este parece ser o caso de grande parte das observações de Pinheiro. Mas o denominador comum era o de trazer para a escala do indivíduo a extensa trama e arquitetura conceitual dos saberes. Num sistema de vasos comunicantes, os problemas da coletividade e do indivíduo se correspondem mutuamente.

E é nesta instância em que se evidenciam as insuficiências, os limites e as contradições de saberes que tentam controlar determinados corpos. Em suma, as representações sociais acerca de determinados corpos dissidentes, de androphilistas, homossexuais e pederastas foram um palco inquieto, no qual se evidenciam tanto as normas, valores e hierarquias, como as insuficiências e incoerências discursivas. Longe de ser um dado natural que se acessaria sem mediações, pretendo tentar compreendê-lo como lugar de disputas.

A proposta deste capítulo, portanto, é tentar ler as descrições de maneira conjunta, indicando as aproximações e continuidades de leitura entre os intelectuais citados e os autores das teses, bem como deles entre si. Neste sentido, a análise passa por separar os trabalhos de Peixoto e Almeida, que tratam do âmbito prisional, das observações de Pinheiro, que trabalha num contexto em que não havia uma necessária associação com o crime. Nestas últimas, a disputa entre experiência e subjetividade terminam por desvelar a dimensão do cotidiano e de certas astúcias de corpos que, para além de dissidentes, eram rebeldes.

1. AFRÂNIO PEIXOTO E MANOEL BERNARDO CALMON DU PIN E ALMEIDA: O CONTEXTO PRISIONAL

As teses de Peixoto, *Epilepsia e Crime* (1897), e de Almeida, *Degenerados Criminosos* (1898) já nos títulos não deixam ao leitor a menor dúvida em relação ao recorte. Nenhum dos dois autores está pretendendo fazer uma análise do quadro mórbido sem pensar em termos de repercussões criminais, e tendo sempre em vista o problema da responsabilidade criminal desses sujeitos. A tese de Peixoto tece um diálogo mais calcado na etiologia, isto é, nas múltiplas causas que produziriam o

aparecimento de um quadro epiléptico. E, como sintoma desse quadro mórbido, a pederastia ativa e passiva, o onanismo, o onanismo bucal poderiam ter lugar. O ambiente, na obra do autor, é problemático, se bem que o mal comicial seria intrínseco ao degenerado e, em certa medida, capaz de ser deflagrado por coisas muito comezinhas; os estigmas sexuais sinalizariam sua proximidade. Para Almeida, o ambiente carcerário baiano, enquanto tal, teria um papel mais saliente como deflagrador de “relações homo-sexuaes”⁵³⁰.

Importa destacar, também, que nos textos médicos havia críticas ao espaço prisional, sob o viés de que não correspondia nem ao papel de defesa da sociedade, nem ao de regeneração⁵³¹. Regenerar implicaria a submissão por meio da inculcação de uma lógica do trabalho e de combate ao ócio:

Mas elemento principal para serias modificações nas prisões da Bahia e o criminoso da ociosidade em que jaz, forçal-o ao trabalho, acostumal-o a lucta pela existencia, tratar de combater todas as causas que possam ainda mais depauperar-lhe o organismo. Não se encerrem criminosos para que elles fiquem em uma ociosidade, degenerando-se mais a mais, gerando vicios e fructificando mais a escala do Crime. Premunindo-nos dos males de que os criminosos podem affectar a sociedade, devemos reprimir os crimes, curando os doentes, tirando esta força que impelle o criminoso a attentar contra as nossas leis.⁵³²

Embutidos nos sentidos desta observação de Almeida estavam os valores da sociedade que, como já vimos, no contexto do final do século XIX, estava preocupada com a manutenção de laços de subalternidade ante uma população agora livre. Neste sentido, a Penitenciária poderia ser interpretada como um daqueles espaços que Butler designava como abjetos, as zonas da vida social que eram invivíveis e caracterizadas pela ausência de corpos que pudessem ser considerados como normas e sujeitos de direitos – mas, igualmente, zonas nas quais se ameaçava a integridade dos que eram conformes com as normas desta própria sociedade⁵³³.

No total, são sete as observações empíricas em que este tema aparece, como se pode ver no quadro abaixo. Em conjunto, elas apontam para elementos que poderiam

⁵³⁰ ALMEIDA, Degenerados Criminosos, 1897, p. 42.

⁵³¹ OLIVEIRA, Henrique Silva de. *“Os gatunos agem à vontade”*: Polícia, ciência e indentificação criminal em Salvador (1911-1922). 2020. Dissertação (Mestrado em História Social). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020. p. 103

⁵³² ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 112

⁵³³ BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Os limites discursivos do sexo. São Paulo: Crocodilo, 2019, p. 22 e 50.

compor uma espécie de perfil no qual a homossexualidade era uma forma de degeneração que estaria ligada ao crime.

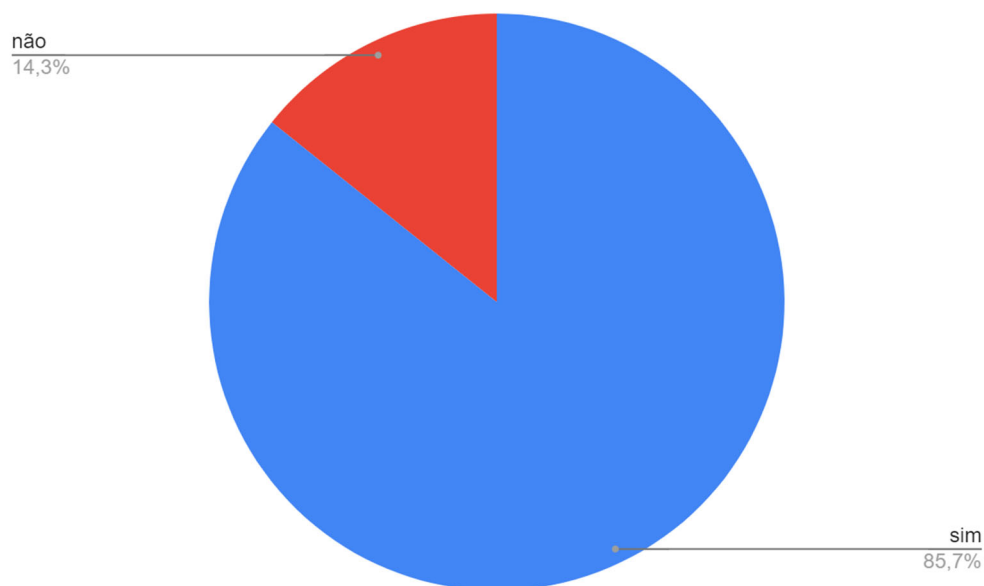
QUADRO 7 – Observações empíricas de Peixoto e Almeida:

Nome	Ano	Idade	Autor da tese	Nome da tese
Hygino José dos Santos	1897	25	Afrânio Peixoto	Epilepsia e Crime
Antônio Gregório de Oliveira	1897	n.i. ⁵³⁴	Afrânio Peixoto	Epilepsia e Crime
Domingos Alves Ferreira	1897	18	Afrânio Peixoto	Epilepsia e Crime
Candido Manoel Dos Santos	1898	n.i.	Manoel BCP Almeida	Degenerados Criminosos
Angelo Baptista Ferreira	1898	55	Manoel BCP Almeida	Degenerados Criminosos
Ignacio Jose da Silva	1898	19	Manoel BCP Almeida	Degenerados Criminosos
José da Costa Pinto	1898	28	Manoel BCP Almeida	Degenerados Criminosos

Fonte: ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898, p. 117-130; PEIXOTO, **Epilepsia e Crime**, 1897, p. 154-156.

É importante salientar, uma vez mais, que o fator hereditariedade é muito significativo nesses trabalhos. Das sete observações, apenas uma não faz referência explícita à presença de antecedentes que pudessem sugerir este componente no surgimento de condutas criminosas, como se pode ver no gráfico que segue:

⁵³⁴ n.i. = não informada.

GRÁFICO 5 – Prevalência do conceito de degeneração hereditária

Fonte: ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898, p. 117-130; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897, p. 154-156

A observação de Hygino José dos Santos foi repetida pelos dois autores, e, por isto, foi contabilizada uma só vez. Não há grande diferença na descrição das duas. Da mesma maneira, a de Ignacio José da Silva foi também citada rapidamente por Nina Rodrigues, mas ela se desdobra um pouco mais na obra de Peixoto e de Almeida, como veremos um pouco mais à frente. A hereditariedade era o tema no qual a relação entre homossexualidade e raça se mostraria mais presente.

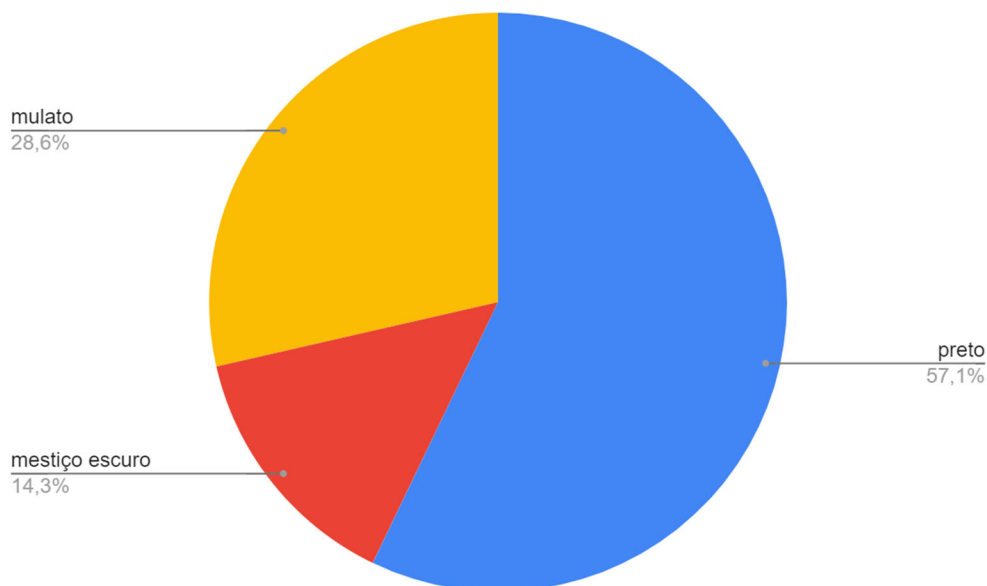
1.1. UM PERFIL RACIALIZADO

Do ponto de vista racial, há uma maior prevalência de indivíduos mestiços e negros entre aqueles que tinham relações erótico-afetivas com outros homens. É lícito supor que isto se deva tanto à criação de um aparato repressivo com um nítido conteúdo racializado, quanto ao viés de interpretação dos médicos baianos. Lembra Iraneidson Costa que, no final do século XIX, na esteira do pós-abolição e sob os auspícios da Medicina Legal, organizou-se um conjunto de sinais que eram organizados como uma tipologia deliquencial destinada a produzir a discriminação⁵³⁵. Já Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida escreveu, em sua tese: “1ª - Os criminosos bahianos são em

⁵³⁵ COSTA, **A Bahia já deu régua e compasso**, 1997, p. 58

sua maioria degenerados, em virtude do mestiçamento e de outras causas que têm influencia para a produção do crime”⁵³⁶.

GRÁFICO 6 – Prevalência de cor/raça em Almeida e Pinheiro



Fonte: ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898, p. 117-130; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897, p. 154-156

Utilizando a classificação de Nina Rodrigues, em *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, obra que foi citada por Almeida e por Peixoto, pode-se explorar um pouco melhor os sentidos da categorização acima. Para Nina Rodrigues, os mulatos eram o produto do cruzamento de brancos e negros, e se subdividiam em duas subcategorias: os claros, com o retorno para a raça branca; e os escuros, nos quais ocorreria o fenômeno inverso, de retorno à raça negra⁵³⁷, e em que o elemento negativo seria não somente esperado como mais comum. No caso das observações, um deles era o já citado Ignácio José da Silva, e Nina Rodrigues detalhou mais esta questão – ele, “apesar de muito claro, tem caracteres inferiores muito acentuados”⁵³⁸. Não é desarrazoado supor que, na ausência de elementos anatômicos mais eloquentes, a homossexualidade teria servido para comprovar a existência de caracteres inferiores. De Angelo Batista Ferreira, por sua vez, não existem maiores informações além da citada.

⁵³⁶ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1897, p. 92

⁵³⁷ NINA RODRIGUES, **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**, 2007, p. 60

⁵³⁸ NINA RODRIGUES, **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**, 2007, p. 136.

Mestiço escuro foi a classificação de Domingos Alves Ferreira, na tese de Afrânio Peixoto, também sem maior especificação.

A respeito da homossexualidade em contexto carcerário, Claudia Trindade comentou que as prisões deveriam refletir os valores da sociedade. Neste sentido, a autora acredita que era um comportamento que não gozaria de muita aceitação entre os apenados, em que pese, até o momento de sua pesquisa (2009), não tenha encontrado casos de relacionamentos entre presos, salvo o citado no livro de Nina Rodrigues que já foi analisado na introdução⁵³⁹. As teses aqui permitem observar um quadro mais nuançado. Desdobrando a estratégia da autora, de fato não é possível tecer maiores comentários a propósito de relações erótico-afetivas no cotidiano prisional. Algumas características, contudo, podem ser inferidas a partir de outros espaços. Jocélio Telles dos Santos, em seu artigo sobre indumentária, travestimento e sexualidade na Cidade da Bahia, comentou sobre indivíduos descritos como afeminados e pederastas na imprensa baiana. Um deles, estudante de um colégio, ia para escola com toalete feita, maquiado com pó de arroz e escova de dentes nos bolsos⁵⁴⁰. O editor d'*O Alabama* comentou muito ironicamente acerca deste indivíduo. Isto não ocorreu, porém, em outro caso relatado no mesmo jornal alguns anos antes, envolvendo dois meninos escravizados:

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Chamamos atenção de S.S. para um insolente e incorrigivel moleque de nome Horacio, escravo, morador à Fonte das Pedras, o qual seduz meninos para fins libidinosos de parceria com um outro, tambem escravo, de nome Cosme, alem de muitas outras immoralidades que poem em pratica; e si alguma pessoa tracta de desviar os pobres innocentes incautos, expõe-se aos maiores insultos destes dous desemfreados. Em vista pois do exposto, espera de S.S. providencias a respeito⁵⁴¹.

Ora, estes corpos, do afeminado anônimo e dos jovens Cosme e Horácio, explicitamente nomeados, não podem ser lidos dentro da mesma chave. Se a infâmia da pederastia ou da efeminação não era um estigma fácil de carregar, a potencialização dada pela condição de escravizado com práticas erótico-afetivas fora da norma parece implicar uma punição mais dura; afinal, o editor do jornal pediu a intervenção do senhor chefe de polícia⁵⁴². A busca de punição, aqui, é fruto do encontro entre raça, a condição de cativo, e sexualidade.

⁵³⁹ TRINDADE, Claudia de Moraes. Para além da ordem: o cotidiano prisional da Bahia oitocentista a partir da correspondência de presos. *História (São Paulo)*, n. 28(2), 2019, p.418, nota 70.

⁵⁴⁰ SANTOS, Incorrigíveis, Afeminados e desemfreados, 1997, p. 163.

⁵⁴¹ *O ALABAMA*. Periodico Critico e Chistoso. a. 5, n. 218, 18 de junho de 1867, Typ. de Marques, Artistides e c, p. 4. Mantive a caixa alta do original.

⁵⁴² SANTOS, Incorrigíveis, Afeminados e desemfreados, 1997, p. 159-160.

As implicações das velhas hierarquias senhoriais no campo das sexualidades, diz João Gomes Júnior, não foram deixadas de lado com o advento da República. O autor lembra que a rubrica penal do crime de vadiagem foi utilizada para criminalizar uma população diversa, formada por pessoas pobres na cidade moderna que o Rio de Janeiro desejava se tornar no começo da República. Nesta (expressiva) fração das ‘classes perigosas’, para utilizar a terminologia de Sidney Chalhoub, Gomes Júnior encontrou trabalhadores muito jovens que sobreviviam em condições precárias, inclusive por meio da prostituição:

E os meninos negros, juntamente aos meninos brancos e pobres, constituíam parte considerável dessas classes: roubando, se prostituindo e vendendo o que pudessem para poder viver (ou sobreviver). Perpetuavam nas ruas o abandono familiar e social e quase sempre acabavam recolhidos pela polícia e encaminhados para instituições de controle que privavam a sua liberdade até que completassem certa idade e visavam o disciplinamento ou, em última instância, a cura de seus corpos⁵⁴³.

Novamente, ficam evidenciados os atravessamentos de experiências de classe, raça e sexualidade. No capítulo anterior, vimos como Aurelino Leal falava duramente da perigosa infância desvalida. Armados de faca e pistola, ébrios, “quasi sempre viciados todos na pederastia”⁵⁴⁴, eram entendidos por setores reformistas da elite brasileira como um empecilho para o desenvolvimento do país. Parece, portanto, indispensável pensar dentro desta chave afirmações como as de João Froés, em seu artigo sobre a punições aos que se entregavam aos relacionamentos erótico afetivos entre homens:

Entre os actos immoraes commettidos contra individuos do mesmo sexo salienta-se a pederastia em duas manifestações (immissio penis in anum) porque é a ella que se referem especialmente os codigos dos paizes mais adiantados. O codigo brasileiro segue de perto a legislação italiana, restringindo a acção do individuo a acção do artigo 60, applicavel sómente nos casos em que acompanham violencias ou ameaças ou quando o individuo violentado é de menor idade⁵⁴⁵.

É razoável pensar que, se não havia distinção na letra da lei, existiam alvos preferenciais de sua aplicação. As reflexões de Gomes Júnior permitem também contextualizar melhor observações como as de Almeida e de Peixoto. A dinâmica do Brasil urbano, quer no Rio de Janeiro quer em Salvador, envolvia a exclusão de grandes parcelas da população. Esse grupo era tido como incivilizado, doente, anti-higiênico e,

⁵⁴³ GOMES JÚNIOR, *Sobre frescos e bagaxas*, 2017, p. 130.

⁵⁴⁴ LEAL, *Germens do Crime*, 1894, p. 298.

⁵⁴⁵ FROÉS, *Da vida sexual mórbida*, 1897, p. 96

também, dotado de uma sexualidade anômala. No caso das observações de Afrânio Peixoto, contudo, esta relação era explícita em uma de suas observações: Hygino José dos Santos, preto, natural do Ceará era epilético e havia sido recolhido várias vezes as penitenciárias da Bahia por roubo, espancamento, gatunice – mas, também, por vadiagem. Era ‘pederasta ativo’, ‘praticava a zoofilia’ e se masturbava. Seria, pois, um representante típico de uma determinada forma de caráter:

É um typico exemplo do character epileptico; em curto praso, conforme o guie seu mal, é de uma covardia e baixeza verdadeiramente repellentes, ou da ousadia e coragem mais atrevidas. nas proximidades de suas crises é rixoso, provocador, pervertido, praticando gatunices e espancamentos⁵⁴⁶.

Hygino expressaria um caráter considerado como degenerado, no qual se interligariam epilepsia, sexualidade rebelde e vadiagem. Cumpre notar que, apesar de ter sido citado por Almeida, ele não trata da vida sexual de Hygino, em que pese provavelmente tivesse tido acesso a ele ao mesmo tempo que Peixoto, dado que os dois estudantes eram amigos. Creio que a razão desta imprecisão está no fato de que Almeida não finalizou sua tese. O ponto fundamental, porém, está em perceber outro elemento. Epilético, negro, rixoso, provocando brigas de toda a ordem, Hygino seria um exemplar de duas coisas. Henrique Oliveira argumentou que, a partir da segunda metade do século XIX, houve um incremento de ações repressivas contra uma população liberta e livre. A vadiagem, associada ao ócio e a uma espécie de etapa prévia do crime, também conduzia ao encarceramento⁵⁴⁷. Seria um exemplar daqueles que o médico Bombarda denominou como deserdados pela natureza madrasta⁵⁴⁸. A sexualidade anômala, aqui, apontava para um determinado lugar social.

1.2. EFEMINAÇÃO, PASSIVIDADE E PLASTICIDADE LIBIDINOSA

A relação entre comportamento efeminado e relações erótico-afetivas entre homens, além disso, era algo presente na documentação médica da FAMEB pelo menos desde os anos 1850. Neste momento, como uma atitude deletéria típica dos libertinos e com graves riscos para a saúde:

⁵⁴⁶ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1898, , p. 154-5.

⁵⁴⁷ OLIVEIRA, ‘Os gatunos agem a vontade’, 2020, p. 21-4.

⁵⁴⁸ BOMBARDA, Miguel. *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*, 1896, p. 74

A efeminação foi enquadrada como um perigo que palmilhava o caminho para a decadência precoce e/ou para a morte, especialmente pelo contágio da tuberculose ou da sífilis. A menção ao mal do século como consequência das libertinagens de sujeitos desvirilizados permite compreender a dimensão social dos riscos associados às ações inadequadas desses homens. A sífilis não era uma referência literária, e seu prenúncio não se traduzia em artifício retórico. Ela era uma ameaça palpável, motivo de inquietação na sociedade brasileira de então, já que poderia penetrar insidiosamente em lugares que deveriam ser protegidos. Neste sentido, a efeminação foi apropriada pelos médicos na seguinte chave: era uma performance de gênero inadequada e, como tal, um indício significativo do risco silencioso da sífilis para as famílias⁵⁴⁹.

Da mesma maneira, várias outras formulações, como a de Ulrichs e a de Westphal, deram à feminilidade um papel importante na determinação de um quadro de uranismo e da inversão sexual. O que pode ser observado nas teses dos anos 1890 é um quadro um tanto mais nuançado. Peixoto, por exemplo, foi reticente neste aspecto. Para este autor, parece que a efeminação figuraria como um sinal da epilepsia, na medida em que poderia sinalizar uma abdicação da dignidade viril – caso de Júlio César, chamado de rainha da Bitínia pelo caso amoroso que teria tido com Nicomedes⁵⁵⁰. Por outro lado, um dos autores citados por ele, o médico luso Miguel Bombarda, enfatizou muito a efeminação como algo significativo. Para este autor, a feminilidade seria uma variação do tipo humano normal – o varonil. Haveria, dentro da normalidade, pouco espaço para variações individuais em elementos constitutivos que seriam muito arraigados:

A feminilidade é uma variação do typo humano legitimo, o typo varonil; é uma variação de longa data, fundamente arraigada, e sobre variações profundas tem as variações individuaes menos facil presa que sobre os typos d'onde ellas provieram. No cavallo, póde-se observar a zebragem; na mula nunca tal foi verificado. O albinismo produz-se com certa frequencia no negro; não sei que se tenha vista no mulato⁵⁵¹.

A concepção de gênero de Bombarda é marcada pela hierarquia. A feminilidade seria, em si, desviante, ainda que complementar. É importante salientar, entretanto, que este não seria o caso em variações dadas pela degeneração. Nessas, a efeminação seria um elemento da convergência mórbida entre caracteres sexuais secundários e a epilepsia:

É claro que esta observação não abrange variações atavicas para o typo mais immediato. E é assim que eu interpreto o facto apontado por Tonini da tendencia na mulher e no homem epilpeticos, n'aquella sobretudo, para a convergencia dos caracteres sexuaes de ordem secundaria. O homem, por

⁵⁴⁹ SILVA, *A captura do Prazer*, 2015, p. 55-6

⁵⁵⁰ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1898, p. 192-3.

⁵⁵¹ BOMBARDA, *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*, 1896, p. 168

degenerescencia, effemina-se; a mulher, por atavismo – igualmente degenerativo – tende a virilizar-se⁵⁵².

Quem se aproveitou mais desta relação para a construção do argumento foi Manuel Calmon du Pin e Almeida⁵⁵³. Para o estudante baiano, efeminação e homossexualidade eram fatores que indicariam a existência de uma conformação degenerada e tendente ao crime. Endossou a ideia de que se trataria de uma variação de um tipo humano legítimo:

Entre as formas de perversão morbida sexual as que mais se encontram nas prisões são as relações homo-sexuaes. Queremos crer que até um certo ponto e isto é de accordo com psycho pathologistas, havia uma normalidade nesta anormalidade. Sendo individuos presos, passando uma vida coacta, sem outras satisfações que que integrem uma somma de prazeres necessaria á organização humana, não parece curial que este desvio sexual seja levado á conta de stygmatisações degenerativas. É possível que pela influencia do meio, da degradação moral que existe geralmente em uma prisão, vá o individuo se adaptando a elle, soffrendo o contagio demolidor de sua integridade psysica e intellectual. É porém, em sua maioria, um vicio degenerativo, e nós tivemos mesmo a occasião de apreciar (Vid. observações 4 e 5). Estes individuos simulam ou fingem bem ou mal o papel que desejam representar na sociedade, são verdadeiras mulheres na voz, no andar, nos ademanes e em todas as occasiões que podem mostrar o seu corpo delgado e fino, os seus quadris desenvolvidos, as suas mamas um pouco salientes, a falta de barba, o fetichismo que têm tudo isto que caracteriza o psychopatha sexual⁵⁵⁴.

Para Almeida, assim, haveria uma continuidade entre as relações homo-sexuais e a efeminação, podendo ter como elemento o contexto prisional, mas mais frequentemente ocorrendo em função da degeneração. Certos traços femininos, gestos, mamas, quadris, falta de barba, o corpo delgado, sugeriam aos médicos um processo de simulação do papel sexual que estes sujeitos desejariam.

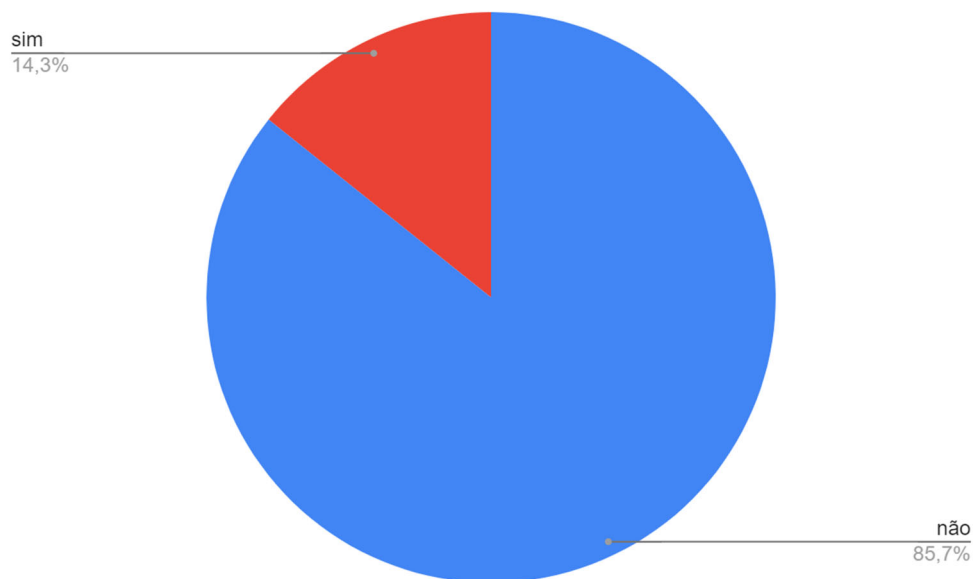
As observações empíricas refletem a ênfase menor dada por Peixoto à efeminação. De fato, em nenhum dos casos que transcreveu esta característica elemento foi referida. Já no caso de Almeida, apesar da ênfase demonstrada no fragmento acima, apenas uma das observações ressaltava a feminilidade como um elemento digno de ser mencionado.

⁵⁵² BOMBARDA, *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*, 1896, p. 169

⁵⁵³ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 46

⁵⁵⁴ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1897, p. 42

GRÁFICO 7 – presença da efeminação nas observações de Peixoto e Almeida:



Fonte: ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898, p. 117-130; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897, p. 154-156

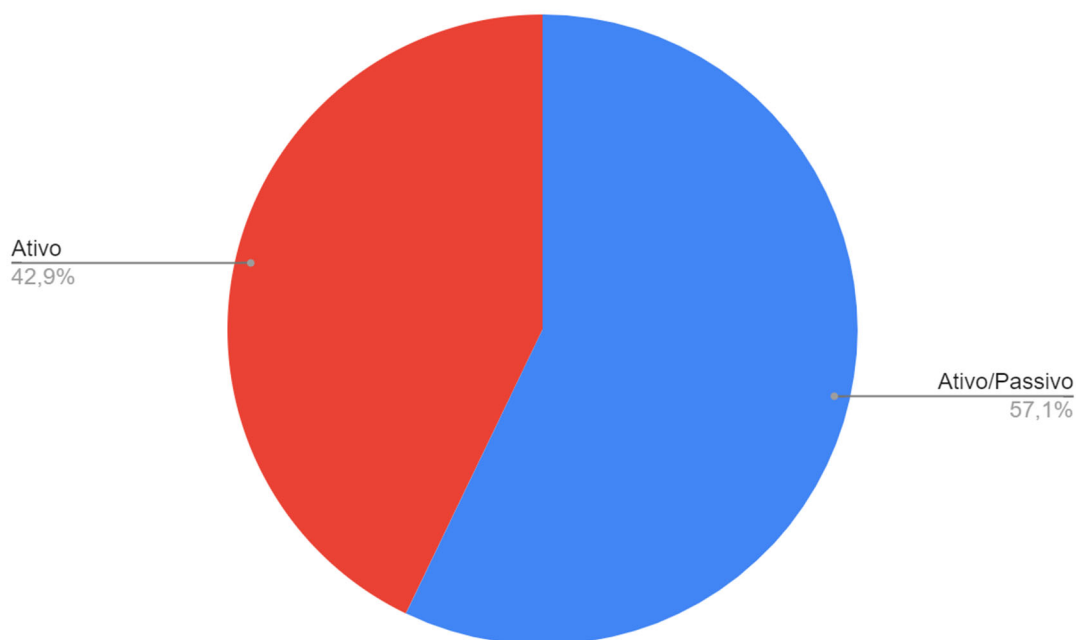
A observação nº 6, de Ignácio José da Silva, foi a única em que fisionomia, voz e gesto femininos foram explicitamente citados:

Mulato, cabellos encarapinhados, physionomia de moça, o seu todo indica a infantilidade do seu espirito, o andar, a voz, os gestos são inteiramente de caracter feminino. Pederasta activo e passivo, onanista, amor zoophilico, taes são as relações sexuaes que tem tido⁵⁵⁵.

Assim, a associação construída para embasar o argumento finalmente aparece no plano das condutas que justificariam esta forma de olhar, quase como se os termos da relação estivessem temporalmente deslocados entre si. Almeida assumiu a efeminação como sinal da degeneração dos homossexuais; quer presente na empiria quer ausente, ela funcionaria como uma espécie de lente de leitura, a partir da qual construiu sua interpretação acerca de determinados sujeitos. A ideia de uma efeminação implícita talvez fique mais evidente se associada com as posições sexuais destes sujeitos, conforme o gráfico que segue:

⁵⁵⁵ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 127. Também citado por Nina Rodrigues.

GRÁFICO 8 – Posições sexuais



Fonte: ALMEIDA, **Degenerados...**, 1898, p. 117-130; PEIXOTO, **Epilepsia...**, 1897, p. 154-156

É lícito supor que talvez nenhum ato sugira de maneira mais direta a relação entre feminilidade e homossexualidade do que o ato de ser penetrado. Assim, a esta altura, talvez seja útil retomar a reflexão de Michel Misse sobre o passivo sexual. Como já visto anteriormente, ele implicava não apenas uma preferência dentro do sexo, mas, também, perspectivas socialmente compartilhadas acerca das representações de certos papéis em sociedade. Assim, *o homem passivo estaria perigosamente próximo da feminilidade*.

João Gomes Júnior aprofundou a reflexão de Misse. O autor concorda que, de fato, o que estava em jogo no caso do passivo do estigma sexual era, mais que ser penetrado ou penetrar, uma determina perspectiva, um determinado posicionamento *dentro* de uma sociedade fortemente marcada por hierarquias sociais múltiplas nas quais existiria uma “consistente relação entre as representações sexuais e sua influência nas construções sociais de sexo e gênero, determinando até mesmo as regras do jogo amoroso e a distribuição dos indivíduos nas várias áreas da sociedade⁵⁵⁶. Isso era útil sobretudo para as reflexões médicas apresentadas no *corpus* de fontes, o qual que enfatizava a possibilidade de generalização do individual para o geral. A submissão

⁵⁵⁶ GOMES JÚNIOR, **Sobre frescos e bagaxas**, 2019 p. 110

implicada na passividade, possuiria, portanto, repercussões que não se limitavam a esfera individual, mas atingiriam o coletivo.

Ao analisar essas pessoas, Almeida partia de uma determinada expectativa, a da normalidade; ao fazê-lo, alocou estes sujeitos dentro de outra. Assim, o corolário da degeneração era uma sexualidade anômala, na qual se inscrevia a possibilidade ser penetrado; e a passividade sexual, com suas implicações no campo das moralidades coletivas, era um elemento que assombrava a barreira do gênero – a masculinidade hegemônica, expressa em termos como “physionomia de moça”, o andar, a voz, os gestos inteiramente de “caracter feminino”.

Entre teoria e observação empírica atuavam os valores acerca do masculino que servem de mediação na leitura destes autores. Os discursos, as representações acerca das dissonâncias da masculinidade estavam profundamente ancorados na cultura oitocentista. Não é, portanto, desarrazoado supor que a efeminação estivesse, agora, contida no comportamento sexual passivo de certos homossexuais. A relação entre os dois fatores estava mantida, mas agora ao abrigo de conceitos como atavismo ou, mais frequentemente, degeneração.

Mas há mais. Ignácio também foi analisado no texto de *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, de 1894. A tese de Almeida é de 1897. No primeiro texto, Ignácio está amasiado com outro preso, e era descrito apenas como pederasta passivo; no segundo, não se faz referência a qualquer amante, e a posição também mudou ligeiramente: era, agora, passivo e ativo. Não temos como saber se a relação descrita por Rodrigues era consentida ou não. Também é impossível dizer se Ignácio tinha uma preferência por ser o parceiro passivo nas relações sexuais. Mas é possível que a feminilidade pudesse ser, neste caso, uma forma eficiente de comunicar o interesse em relações homossexuais. Santos e Green, comentam, a propósito de dois contextos diferentes – a Bahia dos anos 1870 e 1880 e o Rio de Janeiro e São Paulo dos anos 1890 –, que um comportamento afetado e afeminado, e até o travestimento, eram formas de dar a ver a abertura para consórcios de natureza erótica⁵⁵⁷.

O que se ressalta, além disso, é a ligação entre homossexualidade e as formas de taxonomizar e patologizar condutas anômalas, anteriores ao ato delitivo. Crime, degeneração, epilepsia, atavismo implicariam uma vida sexual anômala e completamente apartada da normalidade. Senão vejamos alguns exemplos. Angelo

⁵⁵⁷ GREEN, *Além do Carnaval*, 2001, p. 44; SANTOS, 'Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados', 1997, p. 158-9

Baptista Ferreira que era, tal como Ignácio, um ‘criminoso de morte’, teve sua vida sexual assim descrita por Almeida:

Onanista antes de entrar para a prisão, continuando na casa de detenção, as mesmas práticas. As relações genésicas que primeiro teve foram homo sexuaes. [...] Pederasta activo e passivo, chega a perversão do criminoso a executar a copula buccal em seus companheiros. Amor zoophilico”⁵⁵⁸.

Novamente, não se pode afirmar categoricamente que o sexo era praticado de maneira voluntária. Mas é digno de nota que outra das observações de Peixoto falava de sexo oral, a de Domingos Alves Ferreira: “Masturbou-se muito em pequeno, exercendo n’esta epocha (12 anos) a pederastia activa e passiva. O primeiro contacto sexual data dos 12 annos. Onanista buccal, perversões genitae”⁵⁵⁹. Outras observações apontam para traços negativos distintos da vida sexual destes presos. Candido Manoel dos Santos, por exemplo, era pederasta ativo. Mas o que Almeida mais detalhou foram as suas relações sexuais com animais e a masturbação, diferente de Ignácio e de Angelo, e sugerindo certa graduação de gravidade maior para a pederastia passiva⁵⁶⁰.

A última observação, de José da Costa Pinto, de 28 anos, preto e descrito como débil foi a menos completa em termos de informações acerca da vida sexual. Dele, Almeida afirmou que “No dominio da esphera genital nota-se de particular, pelas informações colhidas que o doente masturba-se constantemente (antes da prisão á costumava onanisar-se) e é pederasta activo”⁵⁶¹. A condição mental mórbida deste último – débil – no entanto, foi caracterizado por Felipe Nery Gonçalves na sua tese *A Degeneração Psychica* A fraqueza da vontade tornava-os suscetíveis a uma vida sexual mais anômala:

A vontade nestes indivíduos é muito fraca e as vezes nulla, de sorte que o debil torna-se um instrumento que obedece a toda a especie de suggestões boas ou más. As multiplas perversões sexuaes, desde o onanismo simples até a bestialidade, a sodomia, os ultrages, os attentados ao pudor, emfim, tudo que a imaginação pode inventar de um instincto pervertido a susceptível de ser encontrado na historia dos debeis⁵⁶².

É válido pensar em conjunto as reflexões de Nery e Almeida na chave de Miskolci, quando argumenta sobre a existência de duas formas mais visíveis de inteligibilidade das relações entre indivíduos masculinos ao longo do império,

⁵⁵⁸ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1898, p. 126

⁵⁵⁹ PEIXOTO, *Epilepsia e Crime*, 1897, p. 169.

⁵⁶⁰ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1898, p. 121-2

⁵⁶¹ ALMEIDA, *Degenerados Criminosos*, 1898 p. 130.

⁵⁶² NERY, *Estygmias da Degeneração Psychica*, 1891, p. 27

informadas pelo lugar social. Retomando sumariamente o pensamento deste autor, ele defende que haveria uma prática homossexual mais comum entre as elites brasileiras, nas quais as relações ocorreriam como etapa formativa – ainda que sob um viés de negatividade, e com preocupações higiênicas em relações aos jovens que se entregavam a estes folguedos sexuais. *O Atheneu* seria a obra paradigmática desta experiência. Já em *Bom Crioulo* partia-se do modelo amante/ativo e amado/passivo para exorcizar, por meio de uma recorrência literária a teorias médicas, o temor da desvirilização de um homem branco face um homem negro⁵⁶³. Em seu conjunto, creio que estas observações mostram que condições de opressão, quer de ordem racial, quer de ordem sexual influíam na experiência de determinados corpos na sociedade baiana oitocentista. É pertinente pontuar, entretanto, que, a ideia do amor entre homens como um vício, se bem que não tenha desaparecido, foi reposicionada como fruto natural de certos corpos. Neste sentido, extraía-se consequências distintas, em termos de classe e raça, para a explicação do mesmo fenômeno.

2. DOMINGOS FIRMINO PINHEIRO E OS ANDROPHILISTAS BAIANOS

A tese de Domingos Firmino Pinheiro – *O Androphilismo* – é a que apresenta o maior número de observações empíricas. São vinte e quatro, presentes em distintos capítulos, além de outras dedicadas a casos envolvendo homens que se relacionavam com crianças, e que não serão analisadas nesta tese. Cumpre apontar que Pinheiro *não* informa se tais observações se deram em contexto clínico ou não. A maioria é seriada.

Parece que o objetivo do autor não era bem demonstrar a pertinência de teorias, mas sim, na sua própria formulação, “contemplar quão miseravelmente lúgubre é o quadro pratico do amor androphilico” [por meio de] alguns exemplos [...] “bem poucos, é verdade, todavia mereceu acceitação como não esguio subsídio do conhecimento da pratica do amor entre os homens”⁵⁶⁴.

⁵⁶³ MISKOLCI, *O desejo da nação*, 2013, p. 32

⁵⁶⁴ PINHEIRO, *O androphilismo*, 1898, p. 71

QUADRO 8 – Observações empíricas de Domingos Firmino Pinheiro⁵⁶⁵

Número	Nome	Idade	Data	autor	obra
1	P.V	25	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
2	A.U.	18	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
3	B.D.	58	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
4	J.B.	46	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
5	J.R.	40	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
6	O.N.	29	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
7	M.N.	60	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
8	O.S.	30	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
9	R.O.	50	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
10	A.A.	24	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
11	S	29	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
12	L.O.	20	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
13	O.X.	22	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
14	T.O.	n.i. ¹	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
15	H.O	26	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
16	M.X.	23	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
17	A.V.	17	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
18	B.J.	23	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
19	B.V.	35	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
20	A	18	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
21	J	22	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
22	P...	28	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
23	R...	32	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo
24	n.i.	20	1898	Domingos F. Pinheiro	O Androphilismo

Fonte: PINHEIRO, *O androphilismo* 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

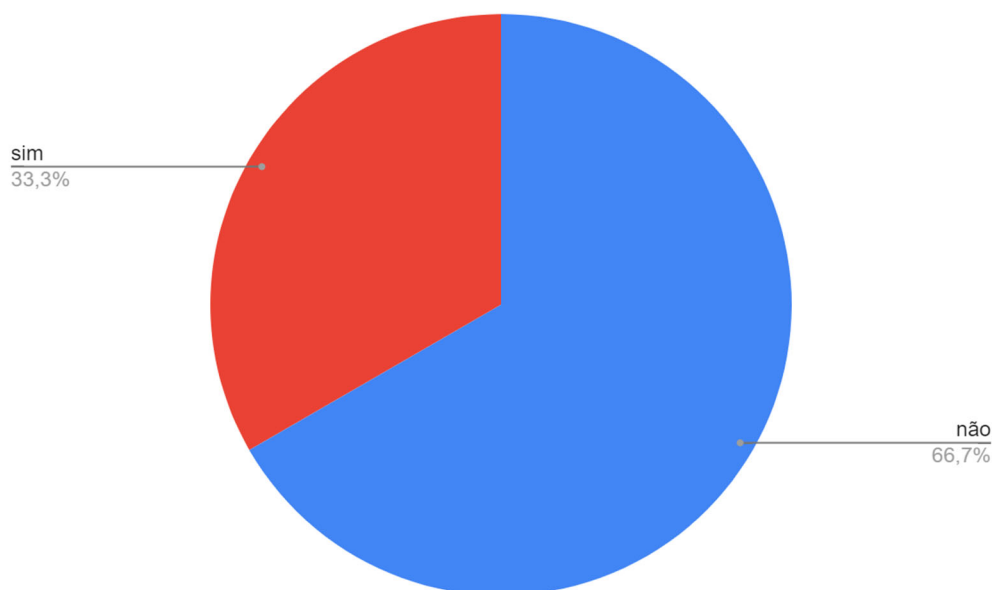
⁵⁶⁵ n.i.: não informado.

Há um tom fortemente moralizador no trabalho, com artifícios retóricos semelhantes aos encontrados nas teses da FAMEB das décadas anteriores. É importante pontuar que não há a mesma profundidade das observações de Krafft-Ebing e mesmo de Peixoto ou Almeida. Via de regra, o autor dedicou algumas poucas linhas, quase sempre preocupado com os temperamentos e com uma descrição pormenorizada, em latim, dos hábitos sexuais dos androphilistas. É lícito considerar, porém, que, analisadas em conjunto, essas observações permitem compreender melhor o contexto social do fenômeno.

2.1. A NATUREZA DOS CORPOS ANÔMALOS

A hereditariedade mórbida era considerada, como já vimos, um fator importante para o aparecimento do androphilismo congênito. Contudo em dois terços dos casos, Pinheiro não conseguiu precisar os antecedentes, ou eles eram normais, como se pode ver abaixo:

GRÁFICO 9 – Prevalência da hereditariedade mórbida



Fonte: PINHEIRO, **O androphilismo** 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

O caso de B.J. é exemplar do surgimento do androphilismo passivo mesmo quando os antecedentes fossem considerados normais; é válido salientar ainda, outra descontinuidade. De acordo com Pinheiro, a variedade passiva do amor masculino era muito mais comum em casos congênitos:

B.J., com 23 anos de idade, mulato, solteiro, de constituição regular, temperamento nervoso, profissão-criado da casa de F., intelligencia rudimentar desde a idade de 12 annos sentiu-se inclinado ao amor androphilico no passivismo de sua forma. Seus pais, que muito de perto conhecemos nunca perturbações nervosas de especie alguma manifestaram. As 12 annos de idade em companhia de meninos depravados os primeiros do *libido contra naturalis* representado a principio pela *luxuria manuensis* solitaria e mutua, encetou; e depois ao coito *inter-femore, in anum*, etc., entregou-se com particular dedicação. Aos 18 annos foi acometido de uma febre typhica depois da qual o *horror feminarum* com toda intensidade surgiu, tudo revertendo em favor do amor entre os homens. Actualmente com varios *caenedes* vive este individuo do que resultam ciumes e repetidos queixas pela preferencia que são seus amantes a outros *pathici* mais lacivos e provocantes⁵⁶⁶.

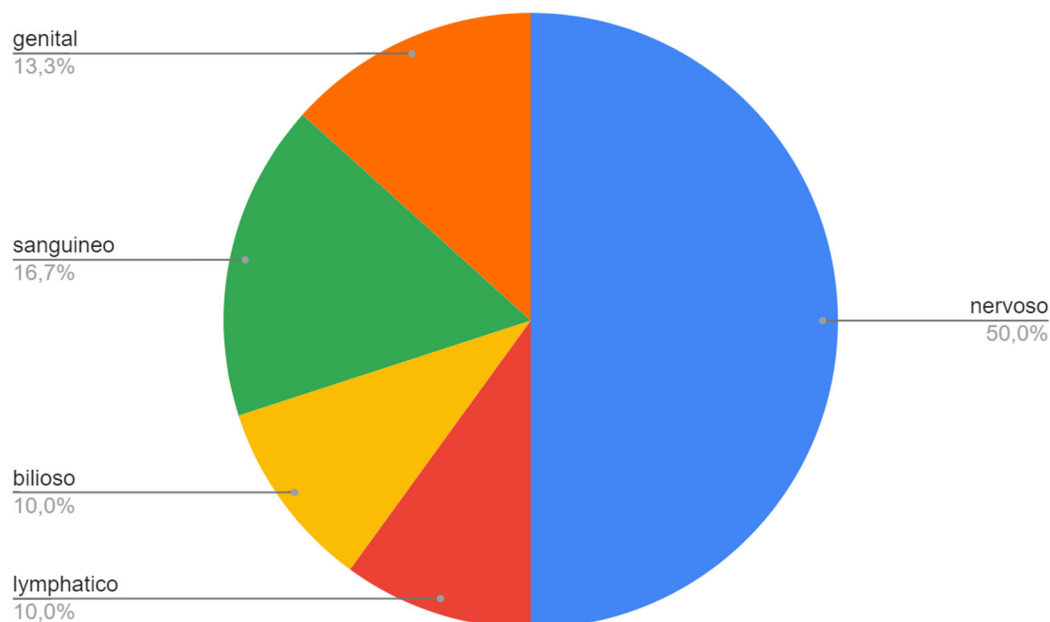
A maioria das expressões em latim são de entendimento mais imediato. *Luxuria manuensis*, para masturbação, *inter-femora* para o coito por fricção do pênis nas coxas. A expressão *Caenedes*, segundo Luiz Mott, era uma forma de se referir aos homoeróticos; e *pathici*, plural de *pathicus*, dizia respeito aos passivos. No contexto, portanto, B.J. foi descrito como um jovem que vivia com outros com uma identificação, inclusive de posição sexual, comum. Tinha relacionamentos erótico-afetivos, até marcados pelo sentimento de ciúme⁵⁶⁷.

Se não fez uso da noção dos antecedentes mórbidos, que elementos de ordem física eram mobilizados por Pinheiro? Via de regra, ele faz menção aos diversos tipos de temperamento, embora não se aprofunde muito nesta causa.

⁵⁶⁶ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898,, p. 86. Itálicos do autor.

⁵⁶⁷ MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia*: dicionário biográfico (Séculos XVI-XIX). Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1999, p. 88

GRÁFICO 10 – prevalência dos temperamentos em Pinheiro



Fonte: PINHEIRO, *O androphilismo* 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

A teoria dos temperamentos foi delineada por Cabanis, a partir de 1802. Para Caponi, representava uma mescla de concepções retiradas do *Corpus Hipocraticum* com as reflexões do naturalista Buffon em fins do século XVIII. A noção era que o desequilíbrio entre os quatro temperamentos – nervoso, sanguíneo, bilioso e fleumático – ocorreria com climas inclementes, potencializando alterações consideradas indesejáveis, tanto físicas como morais⁵⁶⁸. Não é desarrazoado considerar a relação existente entre os diferentes ramos da medicina. A anatomoclinica, que Edler destacou na primeira metade do século XIX, não deixou de ser referida quando suas noções e formulações ofereciam potencial de seleção para explicações úteis⁵⁶⁹.

Este tipo de argumento embasaria a ideia da influência deletéria do clima sobre a população brasileira, encampada, por exemplo, por Thomas Buckle, que o considerava excessivamente ameno⁵⁷⁰. Mesmo quando médicos brasileiros assumiam uma posição que questionasse o papel do clima como causa de males para a saúde, recorriam a estes

⁵⁶⁸ CAPONI (b), Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, p. 62-3. Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), médico e higienista francês.

⁵⁶⁹ EDLER, Flavio Coelho. A medicina no Brasil Imperial. Fundamentos da autoridade profissional e da legitimidade científica. *Anuario de Estudios Americanos*, tomo LX, 1, 2003. p. 141-144.

⁵⁷⁰ SCHWARCZ, op. cit., p. 73-6. Henry Thomas Buckle (1821-1862) foi um historiador britânico, autor da *História da Civilização na Inglaterra* (1857).

mesmos textos como referência, e elemento explicativo para alguns traços, mesmo subsidiários, do caráter do país.

Manuel Lugdero Guimarães Campos, na sua tese de final de curso intitulada *Em que consistem os temperamentos?* (1873) discordava da interpretação de Buckle. Para ele, a inteligência dos povos ao longo da história dava exemplos positivos e negativos em todos os climas. Era a fusão de aspectos morais, sociais e climáticos que determinava o sucesso ou não de um povo. Ainda assim, o autor reconhecia o valor do texto hipocrático como ferramenta higiênica, associando o equilíbrio entre temperamentos e humores com a manutenção da saúde, especialmente em climas desfavoráveis ao progresso humano. Campos citou, também, outro tratado, *A Natureza do Homem*, no qual Hipócrates propôs a célebre teoria dos quatro humores: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. A cada um correspondia um temperamento respectivo – sanguíneo, fleumático, bilioso e melancólico – e um tipo de clima específico – temperado, quente e seco, frio e seco e frio e úmido⁵⁷¹.

Pinheiro refinou estas concepções, aplicando-as ao androphilismo. A má constituição seria indicadora de desarmonias metabólicas que poderiam levar ao amor mórbido. Portanto, os temperamentos mais ardorosos – nervoso, sanguíneo-bilioso e bilioso-nervoso mostrariam maior propensão para os excessos genitais, entre as quais se colocava o androphilismo: “Os individuos de temperamento nervoso, sanguineo-bilioso e bilioso-nervoso têm no maximo gráo do desenvolvimento as paixões genitae; idéas eroticas os assaltam no somno como na vigilia”⁵⁷².

Caponi auxilia na compreensão, ao comentar que os temperamentos sanguíneo e bilioso romperiam o equilíbrio da libido natural pelo excesso ou pela falta: o primeiro pela energia dos órgãos genitais, que no androphilismo estão desequilibrados; e o segundo, pela falta e concorrente desenvolvimento imperfeito dos desejos⁵⁷³. Tal como em Cabanis, no começo do século XIX, é como se os temperamentos ajudassem a explicar a natureza dos indivíduos, seu corpo, sua personalidade, sua predisposição para doenças (principalmente nervosas) e, para Pinheiro e outros, sua sexualidade. É importante salientar, pois, a presença da mesma lógica retrospectiva, onde o passado do sujeito é lido para confirmar a fatal existência do androphilismo.

⁵⁷¹ CAMPOS, M. L. de O. **Em que consistem os temperamentos?** É possível modificá-los e transformá-los, destruí-los? Quais os meios higienicos. Tese (Doutorado, Inaugural) – Faculdade de Medicina da Bahia, 1873, Salvador, passim.

⁵⁷² PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 94-5

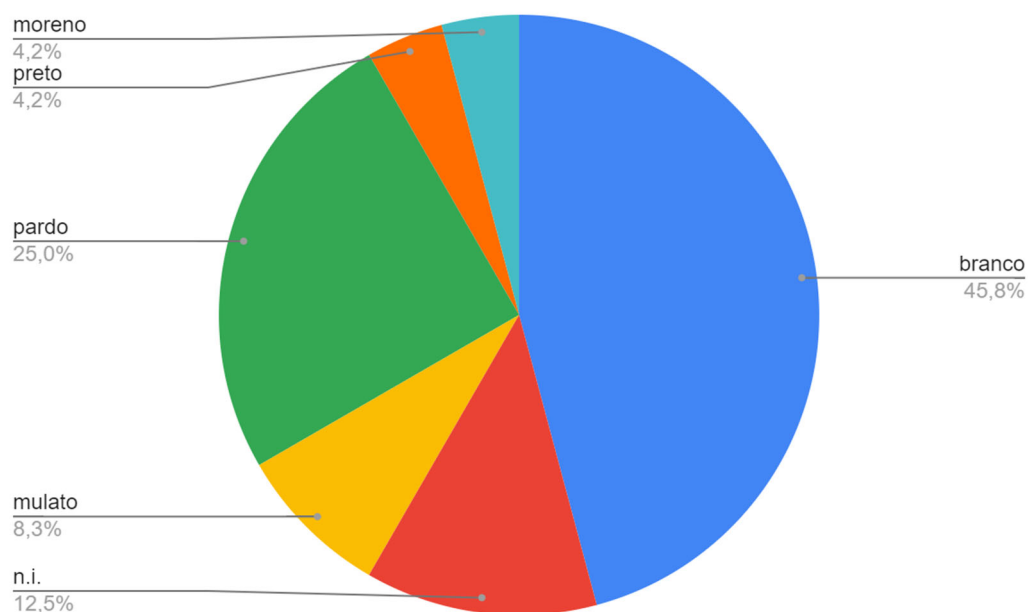
⁵⁷³ CAPONI, **Loucos e Degenerados**, 2012, p. 68-70

A observação que segue trata de um homem que era de uma família de androphilistas e com dois irmãos que também eram dados ao amor entre homens, segundo o diagnóstico de Pinheiro. Nela, a hereditariedade e os temperamentos aparecem conjugados para determinar os traços mórbidos:

P... (o mais desequilibrado dos tres) com 28 anos de idade, pardo, solteiro, de constituição regular, temperamento nervoso-genital, tem inclinações femininas bem manifestas; procura imitar as mulheres na falla, no canto, na marcha, etc.; mas tem horrorosa aversão para unir-se sexualmente com ella. Apraz-se em ver o penis do homem e sente-se bem entretendo com elle amorosa conversação. Frequenta mictorios publicos afim de contemplar o órgão sexual dos homens para o qual reserva todo o seu amor, toda a sua ansiedade lubrica⁵⁷⁴.

Do ponto de vista racial, Pinheiro não utilizou o mesmo arcabouço que Almeida. Para Pinheiro, é quase como se o temperamento se sobrepusesse a outros aspectos físicos individuais. Talvez a razão desta ambivalência é que quase a metade das observações deste autor tratou de homens que foram identificados como brancos. A questão das hierarquias sociais terminou sendo reconfigurada, portando, dentro das referências do autor – a miséria como um fator que propiciaria o surgimento do androphilismo – e ao imperativo da punição dos debochados. Por via menos direta, as afirmações de Pinheiro podem ser entendidas na chave de Chalhoub quando apontou a existência da ideia de classes perigosas isso é, a multidão de ex-escravizados e de pobres que ameaçavam determinados projetos de nação. Para Pinheiro, os androphilistas eram parte dos males que ameaçavam a sociedade brasileira e baiana em fins do século XIX.

⁵⁷⁴ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 127

GRÁFICO 11 – Prevalência de cor/raça

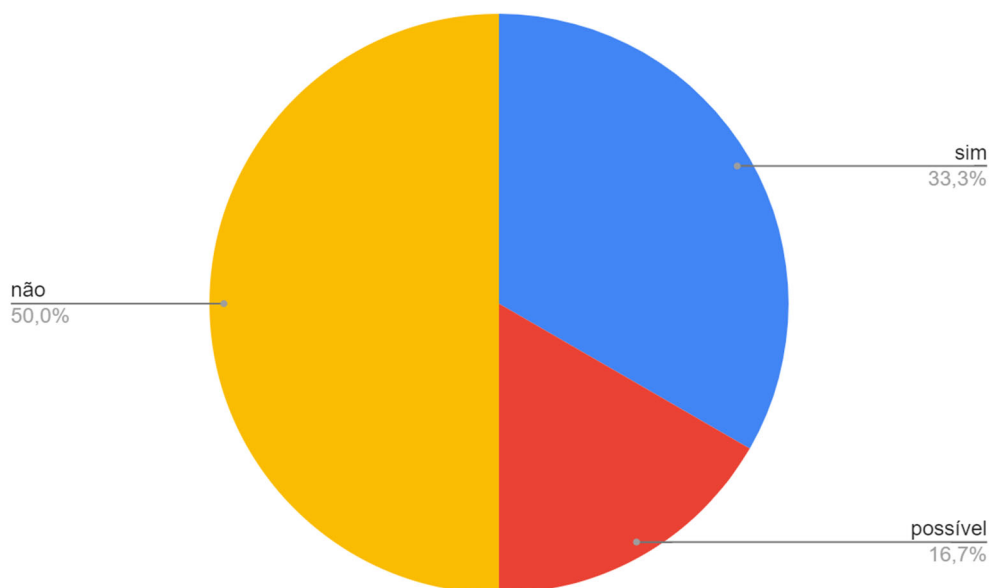
Fonte: PINHEIRO, *O androphilismo* 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128⁵⁷⁵

2.2. EFEMINAÇÃO, ATIVIDADE, PASSIVIDADE

Outro elemento importante para a reflexão de Pinheiro envolvia a questão da efeminação. Como já foi observado, este fato era considerado significativo na identificação da moléstia – é Pinheiro quem defendeu que a efeminação do andar e nos gestos auxiliariam na descoberta do androphilismo. Contudo, apenas em um terço dos casos empíricos a efeminação foi mencionada; nessas, este traço pode ser percebido de forma explícita. Em metade deles, o autor faz uma descrição pormenorizada e a presença de comportamentos femininos não foi mencionada. Por fim, em alguns casos a visualização do documento está comprometida, ou pode-se perceber a referência de uma maneira menos direta.

⁵⁷⁵ N.I.: não informado.

GRÁFICO 12 – Prevalência do comportamento feminino nas observações citadas por Pinheiro



Fonte: PINHEIRO, **O androphilismo** 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

A efeminação, já se mencionou acima, também poderia funcionar como uma maneira de dar a ver a abertura para relacionamento com outros homens. Pinheiro permitiu, indiretamente, antever alguns aspectos dessa prática social:

Celebre pela sua individualização psychica em excesso effeminada é O.S. de 30 annos de idade, pardo, solteiro, constituição regular, temperamento genital de profissão [...] sem cultura intellectual. Este typo com uma naturalidade que espanta discorre sobre os gosos de sua *vita sexualis* e põe em relevo sua superioridade, procurando persuadir, a quem quer que delle se approxime que *o coitus vulgaris non tantam voluptatem offert quantam imissio membro in anum*⁵⁷⁶. É de tal sorte o estado mental deste androphilista que, longe de trajar como os homens normaes, não despreza sobretudo nos domingos e dias santificados um chale ao hombro e uma flor no cabello e não raras vezes uma camisa feminina com calça branca. Uma communição por signal impudico é bastante para vel-o nos quebrantados de marcha, de mãos ás cadeiras, sacudido pressuroso approximar-se. De comportamento exemplar, sempre estimado pelos visinhos, apesar de sua desvairada libertinagem, este infeliz nas correrias lubricas dá logar de honra ao indiuvido que possue um *membrum virile permagnum*.

⁵⁷⁶ O coito vulgar não oferece tanta voluptuosidade quanto a penetração do membro no ânus; e um membro viril muito grande. Ver: MOTT, **Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico** (Séculos XVI-XIX), 1999, p. 100

O.S., é um caso muito significativo. Evidentemente tratava-se de alguém sem qualquer disposição para **ocultar** práticas ditas androphílicas – em verdade, parece que era bastante vocal sobre seus prazeres eróticos-afetivos, argumentando, inclusive, as vantagens deste sobre relacionamentos com mulheres. Além disso, vestia trajes que eram dissonantes da expectativa social. Este ponto é especialmente significativo: mencionei, na introdução, o caso de José do Ouro, a quem se pedia punição policial por se vestir de mulher – ainda que dentro de sua casa:

No dia 25 de setembro de 1866, o jornal O Alabama, através de um ofício ao delegado de polícia, informava que na rua dos Carvoeiros morava um crioulo conhecido por José do Ouro, sócio do Jovita, o qual tinha o desaforo de “por-se nu em casa, amarrar um lenço à cabeça, a laia de crioula, deitar argollas nas orelhas, coraes nos braços, embrulhar-se n’um chalé ou panno da costa e ir para a janella”. Observando que o “effeminado taful” entrava na sua morada, desembulhando-se e “expondo-se neste estado à vista da família” que morava defronte, o ofício solicitava ao delegado, “em nome do decoro”, a “correção merecida” ao “desavergonhado” José do Ouro⁵⁷⁷.

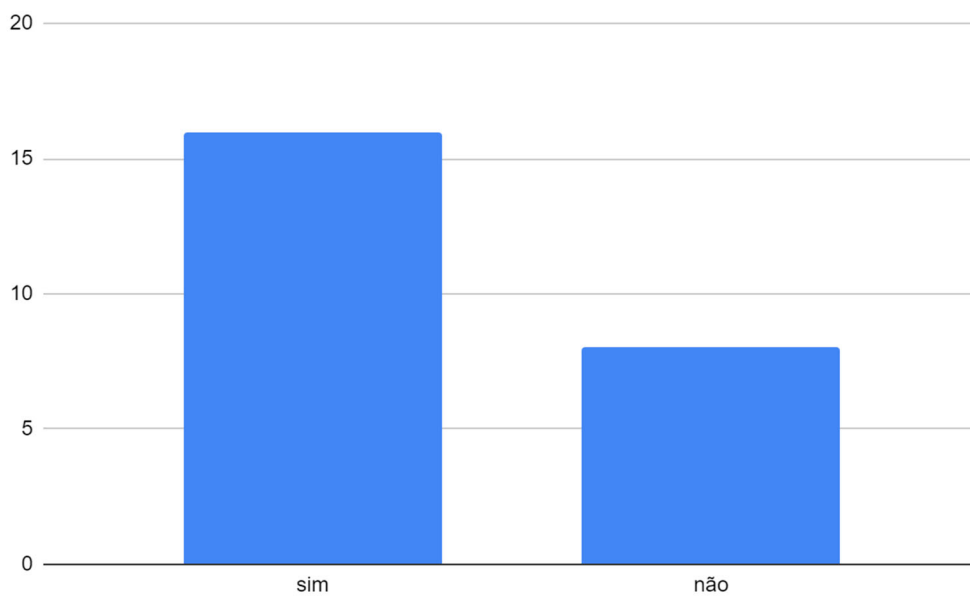
Santos também apresenta outros casos, entre os anos 1860 e 1880, nos quais pessoas encontradas vestidas nos trajes de outro gênero demandavam algum tipo de sanção. O caso citado no fragmento sugere, além disso, um entrecruzamento de formas de opressão – José do Ouro era um crioulo, portanto, um descendente de africanos.

Santos argumentou também que o ato de se colocar a janela poderia indicar disponibilidade para o trabalho do sexo, o que também daria azo ao pedido de alguma atitude por parte da chefia de polícia, além do incômodo dos vizinhos. Considero este argumento possível, mas também é lícito supor que a família que vivia defronte talvez manifestasse algum incômodo. Isto não ocorria com O.S., que tinha um comportamento exemplar e era estimados pelos vizinhos, ainda que com o comportamento feminino e o uso do xale. Com sua flor nos cabelos em domingos e dias Santos, O.S., tal como José do Ouro, também afrontava a ordem de gênero oitocentista. Talvez, até, com algum sucesso.

⁵⁷⁷ SANTOS, ‘Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados’, 1997, p. 163.

A posição preferida – ativa ou passiva – era, como já se teve oportunidade de ver, um elemento importante na arquitetura conceitual de Pinheiro. Ela aparece em dezesseis das 24 observações, como pode ser percebido no gráfico abaixo:

QUADRO 8 – Prevalência do androphilismo passivo



Fonte: PINHEIRO, **O androphilismo** 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

Mais do que em Almeida, acredito que, para Pinheiro, a efeminação era uma maneira tanto de codificar a passividade em suas consequências socialmente mais amplas, quanto de fazer referência de maneira direta ao ato de se deixar penetrar. O fragmento abaixo, no qual o autor expressa as relações existentes entre o comportamento social e posição sexual ajudam a compreender esta questão:

J.B. com 46 anos de idade, branco, casado, de boa compleição physica, temperamento sanguineo, intelligencia solida, erudição variadissima, tendo occupado logares importantes na politica do paiz, merece no estudo do androphilismo particular menção pela singularidade do amor morbido na sua forma activa de ser executado sobre individuos bem constituídos de forte musculatura e paniculo adiposo poucado; ao contrario do imperador Galba que dava preferencia aos homens magros e habeis na pratica do amor grego. **Não duvidamos, todavia, da passividade do amor androphilico deste individuo que, contra vontade da negação formal de suas**

inclinações passivas, não occulta os estigmas da effeminação que confirmam-na cabalmente. Seus pais, pelo que nos informaram, sempre gosaram perfeita saude, nunca manifestando a mais ligeira perturbação nervosa. É no entanto neurasthenico o doente e soffre de uma affecção chronica da urethra, o que muito provavelmente concorreu para a manifestação do reverso do *libido sexualis* natural⁵⁷⁸.

É muito significativo, no caso da observação de J.B., que Pinheiro tenha colocado em dúvida a preferência pelo sexo anal como penetrador. Para ele, a efeminação era um estigma que confirmaria a presença do androphilismo passivo, e contra a qual o relato de J.B. poderia, inclusive, ser desconsiderado na produção de um diagnóstico, ainda que os antecedentes mórbidos bem como outros elementos mais típicos não estejam presentes.

Neste sentido, a interpretação enviesada sobre o trauma físico de J.B. – a affecção na uretra – passa a fazer sentido. Para o autor, traumas físicos como a fimose ou dores durante o sexo poderiam levar ao aparecimento do amor mórbido do homem pelo homem, sobrepondo-se à inclinação normal, e constituindo uma das principais modalidades do androphilismo *adquirido* – é o caso de A., que vimos no capítulo anterior. Não parece ser, entretanto, uma leitura aplicável ao caso de J.B. É possível que seu desejo constante de penetrar homens bem constituídos e atléticos, ainda que esta vida sexual influísse negativamente na evolução da lesão na genitália, fosse muito desconcertante; pela afecção uretral e pela efeminação, o esperado era que J.B. desejasse desempenhar o papel *passivo* numa relação. Neste paradoxo do prazer alheio, Pinheiro terminou buscando num comportamento socialmente negativo o elemento que permitia fechar a questão. J.B. era um androphilista passivo, provavelmente congênito, e a sua efeminação era sinal suficientemente eloquente disto. Parece que a estratégia do autor, neste fragmento, era a de desconsiderar o relato para confirmar a classificação das relações erótico-afetivas de J.B.

Vale retomar, aqui, as reflexões de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Ao comentar acerca da produção de modelos de masculinidade no Brasil do começo da República, o autor utilizou sobretudo o livro *Ordem e Progresso*, de Gilberto Freyre e documentação jornalística. Contudo, para analisar o tema das sexualidades dissidentes, recorreu a dois textos literários: a novela de Gilberto Freyre *D. Sinhá e seu filho Padre* (1964) e *Mulher Macho sim senhor*, livro de memórias sobre o período inicial do século

⁵⁷⁸ PINHEIRO, O *Androphilismo*, 1898, p. 74-5

XX, escrito por C.A. Feitosa (1980). Ora, neste último, um dos trechos trata de um conflito entre o pai da protagonista e um vizinho, que não quer que seu filho, Bita, menino pouco dado a atividades “de macho” corra ainda maior risco de se tornar maricas por aprender a tocar piano com Dona Mimosa:

- Cuide de seus filhos, dona Mimosa, e deixe que dos meus filhos cuído eu e à minha moda. Depois não é seu filho que vão chamar de maricas. Filhos dos outros podem ser o que quiserem. Mas meu filho vai ser o que eu quiser. Filho meu vai ser homem no duro.

- Não é uma aula de piano que vai diminuir a macheza do seu filho, “seu” Pedro. O senhor está querendo ver as coisas de maneira radical. O filho de “seu” Jamil nunca tomou aula de piano comigo, só fazia trabalho de macho, vivia em um cavalo sol e lua. E foi bastante macho para não negar ao pai que tinha de “coisa” com o filho de Doma Amerita, como também gostava muito dele e por isso ia embora. Não é com exercícios de dureza que se faz de um menino um homem. Ser macho não é ser homem. Macho todo animal é, mas homem alguns poucos conseguem ser⁵⁷⁹.

Na discussão entre efeminação e passividade, e na tensa e persistente tentativa de associar estes dois elementos como componentes dados no plano da natureza, Pinheiro indica um dilema que o pai de Bita também explicitou no fragmento: era preciso criar homens, mas tratar esta criação quase como o que era natural e esperado. Dona Mimosa indicou as limitações deste tipo de construção argumentativa. A presença de machos até poderia ser algo dado pela natureza, segundo a personagem; já o processo de fazer-se homem era outra coisa, que remetia a outro plano, no qual os valores eram os elementos que se procurava assegurar. Assim, o entrelaçamento do que se poderia chamar de plano da natureza, associado à ideia de sexualidade fixa, normal, se apresentaria como um artefato produzido, alimentado por expectativas e pelos enunciados ali investidos – não como correspondência imediata da suposição de uma natureza comum, generalizável.

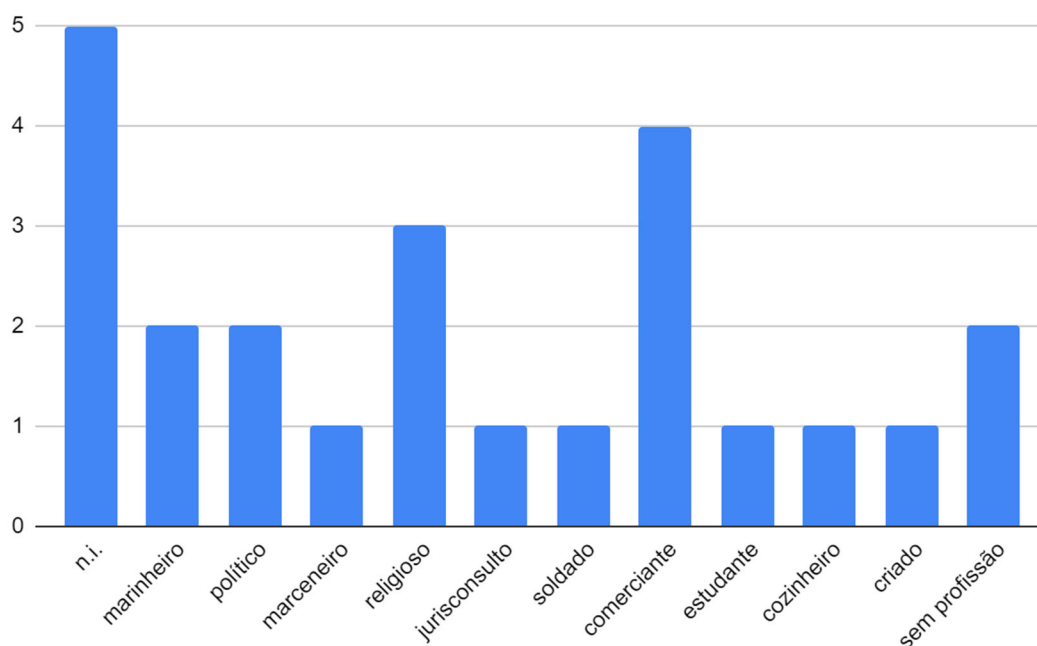
⁵⁷⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Nordestino** – Uma invenção do falo, 2013., o. 80-1.

2.3. PROFISSÕES, CARTAS, BRIGAS, AFETOS: VISLUMBRANDO TRAÇOS DO QUOTIDIANO DOS ANDROPHILISTAS

A tese de Pinheiro é, na maior parte das vezes, econômica na descrição do dia a dia de ditos androphilistas – a tese não era um tratado, mas sim um texto de final de curso. Apesar disto, alguns elementos dispersos em várias observações empíricas permitem reconstituir um pouco traços do que, é lícito supor, seriam elementos do quotidiano destes androphilistas na cidade da Bahia finissecular.

Pinheiro não privilegiou um corte de classe e de profissão. Como se pode ver no gráfico abaixo, analisou de comerciantes a militares, de jurisconsultos a padres, passando por cozinheiros e pessoas sem ocupação conhecida.

QUADRO 9 – Prevalência da ocupação dos androphilistas



Fonte: PINHEIRO, *O androphilismo* 1898, p. 71-88; 112-3, 118-9, 121-2, 127-8, 128

Vale salientar que algumas destas ocupações - religioso, soldado, estudante - dão a ver, também, espaços de convivência - específica, inclusive. Isso vai de encontro ao argumento de Daniel Welzer-Lang, na sua reflexão acerca de masculinidades, pontuou o papel que estes espaços de convívio homossexual possuem em delinear, ainda que

paradoxalmente, os significados do masculino em determinado contexto⁵⁸⁰. Isso será levado em consideração nestas observações, quando possibilitado pela documentação.

A maior prevalência é de n.i. (não informado). São casos como o de O.S. visto um pouco acima, no qual o autor utiliza reticências no momento de falar sobre a profissão: “O.S. de 30 anos de idade, pardo, solteiro, constituição regular, temperamento genital de profissão ...” – disso, pouco se pode deduzir. Em outros casos, contudo, é razoável supor que, Pinheiro estivesse falando da vadiagem como abaixo:

P.V. com vinte e cinco annos de idade branco, solteiro, de profissão ... constituição boa, temperamento nervoso, de intelligencia pouco cultivada, [mas é cons]tante dedicar-se a leitura de romances amorosos e pornographicos, tem *horror feminae* e estima immenso o sacrificio do amor androphilico. *In artem libidinis* sexual sempre figurando de passivo, este doente irrita-se quando sabe que seu amado *penem in anum alterius immittit*. Jacta-se de possuir muito[s] amantes e nas seducções libidinosas sempre procura sobrepujar seus *commilitones*, desembaraçadamente discorrendo sobre as representações da *ars erotica*. Pessoa que *semen in anum ejaculavit* deste androphilista contou-nos que elle experimentava sensações extraordinárias quando, a fim de attingir o apogeu do libido *contra-naturalis*, procurava *penem in annum recipere* para com a mão masturbar-se e com a outra *in anum proprium digitum imittere*. Até o meado do anno passado vagueava este infeliz pelas ruas desta cidade, despertando a curiosidade publica pelo seu todo effeminado. Seus precedentes hereditarios ignoramos; entretanto o doente era irritavel e melancolico nos intervallos da libido *contra-naturalis*⁵⁸¹.

Tal como O.S., P.V. não parecia se incomodar em expressar a outrem o que lhe dava prazer durante a relação sexual como passivo. Era letrado, e me parece lícito supor que tivesse contato com a literatura pornográfica do período, como o já citado Alfredo Gallis⁵⁸², dentre outros.

⁵⁸⁰ LANG, A construção do masculino, 2001

⁵⁸¹ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 71-2. Respectivamente: *Penem in anum alterius immittit*: Meteu o pênis no anus de outrem; *Commilitones*: companheiros de arma; *Penem in os recipere*: receber o pênis na boca; *In anum proprium digitum imittere*: meter o dedo dentro do próprio anus. MOTT **Homossexuais da Bahia**: dicionário biográfico (Séculos XVI-XIX) p. 101. É provável que o ano passado fosse 1897.

⁵⁸² Ver: EL FAR, **Páginas de Sensação**, 2004.

P.V. parece ter tido algum tipo de ligação com outras pessoas dadas ao amor androphílico. Já vimos acima que B.J. vivia com outros androphilistas, a quem Pinheiro chamou de *caenedes* – e que tinha, inclusive, ciúmes das atenções que seus amantes dispensavam a esses outros homens. No capítulo dedicado ao histórico do androphilismo, que antecede as observações empíricas, Pinheiro fala da existência de locais no Rio de Janeiro, como o Largo do Rocio, e de estabelecimentos específicos como bilhares⁵⁸³. Neste sentido, penso ser pertinente recorrer ao pensamento de João Gomes Júnior, que mencionou a existência de determinadas casas e sobrados no Rio de Janeiro que eram frequentados por homens em busca de relacionamentos erótico-afetivos com outros. Em alguns casos, esses espaços eram, inclusive, o palco para a prostituição masculina⁵⁸⁴. No caso de P.V, penso que a expressão *commilitones*, traduzida por Mott no seu *Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia* como “companheiros de armas”, poder ser entendida como o conjunto dos androphilistas, e/ou o grupo com quem P.V. rivalizava, e para quem ele discorria sobre seus feitos amorosos.

Em um dos casos de Pinheiro, contudo, essa talvez seja uma interpretação mais persuasiva. Ela está acompanhada de uma das poucas cartas escritas pela pena de um androphilista: “L.O. com 20 anos presumíveis, branco, constituição boa, temperamento nervoso, de formas graciosas, de uma beleza physica acima do commum no homem, é androphilista passivo de muita procura no circulo da volupia homosexual”⁵⁸⁵.

É possível que L.O. vivesse das relações que estabelecia dentro deste círculo – Pinheiro não mencionou mais nenhuma atividade profissional desempenhada por ele, o que fez em vários outros casos – inclusive quando os indivíduos não tinham ocupação. Mas a observação de L.O é interessante por outra razão: ela traz uma carta que um dos amantes dirigiu a ele. Pinheiro transcreve integralmente a missiva, argumentando que se trata de uma usurpação dos sentimentos de amor:

“Recife, 8 de maio de 1897”

“Idolatrado Lily

Tua saude e muitas felicidades é o que de coração te desejo.

Em uma destas tardes amenas em que nossa imaginação se acha accentuada, tive e feliz idea de pensar somente em ti, Lily. Quando os

⁵⁸³ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 69-70.

⁵⁸⁴ GOMES JÚNIOR, *Sobre frescos e bagaxas*, 2019, p. 68-9 e 88.

⁵⁸⁵ PINHEIRO, *O androphilismo*, 1898, p. 80-1

meus olhos te fitaram pela primeira vez, fui logo pronunciando a palavra amor, cujo som repercutiu em meus órgãos auditivos, ferindo de uma maneira deliciosa.

Amor! este qualificativo sancto, que é nascido verdadeiramente do amargo do coração e que se emprego aqui, é porque te adoro e te amo, Lily!

Quando um homem tem ocasião de se manifestar assim, não se pode absolutamente fazer um juizo suspenso e sim firme e exacto de quem soffre por tua causa, Lily.

Lily, e as minhas palavras te causarem má impressão no teu cerebro e animo, eu humildemente te peço perdão.

Adeus!

Do teo ... que te adora.”⁵⁸⁶

Raramente a documentação oitocentista que trata de relações erótico afetivas entre homens se apresenta sem um olhar fortemente condenatório. Contudo, a carta trocada entre o amante e Lily, por estar na íntegra, permite perceber algo além do olhar negativo de Pinheiro, que, amparado na leitura de certos médicos do período, estavam sempre prontos a indicar implicações mórbidas. Em vez disso, ainda que a sociedade brasileira não visse com bons olhos amores masculinos, isso não impediu que eles ocorressem. Havia riscos potenciais em enviar um texto deste cariz para outro homem, quer pela possibilidade de exposição pública, quer ainda por dar azo a chantagens, como argumentam João Froés e o próprio Pinheiro⁵⁸⁷. Em suma: lá onde havia recriminação e até o risco de sofrer abusos, havia afeto.

A reação sarcástica de Pinheiro – ele grifa em itálico tanto o apelido carinhoso, como as expressões idolatra e adora – é bem indicativa do tipo de olhar que o saber médico estava desenvolvendo acerca desses sujeitos. Se a leitura de Beachy a respeito de Krafft-Ebing apontou para uma possível mudança de opinião deste em fins do século XIX, esta certamente não ocorreu com Pinheiro. A carta de amor, que não era destinada a outros olhos que não os de Lily, precisava servir, ela própria, de indicativo da presença da anomalia. Para o autor, a única coisa que justificaria a presença daquele tipo de sentimento era a volúpia, a morbidez, uma condição que afetasse a integridade neuropsíquica:

⁵⁸⁶ PINHEIRO, **O androphilismo**, 1898, p. 81-2. Aspas no original.

⁵⁸⁷ FROÉS, Da vida sexual mórbida, 1897, p. 97; PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898.

Parece não haver duvida que o auctor desta carta tem seria paixão pelo seu *Lily* a quem *idolatra e adora*, fazendo cahir vivas suspeitas sobre a integridade neuropsychica aferida no metabolismo funcional de seu aparelho sexual. Lastimamos não poder colher ao seu amante a resposta de *Lily*, que, de certo, mystificado na volupia do amor morbido, saberia corresponder ás loucas exclamações de seu amante⁵⁸⁸.

É interessante salientar que, ainda que não conhecesse o autor da carta – o amante de *Lily/L.O* –, Pinheiro se sentiu autorizado a sugerir um diagnóstico, o de desordem neuropsíquica no aparelho sexual. A manifestação do amor entre pessoas do mesmo gênero não poderia ser outra coisa que não doente, recodificando em termos de um saber pretensamente neutro os temores e opressões sociais.

A outra profissão com maior prevalência era a do comercio, como era o caso de O.X:

Empregado no comércio 22 anos, solteiro, branco, de boa compleição física, temperamento sanguíneo, ligeira cultura intelectual. Desde a vida colegial entrega-se desapiedadamente ao amor *contra naturalis*. Ligeira remissão de sua inclinação enfermiça manifestou-se nos primeiros tempos de sua retirada do colégio, para mais tarde surgir com toda intensidade e pujança não observadas no começo. Aos desejos lascivos de seu amante sacrifica-se atualmente o doente, prestando-se ao *coitus inter-femora atque in anum*, sem absolutamente aceder aos seus constantes pedidos no sentido *de in os membrum accipere*. Neste doente o coito natural é impossível e não lhe inspira desejo sexual da mais *bella ragazza*. Declara, sob o ponto de vista do *libido sexualis horror feminarum* experimentar, quando se lhe ordena que as procure. Seu pai é irritável, excêntrico e alcoólatra ; sua mãe sofre de uma pertinaz dor de cabeça consecutiva, segundo nos informaram, e uma febre intermitente⁵⁸⁹.

Figari aponta que havia a percepção da existência de relações homoeróticas entre os caixeiros, tomando por base a memória de Thomas Ewbank (1846) que falava do celibato forçado dos integrantes desta classe profissional, sobretudo quando

⁵⁸⁸ PINHEIRO, O **androphilismo**, 1898, p. 82

⁵⁸⁹ PINHEIRO, O **androphilismo**, p. 82-3. *Coitus inter-femora atque in anum*: coito entre as coxas assim como no anus; e *In os membrum accipere*: receber o membro na boca. MOTT, **Dicionário dos Homossexuais da Bahia (XVI-XIX)**, 1999, p. 101.

estrangeiros, bem como de reflexões de Pires de Almeida (1906) e Gilberto Freyre (1936). Os periódicos baianos do século XIX endossam, em parte, estas reflexões. O *Alabama* era um periódico literário e, neste sentido, seus editores elaboravam diálogos ficcionais entre o capitão do navio, e figuras inventadas, procurando com isso mirar comportamentos parecidos, passíveis de crítica. Num destes diálogos, um fidalgo se identifica como louco – assim como era louca uma menina que “fugiu do convento”, “varrido” um certo Gaspar, e “louco” um escriturário, que foi encontrado “em cuecas no quarto de certo negociante”⁵⁹⁰. Pinto define cuecas, no seu *Dicionário da Língua Brasileira*, como um ceroulas, com feitiço de calções⁵⁹¹. A moralidade dos caixeiros, de fato, não era tida em alta conta. No mesmo jornal e ano, em março, falava-se de imoralidades ocorridas na sala de bilhar do Hotel Oriente entre alguns trabalhadores: “intime aos caixeiros e cosinheiros do mesmo que se deixem de immoralidades na sala de bilhar, sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio”⁵⁹². Não penso que se possa, a partir disso, concluir uma ocupação típica. O que me parece é que, talvez, a proximidade com o público mais amplo propiciada pelo comércio tenha sido um fator importante para que Pinheiro tenha podido localizar estes indivíduos mais facilmente.

Entre os androphilistas havia também sacerdotes e/ou pessoas em contexto religioso. Com efeito, Pinheiro colocou entre os espaços nos quais o androphilismo vicejava os conventos e seminários religiosos. Uma das observações versava sobre o sacristão S:

Sacristão, 29 anos de idade, preto, solteiro, de constituição boa, temperamento nervoso, irritável e melancólico, de inteligência muito pouco cultivada. Dá-se ao amor entre os homens em a qualidade de paciente exclusivamente. É uma raridade que este indivíduo pratique o *libido contra-naturalis* com a pessoa a quem sabe *toto pectore amare*, sem primeiro, como meios excitantes, *labiumque membrum commilitationis osculare atque sugere*. Durante o coito *per anum* este doente é masturbado por seu amante, que nas ânsias da volúpia *pathici collum mordet*, aumentando a satisfação voluptuosa quando *jugo pathicus collum eripit*.

⁵⁹⁰ **O Alabama**. Periodico critico e chistoso. serie 2, n 17, 30 de jan. de 1864, Typ. de Marques, Aristides e C., p. 3.

⁵⁹¹ PINTO, **Dicionário da Língua Brasileira**, 1832, sem paginação.

⁵⁹² **O Alabama**. Periodico critico e chistoso. ano 2, n 39, 26 de mar. de 1864, Typ. de Marques, Artistides e c, p. 2.

O cargo de sacristão, em que pese não fosse um sacerdote, estava imerso no cotidiano religioso. Flexor lembrou que, nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, em vigor ao longo de todo o século XIX, ele era encarregado das chaves dos caixões e armários, da limpeza da sacristia, da fonte para a lavagem das mãos. Deveria limpar também a igreja, ajudar nas missas, segurar a cruz em procissões, e auxiliar o pároco a ministrar os sacramentos⁵⁹³. A observação de S. indica que havia distância entre texto legal e prática quotidiana. Mas o olhar de censura de alguns sacerdotes não impedia que S. persistisse desafiando certos padrões de comportamentos:

A tal ponto é a efeminação deste indivíduo acentuada, que mesmo no interior da sacristia, as pilhérias de alguns sacerdotes em ar de censura, porém com vislumbres de impudicícia, fazem-no abertamente dizer que nascera para usar *mulieris vestimentum, id est, vestem masculi mutare amat*. Nada sabemos dos precedentes hereditários do doente que contradigam a normalidade de seus pais, convindo notar que muito lhe embargam a vida libidinosa prolongados acessos de asma essencial inveterado⁵⁹⁴.

Aqui, além dos aspectos sexuais que aparecem em todas as teses, há outros. Tal como os anteriores, S. expressaria, na visão de Pinheiro, a sua condição de androphilista de uma maneira mais aberta que outros – afirmar que nascera para vestir o traje de mulher evidentemente implicava transgressão. Além disso, o olhar dos outros sacerdotes sobre o comportamento de S., entre a ‘censura’ e ‘impudicícia’, parece sugerir que sua conduta sexual era talvez objeto senão de tolerância, pelo menos de algum grau de complacência. Já outro religioso que foi referido por Pinheiro era M.N., de 60 anos, tinha uma relação íntima com seu acólito:

Sacerdote, 60 anos, pardo, de débil compleição física, temperamento nervoso, de alguma cultura intelectual, nunca todavia passando da mediocridade do clero brasileiro. Vítima inconfessável do amor entre os homens, agente, sacia seus depravados instintos na pessoa de seu

⁵⁹³ FLEXOR, M.H.O. O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: “programa” da arte sacra no Brasil. In: HERNÁNDEZ, M.H.O., and LINS, E.Á., (Ed). **Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p 220.

⁵⁹⁴ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 80; *Toto pectore amare: amar com paixão; labiumque membrum commilitonis osculare atque sugere: beijar e até chupar o lábio e membro do companheiro. Pathici collum mordet: morde o peçoço do passivo. Mulieris vestimentum, id est, vestem masculi mutare amat: roupa de mulher, isto é, gosta de mudar a veste de homem.* MOTT(b), op. cit., p.103

acólito, invertido de cinquenta e poucos anos, e não satisfeito, por vezes extasia-se, repleto de gozo, aos reiterados sacrifícios à *luxuria manuensis*. Antes da consumação do *libido contra-naturalis*, disse-nos um abelhudo, fazem estes doentes, reciprocamente, fricções lúbricas, com o fim de despertar forte orgasmo que permita *immissio penem anum* do acólito, que masturba-se durante o ato. Desconhecemos os precedentes hereditários de ambos os invertidos⁵⁹⁵.

Pinheiro não obteve esta observação diretamente de M.N., e é possível, e até provável, que houvesse exagero ou má-intenção do mexeriqueiro. E, contudo, não é desarrazoada a possibilidade de criação de laços afetivos nestes espaços. A vida sexual e a moralidade dos sacerdotes foi eventualmente referida em periódicos oitocentistas. Em 1864, por exemplo, certa figura referida no *Alabama* como “yoyô do céu” foi expulso do convento do Carmo por ter causado uma briga de ciúme entre dois frades. Se o trecho segue a tradição do jornal de sugerir relações eróticas dissidentes quiçá ficcionais ou exageradas para personalidades infames, elas são inscritas no terreno do possível⁵⁹⁶. Junqueira Freire escreveu um poema dedicado a um moçoilo loiro, que rejeita as atenções e versos do poeta; é lícito, pois, supor que fosse um companheiro de clausura do poeta⁵⁹⁷.

Como foi assinalado acima, mais do que ocupações, algumas destas referências também sugerem espaços. A referência a yôyô do céu e a Junqueira Freire permite conjecturar, também, que nem sempre os comportamentos nesses locais estavam acima de críticas. Na mesma toada, o fragmento abaixo é uma resposta a críticas feitas ao comportamento de alguns habitantes do Hospício de Boa Viagem era considerado pouco moralizado, o que levou a queixas na imprensa e pedidos de providência. O Padre Francisco Bernardino de Souza, um dos responsáveis foi ao Jornal de Notícias para oferecer algumas explicações – e repassar a responsabilidade:

⁵⁹⁵ PINHEIRO, *O Androfilismo*, 1898, p. 76

⁵⁹⁶ *O Alabama*. Periódico Satírico e Chistoso. a. 2, n. 45, 5 de abril de 1864 (Typ. de Marques, Artistides e c).

⁵⁹⁷ SILVA, *A captura do prazer*, 2015, p. 98-99. Trata-se de Luís José Junqueira Freire, poeta e monge beneditino. Pouco antes de morrer de uma moléstia cardíaca, pediu a secularização, desligando-se da ordem. Somente um livro foi durante sua vida, intitulado *Inspirações do claustro*, de 1855, mesmo ano de sua morte. O resto de sua obra foi publicada postumamente por seu executor testamentário e amigo, Franklin Dória, na forma de poemas escolhidos até 1940, quando a totalidade de seus escritos inéditos foi impressa e publicada. Desde então um dos poemas mais significativos é o homoerótico “a um moçoilo”, citado por Luiz Mott em seu dicionário dos homossexuais da Bahia. Ver: CASTRO, Renato Berbert de. *Em torno da vida de Junqueira Freire*. Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980, p. 101-2

Os Padres e o hospício da Boa-Viagem

Com este titulo, li ha poucos dias algumas linhas relativamente a certos moradores d'aquelle hospício, e não podendo contesta-las venho apenas responder aquellas que de algum modo affetem a minha pessoa na qualidade de sacerdote unico frequentador quasi diario do mesmo hospício. Aceitaria a accusação, porque seria merecidamente, se como testemunha ocular e ouricular dos procedimentos irregularrissimos d'aquelles moradores, com esses pactuasse e ou tolerasse actos dignos de toda providencia; mas pelo contrario logo que presencie-os, dirigi-me ao prelado a quem informei, pedindo providencias affim de que estes moradores não continuassem, porque a casa logo seria foto de desmoralisação, e se estas providencias até hoje são esperadas por motivo que eu desconheço, não acceito a censura do anonymo que tanto feriu-me:

É de admirar que alguns sacerdotes conhecendo as scenas desagradaveis praticadas por alguns pretos residentes no convento, não procurem providenciar, interessando-se pelo desenvolvimento physico, moral e religioso d'aquella casa, unico patrimonio de sua vida.

Concluindo, chamo mais uma vez a atenção de meus collegas associados, convidado-s para trabalharmos a bem, da casa que nos é reservada, porque ninguém melhor que nos poderá procurar o seu bem-estar. Padre Francisco J. Bernadino⁵⁹⁸.

Infelizmente, não localizei na leitura do periódico outras referências, que permitissem, sobretudo, descobrir quem eram os pretos residentes no convento. Além disso, como ocorre por vezes no trabalho com sexualidades rebeldes no século XIX, o fragmento é bastante vago. Mas é importante assinalar que, em expressões como comportamento ‘irregularrissimo’, e ‘scenas desagradaveis’ os relacionamentos erótico-afetivos poderiam, também, estar sugeridos ou implicados. Além disso, a referência a pretos é mais um indicativo dos atravessamentos entre raça, moralidade considerada deficiente e, talvez, sexualidade.

O ouvir falar foi uma ferramenta importante para que Pinheiro descobrisse os detalhes androphilicos de certos sujeitos que, é lícito supor, gozavam de alguma

⁵⁹⁸ BERNARDINO, José F. Os Padres e o Hospício de Boa Viagem. **Jornal de Notícias**, a. 12, n. 3500, p. 2, segunda-feira, 20 de julho de 1891. Typografia a rua nova das princessas.

condescendência. Além de S., que era sacristão, o autor da tese tinha uma desconfiança grande acerca de um monge beneditino:

Suspeitas serias e bem fundadas recahem na pessoa de T.O., monge beneditino, branco, de grande erudição intellectual, verdadeira gloria do clero brasileiro que no pulpito sobretudo firmou as bases de seu levantando talento, colhendo immarcersciveis louros do triumpho. Hoje até certo ponto a velhice obriga a viver das recordações dos bellos tempos que não voltam mais. Neste doente o vicio degenerou em verdadeira molestia e nas campanhas do Paraguay immenso accentuou-se por forma a não respeita nem elevadas patentes militares em suas correrias impudicas. Todavia ainda hoje, conta-se que poucos não são os *bambinos e ragazzos* que no altar de sua actividade lubrica prestam-se reverentes em obediencia aos enleios de estremecimentos extaticos aspergidos com o orvalho da volupia. Este doente é irritavel, neurasthenico e tem alguma coisa de impulsivo. Seus pais, diz-se, foram typos bem equilibrados⁵⁹⁹;

É interessante salientar, neste fragmento, a referência à neurastenia. A tese de Bonifácio Ponce de Leão Castro foi a única dedicada ao tema e, nela, apresenta-se esta patologia como típica da vida moderna, em função das múltiplas excitações do sistema nervoso, sobretudo quando marcado por uma hereditariedade mórbida⁶⁰⁰. Também era uma das causas mais significativas para o surgimento da homo-sexualidade congênita, de acordo com Krafft-Ebing, como vimos no capítulo anterior⁶⁰¹. É interessante que Pinheiro saliente pouco a relação existente entre estes elementos – neurastenia e androphilismo. Não é ocioso lembrar, os textos são apropriados de maneira selecionada. Mais importante é observar que, nos casos descritos, o de maior gravidade e com mais detalhes é o de S., o sacristão; T.O., monge e glória do clero brasileiro foi referido em termos mais brandos, ainda que muitos fossem outros homens que se relacionavam com ele, quiçá em contexto religioso. Neste sentido, é importante notar que o cotidiano destes indivíduos nas suas relações erótico-afetivas era marcado pelo lugar social.

Além dos mosteiros e dos colégios, espaços nos quais havia a convivência cotidiana e até exclusiva entre pessoas do mesmo gênero, a marinha foi outro espaço no qual Pinheiro afirmava ser possível encontrar o amor entre homens, inclusive com expressões marcadas por ciúmes e pela prática de violências. Vejamos o caso de A.U.:

[...] mancebo de 18 annos de idade m[estiço?] de temperamento lynphatico-nervoso, constituição [?]-debil, typo insinuante de maroto, olhos castanhos quebrantados, intelligencia rudimentar, moço de

⁵⁹⁹ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 83,

⁶⁰⁰ CASTRO, *A neurasthenia*, 1891, p. 14-15.

⁶⁰¹ KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*, 1894, p. 190

recados de um dos paquetes do Lloyd Brasileiro ignorantemente cevava a bulimia sexual que devorava a T. despenseiro no mesmo navio. O ciúme de T. pelo jovem era extraordinario. Um bello dia, achando-se o paquete surto no porto da capital da Republica, AU. Pede licença ao seu chefe para dar um passeio na cidade com o fim de provavelmente esparecer-se dos vicios bordelescos e das increpações ciumentas do amante. Foi bastante para que este o encontrasse em uma das ruas do Rio de Janeiro com uma mulher em amistoso colloquio para sacar de um canivete, ferindo o infeliz moço em parte que, não sendo mortal, fel-o enfermo por alguns dias. Victima, pois, da obsessão do amor foi A. U. pelo próprio amante conduzido á casa de um amigo que, estimando também o amor entre os homens, procurou ocultar o delicto. No principio da catechese do libido morbido A. U. só consentia *coitus inter-femora*; mais tarde, porem, pedia para *penem in anum arrigere* e logo depois *ejaculatio, in os*. Seus paes e avós nada 242rase242⁶⁰²

As semelhanças com o enredo de Bom Crioulo são notáveis, até mesmo nos papéis sexuais que cada um deles desempenhava na relação – T seria o parceiro ativo, e A.U., o passivo. Até mesmo a cena de ciúme ocorreu na capital da República, onde também se passava o romance. Retomando brevemente o enredo, Bom Crioulo era a história de Amaro, ex-escravizado que sentou praça na marinha e se tornou um marinheiro exemplar, estimado pelos colegas e superiores, e de Aleixo, um jovem grumete branco e loiro, de constituição delicada, por quem se apaixonou e seduziu. Os dois se envolvem afetivamente, e, por algum tempo, levam uma vida análoga a conjugal numa pensão na periferia do Rio de Janeiro. Mas o casamento dos dois tem um fim trágico, com Amaro matando Aleixo, em função do envolvimento do grumete com a dona da pensão onde os dois viviam.⁶⁰³ Similarmente, A.U. foi ferido de faca por seu amante, ao ser visto conversando amistosamente com uma mulher. O relato de Pinheiro, sugere, ainda, a existência de algum espaço de solidariedade, afinal A.U. foi conduzido por T para casa de um amigo, também androphilista, para convalescer do ferimento.

Já analisamos acima certas preocupações sociais presentes no romance, relacionadas ao temor da presença de homens desvirilizados servindo de empecilho para a formação da nação brasileira, como asseverou Miskolci. Aqui, convém retomar as reflexões de Peter Beatite trazidas por James Green. Em que pese Amaro e Aleixo sejam integrantes das forças armadas enquanto A.U. e T. eram da marinha mercante, os autores argumentam que o romance correspondia às experiências relatadas nos processos de sodomia julgados pelos tribunais militares brasileiros na segunda metade

⁶⁰² PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 72-3. *Penem in anum arrigere*: excitar o pênis no anus.

Ejaculatio, in os: ejaculação na boca

⁶⁰³ CAMINHA, **Bom Crioulo**, 2013, passim.

do século XIX, que envolviam o esquema de penetrador/penetrado, com as correspondentes concepções de proteção do passivo pelo ativo aí subentendidas, sem que se exclua disso a possibilidade de violências⁶⁰⁴.

Outro caso que envolve a caserna é o de A.A., soldado, branco, natural do Rio de Janeiro, que Pinheiro identificou como androfilista passivo. É interessante salientar que, em que pese alguns militares tenham sido punidos no Rio de Janeiro em função de certas práticas sexuais dissidentes, proscritas pela codificação militar do período⁶⁰⁵, o crime de A.A. era ter deserddado na Guerra de Canudos, e ele estava preso na penitenciária do Engenho da Conceição, onde deve ter sido examinado por Pinheiro⁶⁰⁶. A respeito das práticas sexuais de A.A., Pinheiro considerava que:

Na pratica do amor *contra-naturalis* encontra este individuo todas as sensações voluptuosas, de que necessita a sua organização nervosa enfermiça. Os transportes ao mundo da volupia são incomparavelmente superiores, neste individuo, ao paroxismo do coito *per vaginam*; e é tal o grão de sua obsessão lubrica que muito lhe apraz discorrer sobre a duração do mystico transporte que é sempre proporcional ao tempo gasto na permanencia do *virile membro in anum*. Desde menino (11 annos) que entrega-se ao sacrificio do amor grego sempre sob a forma paciente, começando a masturbar-se aos dez annos de idade por imitação de outros.

Cumprе apontar, aqui, algumas questões. Em primeiro lugar, Pinheiro optou por caracterizar as relações erótico-afetivas de A.A. como uma obsessão. Como vimos no capítulo anterior, ela se caracteriza pela irresistibilidade contra a qual pouco poderia quem dela sofresse. A descrição do 'mystico transporte', feita por Pinheiro, também parece sugerir esta característica, na qual a lucidez estava ausente⁶⁰⁷. Além disso, é interessante observar associação entre masturbação e práticas erótico-afetivas entre homens. Isso serve de indicativo para a persistência da ideia de que sexualidades tidas como dissidentes estavam em contiguidade e poderiam ser explicadas pela lógica do vício – um indivíduo aprendia a se masturbar por imitação, e, daí, poderiam se

⁶⁰⁴ GREEN, **Além do Carnaval**, 2000, p. 76 e 113, notas 32 e 63

⁶⁰⁵ BEATTIE, **Tributo de Sangue**, 2004, p. 276-281

⁶⁰⁶ O Engenho da Conceição ficava na Cidade Baixa, primeiro na Freguesia da Penha e, a partir de 1870 com o desmembramento desta, na Freguesia dos Mares. O atual Hospital de Custódia está localizado neste local. Ver: TRINDADE, Claudia Moraes. **O nascimento da prisão na Bahia: a casa de prisão com trabalho e as cadeias de salvador no século XIX**. Disponível em: <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?artigos=artigo-o-nascimento-da-prisao-na-bahia>; acesso em 11 jul. 2021.

⁶⁰⁷ ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898, p. 40-1.

relacionar com outros homens – em articulação com a ideia de que esta forma de sexualidade seria fruto de determinados corpos⁶⁰⁸.

Tal como visto anteriormente com L.O./Lily, Pinheiro transcreveu uma carta que A.A. teria recebido de um de seus amantes. Ela é mais breve que a anterior, e alguns elementos sugerem que talvez o autor da missiva não tivesse muita instrução formal:

Muitos são os amantes que o rodeiam, dentr'elles um destaca-se, P.A., que extraordinario ciume alimenta pelo seu filho do coração. Abaixo damos, em sua integra, uma carta-bilhete que nos foi fornecida pelo proprio paciente, afim de melhor ajuizar o leitor sobre o estado de effeminação morbida de A.A.:

“Ao meu filho do coração

Eu não poço dormir só pensado em Você; porém se eu tiver a Sorte de morar Comsigo *nois viverá mais folgado e satisfeito*. Dinheiro não falta mas é percciso aver muito...(*). Nada mais.

S.S.C. que muito lhe estima o coração

Penitenciaria da Bahia, 23 de julho de 1898.

P.A”.

(*) ommitimos com reticencias o que o individuo P.A., prisioneiro assassino em deshonesta phrase significava a *immissio membri in anum*⁶⁰⁹.

Ele, curiosamente, não foi citado por Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida. Não seria difícil tomar este soldado como um exemplo quer de atavismo, quer da degeneração. Talvez a morte do autor antes da conclusão deste texto explique esta ausência notável. Também é necessário salientar que não sabemos em que circunstância A.A. passou a Pinheiro este bilhete.

Na carta recebida por A.A. de seu amante P.A., havia espaço não apenas para o surgimento do afeto pelo seu filho do coração, mas também para visualizar a possibilidade de um futuro vivendo juntos. É importante perceber a relevância deste fragmento. Ao sugerir esta possibilidade, P.A. evidencia certa rebeldia ante o que era enunciado na tese de Pinheiro. Apesar do enquadramento negativo, e do contexto prisional, parece ser possível aspirar condições melhores, afinal, sem o embaraço da luta pela existência, pois “dinheiro não falta”. O que era necessário era a manutenção de uma relação erótico-afetiva ente os dois.

Para finalizar, Pinheiro fala rapidamente de figuras que tinham desempenhado um papel importante na política e nas letras do país. Um deles era o efeminado ativo

⁶⁰⁸ KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*, 1894, p. 201-3; PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 113-4.

⁶⁰⁹ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898., p. 78-9.

J.B., que já vimos acima; o outro relato, de R.O., também é interessante por trazer um conjunto um pouco mais pormenorizado de experiências, apontando para formas de viver o androphilismo no seio das elites baianas – e brasileiras:

R.O. com 50 anos de idade branco, casado, de compleição forte, temperamento nervoso, de faculdades intellectuales bem cultivadas, é victima do androphilismo passivo. Jusrisconsulto eminente que cargos de grande responsabilidade com proficiencia occupou, este doente tinha para saciedade de seus nefandos desejos um gabinete luxuosamente preparado onde com amantes sem distincção de stirpe e gamma de representações da *ars erotica* entregava-se. Por ocasião do libido *contra naturalis anum odoribus imbuebat* e com proprias mãos *membrum comilitonis oleo infricat ut facile in anum penetret*. Indizível prazer experimentava quando, consumado o acto libidinoso *affabilitate amantis penem lavabat*. E entretanto este individuo era um funcionario publico exemplar, de muita reputação, de caracter honrado; inexcédível, de extrema delicadez do trato, de grande consideração e respeito entre amigos politicos e mesmo adversarios que sempre nelle encontraram firmeza de idéas, sinceridade e caracter⁶¹⁰.

O jurisconsulto R.O. era casado, tal como era J.B. Pinheiro não apontou, aqui, sinais de efeminação de maneira explícita. R.O. era, em todo caso, um androphilista passivo, e dedicava bastante cuidado aos seus relacionamentos. Utilizava um óleo para lubrificação, facilitando a penetração, possuía um espaço separado, um gabinete luxuosamente mobiliado e decorado com representações da arte erótica.

O perfil deste androphilista lembra o personagem de um romance português publicado em 1891: *O Barão de Lavos*. A narrativa conta a trágica vida de um aristocrata, D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, Barão de Lavos, pederasta de fundo etiológico, andrômano e sua paixão por um jovem pobre, Eugénio. Este se aproveitou das condições financeiras do enamorado para obter toda sorte de favores, com os quais D. Sebastião sempre consentia. A situação se tornou perigosa, contudo, quando o rapaz foi inserido no convívio íntimo do aristocrata e acabou por se converter em amante da baronesa. Os dois são denunciados ao barão por uma criada e, deste ponto em diante, a

⁶¹⁰ PINHEIRO, **O Androphilismo**, 1898, p. 77-8. *Membrum commilitonis oleo infricat ut facile in anum penetre*: esfrega com óleo o membro do parceiro para facilitar a penetração anal. *Affabilitate amantis penem lavabat*: lavava com afabilidade o pênis do amante. MOTT(b), op. cit., p. 102

obra descreve a decadência física, moral e sexual de D. Sebastião, até sua morte nas mãos de multidão que dele debochava⁶¹¹.

De temperamento artístico, o Barão de Lavos instalou seu amante num pequeno estúdio no Bairro Alto lisboeta. Ali, se entretinha com jogos eróticos, mas também em pintar seu amado Eugénio nu em posições variadas. Mas a próprio palacete de D. Sebastião continha sinais que poderiam levar visitantes a concluir que a vida sexual dele era direcionada para homens. O Barão havia decorado seu gabinete de trabalho no palácio com diversas estátuas, moedas e pinturas representando figuras da antiguidade greco-romana, corporificando o ideal de beleza masculina que, desde a juventude, idolatrava. A presença de estátuas de efebos despidos desconcertava outros homens que ali adentravam, inclusive pela riqueza e evidente prazer com que o barão as descrevia.

Como já vimos acima, o mesmo período histórico foi mobilizado por Alfredo Gallis, tematizando relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero por meio de títulos como *O Sensualismo na Antiga Grécia e Voluptuosidades Romanas*. Se não se pode dizer que elementos foram utilizados por R.O., na decoração do seu gabinete, este tipo de referência constava no repertório de possibilidades.

Enfatizei, acima, casos nos quais se buscava a formação de laços de afetividade. Não sabemos a duração deles, mas as cartas dão a ver que pelo menos alguns androphilistas desejavam prosseguir nas relações e até viver juntos. Alguns, porém, agregavam outras formas de sofrimento a suas experiências erótico-afetivos. O caso de J.R., personalidade do mundo político e literário do Brasil, é ilustrativo:

J.R. com quarenta annos de idade, branco, casado, de forte compleição physica, temperamento sanguineo-nervoso, filho de pais irritaveis e neurasthenicos, é fervoroso sacerdote do amor andropilico rendendo preces sob a forma de agente. Personalidade eminente no mundo político e literario do paiz, este doente que, especado á excitabilidade enfermiza de seu instincto sexual, entre quantos androphilistas citamos, distingue-se pela característica morbida consistente em repudiar todo aquelle que cedeu aos seus caprichos de volupia, proseguindo entretanto na senda do *libido sexualis* aberrado; libido cevada em individuos sem distincção de classe aliciado pelo primeiro e unico amor obcecado. *Imissio in penen in anum* do individuo que já

⁶¹¹ BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Livraria Civilização, 1891, passim. Para um maior detalhamento sobre o impacto desta obra em Portugal, ver: CUROPOS, Fernando. *Vade retro fanchono, ave paneleiro. E-letas com vida - n1*. Disponível em: https://www.academia.edu/37997372/Vade_retro_fanchono_ave_paneleiro. Acesso em 10 de abril 2022.

foi vítima de suas paixões aberrada, segunda vez não encena-se neste indivíduo; muito pelo contrário o desprezo e a repugnância ocupa o lugar do desejo saciado, a ponto do indivíduo não querer nem que se pronuncie o nome da vítima do seu amor mórbido⁶¹².

A repugnância de J.R. parece indicar uma atitude algo diferente da de outros. O.S. confessava explicitamente seus prazeres e desejos. Da mesma forma, o androfilista que vimos no capítulo anterior, e que sofria de fimose, apresenta-se satisfeito pela vida sexual que tinha – inclusive não desejava se submeter a cirurgia para retirada do prepúcio. Pode-se conjecturar se não seria uma forma de se livrar da ameaça de chantagens, um risco comum para androfilistas quiçá potencializado pelo lugar social importante de R.O. Quer fosse este o caso ou não, a ênfase maior, para Pinheiro, era que se tratava de um traço mórbido.

A última característica que convém mencionar diz respeito ao letramento. Em muitos casos, estes sujeitos, pobres inclusive, não apenas sabiam ler e escrever – como os sacerdotes e políticos mencionados – como alguns liam por prazer. Era o caso de P.V., a quem citamos acima, e que apesar da pouca cultura intelectual, lia romances e literatura erótica, assim como H.O.:

Dedicado sacerdote do amor entre os homens H.O., com 26 anos de idade, pardo, solteiro, empregado do commercio, de constituição boa, temperamento nervoso, de alguma cultura intellectual, entregando-se especialmente á leitura de romances amorosos e pornográficos durante a qual é muitas vezes acometido de forte orgasmos que o convida bestialmente *interfemora propria seminis usque ad ejaculationem membro apprimere*. Escolhido *pathicus* sacia as tendencias exclusivamente activas deste doente que antes do libido *contranaturalis* não despreza *odoribus imbuere penem suum anumque pathici*, como particular hyperexcitante da voluptia. É irritavel, neurasthenico; queixa-se de pertinaz dyspepesia que agrava-se com sofrimentos nervosos. Seu pai é alcoolatra e perde noites na banca de roléta, sua mãe, religiosa, falleceu de eclamsia post-partum e soffria de tonturas e vertigens sobretudo quando em demasia trabalhava⁶¹³.

Me parece significativo apontar este traço. Havia um público leitor para textos eróticos, que nele encontrava inclusive estímulo suficiente para buscar o prazer. Não há dados que permitam estabelecer que livros eram estes. Mas Alessandra El-Far que, em

⁶¹² PINHEIRO, O *Androfilismo*, 1898, p. 75-6

⁶¹³ PINHEIRO, op. cit., p. 83-4. *Inter-femora propria seminis usque ad ejaculationem membrum apprimere*: Comprimir o membro entre as próprias coxas até a ejaculação do sêmen. MOTT (b), op. cit., p. 91

Páginas de Sensação estudou a cultura literária erótica do fim dos oitocentos, argumentou que estes textos eram recheados de referências a sexualidades divergentes, muitas vezes acompanhados de estampas e de descrições detalhadas que faziam o deleite discreto da sociedade da época. Muitos desses textos eram, inclusive, campeões de vendas⁶¹⁴.

A vida dos ditos deserdados da natureza madrasta era, certamente, sujeita a violências diversas, especialmente quando entrecruzada com fatores como a efeminação, lugar social, cor, etc. Curiosidade médica, diagnóstico de degeneração, boatos e ojeriza social, agressões e encarceramento parecem ter sido parte do seu dia a dia. Mas isso não foi impeditivo para a trocas de cartas, relações eróticas, vínculos afetivos e a partilha de algum grau de experiência com outros sujeitos que passavam por experiências semelhantes.; Lily talvez tenha respondido à carta de seu amante distante; B.J. e seus companheiros e rivais *pathici* provavelmente disputaram por mais tempo as proezas na arte erótica. O.S. com sua flor, calças e xale, ainda era estimado pelos vizinhos, elemento que sugeriria, também, a presença de referências culturais distintas daquelas partilhadas pelos autores de teses – mas o texto de Pinheiro não oferece outros subsídios que permitam investir nessa leitura.

Entre traços femininos, livros, trocas de carta, pode-se perceber a existência efetiva de um “circuito do amor androphílico”. Talvez fosse a este que se referia Aurelino Leal quando deplorava que os jovens que as famílias de bem encontravam ao sair do teatro, “quase todos viciados na pederastia”, como foi visto no capítulo anterior. Em que pese a historiografia venha dedicado maior atenção a pessoas e fenômenos no campo da cisheteronormatividade⁶¹⁵, experiências discordantes e rebeldes também eram parte do cotidiano brasileiro em fins do século XIX, como se pode perceber à partir das observações presentes em Pinheiro. Jeitos de corpo, descrições de amores e desejos de pederastas, androphilistas e invertidos desconcertavam e inquietavam os projetos políticos e intelectuais da sociedade brasileira em fins dos Oitocentos. Mais do que deserdados da natureza madrasta, como queria Bombarda, eram corpos rebeldes.

⁶¹⁴ EL-FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004, passim.

⁶¹⁵ Um bom apanhado deste aspecto pode ser encontrado em: PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014, p. 93-95. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em 20 jan. 2021; e em RODRIGUES, Rita; SCHMIDT, Benito; VERAS, Elias (Org.). **Clio sai do armário**: historiografia LGBTQIA+. São Paulo: Letra e Voz, 2021 p. 49.

A Psiquiatria remetia as origens do problema para a natureza. Contudo, sua arquitetura conceitual começava a apresentar brechas quando certas incoerências – efeminados sexualmente ativos, efeminados estimados pelos vizinhos, jurisconsultos de caráter honesto e reto – se faziam visíveis. A maior parte destas anotações se caracteriza pela brevidade. Dada a condição fragmentária e incompleta dos documentos referentes à FAMEB e ao Asylo de S. João de Deos, que já se referiu, não é possível acompanhar estas trajetórias como se desejaria – cotejando com prontuários, relatórios, e documentos de outro caráter para perceber outros elementos do cotidiano. As inconsistências de algumas teses, sobretudo a de Pinheiro, também impõem limitações. O conjunto, isso é, o processo histórico que envolve ler as relações erótico-afetivas como fruto inato de determinados corpos, com uma dita patologia passível de ser generalizável para coletividades, a partir destes casos empíricos, indica dois pontos conexos. Por um lado, saberes médicos foram mobilizados por finalistas do curso da FAMEB, de forma criativa, formulando em termos diversos formas de expressão erótico-afetivas que viam como parte das mazelas do Brasil urbano, que era preciso civilizar, garantindo clivagens em termos de lugar social, raça, gênero – e, como se viu, de sexualidade. Por outro, as observações, no seu conjunto, indicam que havia formas de operacionalizar esta criatividade numa instância mais cotidiana – aquilo que Michel de Certeau designava de tática, isso é, as formas arditosas, dispersas, comezinhas de iludir e contrariar formas de vigilância⁶¹⁶ – e que indicam que estas segundas eram mais pujantes em papel e tinta que no prosaico do dia a dia.

Nas observações, se viu que nem todos se dispunham a ver sua subjetividade – os autores diriam, talvez, sua biologia – tornada infame. Alguns, evidentemente, evidenciam maior sofrimento – J.R. rejeitava seus parceiros, sentindo repugnância uma vez saciado seu desejo pela relação erótica com outros homens. Outras descrições, com suas paixões e ciúmes, suas promessas de devoção, seus planos práticos para um futuro juntos, com dinheiro e sexo – refiro aqui as cartas de L.O/Lily e de A.A. – dão a ver outras possibilidades de experiência, que ultrapassavam a categoria de debochado, utilizada extensivamente por Froés e por Pinheiro. Trajetórias deste tipo dão os limites da apropriação que os estudantes da FAMEB faziam destes corpos à luz de saberes médicos, sempre sob o viés de concepções negativas selecionando aquilo que mais se prestava a garantir a ordem de gênero na sociedade oitocentista. Havia possibilidades de

⁶¹⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 41-2

outras experiências e sociabilidades, neste sentido quiçá até insubmissas, disponíveis para estes ditos androphilistas. Outras perspectivas, é lícito supor, em meio a dor e delícia de se ser o que é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos anteriores, foi possível observar de que maneiras a Psiquiatria foi utilizada no processo de transformação da homossexualidade em algo fixo. Se desde há muito certas práticas sexuais eram descritas como patológicas, especialmente ao longo da última década do século XIX, a homossexualidade foi tornada qualidade inata, e seus sujeitos descritos como filhos deserdados de uma natureza madrasta, na formulação eloquente de Miguel Bombarda.

Assim, se a produção discursiva já aparecia esboçada nas teses inaugurais da FAMEB desde pelo menos os anos de 1850, as formas de organização da sexualidade vão se convertendo, inspirando práticas e tendo repercussões cada vez mais profundas. Este movimento ganhou tração a partir do momento em que conceitos adensados pela Psiquiatria, como os de degeneração, temperamentos ou atavismo, já mobilizados na defesa de concepções de desigualdade e hierarquia raciais, passaram a ser utilizados também para caracterizar corpos dissidentes por sua sexualidade. A ciência teria o condão de meramente descrever, sem mediações, a realidade, permitindo que construções arbitrárias, fruto da moralidade do período, aparecessem convertidas em realidades orgânicas.

No capítulo 1, procurei situar o leitor no processo de estabelecimento e consolidação de instituições psiquiátricas na Bahia. Ao mesmo tempo, intentei demonstrar como o tema da sexualidade, de modo geral, e do erotismo e afeto entre homens, em particular, já aparecia bem antes do final do século XIX; articulado, inclusive, com comportamentos masculinos que fugiam à norma. É importante salientar que a tônica, aqui, era a dos excessos, dos vícios e da libertinagem que poderiam potencialmente atingir qualquer indivíduo. A partir de uma análise de certos aspectos das teses que formam o *corpus* documental deste trabalho, também foram apresentados os principais autores e conceitos, ao abrigo dos quais os autores da FAMEB aqui estudados vieram a tecer suas considerações.

Uma vez apresentados estes conceitos, no capítulo 2 procurei estudá-los – hereditariedade mórbida, degenerescência, degeneração, atavismo, temperamentos, obsessão e impulsão. Tentei demonstrar sua formulação em seus contextos originais de produção, as implicações sociais do seu uso por intelectuais, e a maneira pela qual

autores brasileiros fizeram uso destas noções. É importante destacar que eles foram lidos nos termos e em função dos dilemas próprios do Brasil finissecular, inclusive com a possibilidade de estender do indivíduo para a coletividade as implicações de termos como atavismo, degeneração, hereditariedade mórbida, dentre outros. Neste sentido, condutas sexuais consideradas moralmente deficientes são retrabalhadas como evidências científicas do caráter que teriam certos corpos, descritos como intrinsecamente anômalos pela prática de relações homoeróticas. Esta relação se converteu, também, em algo passível de ser estendido do indivíduo ao coletivo, ampliando, assim, o espaço ideal destes sujeitos e a temibilidade associada a comportamentos dissidentes.

Explorados os conceitos envolvidos neste debate, o capítulo 3 apresentou as formas pelas quais finalistas do curso médico da FAMEB nomeavam o erotismo e afeto entre homens. Noções como pederastia, uranismo, homo-sexual, inversão sexual, homossexualidade e androphilismo foram analisadas em detalhe, cotejando seus sentidos, usos e implicações em seu local de formulação, e as maneiras como os integrantes da FAMEB se apropriaram disso. Assim, foram se evidenciando os significados distintos que os estudantes davam a estes textos, não necessariamente coincidente com aqueles propostos por seus autores, e as implicações em termos da experiência de opressão associados à performatividade de gênero e lugar social passíveis de atingir estes sujeitos. Se os uranistas de Ulrichs e os homossexuais de Krafft-Ebing não permitiam um processo facilitado de generalização do indivíduo para uma coletividade, os estudantes da FAMEB construíram o argumento de seus estudos ao abrigo de conceitos que permitiam isto. Um dito androphilista baiano poderia padecer do amor mórbido do homem pelo homem; mas eram conceitos como atavismo e degeneração que permitiam encadear o fenômeno individual com uma coletividade que era preciso gerir politicamente. Neste sentido, o raciocínio da miséria como causa do androphilismo, defendido por Pinheiro, parece dotado de certa lógica interna – o androphilismo estaria no palácio e em habitações humildes. Mas seu uso como categoria diagnóstica geral é mais impiedoso. Os debochados são os mais facilmente visíveis e passíveis de encarceramento, como este autor defendia nas proposições referentes à cadeira de Medicina Legal: “III. O fundamento da pena nos debochados deve se fazer sentir na proporção e na contextura psychica, de seu perigo, de sua temibilidade”⁶¹⁷.

⁶¹⁷ PINHEIRO, *O Androphilismo*, 1898, p. 209;

A proposta deste trabalho, e seu *corpus* documental, podem eventualmente sugerir um quadro demasiado sincrônico e fechado em si mesmo – ainda que se tenha tido o cuidado de enfatizar o papel de aspectos da vida social na formulação de conceitos como inversão sexual e androphilismo, que variavam ao sabor do lugar social e de performances de gênero mais ou menos destoantes da expectativa. Portanto, era necessário tentar, na medida do possível, apontar que a arquitetura conceitual produzida acerca do erotismo e afeto entre homens possuía brechas, pelas quais se poderia perceber alguns elementos do cotidiano destes sujeitos. Assim, as observações empíricas, que possuem um valor mais episódico do que sistemático, foram listadas e analisadas em conjunto. Com isso, descobriu-se a existência de um 'circuito da volúpia androphilica', de *caenedes* que habitavam em conjunto e, é lícito imaginar, desenvolviam laços de solidariedade; a possibilidade de convivência pacífica com vizinhos, em que pese um comportamento efeminado e muito vocal sobre o valor de relações homoeróticas; a possibilidade de enlaces duradouros sugerida em cartas trocadas. Apontou-se, também, a presença destes sujeitos em várias ocupações profissionais e em locais diversos, de empregados do comércio a marinheiros, de mosteiros à caserna e, claro, a prisões. Esta multiplicidade permitiu compreender que distintos lugares sociais permitiam variadas formas de explorar desejos e afetos – e, pode-se presumir, poderiam conduzir a uma leitura diferente por parte dos médicos.

Além disso, a presença e a disposição de formar relacionamentos, de se apresentar de forma efeminada em público também aponta uma forma de estar na cidade que pode ser qualificada como no mínimo não conformista. Lendo um pouco a contrapelo as observações de Pinheiro, esses sujeitos também resistiam, na medida em que não se ocultavam de todo, mas viviam suas paixões e afetos, independente de serem considerados ou não como pederastas, invertidos ou mórbidos. De volta a Evans-Pritchard, eis aí a outra camada de experiências que informava a experiência social, quer seja, a de praticar aquilo que em termos institucionais poderia ser considerado como um desvio.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, nas páginas finais do já abordado livro *Nordestino – a invenção do falo*, tece uma consideração que me parece muito significativa. No fragmento analisado anteriormente, com a discussão entre a pianista Dona Mimosa e o pai de Bitá, a personagem apontou a distinção que via entre macho e

homem: “Macho todo animal é, mas homem alguns poucos conseguem ser”⁶¹⁸. Explicitada na frase está a ideia de que os atributos típicos do masculino, na visão de certos setores sociais, são construtos, artificiais, em descontinuidade com concepções que reputam a masculinidade como algo dado pela natureza, que a Ciência do período pretendia ler sem mediações. Nesse processo, os códigos de gênero tendem a ser internalizados como naturais:

Os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas “naturais”. Neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem, pela força e pela astúcia. A masculinidade é agônica, é como se não pudesse pertencer a todos, tendo que ser tomada de outro desafeto⁶¹⁹.

Se, como vimos ao longo deste trabalho, os discursos e práticas associadas a masculinidade poderiam ser instrumentalizados no sentido de produzir arranjos opressivos para a existência de certos indivíduos, também se apontou a instabilidade que as contradições a este processo de descrição, nomeação e catalogação dão a ver. Assim, se a taxonomização, como proposto por Donna Haraway, era uma maneira de classificar, organizar, de inscrever na história limitando outras possibilidades, tal tentativa deixava brechas, nas quais a certeza do reconhecimento de uma suposta ordem natural tombava, como vimos na descrição dos indivíduos listados no capítulo 4. O caráter agônico dos discursos sobre a masculinidade se expõe inclusive nos escritos em que se pretende afirmar sua constância e estabilidade, a exemplos das teses inaugurais da FAMEB.

Nesse quadro tenso, entre formas institucionais, perseguição aos que eram rebeldes em termos de gênero e sexualidade, sobretudo quando havia intersecção com o lugar social ou a raça, e ambivalência dos médicos diante dos modos de punição, começou a se esboçar um outro traço importante da sociedade brasileira: era preciso classificar, taxonomizar, gerir esses corpos rebeldes. Neste modelo de gestão de corpos, vão se avultar paulatinamente práticas mais e mais violentas, preocupadas em fazer-morrer determinados sujeitos, principiando a se delinear, assim, uma organização social que, além de racista e misógina, começou a punir corpos e experiências situadas fora dos códigos de gênero, para retomar a expressão de Albuquerque Júnior. E, com o

⁶¹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Nordestino – uma invenção do falo*, 2013, p. 81

⁶¹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Nordestino – uma invenção do falo*, 2013, p. 81

passar do tempo, certos enunciados se fizeram presentes no sentido de operar estereótipos socialmente disseminados.

A história é a ciência do homem no tempo⁶²⁰, escreveu Marc Bloch, num fragmento de sua obra *Apologia da História*. Trata-se de um dos primeiros textos lidos por pessoas que ingressam no curso de história, quer pela centralidade que o movimento da escola dos Annales possui para esse campo do saber, inclusive no Brasil, quer pela relevância de várias noções apresentadas pelo autor. Ali, descobrimos que a história se elabora a partir de uma pergunta-problema, dada pelo contexto em que vive quem a formulou. Haveria, então, uma relação estreita e dinâmica entre presente e passado: são, muitas vezes, dilemas, inquietações, problemas e experiências dadas e vividas por historiadoras e historiadores que informam o seu processo de pesquisa.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie apresentou, no ano de 2011, uma conferência no Ted Talk⁶²¹ na qual faz um alerta importante: a narrativa de uma história única é extremamente danosa para a sociedade. Esta retórica opera tendo por base estereótipos, que viabilizam uma operação de redução em vários níveis, articulando experiências de subalternização no plano subjetivo e no coletivo. Exemplifica a autora que a história do continente africano é, de fato, marcada por tragédias e catástrofes humanas, mas, de forma alguma, está limitada a isto. O processo de seleção de certas experiências, que se tornam representativas de uma coletividade, em detrimento de outras foi uma ferramenta poderosa para a colonização. Ora, a mesma reflexão caberia aqui sobre homossexualidade e Psiquiatria, a partir do marco de fins do século XIX: a operação de determinados estereótipos, que contam e disseminam discursos e percepções acerca de determinados sujeitos, inclusive com fins políticos, termina por não apenas reduzir como também invisibilizar e roubar a dignidade de pessoas que são a eles reduzidas.

A relação entre experiências dissidentes da cisheteronorma e processos de patologização prosseguiu ao longo do século XX, e mesmo do XXI. Em 2017, a pedido de uma psicóloga cristã e com apoio de outros 22 profissionais que partilhavam os mesmos valores, um juiz federal suspendeu os efeitos da Resolução 01/99, que proibia a realização das ditas terapias de reconversão de gênero e orientação sexual. Com isso,

⁶²⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001. 159 p.

⁶²¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em 13 de jun. e 2021. Importante salientar que outras autorias trabalharam com ideias similares, mas a formulação de Adichie me parece especialmente pertinente.

pela primeira vez desde a campanha vitoriosa pela despatologização, levada a cabo pelo movimento LGBT brasileiro entre 1980 e 1985, as orientações sexuais não-heterocentradas voltavam a ser tratadas como doença. Tomava-se como base uma leitura enviesada sobre o transtorno sexual egodistônico – classificação que visava tratar o sofrimento e gerar a aceitação da própria sexualidade, não a mudança – e sobre a transexualidade – que, pela atualização da OMS em 2018, deixaria de figurar na CID como transtorno, passando ao lugar de condição relacionada à saúde sexual⁶²². A decisão, amplamente criticada por instituições de pesquisa e organizações de direitos humanos, veio a cair apenas em abril de 2019⁶²³. Ainda assim, em 9 de novembro de 2020, O jornal *online* Metrôpoles denunciou uma clínica em Brasília que oferecia explicitamente em seu site tratamentos para a homossexualidade⁶²⁴. No contexto da pandemia da Covid-19, cobrava-se a bagatela de 29.990 reais, mais de vinte e sete vezes o valor do salário-mínimo de 1.100 reais. Se isto indica um corte de classe quiçá limitador da disseminação de ideias lgbtfóbicas constituídas a partir de leituras enviesadas de teorias e autores mais antigos, pode-se encontrar eco em outros domínios. Há juristas que aplicam, em seu trabalho, o método criado pelo psicólogo Bert Hellinger da constelação familiar, mesmo com críticas de diversas ordens a este método, tanto pela possibilidade da implantação da memória de abusos, como por uma leitura extremamente machista da família – idealmente formada por um pai, homem, e uma mãe, mulher. Argumenta-se que a prática é “perfeitamente cabível” entre casais homoafetivos que vão à Justiça em casos de adoção de crianças. No entanto, no caso de adoção, é preciso reconhecer uma hierarquia diferencial dos pais biológicos. “Todos têm um pai e uma mãe, que são os pais biológicos. Essa é a origem da vida, o mais vital que vem em primeiro na vida de todos”. Insiste-se, parece, em certa leitura hierárquica e desigual com supostas bases biológicas: “Um casal homossexual que se considera suficiente, que é suficiente ser filho de duas mães ou filho de dois pais, a criança sente que falta alguma coisa. Tem alguém essencial na vida dela que não está sendo

⁶²² Gonçalves, Alexandre Oviedo. **Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay”**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/nrZfVzmnrBv39cWBynCcHLw/?lang=pt>. Acesso em 20 de abril de 2021. Uma delas, em particular, afirmou no jornal Folha de São Paulo em 2009 que a homossexualidade era uma doença que queriam implantar em toda a sociedade, e que teria como causa individual algum trauma ou abuso sexual sofrido na infância.

⁶²³ FARIAS, Victor. **Ministra do STF suspende decisão que permitia a terapia da 'cura gay'**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ministra-do-stf-suspende-decisao-que-permitia-terapia-da-cura-gay-23618721>. Acesso em 24 de abril de 2019.

⁶²⁴ GARZON, Matheus. **PCDF abre investigação para apurar “cura gay” prometida por clínica**. In: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/pcdf-abre-investigacao-para-apurar-cura-gay-prometida-por-clinica>. Acesso: 24 abril 2021.

reconhecido. Então, não se trata de discriminar homossexualidade ou o que cada um quer fazer sua vida, mas [constelação familiar] é uma ciência que estuda a origem da vida e o que é essencial para a alma de cada um. Tendo esse conhecimento, tudo flui'⁶²⁵.

O que permite ou, ao menos, facilita que este tipo de narrativa apareça nas palavras de operadores do direito, na propaganda de uma clínica e no senso comum é o profundo desconhecimento da história de determinadas pessoas na sociedade. Como apontou Adichie, silenciamentos são construídos dentro de uma lógica de jogos de poder. Desconstruir e apontar as bases nas quais se assentou esse tipo de discurso, suas implicações sociopolíticas e as associações estreitas com discursos racistas e misóginos pretensamente científicos me parece um caminho importante para a escrita da história.

O estabelecimento dessas hierarquias de desejo e de lugar social, apresentadas arbitrariamente como um dado biológico, parece indicar que as ciências médicas e/ou do campo *Psi* continuam a ser mobilizadas para justificar formas de exclusão social. Em minha dissertação de mestrado, defendida em 2015, na qual estudei a homossexualidade masculina vista e descrita pelo saber médico da Higiene e da Medicina Legal no século XIX, percebi as associações entre ciência, sexualidades dissidentes, moralidades religiosas e violências. Na apresentação⁶²⁶, sinalizei uma preocupação que tem me acompanhado desde que me reconheci como homem gay: a necessidade de questionar e desconstruir os argumentos utilizados para viabilizar opressões travestidas como saber neutro e científico, quer indicando as aproximações em termos de arquiteturas conceituais, quer demonstrando as implicações dessas leituras em termos de práticas institucionais ou microlocalizadas, na tensão entre dois tempos: o presente da minha escrita e o passado no qual começam a ser esboçados certos tipos de identidades e sujeitos considerados como abjetos⁶²⁷. Embora eu não esteja propondo uma anacrônica continuidade direta, nem indicando, necessariamente, uma lógica da repetição da tragédia como farsa, talvez me permitam apontar a persistência de certas tragédias farsescas como resíduos indicativos das pouco visíveis (re)configurações violentas de

⁶²⁵ DECLERQ, Marie. **Constelação familiar no Judiciário: pseudociência ou humanização?** Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/11/constelacao-familiar-pseudociencia-ou-humanizacao-do-judiciario.htm>. Acesso em 10 de mar de 2020. Em São Paulo, esta prática já é utilizada pelo Ministério Público para resolver conflitos.

⁶²⁶ SILVA, Daniel Vital dos Santos. **A Captura do Prazer: Homossexualidade Masculina e Saber Médico na Bahia do século XIX (1850-1900)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, 2015.

⁶²⁷ Em 2016, quando fui ao Serviço de Atendimento ao Cidadão solicitar uma nova cédula de identidade, descobri que na minha caracterização no antigo sistema de identificação do instituto Pedro Mello constava minha altura, idade, cor, cabelos e a expressão *afeminado*.

identidades, desejos, afetos e performatividades – no país que continua como um dos mais violentos para pessoas LGBTQI+ em todo o mundo⁶²⁸.

⁶²⁸ GONÇALVES, Alice Calixto; et al. **A violência LGBT no Brasil**. FGV Direito SP. In: https://www.fgv.br/mailling/2020/webinar/DIREITO/Nota_Tecnica_n.pdfhttps://www.fgv.br/mailling/2020/webinar/DIREITO/Nota_Tecnica_n.pdf. Acesso em 21 de jan. de 2021; **Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020**. **Direitos**, política, violência. In: <https://antrabrazil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/#:~:text=O%20país%20passou%20do%2055º,ao%20mesmo%20período%20de%202019.> Acesso em 21 de abril de 2021.

LISTA DE FONTES

Dicionários:

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias**. 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 182

MORAES, Alexandre José de Mello. **Diccionario de medicina e therapeutica homoeopathica**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1872, p. 368.

PINTO, Luís Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832 [s.p.].

Doutrina Psiquiátrica e Médico Legal:

BARRETO, Tobias. **Menores e Loucos e o fundamento do Direito de Punir**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1926. 142 p.

DE PAUW, Cornelius. obra **Recherches philosophiques sur les américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espèce humaine (I)**. George Jacques Decker, 1768.

ESQUIROL, Jean-Etienne. **Des Maladies Mentales Considérées Sous Les Rapports Médical, hygiénique et médico-légal**. Bruxelas: Melines, Cans et Compagnie, 1838.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia Sexualis**. Philadelphia: Rebman, 1894

LEAL, Aurelino de Araújo. **Germens do Crime**. Bahia: Livraria Magalhães, 1896.

LOMBROSO, Cesare. **L'uomo delinquente**. Roma: Fratelli Boca, 1878.

MAGNAN, Victor. Inversion du sens génital (Pathologie Mentale). **Archives de Neurologie**. Revue des Maladies Nervoses et mentales. T. 3, 1882.

MOREL Benedict Agustin. **Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine; et des causes qui produisent ces variétés malades**. Paris: J.B. Bailliére, 1857.

MOLL, Albert. **Les perversions de l'instinct genital**. Etude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels. 7ª Edição. Paris: Georges Carré, 1897.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Dirigida por Afrânio Peixoto. Brasília, DF: BDJur, 2007. Versão digital do

original de 1934. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/handle/2011/9989>. Acesso em: 5 fev. 2021.

Documentação do Arquivo Público do Estado da Bahia:

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Homens presos no Bonfim por estarem travestidos de mulher. **Seção Colonial/Provincial (1885)**. Salvador, [19--]. Maço 2974.

SECRETARIA de Saúde. **Registros de ofícios expedidos pelo Diretor do Hospital Juliano Moreira**, Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) Caixa 3187.

Documentação do Asylo São João de Deos – Centro de Memória Jorge Calmon da Santa Casa de Misericórdia da Bahia

DANTAS, Manoel Pinto de Souza [Conselheiro]. **Relatório apresentado a Junta e Mesa da Santa Casa de Misericórdia da Capital da Bahia**. Bahia: Typografia do Diário, 1875

BITTENCOURT, Augusto Freire Maria. Asylo de S. João de Deos. In: MARINHO, Joaquim Pereira. **Relatorio A mesa e junta da Santa Casa de Misericordia da Capital da Bahia**. Bahia: Litho-typografia de João Gonçalves Tourinho, 1882

TOURINHO, Demétrio Cyriaco. Anexo 16. In: DANTAS, Manoel Pinto de Souza [Conselheiro]. **Relatório apresentado a Junta e Mesa da Santa Casa de Misericórdia da Capital da Bahia**. Bahia: Typografia do Diário, 1875.

TOURINHO, Demétrio Cyriaco. **Mappa das Molestias de que forão atacados**. In:

Legislação:

BRAZIL. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Manda executar o Codigo Criminal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 12 jun. de 2021.

Literatura:

AZEVEDO, Aluizio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Garnier, 1890.

BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Livraria Civilização, 1891. 548 p. Patologia Social 1

_____. *O Barão de Lavos*. 2ª Edição Corrigida [e aumentada]. Porto: Livraria Chardron, 1898. 468 p. Pathologia Social 1

CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. 226 p.

GALLIS, Alfredo. *O Senhor Ganymedes*. (Psycologia de um Ephebo). Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1906.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. Crônica de saudades. 2ª Edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. 321 p.

Faculdade de Medicina da Bahia – Bibliotheca Gonçalo Moniz. Memorial da Medicina Brasileira:

Teses da Faculdade de Medicina da Bahia:

ALBUQUERQUE, Francisco Julio de Freitas e. **A monomania**. 1858. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, 1858.

ALMEIDA, Manoel Bernardo Calmon du pin e. **Degenerados Criminosos**. Litho-typo e encadernação V. e Oliveira & C, 1898. Tese inédita, não sustentada do autor.

BARROS, Elias da Rocha. BARROS, **Estygmias da degeneração psychica**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1893

CALDAS, Claudemiro Augusto de Moraes. **As raças humanas provém d'uma só origem?** Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1868.

CARDOZO, Cid Emiliano D'Olinda. **Influencia da civilização sobre o desenvolvimento das affecções nervosas**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1857.

D'ANDRADE, Bento Augusto. **Estudos sobre pathologia das doenças constitucionaes hereditarias**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1889

GONÇALVES, Felipe Nery. **A degeneração psychica**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Cidade da Bahia, 1890.

JORGE FILHO, Adriano Augusto de Araujo. **Alcoolismo e involução humana**. Repressão e prophylaxia do alcoolismo (Hygiene Social). Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1900

MARQUES, Manuel Sampaio. **Hysteria no homem**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890.

MELLO, Eduardo Vieira Jansen de. **Hysteria no Homem**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890,

PEIXOTO, Afrânio. **Epilepsia e Crime**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1897.

PINA, Antonio Cavalcanti. **Herança Physiologica e pathologica**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Salvador, 1886.

PINHEIRO, Domingos Firmino. **O androphilismo**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1898.

REBELLO, Eugenio. **As raças humanas descendem de uma só origem?** Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1869.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Perturbações Psychicas no dominio da Hysteria**. Bahia: Imprensa Economica, 1886. Tese de Concurso (Lente da Cadeira de Clínica Psiquiátrica), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1886.

SILVA, Fruchoso Pinto. **Hygiene dos colégios**. Tese inaugural (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Cidade da Bahia, 1869.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

MELLO E SENNA, Henrique Augusto. **Das allucinações, sua importancia no diagnostico da allienação**. These Inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1886

Periódicos:

CARVALHO, Prudencio de. **Almanach Litterario e de indicações para o anno de 1889**. Bahia: Typografia do Bazar, 1888.

ESCHOLA de medicina da Bahia. **O crepúsculo**. Periódico instructivo e moral do instituto litterario da Bahia. v. 8, n. 4, dez/1846, p.

GAZETA MEDICA DA BAHIA: necrológio, ano 38, n. 2, p. 57-87, ago. 1906.
MACARIO, Dr. M. Os sonhos considerados sob o ponto de vista physiologico e pathologico. **A epocha litteraria**. Periodico Scientifico, litterario, historico, e de bellas artes. a. 1, n 2, 1 nov. 1849 (Sciencia)

NECROLOGIO. **Gazeta Medica da Bahia**, a. 21, n. 10, abril de 1890.

NINA RODRIGUES, Raymundo. As raças humanas e a responsabilidade penal: a criminalidade e a imputabilidade á luz da evolução mental: applicações ao direito criminal brasileiro (Medicina Legal). **O Brazil-Médico**: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, ano 8, n. 16, p. 121-122, abr. 1894.

_____. Os Mestiços Brasileiros (Anthropologia Patologica). **Gazeta Medica da Bahia**, Cidade da Bahia, ano 21, n. 9, sér. 3, v. 7, p. 401-407, mar. 1890.

_____. Illusões da catechese no Brazil. **Revista Brasileira**. T. IX, 1897.
NOTICIÁRIO. **Gazeta Medica da Bahia**, a. 13, n. 2, ago 1881, p. 93;

SEQUEIRA, José de Goés e. Relações da Medicina com a Metaphisica. **O Athenêo**. Periodico Scientifico e litterario dos estudantes da eschola de medicina da Bahia. a1, n 7, p.121;

_____. Considerações geraes sobre os hospitaes d'alienados; necessida da criação de um asylo, a elles especialmente destinado, em nossa provincia. **Gazeta Medica da Bahia**, a. 1, n. 3., 10 de ago de 1866, p. 29-30

WUCHERER, Otto E. H. Estudo do Homem. **O Musaico**. Periodico mensal da Sociedade Instructiva da Bahia. n. 3, set. 1845.

Bibliografia:

ABREU, Alzira Alves de. Aurelino Leal. **Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)**. 2015. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEAL,%20Aurelino.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2021.

ALMEIDA, Miguel Vale de .MASCULINIDADE. *In*: MACEDO, Ana Gabriela (org.); AMARAL, Ana Luísa (org.). DICIONÁRIO da crítica feminista. Lisboa: Afrontamento, 2005.

ALMEIDA, Ronnie; CHARBEL, El-Hani. Por que a tese de Domingos Guedes Cabral foi recusada pela Faculdade de Medicina na Bahia em 1875? **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 3, n. 1, p. 63.

ACTON, Harry Burrows. **Herbert Spencer (1820-1903)**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Herbert-Spencer>; acesso em 23 jun. 2021.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro. **O jogo da dissimulação: abolição, raça e cidadania no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James Naylor. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cadernos AEL**, Campinas, SP, v. 10, n. 18/19, p. 316-349, 2003.

BARRETO, Maria Renilda Nery. **A medicina luso brasileira. Instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)**. 2005. Tese (Doutorado em História das Ciências de Saúde) - FIOCRUZ, 2005, p. 52-55; CORBIN, História do Corpo, 2021 p.45.

BAILEY, David James. **Naturalism against nature: kinship and degeneracy in fin-de-siècle Portugal and Brazil**. 2018. Tese (Doctor Degree in Modern and Medieval Languages: Spanish and Portuguese) – University of Cambridge, Cambridge, 2018. Disponível em: <https://www.repository.cam.ac.uk/handle/1810/270315>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BELLINI, Ligia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **O grande fulcro: representações do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista**. São Paulo: Unifesp, 2016.

BEATITE, Peter. **Tributo de sangue**. São Paulo: Edusp, 2009.

BRAGA-PINTO, César. Othello's pathologies: reading Adolfo Caminha with Lombroso. **Comparative Literature**, Durham, v. 66, n. 2, p. 149-172, primavera 2014. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/comparative-literature/article/66/2/149/7793/Othello-s-Pathologies-Reading-Adolfo-Caminha-with>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BRANDÃO, José Luís. Da monarquia à República. BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. **História de Roma Antiga: das origens À morte de César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 59

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, Natal, n. 3, p. 75-95, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art04_braz.pdf. Acesso em: 4 jun. 2015.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX** – O Espetáculo da Pobreza. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. Chales Darwin: um observador do desenvolvimento humano. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 13, n. 4, 2010.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 30, v. 2, p. 111-129, jul. 1991. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/produto/edicao-30/>. Acesso em: 22 maio 2021.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Negros, loucos negros. **Revista da USP**, v. 25, 1995, p. 148

CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**. A idade de ouro do alienismo. 2ª Edição. São Paulo: Graal, 1991. 330 p.

CASTRO, Renato Berbert de. Em torno da vida de Junqueira Freire. Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980, p. 101-2

CARRARA, Sérgio. **Crime e Loucura**. O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. São Paulo: EDUSP, 1998;

CARULA, Karoline. **Sociabilidade científica e opinião pública sobre o darwinismo nas Conferências Populares da Glória (1873-1880)**. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212972681_ARQUIVO_AN_PUHRio2008.pdf. Acesso em 21 de jun de 2021.

CELERI, Eloisa Helena Rubello Valler; JACINTHO, Antonio Carvalho de Ávila;

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1990.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CLEMINSON, Richard; VAZQUEZ Garcia, Federico. **Los Invisibles: a history of male homosexuality in Spain, 1850-1939**. Iberian and Latin American Studies, University of Wales Press, 2007

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282,

jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

COSTA, Iraneidson. **A Bahia já deu régua e compasso**: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940. 1997. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

CUROPOS, Fernando. Vade retro fanchono, ave paneleiro. **E-letras com vida** - n1. Disponível em: https://www.academia.edu/37997372/Vade_retro_fanchono_ave_paneleiro_. Acesso em 10 de abril 2022

DAMÁSIO, VIRGÍLIO. *In*: DICIONÁRIO histórico-biográfico da Primeira República. Rio de Janeiro; São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAM%C3%81SIO,%20Virg%C3%ADlio.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

DARWIN, Charles. **A origem as espécies**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010, 363 p. 308 p.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Escravas: resistir e sobreviver. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 360-379.

DICTIONNAIRE de L'Academie Française. **Sénateur-maire**. Disponível em: acesso em 30 ago. 2021.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et all. **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. 189 p.

DUARTE, Daniel. Sobre andromânos e efébos: Notas sobre corpos rebeldes em Abel Botelho e Aldredo Gallis (1891-1906); *In*: RODRIGUES, Rita; SCHMIDT, Benito; VERAS, Elias (Org.). **Clio sai do armário**: historiografia LGBTQIA+. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ENCYCLOPEDIA Britannica. Phillipe Pinel. **Encyclopedia Britannica**, Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Philippe-Pinel>. Acesso em: 9 fev. 2022.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

_____. História e sexualidade. *In*: FLAMARION, Ciro (org.); VAINFAS, Ronaldo(org.). **Domínios da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-311.

_____. Sexualidades interdidadas: loucura e gênero masculino. **História Ciências, Saúde**, Manguinhos, RJ, v. 15, p. 173-190, jun. 2008. Suplemento, p. 176-178. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XZfqzSPCKzNFtqnDghn46qs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ESCOLA DE CIRURGIA DA BAHIA. *In*: DICIONÁRIO histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FACCHINETTI, Cristina; VENANCIO, Ana Teresa. Da psiquiatria e de suas instituições: um balanço historiográfico. In: Teixeira, Luiz Antonio (Org.). **História da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018.

FARIA, Thais. Dumêt. **A festa das cadernetas**: o conselho penitenciário da Bahia e as teorias criminológicas brasileiras no início do século XX. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007, p. 66. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3359/1/2007_ThaisDumetFaria.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

FERREIRA, Marcelo Alves. **Transformismo e extinção**: de Lamarck a Darwin. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade de São Paulo, 2007. 142 p.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas**: interpelações, experiências, e identidade homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Rio de Janeiro: Ipuerj; Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. **Brandão, João Carlos Teixeira**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/branjteix.htm#trajetoria>. Acesso em 15 de jun.

FONSECA, Maria Rachel Fróes; MORAIS, Carolina Máira Gomes. **Wucherer, Otto Edward Henry**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/wucheothe.htm>. Acesso em 23 jun 2021.

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

FLEXOR, M.H.O. O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: “programa” da arte sacra no Brasil. In: HERNÁNDEZ, M.H.O., and LINS, E.Á., (Ed). **Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016,

GILGE, Marcelo Viktor. **História da biologia e ensino: contribuições de Ernst Haeckel (1834-1919) e sua utilização nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2012 – Ensino Médio.** 2013 Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2013. 96 p.

GOULD, Stephan J. **A falsa medida do homem.** São Paulo: Martins Fontes, 1980. 384 p.

GREENBERG, David. **The construction of homosexuality.** University of Chicago Press, 1988, 635 p.

GOMES JUNIOR, João. **Sobre frescos e bagaxas: uma história social do homoerotismo e da prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1890 e 1938.** 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2346.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. **Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na corte imperial (1850-1880).** 2011. Tese (Doutorado), Fiocruz, 2011.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980).** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 1, p. 4-37, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 1 jun. 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça). **Contemporânea**, São Carlos, SP, n. 2., p. 17-36, jul./dez. 2011. Dossiê relações raciais e ação afirmativa. p. 23. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/34/17>. Acesso em: 7 jun. 2021.

JACOBINA, Ronaldo. **A prática psiquiátrica na Bahia.** Estudos Histórico do Asilo São João de Deus/Hospital Juliano Moreira (1874-1947). 2001. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro e GELMAN, Ester Ainda Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. 2008, v. 15, n. 4, pp. 1077-1097.

KEEN, Benjamin. **The Aztec Image in Western Thought**. Rutgers University Press, 1971. 686 p.

KERTBENY, Károly Maria (Karl Maria Benkert). *In*: DYNES, Wayne R. (ed.). **Encyclopedia of homosexuality**. Nova York: Garland, 1990. Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopediaofho01onar/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 12 maio 2021.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo: FFLCCH/USP, 2008. 314 p.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
<https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

KOCH, Jandiro. **Babá: esse depravado negro que amou**. Porto Alegre: Librestos, 2019.

KOCH, Jandiro. **O crush de Álvares de Azevedo**. Porto Alegre: Librestos, 2019.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. **O leopardo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURITSEN, John; THORSTAD, David. **The early homosexual rights movement (1864-1935)**. Nova York: Tume Change Press, 1970.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **... E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916**. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LUBISCO, Nídia; VIEIRA, Sônia. Manual de estilo acadêmico. Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 6ª edição. Salvador: Edufba, 2019.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo como se fosse natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 24, p. 249-281, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kN4fYSQPNSWFxh9SbLGxtct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 maio 2021.

MACHADO, Roberto *et al.* **Danação da norma: a Medicina Social e constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978 (Série saber e sociedade, 3).

MESSINA, Marcello. Contra o Museu de Antropologia Criminale "Cesare Lombroso" em Turim, Itália: "corpos-troféus", "vergonha in vitro" e "atavismo colonial". **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. UFPE: Recife, 2019

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 20, p. 7-85, 2003. Dossiê erotismo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/xdgGY6KWGkHfknFvkqYhygc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2013.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**. 3. ed. Rio de Janeiro: Booklink NEVCU; LeMetro, 2007.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico (Séculos XVI-XIX)**. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1999.

_____. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos (1813)**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1982 (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 98).

_____. Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome. **Inquice: Revista de Cultura**, n. 0, 1999.

_____. **Teses acadêmicas sobre a homossexualidade no Brasil**. XXXIX Seminar on the Acquisition of the Latin American Library Materials (SALALM) Salt Lake City, Utah, USA 29 May – 2 June, 1994. XXXIX Seminar on the Acquisition of the Latin American Library Materials.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira do. **Dez freguesias na cidade do Salvador**. Aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2007 p. 150-3.

NEGRO, Antonio Luigi. **Coisa de Branco: A queixa e a mágoa da falta de aviso e de indenização; ou socorro e auxílio. A contrariedade senhorial ante a revolução ou golpe fatal do 13 de maio de 1888; e suas complicações (Bahia, Brasil, e um pouco além)**. Tese de Concurso (Professor titular). - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.374-376.

OLIVEIRA, Pedro Henrique Ferreira Danese. **A institucionalização do alienismo nos periódicos médicos (Rio de Janeiro, 1832-1852)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - FIOCRUZ, 2016 p.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. São Paulo: Editora 34, 2021,

PACHECO, Maria Vera Pompêo de Carmargo. **Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wdZ8NCsDnBst4Nq3jZjgBMb/?lang=pt&format=pdf>; Acesso em 16 jun. 2021.

PENISTON, William A. **Pederasts and others**. Urban culture and sexual identity in nineteenth century Paris. New York, London: Routledge, 2011. 270 p.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a Questão da degenerescência. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 11, n. 3, 2008

PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014, p. 93-95. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em 20 jan. 2021.

REIS, José Roberto Franco. O mentecapto de Itaguaí, história, loucura e saber psiquiátrico: diálogos historiográficos em torno de “O alienista” de Machado de Assis. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.23, n.4, out.-dez. 2016, p.1097

REY, Philippe-Marius. O Hospício de Pedro II e os alienados no Brasil (1875). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 2, 2012, v. 15, n. 2, p. 382-403, Acesso em 14 de jun. de 2021.

RIBEIRO, Marcos A R. **A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas**. 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 29

RIOS, Venézia Durando Braga. **O Asylo de São João de Deos: as faces da loucura**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIOS, Venézia Durando Braga. **Entre a vida e a morte: médicos, Medicina e medicalização na cidade do Salvador, 1860-1880**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROBINSON, Gloria. **Ernst Haeckel (1834-1919)**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ernst-Haeckel>. Acesso em 23 jun. 2021.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Masculinidade e inquisição: gênero e sexualidade na América portuguesa**. Jundiaí, SP: Paco: 2016.

ROCHA, Nádya Maria Dourado. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX - A preocupação com aspectos de Saúde Mental. **Gazeta Média da Bahia**, v. 74, n. 2, 2004, p. 108.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

SANTOS, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 40, n. 2, p. 145-182, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2021.

SACERDOTE, Iuri. **A criação do pederasta através do saber médico apresentado nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia, 1885-1899**. 2010. Trabalho de Conclusão (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2010.

SANTIROCCHI, Ítalo. **A Igreja e a construção do Estado no Brasil Imperial**.

Disponível em:

http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370381911_ARQUIVO_AIgrejaeConstrucaoEstadonoBrasilimperialANPUH-REV.pdf. Acesso em 21 de jun. de 2021.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze; BALABAN, Marcelo (org.). **Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SERPA JR, Octavio Domont O degenerado. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**. v. 17, s. 2, 2010.

SILVA, Daniel Vital dos Santos **A captura do prazer: homossexualidade masculina e saber médico na Bahia do século XIX (1850-1900)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 22-3.

STICKER, Henri-Jacques. Novas percepções do corpo enfermo. In: CORBIN, Alain (Org.). **História do Corpo, v. 2: Da revolução á grande guerra**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2021. 511 p.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VARIÁVEIS da dupla exclusão: mulheres e negros: aula 5, parte 1. Apresentado por Marcos Napolitano. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo Canal USP. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=onPCcUA0bsQ&ab_channel=CanalUSP. Acesso em: 10 jun. 2021.

VAZ, Anderson Rodrigues. **Adoradores de Dionísio**: usos e restrições ao consumo de álcool na Bahia (1870-1930). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VELLOSO, Verônica Pimenta; FONSECA, Maria Rachel Froés da. **Hospício Pedro II**. Disponível em:
<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>. Acesso em 14 jun 2021.

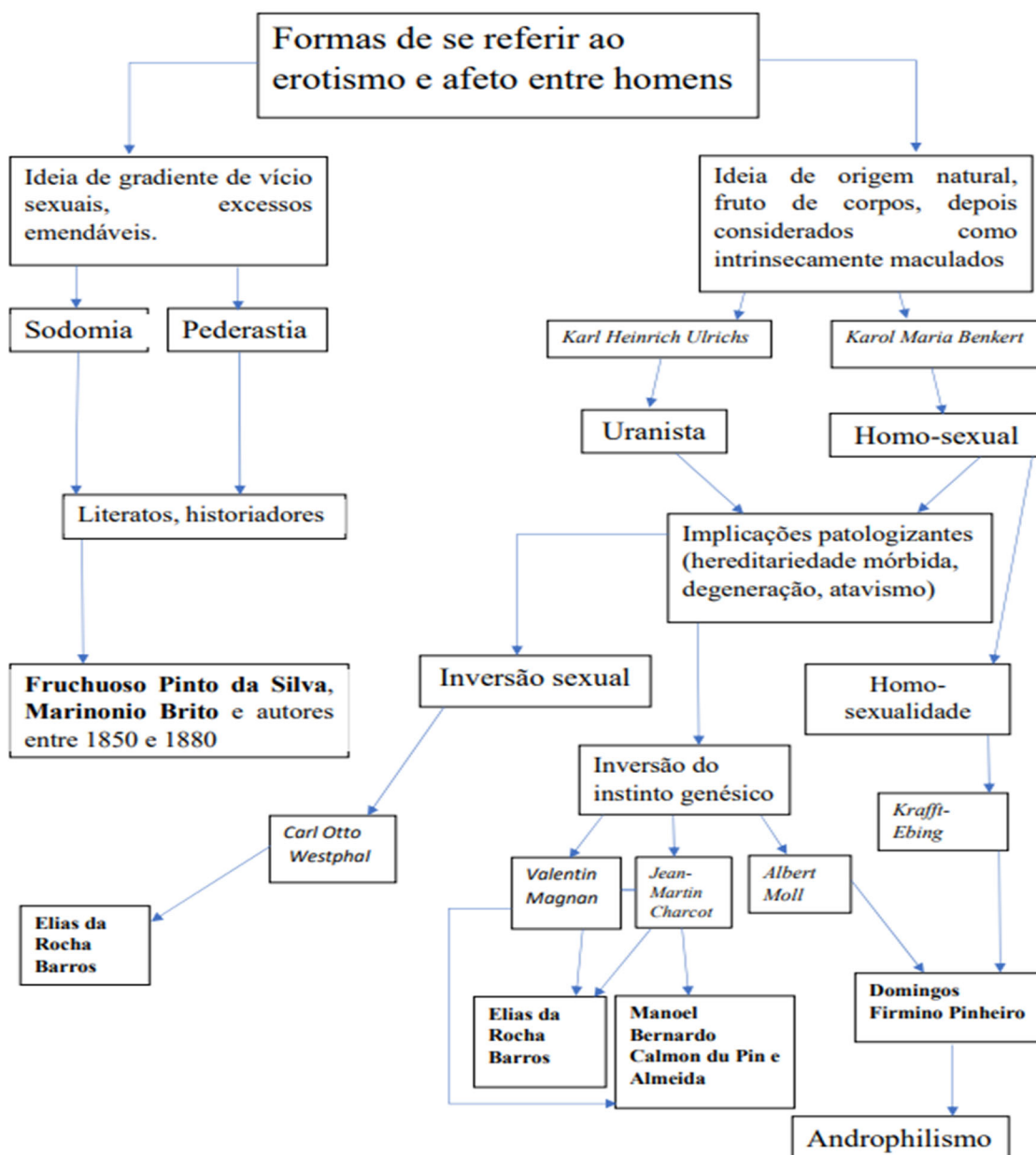
VENANCIO, Ana Teresa A.; CASSILIA, Janis Alessandra P. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. **Espaço Plural**, [S. l.], v. XI, n. 22, p. 24-34, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/4831>. Acesso em: 6 jun. 2021.

WEINER, Dora B. Phillippe Pinel's "Memoir on Madness" of December 11, 1794: A fundamental text of Modern Psychiatry. **The American Journal of Psychiatry**, Philadelphia, v 149, n. 6, p. 725-32, jun. 1992, p. 725.

ANEXO

Abaixo, segue um diagrama dos conceitos apresentados no capítulo 3. Em itálico estão os formuladores destas noções. Em itálico, os estudantes da FAMEB. Na qualidade de formulador e autor, Pinheiro está grafado como ambos.

Diagrama das formas de se referir ao erotismo e afeto entre homens



Fonte: adaptado de CHARCOT. Hysteria no homem. *Gazeta Medica da Bahia*, a. 17, n. 7, jan. 1886; CHARCOT, Jean-Marie; MAGNAN, Victor. Inversion du sens génital (Pathologie Mentale). *Archives de Neurologie*. Revue des Maladies Nervoses et mentales. T. 3, 1882; KENNEDY, Hubert. **Karl Heinrich Ulrichs**: Pioneer of the Modern Gay Movement. San Francisco: Peremptory Publications, 2002; KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. Philadelphia: Rebman, 1894; MAGNAN,

Valentin. **Des anomalies, des aberrations et des perversions sexuelles**. Paris: Progrés Medical, 1885, p. 15; MOLL, Albert. **Les perversions de l'instinct genital**. Etude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels. 7^a Edição. Paris: Georges Carré, 1897; WESTPHAL, Carl. **Contrary Sexual Feeling**, p. 1 Disponível em: <https://people.well.com/user/aquarius/westphal.htm>. Acesso em 01 de jul. de 2021. ALMEIDA, **Degenerados Criminosos**, 1898; BARROS, **Estygmata da degeneração psychica**, 1893; GONÇALVES, **A degeneração psychica**, 1890; PEIXOTO, **Epilepsia e Crime**, 1897; PINHEIRO, **O androphilismo**, 1898.



FFCH UFBA

Estrada de São Lázaro, 197 – Federação
Salvador – Bahia – Brasil
Telefax: (71) 3237-7574 / E-mail: poshistro@ufba.br